C O M U N I D A D E P G E M

O CORPO MENTAL

Arthur E. Powell

SUMÁRIO

PREFÁCIO DO EDITOR 4
INTRODUÇÃO 5
capítulo I 6
DESCRIÇÃO GERAL 6
capítulo II 9
ESSÊNCIA ELEMENTAL MENTAL 9
capítulo III 11
COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA 11
capítulo IV 15
FUNÇÕES 15
capítulo V 22
EXEMPLOS TÍPICOS 22
capítulo VI 27
KÂMA-MANAS (DESEJO-MENTE) 28
capítulo VII 35
ONDAS DE PENSAMENTO 35
capítulo VIII 39
FORMAS-PENSAMENTO 39
capítulo IX 48
O MECANISMO DA TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO 49
capítulo X 51
TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO 51
(INCONSCIENTE) 51
capítulo XI 57
TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO 57
(CONSCIENTE) E CURA MENTAL 57
capítulo XII 63
CENTROS MENTAIS 63

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

capítulo XIII 65
CONSCIÊNCIA FÍSICA OU "DESPERTA' **65**
A VIDA FÍSICA 65
A VIDA EMOCIONAL 68
A VIDA MENTAL 70
capítulo XIV 79
FACULDADES **79**
capítulo XV 89
CONCENTRAÇÃO **89**
capítulo XVI 98
MEDITAÇÃO **98**
capítulo XVII 112
CONTEMPLAÇÃO **112**
capítulo XVIII 117
VIDA DURANTE O SONO **117**
capítulo XIX 119
O MÂYÂVIRÜPA **119**
capítulo XX 120
DEVACAN: PRINCÍPIOS GERAIS **120**
capítulo XXI 129
DEVACAN: DURAÇÃO E INTENSIDADE **129**
capítulo XXII 134
DEVACAN: OUTROS DETALHES **134**
capítulo XXIII 143
O PRIMEIRO CÉU: SÉTIMO SUBPLANO **143**
capítulo XXIV 145
O SEGUNDO CÉU: SEXTO SUBPLANO **145**
capítulo XXV 147
O TERCEIRO CÉU: QUINTO SUBPLANO **147**
capítulo XXVI 149
O QUARTO CÉU: QUARTO SUBPLANO **149**
capítulo XXVII 152
O PLANO MENTAL **152**
capítulo XXVIII 163
OS REGISTROS ÂKÂSICOS **163**
capítulo XXIX 170
HABITANTES DO PLANO MENTAL **170**

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

capítulo XXX 178
A MORTE DO CORPO MENTAL..... 178
capítulo XXXI 179
A PERSONALIDADE E O EGO..... 179
capítulo XXXII 194
RENASCIMENTO..... 194
capítulo XXXIII 200
DISCIPULADO..... 200
capítulo XXXIV 214
CONCLUSÃO..... 214

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

PREFÁCIO DO EDITOR

O propósito do autor ao compilar os livros desta série foi poupar aos estudantes muito tempo e trabalho, oferecendo-lhes uma síntese condensada da considerável literatura sobre os assuntos de cada volume, a maior parte proveniente da pena de Annie Besant e C. W. Leadbeater. A lista de obras consultadas, que acompanha o volume, aponta o grande número de livros de que ele se serviu. Tanto quanto possível, o método adotado foi o de explicar primeiro o lado da forma, antes do lado da vida; descrever o mecanismo objetivo do fenômeno e depois as atividades da consciência que são expressas através do mecanismo. Não há a intenção de provar, sequer de justificar, qualquer das exposições.

Os trabalhos de H. P. Blavatsky não foram usados porque, segundo diz o autor, as pesquisas através de *A Doutrina Secreta* e outros escritos seriam uma tarefa demasiado vasta para que ele pudesse empreendê-las. E acrescentou: "O débito para com H. P. Blavatsky é maior do que poderia jamais ser indicado pelas citações de seus monumentais volumes. Se ela não tivesse sido a primeira a mostrar o caminho, os investigadores que vieram depois talvez jamais tivessem encontrado a trilha."

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

INTRODUÇÃO

Este livro é o terceiro da série que trata dos corpos do homem; seus dois predecessores foram O *Corpo Etérico* e O *Corpo Astral.* O mesmo método foi seguido na elaboração dos três. Cerca de quarenta volumes, na maioria tendo como autores a Dra. Annie Besant e o Bispo Leadbeater, reconhecidos hoje como autoridades por excelência em Sabedoria Antiga, sob seu aspecto de moderna Teosofia, foram cuidadosamente pesquisados com vistas à obtenção de dados relacionados ao corpo mental. Tais dados foram classificados, arranjados e apresentados ao estudante sob uma forma tão coerente e regular quanto o trabalho do compilador pôde fazê-la.

Através desta série não foi feita qualquer tentativa para provar, ou mesmo justificar, as exposições feitas, a não ser até o ponto em que sua própria evidência interna e racionalidade as justificassem. A *boa fé* desses veteranos investigadores e mestres é inquestionável; os resultados de suas investigações e de seus ensinamentos estão aqui expostos, sem evasão ou reserva de qualquer espécie, tanto quanto possível em suas próprias palavras, modificadas e abreviadas apenas quando necessário para a apresentação lógica e ordenada do assunto em pauta.

A questão de *prova* é um ponto inteiramente separado, e, ademais, tem vastas dimensões. Fazer uma tentativa para argumentar ou provar as exposições apresentadas aqui seria frustrar o objetivo primordial desses livros, que é colocar diante do estudante sério uma síntese condensada, dentro de um limite razoável, dos ensinamentos vindos das fontes citadas, com respeito aos corpos do homem e aos planos e mundos que lhes são próprios. Os que desejarem provas deverão procurá-las em outro lugar.

O fato de, após dois anos e meio de estudos intensivos das obras daqueles dois autores citados, não terem sido encontradas discrepâncias ou contradições além de dois ou três pontos insignificantes, constitui um notável testemunho quanto à fidelidade nos pormenores dos investigadores, e a coerência do sistema teosófico.

Esperamos que, no devido tempo, seja acrescentado à série um quarto volume, sobre o *Corpo Causal.*

Como já foi mencionado, a maior parte do material apresentado neste livro foi obtida diretamente dos trabalhos da Dra. Besant e do Bispo Leadbeater. Os trabalhos de H. P. Blavatsky não foram incluídos na lista de obras consultadas. Pesquisar *A Doutrina Secreta,* em busca de referências ao Corpo Mental e ao Plano Mental, teria sido, francamente, uma tarefa para além das possibilidades do compilador, e também, com grande probabilidade, teria tornado o livro muito abstruso para a classe de estudantes para os quais esta série foi preparada. O débito para com H. P. Blavatsky é maior do que jamais poderia ser indicado pelas citações de seus monumentais volumes. Se ela não tivesse sido a primeira a mostrar o caminho, os investigadores que vieram depois talvez jamais tivessem encontrado a trilha, com relativa facilidade e segurança.

A. E. P.

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

CAPÍTULO I

DESCRIÇÃO GERAL

Antes de descrever, em pormenor, o corpo mental do homem, suas funções, e a parte que lhe cabe na vida e na evolução desse mesmo homem, será útil esboçar brevemente o terreno a ser coberto pelo nosso estudo.

Teremos de considerar, primeiro, o corpo mental como o veículo através do qual o Eu se manifesta como intelecto concreto, no qual são desenvolvidos os poderes da mente, incluindo os da memória e da imaginação, e que, nos estados mais adiantados da evolução do homem, serve como um veículo separado e distinto da consciência, no qual o homem vive e funciona bastante à parte, tanto de seu corpo físico como de seu corpo astral.

Para começar, o estudante deve compreender muito claramente que na psicologia oculta o equipamento mental do homem está dividido em duas porções distintas: a) o corpo mental, que trata de peculiaridades conhecidas como pensamentos concretos; por exemplo, um livro em particular, uma casa, um triângulo, etc.; b) o corpo causal, que trata de princípios, de pensamentos abstratos; por exemplo, livros e casas em geral, o princípio de triangularidade comum a todos os triângulos. O corpo mental trata, assim, de *Rüpa,* ou formas de pensamentos, e o corpo causal de *Arâpa,* ou pensamentos sem forma. A grosso modo podemos encontrar uma analogia na matemática: a aritmética tratando de números em particular, pertence à forma ou aspecto inferior da mente; a álgebra, que trata de símbolos que representam números em geral, pertence aos aspectos sem forma, ou superiores, da mente. Os termos forma e sem forma não são, como é natural, usados em sentido absoluto, mas relativo. Assim, uma nuvem ou uma chama, embora possuindo forma, ainda assim são relativamente destituídos dela, se as compararmos, digamos, a uma casa ou a uma tora de madeira.

A seguir, teremos de tratar de uma substância-de-vida, estranha, semi-inteligente, intensamente ativa, conhecida como Essência Mental Elemental, e com a parte que ela tem ao auxiliar o homem a pensar. Os pormenores da estrutura e composição do corpo mental ocuparão, a seguir, a nossa atenção, e após isso teremos uma descrição de exemplos típicos de corpos mentais de homens em vários estágios de desenvolvimento.

Feição importante do nosso estudo será o exame de Kâma-Manas, essa associação, ou emaranhado, entre Desejo e Pensamento, em cujos termos talvez fosse possível escrever-se uma história, tanto da raça humana como um todo, como a de cada homem, individualmente. Tão íntimo, de fato, é esse emaranhado, que algumas escolas de pensamento chegam ao ponto de classificar os corpos astral e mental do homem como um veículo da consciência, tal como realmente são, no que se refere a propósitos práticos, para a grande maioria da humanidade.

A dupla ação do pensamento em seu próprio mundo deve ser descrita como radiação de ondas de pensamento. E como formação, e, em muitos casos, como projeção de formas de pensamentos no espaço. Os efeitos produzidos em seus criadores por essas duas classes de fenômenos — efeitos que alcançam também outros homens — devem ser examinados quando chegarmos a tratar de Transmissão de Pensamento, que, por conveniência,

consideraremos como Inconsciente e Consciente, esta última divisão incluindo a Cura Mental, de que daremos uma breve descrição.

Será necessário considerar o efeito que o corpo físico, e, na verdade, o ambiente físico em geral produzem no corpo mental e em seu trabalho; em contraponto, devemos examinar os efeitos que o corpo mental produz no corpo físico, e em outros objetos físicos.

Então, será necessário tratar o corpo astral da mesma maneira, isto é, ver como o corpo astral influencia o corpo mental, e como o corpo mental, por sua vez, influencia o corpo astral.

A essa altura voltaremos ao próprio corpo mental; mostraremos como ele opera e como suas faculdades podem ser desenvolvidas e treinadas, não só quando está trabalhando através do cérebro físico, como quando está trabalhando por sua própria conta, como veículo independente da consciência.

Isso nos leva, naturalmente, a um treinamento mais deliberado do corpo mental, incluindo Concentração (esse *sine qua non* de uma efetiva vida mental), Meditação e, finalmente, Contemplação, que leva à consciência mística.

Trataremos ligeiramente do uso do corpo mental durante o sono do corpo físico, e daremos, logo depois, uma breve descrição daquele corpo mental temporário e artificial conhecido como Mâyâvi Rüpa.

A vida depois da morte física e da morte astral, isto é, no próprio plano mental, irá, a seguir, ocupar a nossa atenção. Teremos de tratar dessa parte em maior extensão, já que precisaremos estudar os princípios gerais que estão subjacentes no curso daquela vida mental e em muitos de seus pormenores. Devemos examinar, adicionalmente, e concisamente, exemplos típicos da vida em cada um dos quatro sub-planos mentais inferiores, naquilo que os teosofistas chamam Devacan, o "Céu" cristão.

Chegados a esse ponto, estaremos na posição de quem captou a realidade e as possibilidades do plano mental visto como um mundo em si mesmo, e o estudaremos, então, como tal, examinando a natureza da vida ali e o caráter geral dos seus fenômenos.

Entre eles encontraremos os Centros de Pensamento, que constituem um aspecto interessante, e importante. Daí passaremos para os Registros Âkásicos, essa maravilhosa e infalível memória da Natureza, na qual tudo é lembrado e registrado, de forma que possa ser lido por quem possua as qualificações necessárias.

Um capítulo será então dedicado aos habitantes do Plano Mental, e, tal como o homem sai do plano mental inferior quando da morte de seu corpo mental, nós o seguiremos apenas o suficiente para ganhar um relance de sua vida mais ampla e mais cheia no mental superior, ou no plano causal.

Tendo assim traçado a peregrinação do homem através da morte física (ver O *Corpo Etérico),* seu curso através do plano astral (ver *O Corpo Astral),* e, neste volume, acompanhado até o limiar de seu lar verdadeiro, o plano causal, ou mental superior, teremos obtido alguma idéia do relacionamento entre o homem e seus três veículos inferiores, os da Personalidade, e o verdadeiro homem em seu corpo causal, a Alma ou Individualidade. Esse

aspecto do nosso estudo será tratado no capítulo sobre a Personalidade e o Ego.

Depois voltaremos à história em que o homem emerge de seu "lar", quando desce para o renascimento em mundos inferiores.

Finalmente, um capítulo será dedicado à vida do homem que alcançou o estágio em que é considerado digno de ser aceito como um Chela, ou Discípulo, por aqueles Mestres da Sabedoria que, como Irmãos Mais Velhos da humanidade, servem seus jovens irmãos com sabedoria infalível, incansável paciência, perseverante e infinito amor. Pois isso está, hoje, ao alcance de muitos homens que impõem a si próprios a tarefa de se tornarem dignos de ser treinados por Eles, de auxiliarem, mesmo em pequena medida, os Seus trabalhos a serviço do mundo, e também é possível conseguir, mais ou menos categoricamente, as qualificações necessárias antes que esse inestimável privilégio seja concedido.

CAPÍTULO II

ESSÊNCIA ELEMENTAL MENTAL

Antes que possamos estudar proveitosamente o corpo mental, seja em sua composição, estrutura, ou métodos de funcionamento, é necessário descrever (ainda que em linhas gerais, apenas) o que é conhecido como Essência Elemental Mental.

O estudante recordará que depois da formação dos estados *atômicos* da matéria em cada um dos planos da natureza, o Terceiro Aspecto da Trindade (o Espírito Santo, o Doador da Vida, na terminologia cristã) flui para o mar da matéria virgem (a verdadeira Virgem Maria) e, pela Sua vitalidade, acorda a matéria atômica para novos poderes e possibilidades, resultando isso na formação das subdivisões inferiores de cada plano.

Na matéria assim vivificada, desce o Segundo grande Fluxo da Vida Divina, ou seja, na terminologia cristã: o Filho "se encarna, por obra e graça do Espírito Santo, na Virgem Maria".

Esse Fluxo da Vida Divina é chamado com vários nomes nos diferentes estágios de sua descida. Visto como um todo, é com freqüência chamado de Essência Monádica, mais especialmente quando revestido apenas da matéria atômica dos vários planos, porque, então, fez-se própria para ser usada como fornecedora de átomos permanentes à Mônada.

Quando anima matéria molecular não-atômica, é chamado Essência Elemental, nome tomado dos ocultistas medievais, e que estes últimos davam à matéria da qual são compostos os corpos dos espíri-tos-da-natureza, pois deles falam como "Elementais".

Quando, em seu curso descendente, energiza a matéria dos três níveis mais altos do plano mental, é conhecido como Primeiro Reino Elemental.Depois de passar todo um Período da Cadeia, nessa evolução, ele desce para os quatro níveis inferiores do plano mental, e ali anima o Segundo Reino Elemental durante uma outra Cadeia. Ali também é conhecido como Essência Elemental Mental.

A Cadeia seguinte é passada no plano astral, onde ele é chamado Terceiro Reino Elemental, ou Essência Elemental Astral.

(Um Período de Cadeia é o tempo ocupado pela passagem da onda de vida sete vezes, em torno dos sete globos da Cadeia. Existem, assim, quarenta e nove globos ou períodos mundiais, em cada Período de Cadeia.)

Cada um desses reinos é um reino da Natureza, tão variado nas manifestações de suas diversas espécies de vida como o são os reinos animal e vegetal, com os quais estamos mais familiarizados. Ademais, em cada reino há, naturalmente, os habituais sete tipos de "raios" de essência, perfeitamente distintos, cada um deles com seus sete subtipos.

Tanto a Essência Elemental Mental, como a Essência Elemental Astral estão intimamente relacionadas com o homem, com seus corpos e sua evolução, como veremos mais claramente na continuação do nosso estudo do corpo mental.

É importante compreender que, tanto no plano astral como no mental, a essência elemental é bastante diferente da simples matéria desses planos.

Outro ponto de grande importância: a vida que anima tanto a matéria astral como a mental está no arco descendente, ou voltado para fora, da evolução. Progresso para ela, portanto, significa o descer para as formas mais densas da matéria, e aprender a expressar-se através delas.

Para o homem ocorre exatamente o oposto: ele já mergulhou profundamente na matéria, e agora está se erguendo em direção de sua fonte. Há, conseqüentemente, um constante conflito de interesses entre o homem interno e a vida da matéria de seus diversos corpos. A influência integral desse fato extremamente importante será vista mais claramente em capítulos posteriores, conforme se desenvolva o nosso assunto.

CAPÍTULO III

COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA

O corpo mental é feito de partículas das quatro subdivisões inferiores do mundo mental, isto é, de matéria mental que corresponde às quatro subdivisões inferiores da matéria astral, e à matéria sólida, líquida, gasosa e etérica do plano físico.

Os três graus superiores da matéria mental são usados para construir o Corpo Causal, ou Corpo Mental Superior, do qual não trataremos agora.

Além da matéria mental comum, o corpo mental contém, igualmente, essência elemental mental, isto é, matéria do Segundo Reino Elemental.

O corpo físico, conforme sabemos, é feito de células, cada uma das quais é minúscula vida, separada e animada pelo Segundo Fluxo, que vem do Segundo Aspecto da Divindade. O mesmo se aplica aos corpos mental e astral. Na vida da célula de que estão impregnados, nada há, ainda, como forma de inteligência, mas existe um forte instinto fazendo pressão para a descida na matéria, conforme vimos no capítulo precedente.

O feitio do corpo mental é ovóide, seguindo aquela seção ovóide do corpo causal, única de suas características que pode ser manifestada em mundos inferiores. A matéria do corpo mental, entretanto, não é uniformemente distribuída através do ovóide. No meio deste está o corpo físico, que atrai com força a matéria astral, que, por sua vez, atrai também fortemente a matéria mental. Por conseqüência, a maior parte da matéria, tanto do corpo astral como do mental, reúne-se dentro da moldura física. Para a visão clarividente, portanto, o corpo mental aparece como formado de denso nevoeiro, e do feitio do corpo físico, sendo rodeado por um ovóide, cujo nevoeiro é muito maisfino. Por esse motivo, uma pessoa pode ser instantaneamente identificada, tanto no mundo mental, como no mundo físico.

A porção do corpo mental, que se projeta para além da periferia do corpo físico, forma a "aura" mental.

O tamanho dos corpos astral e mental é o mesmo do corpo causal, ou, mais exatamente, da seção do corpo causal nos planos inferiores. Assim, ao contrário do corpo físico, que permaneceu substancialmente do mesmo tamanho desde os templos atlantes, o corpo mental aumenta de tamanho à proporção que o homem se desenvolve.

As partículas do corpo mental estão em incessante movimento. Ademais, como elas mudam constantemente, o corpo mental atrai, de forma automática, retirando do depósito geral, matéria capaz de manter as combinações já existentes nele.

Apesar do movimento intensamente rápido das partículas mentais entre si, o corpo mental tem, ao mesmo tempo, uma espécie de organização frouxa. Há nele certas estrias que o dividem, mais ou menos irregularmente, em segmentos, cada um deles correspondendo a um determinado departamento do cérebro físico, de forma que cada tipo de pensamento funcione através da porção que lhe é devidamente destinada. Contudo, o corpo mental está tão imperfeitamente desenvolvido no homem comum, que em muitos deles um

grande número de departamentos especiais não estão ainda em atividade, e qualquer tentativa de pensamento, que pertença a esses departamentos, tem de fluir através de canais inadequados que permanecem abertos. O resultado é que os pensamentos sobre esses assuntos, para tais pessoas, são toscos e incompreensíveis. Por isso é que, conforme veremos melhor em um capítulo posterior, algumas pessoas têm cabeça para matemática e outras são incapazes de realizar um simples cálculo matemático, enquanto algumas pessoas instintivamente compreendem, apreciam, e gozam a música, quando outras não distinguem uma nota de outra.

Bons pensamentos produzem vibrações da matéria mais fina do corpo, que, com sua gravidade específica, tende a flutuar na parte superior do ovóide, enquanto maus pensamentos, tais como os do egoísmo e da avareza, são sempre oscilações de matéria mais grosseira, que tendem a gravitar em direção da parte mais baixa do ovóide. Conse-qüentemente, o homem comum, que não raro cede aos pensamentos egoístas de vários tipos, quase sempre expande a parte inferior de seu corpo mental, e dá, toscamente, a aparência de um ovo com sua parte maior para baixo. O homem que não alimentou tais pensamentos, mas devotou-se a pensamentos superiores, tende a expandir a parte de cima de seu corpo mental, e apresenta, portanto, o aspecto de um ovo com a ponta menor para baixo. Todas essas aparências, contudo, são apenas temporárias, pois a tendência é para a simetria do ovóide, que se reinstala aos poucos por si mesma.

Pelas cores e estrias do corpo mental de um homem, o clarividente pode perceber seu caráter e o progresso que tem feito em sua vida presente. (Por sinais similares no corpo causal ele pode ver os progressos que o ego conseguiu desde sua formação original, quando o homem deixou o reino animal.)

O corpo mental é mais ou menos refinado em suas partes constituintes, de acordo com o estágio de desenvolvimento intelectual que o homem alcançou. Trata-se de um objeto de grande beleza, pois a delicadeza e os rápidos movimentos de suas partículas dão-lhe um aspecto de luz viva e iridescente. Essa beleza torna-se extraordinariamente radiante e de extasiante encanto conforme o intelecto se faz mais altamente desenvolvido e é empregado principalmente em tópicos puros e sublimes. Como veremos mais tarde em pormenor, cada pensamento dá lugar a vibrações no corpo mental, acompanhadas por um jogo de cores descrito como o dos borrifos de uma cascata batidos pelos raios do sol; porém, com cores muitíssimo mais vívidas e delicadas.

Todo corpo mental tem uma só molécula ou unidade, habitualmente chamada unidade mental, do quarto subplano mental, que permanece com o homem durante todas as suas encarnações. Como veremos no curso do nosso estudo, os materiais do corpo mental são espalhados e reagrupados continuamente, vida após vida, mas a unidade mental permanece como centro estável durante todo o tempo.

A unidade mental pode ser vista como o coração e o centro do corpo mental, e a aparência do corpo como um todo depende, em grande parte, da atividade relativa das diferentes partes da unidade.

A unidade mental pode, naturalmente, pertencer a qualquer dos sete grandes "tipos" ou "raios" da matéria. É preciso observar que *todos* os átomos permanentes e a unidade mental de um homem pertencem ao mesmo "tipo" ou "raio".

A unidade mental corresponde, assim, no corpo mental, aos átomos permanentes nos corpos etéricos, astral e causal.

A função dos átomos permanentes e da unidade mental é preservar em si mesmos, como poderes vibrantes, os resultados de todas as experiências pelas quais passam os respectivos corpos.

As várias atividades da mente ficam, naturalmente, em certas classes ou divisões, e essas divisões são expressas através das diferentes partes da unidade mental. As unidades mentais não são as mesmas, de forma alguma. Diferem grandemente, tanto de acordo com o tipo como com o desenvolvimento de seus donos. Se uma unidade mental fica em repouso, a força que dela irradia produz certo número de funis no corpo mental, assim como a luz, brilhando através da chapa de projeção de uma lanterna mágica, forma um grande e radiante funil de luz, no ar, entre a lanterna e a tela.

Nesse caso, a superfície do corpo mental pode ser comparada à tela, porque é somente na superfície que o efeito se faz visível a quem está vendo o corpo mental do lado de fora. Assim, se a unidade mental estiver em repouso, na superfície do corpo mental seriam vistos quadros coloridos representando os vários tipos de pensamentos comuns à pessoa, e, possivelmente, haveria espaços escuros entre eles. Mas a unidade mental, como todas as outras combinações químicas, está girando rapidamente em seu eixo, e o efeito disso no corpo mental é o de uma série de faixas, nem sempre claramente definidas, nem sempre da mesma largura, mas ainda assim facilmente reconhecíveis e quase sempre na mesma posição relativa.

O estudante estará, provavelmente, familiarizado com as cores e seus significados, pois uma lista completa delas foi apresentada em O *Corpo Astral,* o que nos dispensa de repeti-la.

Quando existe pensamento de aspiração, ele se manifesta, invariavelmente, num belo e pequeno círculo violeta, no topo do ovóide do corpo mental. Conforme o aspirante se aproxima um pouco mais da entrada no Caminho, esse círculo aumenta em tamanho e radiação, e é, no iniciado, um esplêndido capuz resplandecente, da mais encantadora cor imaginável.

Sob esse capuz muitas vezes vem o anel azul do pensamento de-vocional, quase sempre estreito, a não ser naqueles em que a religião é, de fato, profunda e genuína.

A seguir, pode haver a zona muito mais larga do pensamento afetuoso, que pode ostentar qualquer tonalidade do vermelho ou cor-de-rosa, segundo o tipo de afeição que indica.

Próximo à zona da afeição, e freqüentemente bastante ligada a ela, é encontrada uma faixa cor-de-laranja, que expressa pensamento orgulhoso e ambicioso.

De novo, em íntima relação com o orgulho, vem o cinto amarelo do intelecto, comumente dividido em duas faixas, denotando, respectivamente, os tipos filosófico e científico de pensamento. O lugar dessa coloração amarela varia muito em diferentes homens. Às vezes enche toda a parte superior do ovóide, erguendo-se acima da devoção e da afeição, e em tal caso o orgulho é geralmente excessivo.

Abaixo do grupo que acabamos de descrever, e ocupando a seção média do ovóide, fica o largo cinto dedicado às formas concretas; é a parte do corpo mental na qual têm origem todas as formas comuns de pensamento. (Essas formas de pensamento serão descritas no Capítulo VIII.)

Aí, a cor principal é a verde, sombreada, com freqüência, pelo marrom ou pelo amarelo, de acordo com a disposição da pessoa.

Não há parte alguma do corpo mental que varie mais amplamente do que essa. Algumas pessoas têm seu corpo mental povoado por um vasto número de imagens concretas, enquanto outras têm apenas umas poucas. Em algumas, são claras e bem delineadas; em outras, são vagas e confusas ao extremo. Em algumas, são classificadas, etiquetadas e arranjadas de forma muitíssimo ordenada, enquanto em outras, não são arranjadas de forma alguma, porém deixadas na mais desanimadora confusão.

Na parte inferior do ovóide vem o cinto que expressa toda a espécie de pensamentos indesejáveis. Uma espécie de precipitado lodoso de egoísmo muitas vezes enche o terço inferior, ou mesmo a metade, do corpo mental, e acima disso há, às vezes, um anel revelando ódio, astúcia e medo. Naturalmente, à proporção que um homem se desenvolve, essa parte inferior desaparece, a parte superior se expande gradualmente até encher todo o corpo, tal como aparece nas ilustrações de O *Homem Visível e Invisível,* de C. W. Leadbeater.

A regra geral é a seguinte: quanto mais forte o pensamento, *maior é* a vibração. Quanto mais espiritual e sem egoísmo é o pensamento, *mais alta* e mais rápida é a vibração. A força do pensamento produz brilho, a espiritualidade produz delicadeza de cor.

Em capítulo posterior descreveremos alguns corpos mentais típicos, e indicaremos como as várias outras qualidades mentais se apresentam.

CAPÍTULO IV

FUNÇÕES

O corpo mental é o veículo através do qual o Eu se manifesta e se expressa como intelecto concreto,

A mente é o reflexo do aspecto cognoscitivo do Eu, do Eu como Conhecedor: a mente é o Eu trabalhando no corpo mental.

As pessoas, em sua maioria, não são capazes de separar o homem da mente, e, por isso, para elas o Eu, que estão procurando, é a mente.

Isso é tanto mais natural, e mesmo inevitável, porque no presente estágio de evolução os homens da Quinta Raça estão trabalhando especialmente no desenvolvimento do corpo mental.

No passado, o corpo físico foi vivificado como veículo da consciência: o corpo astral também é, pelo menos em parte, vivificado pela maioria dos homens. A vivificação do corpo mental é o trabalho ao qual a humanidade deveria estar agora mais especialmente devotada.

O desenvolvimento do corpo astral, com sua função de expressar kâma, ou emoção, foi o trabalho especial da Quarta Raça-Raiz, os atlantes, e é o trabalho especial da Quarta Sub-Raça da Quinta Raça-Raiz, a céltica.

Tal como ficou dito acima, a qualidade que a Quinta Raça — e isso se aplica tanto à Quinta Raça-Raiz como à Quinta Sub-Raça — deve cultivar é o desenvolvimento, especialmente, de *manas,* ou mente: aquele tipo de intelecto que discrimina, que nota a diferença entre as coisas.

No presente estágio de meio desenvolvimento, a maioria dos homens procura diferenças quanto aos seus próprios pontos de vista, não tanto para compreender como para resistir-lhes, e mesmo violentamente opor-se a elas. Quando essa faculdade está perfeitamente desenvolvida, contudo, as diferenças serão notadas calmamente, apenas com o propósito de compreendê-las e julgar qual é a melhor.

Podemos ir mais além e dizer que no presente estágio de desenvolvimento da Quinta Sub-Raça, a fraqueza dos outros é um campo a explorar, uma coisa a escravizar, algo a pisotear, a fim de se erguer sobre ela e não para auxiliá-la a existir por si própria. Sem embargo, por desagradável que seja em seu estágio inicial, esse desenvolvimento mental é imprescindível, já que o verdadeiro espírito crítico é absolutamente necessário para o verdadeiro progresso.

A Sexta Raça-Raiz e a Sexta Sub-Raça da Quinta Raça-Raiz irão ocupar-se, principalmente, ao desenvolvimento da espiritualidade. A síntese, a compaixão e a ânsia de servir serão suas características fortemente marcantes.

O estágio de desenvolvimento da mente e da emoção na raça humana, na época atual, pede, contudo, uma pequena explicação adicional. A presente, ou Quarta Ronda, tem como principal função o desenvolvimento do desejo, ou emoção. A Quinta Ronda se dedica à expansão do intelecto. Devido, contudo, ao estímulo fornecido pelos "Senhores da Chama", o intelecto já

se desenvolveu consideravelmente, adiantando-se por toda uma Ronda ao que poderíamos chamar programa normal. Ao mesmo tempo, deve-se levar em conta que o intelecto, do qual o homem de nossos dias tanto se orgulha, é infinitesimal, comparado com o que o homem médio possuirá no próximo ponto culminante da próxima Quinta Ronda.

Os "Senhores da Chama" vieram do planeta Vênus para esta Terra durante a Terceira Raça-Raiz, e imediatamente se incumbiram da nossa evolução.- Seu líder é chamado, nos livros hindus, Sanat Kumâra: com ele vieram três lugares-tenentes, e uns vinte e cinco outros adeptos como assistentes. Cerca de cem seres humanos também foram trazidos de Vênus e mesclados à humanidade comum da Terra.

Esses Grandes Seres de que se fala em *A Doutrina Secreta* é que projetaram a faísca nos homens destituídos de mente e acordaram neles o intelecto. Sua ação foi, realmente, um estímulo magnético. Sua influência atraiu a humanidade até Eles, e isso permitiu aos homens o desenvolvimento da faísca latente, o que os tornou individualizados. Retornando desta digressão necessária, devemos lembrar que, embora para o propósito de análise e estudo seja necessário separar o homem dos veículos que ele usa, o Eu é um, por mais variadas que possam ser as formas nas quais ele se manifesta. A consciência é uma unidade, e as divisões que fazemos, ou são feitas com propósito de estudo, ou são ilusões devidas à limitação de nossos poderes perceptivos, ocasionada pelos órgãos através dos quais esses poderes funcionam em mundos inferiores.

O Eu tem três aspectos: conhecimento, vontade, e ação. Desses três nascem muitíssimos pensamentos, vontades, e ações. Contudo, o Eu, como um *todo,* sabe, quer, e age. As funções não estão de todo separadas. Quando ele sabe, também age e quer. Quando age, também sabe e quer. Quando quer, também age e sabe. Uma função é predominante, e, às vezes, em tal extensão que encobre inteiramente as outras. Mesmo na mais intensa das concentrações do saber, porém — e ela é a mais separada das três — estão sempre presente um agir e um querer latentes, discerníveis como presentes por uma análise cuidadosa.

Pequena explicação adicional poderá ajudar a compreensão. Quando o Eu está *quieto,* manifesta-se, então, o aspecto do Conhecimento, capaz de assumir o aspecto de qualquer objeto apresentado (veremos isso em pormenor, mais adiante). Quando o Eu está *concentrado,* atento a uma mudança de estado, aparece o aspecto da Vontade. Quando o Eu, em presença de qualquer objeto, aplica *energia* para se pôr em contacto com esse objeto, mostra, então, o aspecto de Ação. Vemos, assim, que os três aspectos não são divisões separadas do Eu, não são três coisas reunidas em uma, ou um composto, mas vemos que há um todo indivisível, manifestando-se de três maneiras.

Do ponto de vista da Ioga oriental, "mente" é, simplesmente, a consciência individualizada — o *todo* dessa consciência, incluindo as atividades. A Ioga descreve deste modo o processo da consciência: 1) *percepção* dos objetos, o aspecto da inteligência, nota dominante no plano mental; 2) *vontade* de alcançar os objetos, o aspecto do desejo, nota dominante no plano astral; 3) *esforço* para alcançar os objetos, aspecto da atividade, nota dominante no plano físico. No plano búdico, predomina a cognição, como razão pura. Cada um desses aspectos está presente todo o tempo, mas a cada momento um deles predomina sobre os demais.

Voltando, agora, a um exame mais pormenorizado da mente, aprendemos que o pensamento abstraio é uma função do Eu expressando-se através do mental superior, ou corpo causal; o pensamento concreto (como já ficou dito) é realizado pelo Eu trabalhando no corpo mental — corpo mental inferior como às vezes é chamado. Consideraremos, agora, o mecanismo do pensamento concreto, detalhadamente.

Também é no corpo mental que a memória e a imaginação têm início. O gérmen da memória está em Tamas — a inércia da matéria — que é uma tendência para repetir vibrações uma vez iniciadas, quando atuam sobre a energia.

O corpo mental é, assim, o veículo do ego, do Pensador real, que reside no[v] corpo causal. Mas, enquanto o corpo mental pretende ser, eventualmente, o veículo da consciência no plano mental inferior, ele também funciona através dos corpos astrais e físicos em todas as manifestações que são habitualmente chamadas "mente", no costumeiro estado de vigília da consciência.

É este o processo, em pormenor: O ato do pensamento concreto estabelece a vibração da matéria do corpo mental. Essa vibração é transferida, em uma oitava abaixo, por assim dizer, à matéria mais grosseira do corpo astral-de quem está pensando. Daí, por sua vez, as partículas etéricas do cérebro são afetadas, e, através delas, finalmente, a matéria cinzenta mais densa do corpo denso é posta em ação. Assim, antes que um pensamento possa ser traduzido em consciência ativa no cérebro físico, todos esses passos sucessivos devem ser dados.

O sistema nervoso simpático está conectado, principalmente, com o corpo astral, enquanto o sistema cérebro-espinal coloca-se mais sob a influência do ego, que funciona através do corpo mental.

O processo acima descrito pode ser um pouco mais esclarecido. Cada partícula do cérebro físico tem sua contrapartida astral, e esta, por sua vez, tem a sua contrapartida mental. Se, então, supomos, para os propósitos do nosso exame, que o todo do cérebro físico se estenda a ponto de se fazer da grossura de uma partícula, podemos supor que a matéria astral e mental correspondentes também se estendam em camadas, de maneira similar: a astral um pouco acima da física, a mental um pouco acima da astral.

Temos, assim, três camadas de matéria de densidade diferente, todas correspondendo uma à outra, mas não reunidas de forma alguma, a não ser por existirem, aqui e ali, fios de comunicação entre as partículas físicas e astrais, e entre as partículas astrais e mentais. Isso representaria, razoavelmente, a condição dos fatos no cérebro do homem comum. Quando, portanto, tal homem deseja enviar um pensamento, do plano mental para o físico, o pensamento — devido a muitos canais ainda não-abertos — pode ter de desviar-se de seu caminho, por assim dizer, passando lateralmente através do cérebro de matéria mental, até que possa encontrar uma saída, eventualmente através de um tubo que não lhe é de forma alguma adequado. Então, alcançando o nível físico, tem de se mover lateralmente, de novo, no cérebro físico, antes de encontrar as partículas físicas capazes de expressá-lo.

É óbvio que tal método é incômodo e desajeitado. Podemos compreender, assim, por que algumas pessoas não conseguem assimilar a matemática, ou

não têm gosto para a música, para a arte, etc. A razão está no fato de que a parte do cérebro destinada a essas faculdades, em particular, ainda não está aberta.

No adepto, que é o homem aperfeiçoado, cada partícula tem seu próprio fio, ou tubo, e assim há completa comunicação de todas as partes do cérebro. Daí cada pensamento ter seu próprio e adequado canal, através do qual pode descer diretamente para a matéria correspondente e apropriada do cérebro físico.

Se analisarmos o processo da consciência, em toscos esboços, trabalhando do Não-Eu interior para o Eu, observaremos primeiro o *contacto* com o corpo físico, do exterior. Esse contacto é convertido em *sensação,* pelo corpo astral. A sensação é transformada pelo corpo mental em *preceito,* e os preceitos são elaborados em *conceitos,* preservando assim a forma ideal que é o material para todas as possibilidades do pensamento futuro.

Cada contacto com o Não-Eu modifica o corpo mental, recompondo uma parte de sua matéria como reprodução ou imagem do objeto externo.

Pensar, em seu aspecto *forma, é* estabelecer relacionamentos entre essas imagens. No aspecto *vida,* consiste em modificações correspondentes dentro do próprio Conhecedor.

O trabalho peculiar do Conhecedor é o de estabelecer os relacionamentos entre as imagens formadas em seu corpo mental, e a aquisição, que ele faz, muda as imagens para pensamentos.

Quando o Pensador torna a formar as mesmas imagens, várias vezes, acrescentando o fator tempo, aparece a memória e a antecipação.

A consciência, trabalhando assim, vai sendo mais iluminada, de cima, com idéias que *não são* fabricadas com materiais fornecidos pelo mundo físico, mas refletidas nele diretamente pela Mente Universal (ver Capítulo XXVIII).

Quando um homem raciocina, está acrescentando algo seu à informação vinda de fora. Conforme sua mente trabalha os materiais fornecidos, vai ligando as percepções, mesclando as várias correntes da sensação numa só, combinando-as numa imagem. Esse trabalho de estabelecer relacionamentos, de sintetizar, é, de fato, o trabalho peculiar do Conhecedor: é uma especialização da mente.

Tal atividade do corpo mental atua sobre o corpo astral como ficou dito acima, e esse, por sua vez, atua sobre os corpos etérico e denso, e a matéria nervosa do corpo denso vibra, então, sob os impulsos a ela enviados. Essa ação se manifesta como descarga elétrica, e correntes magnéticas movem-se entre as partículas, em intrincadas inter-relações.

Essas correntes abrem o que se chama trilha nervosa, uma trilha ao longo da qual outra corrente circulará mais facilmente do que se a cruzasse. Portanto, se um grupo de partículas afetado por uma determinada vibração se fizer de novo ativo, a vibração corre facilmente ao longo da trilha já formada, revivendo, assim, o outro grupo de partículas para a atividade, e apresentando à consciência uma idéia *associada.* Este é, em poucas palavras, o mecanismo da associação de idéias. A importância desse

fenômeno mental é bem conhecida dos estudantes de psicologia, não havendo, pois, necessidade de enfatizá-la aqui.

Ficou dito, acima, que o trabalho peculiar da mente é o de estabelecer relações entre os objetos e a consciência. Essa fase cobre todos os vários processos da mente. Por isso os hindus falam da mente como sexto sentido, por tomar as sensações que entram pelos cinco sentidos e combiná-las numa só percepção, tornando-as uma idéia. A mente também é chamada "Rajá" dos sentidos.

Daí, também, o significado dado a *sâtra,* isto é, que os "vrittis, ou modos da mente, são grupos de cinco". A expressão "grupos de cinco" é usada no sentido em que o químico fala da valência, ou poder que tem um elemento de formar combinações. Porque a mente é como um prisma que reúne os cinco diversos raios da sensação, que vêm dos órgãos dos sentidos, as cinco *formas do conhecimento,* os Jnânendriyas, e as reúne num só raio.

Se levarmos em conta também os cinco órgãos da ação, os Karmendriyas, bem como os cinco órgãos dos sentidos, os Jnânendriyas, então a mente se torna o undécimo sentido. É a razão pela qual o Bhagavad Gítâ fala de "dez sentidos e um" (XIII.5).

Referindo-nos à mente, não como o sexto ou o undécimo "sentido", mas aos sentidos do próprio corpo mental, vemos que eles diferem muito dos sentidos do corpo físico. O corpo mental entra em contacto com as coisas do mundo mental como se fora diretamente e sobre toda a sua superfície, tornando-se consciente de tudo quanto lhe cause uma impressão. Assim não há órgãos distintos de visão, audição, tacto, paladar ou olfato no corpo mental. A palavra "sentidos" é, realmente, inadequada. Seria mais exato falar em "senso" mental.

Daí se depreende que, podendo comunicar-se diretamente por transmissão de pensamento, sem mesmo ter de formular os pensamentos em palavras, a barreira da linguagem já não existe no plano mental, como existe no plano astral.

Se um estudante treinado passar ao plano mental, e ali se comunicar com outro estudante, sua mente, "falando", fala imediatamente pela cor, som, e forma, de modo que o pensamento completo é apresentado colorido e musical, ao invés de apresentar apenas um fragmento dele, como acontece no plano físico, através de símbolos que chamamos palavras.

Há certos livros antigos escritos pelos grandes iniciados em linguagem-cor, a linguagem dos Deuses. Essa linguagem é conhecida de muitos cheias (isto é, discípulos dos Mestres) e é tomada, como forma e cor, da "fala" do mundo mental, onde, conforme já foi dito, um só pensamento produz forma, cor, e som, simultaneamente.

Isso não quer dizer que a mente pense em uma cor, um som, ou uma forma. Ela pensa um pensamento, que é uma complexa vibração de matéria mental, e esse pensamento se expressa de todas essas maneiras pelas vibrações que estabelece. No corpo mental, portanto, o homem está livre das limitações de seus órgãos dos sentidos separados, e é extremamente receptivo às vibrações que no mundo físico se apresentariam como separadas e diferentes das outras.

Hoje, o corpo mental do homem médio é muito menos desenvolvido, relativamente, do que os corpos astral e físico. O homem normal, no presente estágio de evolução, identifica-se com a consciência-cérebro, a consciência que atua sobre o sistema cérebro-espinal. Ali ele se sente, distinta e consecutivamente, como "Eu", só no plano físico, isto é, em estado de vigília.

Exceto no que se refere ao sistema cérebro-espinal, contudo, a consciência do homem médio trabalha desde o plano astral — o reino da sensação.

Em homens mais altamente evoluídos da Quinta Raça, o centro da consciência é o corpo mental, trabalhando no mundo mental inferior, e o homem se move mais pelas idéias do que pelas sensações.

Assim, o homem médio é *consciente,* mas não autoconsciente, nos planos astral e mental. Ele identifica as mutações astral e mental dentro de si, mas não distingue entre as que tiveram início em seu interior e as causadas pelos impactos vindos de fora em seus veículos astral e mental. Para ele, todas as modificações são igualmente realizadas dentro de si mesmo.

Por isso, o plano físico é o único "real" para ele, e todos os fenômenos da consciência, que pertencem aos mundos astral e mental, são o que ele chama "irreal", "subjetivo", "imaginário". Vê esses fenômenos como criados por sua própria "imaginação", e não como resultado de impactos sobre seus corpos astral e mental, vindos de mundos externos. É, na verdade, uma criança, nos planos astral e mental.

Por isso, no homem não-desenvolvido, o corpo mental não pode funcionar separadamente do plano mental, como veículo independente da consciência, durante sua vida terrestre. Quando tal homem exercita suas faculdades mentais, elas devem revestir-se de matéria astral e física antes de se tornar consciente de sua atividade.

Podemos enumerar as principais funções do corpo mental assim:

1) Servir como veículo do Eu para expressar pensamentos *concretos.*

2) Expressar tais pensamentos concretos mediante o corpo físico, trabalhando através do corpo astral, do cérebro etérico e do sistema cérebro-espinal.

3) Desenvolver os poderes da memória e da imaginação.

4) Servir, conforme a evolução avança, como veículo separado da consciência no plano mental.

A essas funções deve acrescentar-se a função adicional (cuja elucidação é necessário deixar para um capítulo posterior).

5) Assimilar os resultados da experiência ganha em cada vida terrena e passar sua essência para o Ego, o homem real que vive no corpo causal.

Podemos notar aqui que o reino animal também emprega, até certo ponto, matéria mental. Os animais domésticos mais evoluídos, pelo menos, exercem, sem dúvida, o poder da razão, embora, naturalmente, as linhas ao

longo das quais sua razão pode funcionar sejam poucas e limitadas, e a própria faculdade é muito menos potente do que no caso dos seres humanos.

No caso do animal médio, só a matéria da mais baixa subdivisão do plano mental será empregada, mas, nos animais domésticos altamente desenvolvidos, a matéria do mais alto dos quatro níveis inferiores pode ser utilizada em certa extensão.

CAPÍTULO V

EXEMPLOS TÍPICOS

O corpo mental de um *selvagem é* ilustrado em O *Homem Visível e Invisível.* Enquanto suas cores são as mesmas, o corpo mental concorda razoavelmente com o corpo astral em condição de repouso, mas é também muito mais do que isso, pois nele aparece tudo o que se tenha desenvolvido espiritual e intelectualmente no homem, Isso não será muito, no caso do selvagem, mas é de considerável importância posteriormente, como veremos na ocasião própria.

Examinando em pormenor esse corpo, percebemos no topo um amarelo baço, que indica algum intelecto, embora o lodoso da cor mostre que ele é aplicado apenas para fins egoísticos.

Devoção, revelada pela tonalidade cinza-azulada, deve ser de culto íetichista, amplamente tocado pelo medo e inspirado por considerações de auto-interesse. O vermelho toldado sugere um começo de afeição que ainda é principalmente egoísta, também.

Uma faixa de cor laranja opaca denota orgulho, mas de ordem bastante baixa. Uma grande pincelada de escarlate expressa forte tendência para a cólera, que, é evidente, estourará pela mais leve provocação.

Larga faixa de um verde embaçado, que ocupa uma grande porção do corpo, mostra falsidade, traição, e avareza — esta última é indicada por um sombreado marrom. No fundo da aura, há uma espécie de depósito cor de lama, sugerindo egoísmo geral e ausência de qualquer qualidade desejável.

Num homem não-desenvolvido o corpo mental contém apenas uma pequena quantidade de matéria mental, sem organização, e retirada, principalmente, da mais baixa subdivisão do plano. Ela procede quase que inteiramente dos corpos inferiores, e vibra através de tempestades emocionais vindas do corpo astral. Exceto quando estimulada

por essas vibrações astrais, permanece quase em quietude, e mesmo sob seus impulsos é vagarosa. Do interior não vem atividade definida, sendo necessários golpes do mundo externo para provocar resposta distinta.

Por isso, quanto mais violentos os golpes, melhor para o progresso do homem. Prazeres bulhentos, cólera, dor, terror, e outras paixões causam remoinhos no corpo astral, agitam a consciência mental, que, então, acrescenta algo de si própria às impressões feitas nela pelo que veio do interior.

A pessoa comum só usa matéria do sétimo subplano — o mais baixo. Esse subplano está muito próximo do plano astral, e por isso todos os seus pensamentos são reflexos coloridos do mundo astral, ou emocional. Bem poucas são as pessoas que já podem tratar com o sexto subplano. Grandes cientistas usam-no bastante, por certo, mas, infelizmente, com freqüência mesclam-no com a matéria do mais baixo subplano, e então se tornam ciumentos das descobertas e invenções das outras pessoas. A matéria do quinto subplano é muito mais livre da possibilidade de enredamento astral. O quarto subplano, estando próximo do corpo causal, fica bem longe da possibilidade de enredamento com as vibrações astrais.

Na Gravura IX da obra citada há a ilustração do corpo mental de um *homem comum.* Nele se vêem mais em proporção com o intelecto (amarelo), o amor (rosa) e a devoção (azul). Há, também, melhoria notável na qualidade das cores, que se mostram muito mais nítidas.

Embora a quantidade de orgulho seja tão grande como antes, agora está em nível mais alto; o homem se sente orgulhoso de suas boas qualidades, em vez de sua força bruta ou de sua crueldade.

Ainda persiste muito escarlate, indicando possibilidade de cólera; o verde mostra-se positivamente melhor, revelando versatilidade e adaptabilidade, mais do que falsidade e astúcia.

No *selvagem,* o verde está mais embaixo, na aura, abaixo do escarlate, porque as qualidades que ele representa precisam, para a sua expansão, de um tipo de matéria mais rude do que a requerida pelo escarlate da cólera.

No *homem comum,* o verde está acima do escarlate na aura, indicando que o tipo de matéria de que ele necessita é menos rude do que a necessária ao escarlate da cólera. Houve, assim, uma melhoria na qualidade geral da matéria no corpo mental.

Embora haja ainda larga proporção de marrom do egoísmo na aura, a cor é um tantinho mais quente e menos feia do que no caso do selvagem.

Assim, o corpo mental do homem comum é maior em tamanho, mostra um tanto mais de organização, e contém alguma quantidade de matéria da sexta, quinta, e quarta subdivisões do plano mental.

Tal como o físico e o astral é o corpo mental. O exercício o aumenta, a falta de uso o atrofia e acaba por destruí-lo. Cada vibração gerada no corpo mental produz mudança em seus constituintes, expulsando dele a matéria que não pode vibrar em consonância e substituindo-a por material adequado, que retira do depósito praticamente ilimitado que tem ao seu redor.

O livro citado contém, ainda, a ilustração referente ao homem *desenvolvido.* Desse homem, o orgulho (laranja), a cólera (escarlate) e o egoísmo (marrom) desapareceram completamente. As cores remanescentes expandiram-se e enchem todo o ovóide, tendo,- ainda, melhorado em tonalidade, o que causa uma impressão bastante diferente. Como todo o pensamento ligado ao eu se apagou nelas, mostram-se mais refinadas e delicadas. Além disso, apareceu no topo da aura um violeta puro, com estrelas douradas, indicando a aquisição de novas e maiores qualidades — em relação à aspiração espiritual.

O poder vindo de cima, que irradia através do corpo causal do homem desenvolvido, atua também através de seu corpo mental, embora com um pouco menos de força.

A não ser pela diferença entre o que podemos chamar oitavas de cor, isto é, entre as tonalidades ligadas aos níveis inferiores e superiores do plano mental, o corpo mental tornou-se, agora, quase uma reprodução do corpo causal, tal como o corpo astral é quase uma cópia, em seu próprio nível mais baixo, do corpo mental.

O corpo mental de um homem desenvolvido torna-se, assim, um reflexo do causal, porque o homem aprendeu a seguir apenas as sugestões do Eu superior e a guiar sua razão excluSivamente por elas. A cor, realmente, que expressa uma certa qualidade no corpo causal, expressa-se não apenas no corpo mental, mas mesmo no corpo astral. Contudo, essa cor, conforme já ficou dito, será menos delicada, menos luminosa e etérea à proporção que desce para planos inferiores.

Num *homem espiritualmente desenvolvido,* todas as combinações rudes da matéria mental foram eliminadas, de forma que ele contém apenas as variedades mais finas da matéria das quatro subdivisões mentais inferiores, e nelas, os materiais do quarto e quinto subplanos predominam muito- sobre os do sexto e sétimo subplanos. O corpo mental torna-se, assim, responsivo a todos os mais altos trabalhos do intelecto, ao delicado contacto com as artes superiores, com as puras vibrações das emoções mais elevadas. Tal corpo vai se tornando rapidamente pronto a reproduzir cada impulso vindo do homem real no corpo causal, o Pensador, que é capaz assim de expressar-se na matéria mental inferior.

Tanto o corpo astral como o corpo mental de um homem espiritual deveriam exibir, constantemente, quatro ou cinco esplêndidas emoções — amor, devoção, simpatia e aspiração intelectual, entre outras.

O corpo mental (e também o corpo astral) de um *Arhat* (o que recebeu a quarta grande iniciação) tem pouquíssimas cores características, mas elas são reproduções do corpo causal, tanto quanto suas oitavas inferiores podem expressá-las. Mostram uma adorável iridescência tremulante — um efeito opalescente de madrepérola — que fica muito além da descrição ou da reprodução pictórica.

Uma *pessoa positivista* tem, geralmente, muito amarelo em seu corpo mental, e suas várias faixas de cor estão, habitualmente, em ordem. Tem muito menos emoção e imaginação do que o homem intuitivo; portanto, tem menos poder e entusiasmo em certos procedimentos. Por outro lado, todavia, está menos exposto a cometer erros, e o que faz, geralmente será bem feito e com cuidado.

Pode notar-se, também, que o hábito científico e ordenado da mente tem uma influência distinta sobre o arranjo das cores no corpo *astral.* Elas tendem a apresentar-se em faixas regulares, e as linhas de demarcação entre elas tornam-se mais definidas.

No corpo mental de um homem intuitivo há muito mais azul, mas as cores são geralmente vagas e todo o corpo mal regulado. Ele sofre muito mais do que o tipo firme, mas, através desse sofrimento, consegue fazer rápidos progressos.

No homem perfeito, naturalmente, tanto o brilho e o entusiasmo, como a firmeza e a regularidade, têm seu lugar. É apenas questão de saber qual dessas qualidades foi adquirida em primeiro lugar.

Além das qualidades enumeradas acima, que são expressas como cores no corpo mental, há outras qualidades — tais como a coragem, a dignidade, a alegria, a autenticidade, e outras semelhantes — que são representadas, por assim dizer, mais pela forma do que pela cor. São indicadas por diferenças na estrutura do corpo mental, ou por modificações na sua superfície.

Dentro dos diferentes anéis, ou zonas de cor descritas acima, vêem-se habitualmente estrias mais ou menos marcadas, e muitas qualidades do homem podem ser julgadas pelo exame dessas estrias.

A posse de uma *vontade forte,* por exemplo, coloca todo o corpo mental em linhas de nível muito mais definido. Todas as estrias e radiações mostram-se firmes e claramente perceptíveis. Ao invés, no caso de pessoa fraca e vacilante, essa firmeza e força da linha estão obviamente ausentes. As linhas que separam as diversas qualidades serão indeterminadas, e as estrias e radiações mostram-se pequenas, fracas, e instáveis.

A *Coragem* mostra-se por linhas firmes e fortemente traçadas, especialmente na faixa laranja relacionada com o orgulho, e pelo calmo e estável fulgor das cores que indicam qualidades superiores.

Quando o *Medo* domina uma pessoa, todas essas cores são obscurecidas e envolvidas por um nevoeiro de um tom cinza lívido. As estrias se perdem numa latejante massa de geléia, e o homem, nessa ocasião, perde o controle de seus veículos.

A *Dignidade* também se expressa principalmente na mesma parte do corpo mental em que se expressa a coragem, mas através de uma tranqüila firmeza e segurança que são bastante diferentes das linhas da coragem.

Autenticidade e Exatidão exibem-se muito claramente pela regularidade das estrias da parte do corpo mental devotada às formas concretas, e pela nitidez e correção das imagens que ali aparecem.

A *Lealdade* mostra-se por uma intensificação tanto da afeição como da devoção, e pela formação constante, naquele ponto do ovóide, da figura da pessoa para com a qual a lealdade é sentida. Em muitos casos de lealdade, afeição e devoção, forma-se imagem muito permanente do objeto desses sentimentos, e isso mantém-se flutuando na aura de quem pensa, de forma que, quando o pensamento se volta para a pessoa amada ou adorada, a força que ele emana fortalece a imagem já existente, em lugar de propiciar uma nova, como acontece normalmente.

A *Alegria* mostra-se através de brilho e radiância gerais, tanto do corpo mental como do corpo astral, como também por um encrespa-mento peculiar da superfície do corpo.

A *Jovialidade* geral é uma forma modificada da anterior, com um certo borbulhar, e também uma constante serenidade que é agradável de ver.

A *Surpresa,* por outro lado, aparece através de aguda constrição do corpo mental, acompanhada de um fulgor aumentado nas faixas da afeição, se a surpresa for agradável, e de mudança de cor, habitualmente envolvendo exibição de grande quantidade de marrom ou cinzento, na parte mais baixa do ovóide, se a surpresa for desagradável. Essa constrição comunica-se, habitualmente, tanto ao corpo astral como ao físico, e com freqüência causa sensações singularmente desagradáveis que às vezes afetam o plexo solar (resultando em desfalecimento e náusea); outras vezes, afetam o centro cardíaco, ao qual causam palpitações, e até a morte, pois uma súbita surpresa pode, ocasionalmente, matar quem tenha coração fraco.

A *Reverência é* assim como a admiração, com a diferença de que vem acompanhada de profunda mudança na parte devocional do corpo mental, que usualmente se dilata sob essa influência e tem suas estrias mais profundamente marcadas.

O *Pensamento Místico* e a presença de *faculdades psíquicas* são indicados pelas cores que não têm equivalentes no plano físico.

Quando um homem usa qualquer parte de seu corpo mental, dirigindo seus pensamentos, fortemente, para um ou mais dos canais previamente mencionados, o corpo mental não só vibra mais rápido durante esse tempo, enriquecendo suas cores, mas a porção dele que corresponde àqueles pensamentos quase sempre se dilata temporariamente, aumentando de tamanho, o que perturba, na ocasião, a simetria do ovóide.

Em muitas pessoas essa dilatação é permanente, e isso sempre significa que a quantidade daquele tipo de pensamentos está constantemente crescendo. Se, por exemplo, uma pessoa dedica-se a um estudo científico, e assim volta subitamente seu pensamento nessa direção muito mais do que antes, o primeiro efeito será uma protuberância tal como a que foi descrita. Mas, se essa pessoa mantém a quantidade de pensamentos sobre objetivos científicos no mesmo nível que ela agora adotou, a porção protuberante irá retraindo-se gradualmente, voltando a integrar a linha geral do ovóide. A faixa da sua cor, entretanto, ter-se-á tornado mais larga do que antes.

Se, contudo, o interesse da pessoa em assuntos científicos cresce constantemente em força, a protrusão permanecerá em evidência, embora a faixa se tenha alargado.

Assim, o corpo mental pode ser lesado por uma superespecialização que leva a um desenvolvimento desequilibrado. Torna-se superdesenvolvido em umas partes, e proporcionalmente subdesenvolvido em outras, talvez igualmente importantes. Desenvolvimento proporcionado e harmonioso em todos os sentidos é a meta a buscar, e, para isso, é necessário haver uma calma auto-análise e direção definida de meios para chegar aos fins. Esse aspecto do nosso assunto será considerado num capítulo posterior.

Já fizemos referência à incessante movimentação da matéria no corpo mental. O mesmo fenômeno ocorre no caso do corpo astral. Quando, por exemplo, o corpo astral é perturbado por uma súbita emoção, toda a matéria é varrida como por um violento furacão, de modo que durante algum tempo as cores ficam mescladas. Logo depois, contudo, pela gravidade específica dos diferentes tipos de matéria, todo o arranjo se ajeitará mais uma vez em suas zonas habituais. Mesmo então, a matéria não fica em repouso, já que as partículas durante todo o tempo correm por essas zonas, embora poucas, relativamente, deixem suas próprias faixas e se introduzam em outras. Esse movimento dentro de sua própria zona é muitíssimo saudável. Na verdade, aquele em quem não haja essa circulação não passa de um crustáceo mental, incapaz de crescer enquanto não estourar sua casca. A atividade da matéria em qualquer das zonas, em particular, aumenta na proporção da quantidade de pensamentos devotados ao assunto do qual ela é a expressão.

Perturbações no corpo mental são semelhantes às do corpo astral e igualmente desastrosas em seus efeitos. Assim, se um homem permite a si próprio ser grandemente afligido a propósito de algum problema e fica a

revolvê-lo sem parar em sua mente, sem chegar a nenhuma conclusão, gera uma tempestade em seu corpo mental. Talvez uma descrição melhor seja a de um lugar ferido no corpo mental, assim como um ponto irritado por via de fricção.

Pessoas que gostam de discutir têm seu corpo mental em estado de perpétua inflamação, e a inflamação tende, à mais ligeira provocação, a abrir-se a qualquer momento em ferida exposta. Para essas pessoas, não há esperança de qualquer tipo de progresso oculto enquanto não trouxerem equilíbrio e senso comum em socorro de sua condição doentia.

Se um homem permitir que seu pensamento sobre qualquer assunto dado chegue a estagnar-se, essa estagnação será reproduzida na matéria apropriada ao assunto. Dessa forma, permitindo que seus pensamentos sobre o caso se estanquem e solidifiquem, uma congestão se instala, aparecendo como preconceito. Um pequeno remoinho se forma, no qual a matéria corre e corre, em giros contínuos, até coagular-se e passar a ser uma espécie de excrescência. Até que essa excrescência se desgaste, se a isso chegar, ou for extraída à força, o homem não poderá usar aquela parte particular de seu corpo mental, e é incapaz de pensamento racional sobre aquele assunto. A infecta massa espessa bloqueia todos os movimentos livres, tanto para fora como para dentro. Ela o impede, por um lado, de ver com exatidão e de receber qualquer nova impressão segura sobre o assunto em questão, e, por outro lado, o impede de lançar qualquer pensamento claro sobre ele.

Esses pontos doentes do corpo mental são, infelizmente, centros de infecção, também. A incapacidade de ver claramente, portanto, aumenta e se espalha. Estagnação em uma parte do corpo mental tende, assim, a levar a estagnação a outras partes, também. Por isso, se um homem tem um preconceito sobre certo assunto, provavelmente desenvolverá depressa preconceitos sobre outros, porque o fluxo saudável da matéria mental foi detido, e o hábito da inverdade se formou.

Preconceito religioso é o mais comum e o mais sério de todos, impedindo completamente qualquer aproximação de um pensamento racional em relação ao assunto. Um número muito grande de pessoas tem inativa, ossificada, e coberta de excrescências, a parte toda do corpo mental que devia ser ocupada com assuntos religiosos, de forma que mesmo a mais rudimentar concepção daquilo que a religião seja, permanece inteiramente impossível para elas, até que ocorra uma modificação catastrófica.

Em geral, podemos repetir que em todos os melhores homens, das raças mais avançadas nos dias presentes, o corpo físico está integralmente desenvolvido, e razoavelmente sob controle. O corpo astral também está integralmente desenvolvido, mas de forma alguma sob controle. O corpo mental está em processo de evolução, mas seu crescimento está muito longe de ser completo. Eles têm muito que andar antes que esses três corpos estejam inteiramente subordinados à alma. Quando isso acontece, o eu inferior foi absorvido pelo eu superior, e o ego, ou alma, terá dominado o homem. Nesse homem não mais haverá conflito entre seus vários corpos. Embora ele ainda não seja perfeito, seus diferentes veículos já se harmonizaram de tal maneira que têm, agora, apenas um único objetivo.

CAPÍTULO VI

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

KÂMA-MANAS (DESEJO-MENTE)

Em nosso livro O *Corpo Astral* consideramos Kâma, ou desejo, e tratamos de Kâma-Manas, ou a ligação entre desejo e mente. Neste livro devemos tratar novamente de Kâma-Manas, levando em consideração muito do que foi dito em O *Corpo Astral* em relação a Kâma, e confinando-nos mais principalmente no aspecto Manas do assunto.

Recapitulemos, resumidamente, o que foi dito em O *Corpo Astral:* Kâma é a vida manifestando-se no veículo astral; seu atributo característico é o sentimento, que compreende os apetites animais, as paixões, e os desejos; é o "símio e o tigre" em nós, e que serve, principalmente, para nos prender à terra. Kâma, ou Desejo, também é o reflexo do aspecto inferior de Âtmâ, ou Vontade.

Kâma é usado, às vezes, num sentido muito limitado, como se não implicasse em nada mais senão em grosseiro desejo sensual. Ele significa, entretanto, todos os desejos, e o desejo é o aspecto exterior do amor, o amor das *coisas* dos três mundos; o amor, propriamente, é o amor da *vida,* ou amor do divino, que pertence ao Eu superior, interno.

No *Rig-Veda,* Kâma é a personificação do sentimento que conduz e impele à criação. É, essencialmente, o anseio por uma existência senciente, ativa; existência de vívida sensação e inquieta turbulência de vida apaixonada. Assim, para o indivíduo como para o cosmos, Kâma se torna a causa primeira da reencarnação, e assim como o Desejo se diferencia em desejos, essa cadeia vincula o Pensador à Terra e o traz de volta, vez após vez, para o renascimento.

No Oriente, a sede ou desejo, que leva o homem para a reencarnação, é conhecida como Trishnâ, e em pali, Tanhâ. A realização, ou consumação de Trishnâ é conhecida como Upâdâna.

Manas vem da palavra sânscrita *Man,* raiz do verbo pensar; é o Pensador em nós, do qual se fala vagamente no Ocidente como mente. Manas é o indivíduo imortal, o "Eu" real.

Manas, o Pensador — entidade espiritual que vive no mental superior ou plano causal — não pode, contudo, entrar em contacto direto com os mundos inferiores. Portanto, projeta de si o Manas inferior, que é chamado de várias formas: reflexo, sombra, raio, etc.

Este Raio é que se movimenta no cérebro, manifestando através dele os poderes que tal cérebro, pela sua configuração e outras qualidades físicas, seja capaz de traduzir. O Raio põe em vibração as moléculas das células nervosas do cérebro e dá origem, assim, à consciência no plano físico.

O Manas inferior fica *mergulhado* no quaternário, que consiste em:

Kâma ou Desejo. Prâna ou Vitalidade. Duplo Etérico. Corpo Físico.

Isso pode ser visto como se Kâma fosse agarrado com uma das mãos, enquanto a outra mantivesse seguro seu pai, o Manas superior.

Durante a vida terrena, Kâma e o Manas inferior são reunidos, e muitas vezes referidos como Kâma-Manas. Kâma fornece, como vimos, os elementos

passionais e animais; o Manas inferior racionaliza esses elementos e a eles acrescenta as faculdades intelectuais. Os dois juntos, Kâma-Manas, estão de tal forma intimamente ligados durante a vida, que raramente agem separadamente, porque é difícil existir um pensamento que não seja influenciado pelo desejo. Kâma-Manas não é um princípio novo, mas o entrelaçamento da parte inferior de Manas com Kâma. Kâma-Manas, que é Manas com desejo, foi bem descrito como *Manas interessando-se pelas coisas externas.*

A atuação de Manas inferior no homem mostra-se como capacidade mental, força intelectual, agudeza, sutileza; compreende comparação, razão, julgamento, imaginação e outras faculdades mentais. Tais faculdades podem chegar até o ponto em que são tidas como gênio. É o que H. P. Blavatsky chamava "gênio artificial": o resultado de cultura e da agudeza puramente intelectual.

O que habitualmente chamamos mente, ou intelecto, é, nas palavras de H. P. Blavatsky, "pálido e muitas vezes distorcido reflexo do próprio Manas". Sua verdadeira natureza é com freqüência demonstrada pela presença de elementos kâmicos nela, tais como paixão, vaidade, arrogância.

O verdadeiro gênio consiste em lampejos de Manas superior penetrando na consciência inferior. Tal como está dito no *Bindoponishad:* "Manas, na verdade, é explicado como duplo, puro e impuro; o impuro é determinado pelo desejo, o puro é livre de desejo."

O gênio, que *vê,* em lugar de discutir, é, assim, o Manas superior, ou Ego; a verdadeira intuição é uma das suas faculdades. A razão, o processo de pesar e avaliar que dispõe os fatos reunidos pela observação, confronta-os, argumenta baseado neles e tira deles conclusões — eis o exercício do Manas inferior através do aparelho cerebral; seu instrumento é o raciocínio; pela indução sobe do conhecido para o desconhecido, armando uma hipótese; pela dedução desce de novo ao conhecido, verificando sua hipótese através de novos experimentos.

Há, também, uma diferença no mecanismo do raciocínio comum e dos lampejos peculiares de consciência conhecidos como gênio. O raciocínio vem ao cérebro através de subplanos sucessivos dos planos astral e mental, passo por passo. O gênio, porém, resulta da consciência despejando-se através apenas dos planos subatômicos, isto é, do atômico mental para o atômico astral e o atômico físico.

A razão, faculdade do cérebro físico, sendo inteiramente dependente da evidência dos sentidos, não pode ser qualidade relacionada diretamente com o espírito divino do homem. Este último *sabe;* daí todo o raciocínio que implica em discussão e argumento lhe é inútil. O espírito fala também através da consciência, que é a percepção instantânea entre o certo e o errado. Por isso, a profecia, o vaticínio, e a chamada inspiração divina, são, simplesmente, os efeitos da iluminação que vem de cima, do espírito imortal do próprio homem. (Esse aspecto do nosso assunto será mais amplamente tratado no Capítulo XXXI.)

Kâma-Manas é o eu pessoal do homem; em *Ísis Sem Véu* é chamado alma astral; é o Manas inferior que dá o toque individualizador, o qual faz com que a personalidade se reconheça como "eu". Torna-se intelectual, reconhece-se como separada de todos os outros eus. Iludida pela separação

que sente, não compreende uma unidade que fica para além de tudo quanto lhe é possível sentir. O Manas inferior, sacudido pelo afluxo de emoções kâmicas, paixões e desejos, atraído por todas as coisas materiais, cego e surdo pelas vozes tempestuosas entre as quais está mergulhado, tende a esquecer a pura e serena glória de seu lugar de nascimento, e, assim, atira-se à turbulência que dá entusiasmo, mas não dá paz. É o Manas inferior que dá o último toque de deleite aos sentidos e à natureza animal, pois não pode haver paixão sem memória ou antecipação, nem êxtase sem a força sutil da imaginação e as delicadas cores do sonho e da fantasia.

Assim, Kâma prende o Manas inferior à terra, fortemente. Enquanto ação nenhuma é empreendida com o objetivo de obter amor, reconhecimento, poder, ou fama, por maior que seja a ambição, por maior que seja o alcance da caridade, por muito alta que seja a realização — Manas tem as manchas de Kâma, e não é pura como a sua fonte.

Kâma e Manas agem e reagem um sobre o outro, cada qual estimulando e avivando o outro. A mente é continuamente impelida pelo desejo, e levada a servir constantemente como ministradora de prazer. O que dá prazer é sempre procurado pela mente, e ela sempre busca apresentar imagens que dêem satisfação, e excluir as que tragam dor. As faculdades mentais acrescentam às paixões animais uma certa força e qualidade não aparentes quando elas funcionam como qualidades puramente animais, porque as impressões feitas no corpo mental são mais permanentes do que as feitas no corpo astral, e o corpo mental reproduz, constantemente, essas impressões, através da memória e da imaginação. Dessa forma, o corpo mental estimula o astral, acordando nele desejos que, no animal, dormem até serem acordados pelo estímulo físico. Por isso encontramos no homem não-desenvolvido uma busca persistente da gratificação dos sentidos, coisa que jamais encontramos nos animais inferiores: luxúria, crueldade, cálculo. Assim, os poderes da mente, postos a serviço dos sentidos, tornam o homem perigosa e brutalmente selvagem, muito mais do que qualquer animal.

A parte que o Elemental de Desejos, isto é, a vida instintiva no corpo astral, toma nesse entrelaçamento de Manas com Kâma, já foi amplamente descrito em *O Corpo Astral,* obra à qual remetemos o estudante.

Tão entrelaçados são os corpos astral e mental dos homens, que se diz, muitas vezes, que eles atuam como um só corpo. Na classificação vedântica, realmente, os dois são classificados juntos como uma *koska,* ou bainha, assim:

```
Corpo Búdico     Anândamayakosha
Corpo Causal     Vignânámayakosha

Corpo Mental -
              |
              --- Manomayakosha
              |
Corpo Astral -

Duplo Etérico -
               |
               --- Annamayakosha
               |
Corpo Denso   -
```

O estudante recordará que os centros de sensação estão situados em kâma; daí o dizer-se, no *Mundakopanischat* que "o órgão do pensamento de cada criatura é permeado pelos sentidos". Isso enfatiza a dupla ação do Manomayakosha, que é o órgão do pensamento, mas é, também, "permeado pelos sentidos".

Podemos notar, aqui, a conexão entre Kâma-Manas e as espiras dos átomos. Na Primeira Ronda da Cadeia da Terra, o primeiro grupo de espiras dos átomos do plano físico foi vivificado pela vida da Mônada, sendo esse grupo usado pelas correntes de prâna (vitalidade) que afetavam o denso corpo físico.

Na Segunda Ronda, o segundo grupo de espiras tornou-se ativo, fluindo através dele o prâna do corpo etérico.

Na Terceira Ronda, foram vivificadas as espiras do quarto grupo, fluindo por elas o prâna do corpo astral, tornando dessa forma possível a sensibilidade.

Na Quarta Ronda, o quarto grupo de espiras tornou-se ativo, fluindo através dele o prâna kâma-manásico, que o fez apto a ser usado por um cérebro que devia agir como instrumento do pensamento.

A vivificação dos grupos posteriores de espiras para uso da consciência superior, no caso dos que se preparam para entrar no Caminho, pode ser feita através de certas práticas da Ioga.

No curso comum da evolução, novo grupo de espiras se desenvolverá em cada Ronda, de forma que na Sétima Ronda todas as sete espiras estarão ativas. Por isso, as pessoas que viverem nessa Ronda terão mais facilidade do que as de hoje em responder a coisas internas e viver uma vida superior.

No curso de cada encarnação, Manas pode fazer uma destas três coisas: 1) elevar-se em direção da sua fonte e, por um esforço incessante e tenaz, tornar-se um com seu "Pai que está no céu", isto é, com Manas superior; 2) aspirar parcialmente e parcialmente tender a descer, como, na verdade, é a maioria dos casos quando se trata do homem comum; 3) tornar-se tão bloqueado por elementos kâmicos a ponto de tornar-se um com eles, ser arrebatado violentamente de seu Pai, e perecer.

Sempre que o Manas inferior for, por momentos, desprender-se de Kâma, torna-se o guia das faculdades mentais mais altas, e é o órgão do livre-arbítrio no homem físico. A condição dessa liberdade é que Kâma seja submetido e conquistado.

O livre-arbítrio reside no próprio Manas; de Manas vem o sentimento de liberdade, o conhecimento de que podemos nos governar, de que a natureza superior rege a inferior, por muito que essa natureza inferior possa rebelar-se e lutar. Assim que a consciência se identifica com Manas ao invés de identificar-se com Kâma, a natureza inferior torna-se o animal que a consciência superior pode cavalgar, e que já não é o "Eu".

Assim, a diferença entre a pessoa de forte vontade e a pessoa de vontade fraca consiste no fato de a pessoa de vontade fraca ser levada, de fora, por atrações e repulsões exteriores, pelo *desejo*, que é a "Vontade destronada", enquanto o homem de vontade forte é impelido, de dentro,

pela *Vontade* pura, dominando continuamente as circunstâncias externas, pondo em ação forças apropriadas, guiado pela experiência acumulada.

Ainda mais: o Manas inferior liberta-se do Kâma e torna-se cada vez mais capaz de transmitir à consciência inferior os impulsos recebidos do Manas superior; então, como vimos, o gênio lampeja e a luz do Ego flui através do Manas inferior para o cérebro. Disto podemos estar seguros: enquanto estamos no turbilhão da personalidade, enquanto, como tempestades, os desejos e apetites se agitam em torno de nós, enquanto somos atirados de cá para lá sobre ondas de emoção — é certo que a voz do Manas superior, ou Ego, não consegue alcançar nossos ouvidos. As ordens do Ego não vêm no fogo dos turbilhões, no ribombo do trovão ou na tempestade, mas só quando chega a quietude do silêncio; só quando o próprio ar está imóvel e a calma é profunda, só quando o homem envolve seu rosto num manto que lhe feche os ouvidos até para o silêncio que está sobre a Terra. Então, só então, soará a voz que é mais silenciosa do que o silêncio, a voz que é a do seu verdadeiro Eu, do Ego.

Assim como um lago sereno reflete a lua e as estrelas, mas, quando eriçado pela brisa que passa, mostra apenas reflexos quebrados, um homem pode, acalmando sua mente, abrandando seus desejos, impondo quietude às suas atividades, reproduzir dentro de si próprio a imagem do Superior. Dessa mesma maneira o discípulo pode espelhar a mente de seu Mestre. Mas se seus próprios pensamentos surgirem, seus próprios desejos se erguerem, ele só terá reflexos quebrados, luzes dançarinas, que nada lhe revelarão.

Eis as palavras de um Mestre: *"É sobre a serena e tranqüila superfície de uma plácida mente que as visões reunidas no invisível encontram representação no mundo visível. É com zeloso cuidado que devemos conservar nosso plano mental livre de todas as influências adversas que diariamente aparecem em nossa passagem pela vida terrena."*

O Ego, como parte da Mente Universal, é incondicionalmente onisciente em seu próprio plano, mas só o é *potencialmente* nos mundos inferiores, porque tem de funcionar através do eu pessoal. O corpo causal é o veículo de todo o conhecimento, passado, presente e futuro; e é desse manancial que seu duplo, o Manas inferior, capta relances ocasionais do que está para além dos sentidos do homem, e os transmite a certas células do cérebro, fazendo assim do homem um vidente, um adivinho, um profeta.

Esse triunfo só pode ser obtido através de muitas encarnações sucessivas, todas conscientemente dirigidas para tal fim. À medida que uma vida sucede a outra vida, o corpo físico se torna cada vez mais delicadamente afinado para as vibrações dos impulsos manásicos, de forma que o Manas inferior aos poucos vai precisando cada vez menos da grosseira matéria astral como seu veículo. Faz parte da missão do "raio" manásico, isto é, do Manas inferior, ir aos poucos livrando-se do "cego elemento enganador" (Kâma) que o coloca tão intimamente ligado à matéria, a ponto de anuviar inteiramente sua natureza divina e tornar frustradas suas intuições.

Quando, finalmente, é conseguido o domínio sobre Kâma, e o corpo responde a Manas, o Manas inferior torna-se um com sua fonte, o Manas superior; isso, em terminologia cristã, é o "Pai que está no céu" tornando-se um com o "Filho" em todos os planos, como sempre foram um no "céu". Esse, naturalmente, é um estágio muito avançado, o de um Adepto, para Quem a encarnação já não é necessária, embora possa ser voluntariamente assumida.

Daí se origina aquela grande declaração do *Mundakopanishad:* "O órgão do pensamento é permeado pelos sentidos; purificado esse órgão, Àtmâ se manifesta."

Na maioria das pessoas, o Manas inferior ora se eleva para o alto, ora se inclina para baixo. A experiência normal do homem comum é de que a vida é um campo de batalha: Manas em constante luta contra Kâma. Às vezes, a aspiração vence, as cadeias dos sentidos são rompidas, e o Manas superior se lança para o alto; em outras ocasiões, Kâma vence e encadeia o Manas inferior à Terra.

Assim, parece — como ficou brevemente indicado no Capítulo IV — que para a maioria das pessoas o centro da consciência está submerso em Kâma-Manas. Os mais cultos e desenvolvidos, porém, estão começando a governar o desejo através da razão, isto é, o centro da consciência está se transferindo, paulatinamente, do astral superior para o mental inferior. À proporção que vai progredindo, o homem passa a níveis mais elevados, até que consiga reger-se mais pelos princípios do que pelo interesse e pelo desejo.

Porque, em última instância, o intelecto do homem quer que seu ambiente, tanto de vida como de matéria, seja inteligível; sua mente pede ordem, racionalidade, explanação lógica. Não pode viver num caos sem sofrer; deve saber e compreender, se tiver de existir em paz.

Em casos extremos, o Manas inferior torna-se tão inextricavelmente entrelaçado com Kâma, que o delgado elo que une o Manas superior ao inferior, o "fio de prata que o liga ao Mestre", parte-se em dois.

Então, mesmo durante a vida terrena, a natureza superior está completamente separada da inferior; o ser humano é dividido em dois; o bruto libertou-se, e adianta-se liberto, levando consigo o reflexo de Manas, que deveria ser seu guia através da vida. Tal ser, humano na forma, mas bruto na natureza, vagueia por entre os homens, causando horror, mas também piedade.

Depois da morte física, tal corpo astral é uma entidade de terrível potência, conhecido como um *Elemental,* cuja descrição foi dada em O *Corpo Astral.*

Do ponto de vista do Ego, não houve colheita de experiências úteis por aquela personalidade. O "Raio" nada trouxe de volta, a vida inferior foi um fracasso completo, total.

Em *A Voz do Silêncio* encontramos a seguinte advertência: "Não deixes que tu, 'nascido no céu', mergulhado no mar de Mâya, te desprendas do Pai Universal (Alma), mas deixa o poder ardente recolher-se à câmara mais profunda do coração, a moradia da Mãe do mundo." O "nascido no céu" é *cbitta,* a mente inferior. Ê nascida da alma que está acima, quando Manas se torna dual, na encarnação. Os planos de Âtmâ-Buddhi-Manas são representados pelo Céu, enquanto os da personalidade são representados pela Terra.

É a presença do "nascido no céu" no homem que lhe confere alguma liberdade, e, porque tem essa liberdade e pode fazer seu próprio caminho, é que sua vida se faz mais desordenada, menos regulada, do que a dos reinos inferiores de natureza externa.

Na maioria das pessoas, uma parte de sua matéria mental se tornou de tal modo confundida com a sua matéria astral, que é impossível para ela libertar-se inteiramente após a morte. O resultado da luta entre seu Kâma e seu Manas, portanto, é que certa porção da matéria mental, e mesmo da causal (mental superior), fica retida no corpo astral depois que o Ego foi completamente separado dele.

Se, por outro lado, um homem conquistou completamente seus desejos inferiores, durante a sua vida, e conseguiu libertar por completo sua mente inferior do desejo, não há luta, praticamente, e o Ego pode retirar não só tudo quanto "investiu" naquela encarnação, mas também todos os "proveitos", isto é, as experiências, faculdades, etc., que foram adquiridas.

CAPÍTULO VII

ONDAS DE PENSAMENTO

Quando o homem usa seu corpo mental, isto é, quando pensa, imprime uma vibração no corpo mental, e essa vibração produz dois resultados distintos. O *primeiro é a* irradiação de vibrações ou ondas. Delas nos ocuparemos no presente capítulo, reservando o *segundo* resultado — a produção de formas-pensamentos — para um capítulo posterior.

Uma vibração no corpo mental, como todas as outras vibrações, tende a comunicar-se com a matéria circundante que seja capaz de recebê-la, precisamente como a vibração de um sino se comunica ao ar circundante. Por isso, visto como a atmosfera está cheia de matéria mental, que responde muito facilmente a tais impulsos, produz-se uma espécie de ondulação, uma espécie de concha vibratória, formada na matéria do plano, que se espalha através do ambiente circundante, da mesma forma como a queda de uma pedra sobre um lago produz ondulações que se irradiam do centro do impacto sobre a superfície da água, em todas as direções.

No caso do impulso mental, a irradiação não se faz somente no plano, mas em muitas dimensões, mais parecidas com as irradiações vindas do Sol ou de uma lâmpada.

Os raios emitidos cruzam-se em todas as direções, sem interferirem uns com os outros, em grau mínimo que seja, tal como o fazem os raios de luz no plano físico.

Ademais, a esfera de vibrações que se expande é multicolorida e opalescente, mas suas cores vão se tornando desmaiadas à proporção que se espalham.

Como ficou dito acima, a vibração mental também tende a se reproduzir sempre que se lhe ofereça a oportunidade. Conseqüentemente, cada vez que a onda de pensamento toca outro corpo mental, tende a determinar nele vibrações similares àquelas a que deu origem. Isto quer dizer que quando o corpo mental de um homem é tocado por uma onda de pensamento, forma-se em sua mente uma tendência para produzir um pensamento idêntico ao que foi formado antes na mente de quem originou a onda.

A onda-pensamento — ou onda mental — torna-se menos poderosa na proporção da distância em que está da sua fonte, embora seja provável que a variação se faça proporcional ao cubo da distância, e não ao quadrado, por causa da dimensão adicional envolvida.

Apesar disso, a vibração mental perde seu poder muito mais gradualmente do que a da matéria física, e parece exaurir-se, ou, pelo menos, tornar-se tão apagada a ponto de se fazer imperceptível, só a enormes distâncias de sua fonte.

A distância a que chega uma onda de pensamento, a força e a persistência com que penetra no corpo mental de outros, depende da força e clareza do pensamento de origem. Assim, um pensamento forte irá além do que alcança um pensamento fraco e indeciso, mas a clareza e a precisão têm maior importância do que a força.

Outros fatores que afetam a distância que uma onda de pensamento pode alcançar são a sua natureza e a oposição que encontra. Assim, ondas nos tipos inferiores de matéria astral são, usualmente, bem depressa desviadas ou dominadas por uma quantidade de outras vibrações do mesmo nível, tal como no meio do ruído de uma cidade desaparece inteiramente um som suave.

Por esse motivo, o pensamento autocentralizado do homem comum, que começa no mais baixo dos níveis mentais, e instantaneamente mergulha nos baixos níveis correspondentes do astral, é um pensamento relativamente ineficaz. Seu poder em ambos os mundos é limitado, porque, por muito violento que seja, há um mar tão imenso de pensamentos idênticos movendo-se em torno dele, que suas ondas são inevitavelmente perdidas, bem depressa, dominadas por aquela confusão.

Um pensamento gerado em nível superior, por outro lado, tem um campo muito mais limpo para agir, porque no momento presente o número de pensamentos que produzem tais ondas é muito pequeno. Sob esse ponto de vista, o pensamento teosófico é quase uma classe em si mesmo.

Há naturalmente outras pessoas religiosas, cujos pensamentos são bastante elevados, mas nunca tão precisos e definidos. Mesmo o pensamento científico dificilmente é da mesma classe do pensamento teosófico, de forma que há um campo praticamente livre para o pensamento teosófico no mundo mental.

O pensamento teosófico é como um som em vasto silêncio. Põe em movimento um nível de matéria mental que ainda é raramente usado; as irradiações causadas por ele se imprimem no corpo mental do homem comum num ponto ainda adormecido. Por isso ele tende a despertar uma parte inteiramente nova do aparelho do pensamento.

Tal onda não transmite, é natural, o pensamento teosófico aos que o ignoram, mas acorda a porção superior do corpo mental e com isso tende a elevar e liberar o pensamento do homem como um todo, ao longo das linhas, sejam elas quais forem, em que ele tem o hábito de mover-se.

Há, naturalmente, uma variedade infinita de pensamentos; se o pensamento é perfeitamente simples haverá no corpo mental apenas um tipo de vibração, e, conseqüentemente, apenas um tipo de matéria mental será fortemente afetado. O corpo mental, conforme vimos, consiste em matéria dos quatro subplanos inferiores do plano mental, e em cada um desses subplanos há muitas subdivisões de densidades variadas.

Se um homem já está profundamente envolvido por uma outra linha de pensamento, uma forte onda de pensamento pode passar por ele sem afetá-lo, precisamente como um homem já ocupado com um negócio ou um prazer pode não ouvir a voz de outra pessoa.

Já que, contudo, grande é o número de homens que não pensam com precisão ou com energia, a não ser na execução imediata de algum negócio que pede toda a sua atenção, eles tendem, em outras ocasiões, a ser consideravelmente afetados pelos pensamentos que lhes inculcam. Daí a grande responsabilidade de quem pensa, porque seus pensamentos, principalmente se forem fortes e claros, afetarão, inevitavelmente, grande número de outras pessoas.

Não será exagero dizer que quem mantém pensamentos maus ou impuros espalha contágio moral entre seus semelhantes. Tendo em mente que é considerável o número de pessoas que têm dentro de si germes latentes do mal — que jamais frutificariam se não houvesse alguma força que os pusesse em atividade — a onda de pensamento enviada por um pensamento impuro ou irreligioso pode ser o próprio fator que acorde um germe para a atividade e o faça crescer. Eis que tal pensamento pode levar uma alma a desencaminhar-se. Da mesma forma pode afetar muitos outros, e o mal se espalhará e se ramificará em incontáveis direções. Muito mal é constantemente feito dessa maneira, e, embora possa ser feito inconscientemente, aquele que dá origem ao mal tem a responsabilidade cármica pelo que fez.

É igualmente verdade, como é natural, que o pensamento benéfico pode afetar outros para o bem, da mesma maneira. Por isso, o homem que compreende isso pode trabalhar para ser um verdadeiro sol, irradiando constantemente sobre todos os seus amigos e vizinhos pensamentos de amor, calma, paz, etc. Muito poucos compreendem como é grande a força do bem que podem assim dirigir, se quiserem, através do poder do pensamento.

Acontece, com freqüência, que um homem não possa ajudar outro fisicamente. Na verdade, a presença física daquele que deseja auxiliar pode ser até desagradável para o necessitado. Seu cérebro físico pode estar fechado às sugestões, por preconceito ou por beatice. Mas seus corpos astral e mental são muito mais facilmente impressionáveis do que o físico, e sempre é possível abordá-los com uma onda de pensamentos de auxílio, de afeição, de sentimentos consoladores, e assim por diante.

Há muitos casos em que a melhor vontade do mundo nada pode fazer fisicamente, mas não existe caso em que tanto o corpo astral como o mental não possam receber algum alívio, dado por um pensamento firme, concentrado, amoroso.

Devemos notar que uma onda de pensamento não imprime uma idéia definida, antes tende a produzir um pensamento do mesmo tipo, como seu próprio. Assim, por exemplo, se o pensamento é de devoção, suas vibrações excitarão a devoção, mas o objeto do culto pode ser diferente no caso de cada pessoa sobre cujo corpo mental a onda de pensamento se imprime.

Dessa forma, uma onda de pensamento, ou vibração, determina o caráter do pensamento, não o assunto. Se um hindu está absorto em sua devoção a Krishna, as ondas de pensamentos emitidas por ele estimularão a devoção em todos que venham a ficar sob a sua influência, embora no caso de um muçulmano essa devoção vá para Alá, enquanto para um zoroastriano será para Ahuramazda, e num cristão se voltará para Jesus.

Se tal onda-pensamento tocar o corpo mental de um materialista, para o qual qualquer forma de devoção é desconhecida, mesmo então produz um efeito de elevação, com tendência a mover a parte superior de seu corpo mental para um tipo de atividade, embora não possa criar um certo tipo de ondulação ao qual o homem está inteiramente desabituado.

Um ponto de grande importância, do qual o estudante deve, cuidadosamente, tomar nota, é que o homem que tem por hábito emitir pensamentos puros, bons e fortes, está utilizando para esse fim a parte superior de seu corpo mental, parte essa que não é absolutamente usada pelo homem comum, e nele se conserva inteiramente carente de desenvolvimento. Tal pessoa é,

portanto, uma potência para o bem, no mundo, e está sendo de grande utilidade para todos os seus vizinhos capazes de qualquer tipo de resposta. As vibrações que ela envia tendem a despertar uma nova e mais alta parte de seus corpos mentais, e, conseqüentemente, a abrir diante deles novos campos de pensamento.

Podemos levar o assunto ainda um pouco mais longe. O homem, que dia a dia pensa com precisão e cuidado, não só estará melhorando seus próprios poderes de pensamento, como ainda estará enviando úteis ondas de pensamento para o mundo que o cerca; ao mesmo tempo, estará desenvolvendo e apurando a própria matéria mental, pois a quantidade de consciência que pode ser trazida ao cérebro é determinada, obviamente, pelo grau a que os átomos da matéria podem responder, isto é, pelo número de espiras nos átomos que estão vivificados e ativos. Normalmente, no átomo físico comum, e no presente estágio de evolução, há quatro dessas sete espiras ativas. O homem capaz de formas mais elevadas de pensamento está ajudando a desenvolver mais espiras nos átomos, e, como esses átomos estão continuamente passando de dentro para fora de seus corpos, ficam disponíveis para absorção e uso por qualquer outra pessoa que seja capaz de usá-los. Pensamentos elevados ajudam, assim, a consciência do mundo, melhorando os próprios materiais do pensamento.

Há, assim, muitas variedades de matéria mental, e sabe-se que cada variedade tem seu próprio e especial ritmo de vibração, ao qual está mais habituada a responder facilmente. Um pensamento complexo pode, naturalmente, afetar muitas variedades de matéria mental, simultaneamente.

O princípio geral subjacente no efeito do pensamento no corpo mental (e também no sentimento, no corpo astral) como vimos no Capítulo III, é o de que os pensamentos egoístas são vibrações relativamente lentas de matéria grosseira, enquanto pensamentos bons, destituídos de egoísmo, são ondulações rápidas que movimentam apenas a matéria mais refinada.

O poder do pensamento unido de certo número de pessoas é sempre muito maior do que a soma de seus pensamentos separados. Representam quase o produto. Daí ser vastamente benéfico para qualquer cidade, ou comunidade, que se efetuem muitas reuniões de pessoas capazes de gerar pensamentos de alto nível.

CAPÍTULO VIII

FORMAS-PENSAMENTO

Vamos agora considerar o segundo efeito produzido, quando o homem usa seu corpo mental em pensamentos, isto é, na criação de formas-pensamento.

Conforme vimos, um pensamento dá lugar a uma série de vibrações na matéria do corpo mental. Sob esse impulso, o corpo mental lança uma porção vibradora de si mesmo, modelada pela natureza das vibrações, mais ou menos como partículas finas que, colocadas sobre um disco, adquirem certa forma quando o disco começa a vibrar através de notas musicais.

A matéria mental assim lançada reúne essência elemental da atmosfera circundante do mundo mental (isto é, do Segundo Reino Elemental), essência essa de tipo apropriado, e a coloca em harmonia com o seu próprio ritmo.

Assim é gerada uma forma-pensamento pura e simples. Essa for-ma-pensamento assemelha-se a uma forma astral ou emocional (descrita no livro O *Corpo Astral),* mas é muitíssimo mais radiante e seu colorido é bem mais brilhante, e toda ela é mais forte e mais duradoura, mais amplamente vitalizada.

Damos a seguir uma descrição gráfica do efeito do pensamento. "Essas vibrações mentais, que modelam a matéria do plano em formas-pensamento, produzem — pela sua rapidez e sutileza — a mais requintada coloração, constantemente modificada, ondas de variadas tonalidades, como as cores do arco-íris em madrepérola, etéricas e brilhantes numa extensão indescritível, passando sobre e através de cada forma, de modo que elas apresentam uma harmonia de colorido ondulado, vivo, luminoso e delicado, incluindo tonalidades ainda não conhecidas na Terra. Palavras não podem dar idéia da radiante, encantadora beleza que aparece nas combinações dessa matéria sutil, impregnada de vida e movimento. Todos os clarividentes que puderam testemunhar isso, hindus, budistas, cristãos, falam em termos arrebatados de sua gloriosa beleza, e confessam sempre sua incapacidade para descrevê-la. As palavras parecem brutalizá-la e deturpá-la, por muito bem apropriadas que estejam no louvor."

Uma forma-pensamento é uma entidade temporariamente viva, de intensa atividade, animada pela idéia que a gerou. Se é feita do tipo mais fino da matéria, terá grande poder e energia, e pode ser usada como poderoso agente, quando dirigida por uma vontade forte e firme. Entraremos mais tarde nos pormenores de tal uso.

A essência elemental é uma estranha vida semi-inteligente que nos rodeia, vivificando a matéria do plano mental. Responde muito facilmente à influência do pensamento humano, de forma que cada impulso enviado do corpo mental de um homem, imediatamente reveste-se do veículo temporário dessa essência. É, realmente, ainda mais instantaneamente sensível, se isso é possível, à ação do pensamento do que o é a essência elemental astral.

A essência elemental mental, entretanto, difere grandemente da essência elemental astral: trata-se de uma cadeia completa, uma após a outra, e, sendo assim, a força que está nela não pode agir da mesma forma

concentrada. Ela tenta fazê-lo, pois é largamente responsável pelo desvio de nossos pensamentos errantes, já que passa constantemente de uma coisa para outra.

O pensamento, pois, como ficou dito, torna-se, durante algum tempo, uma espécie de criatura viva. A força-pensamento é a alma; a essência elemental é o corpo. Essas formas-pensamento são chamadas elementais, ou, às vezes, elementais artificiais.

Os princípios subjacentes na produção de todas as formas-pensamento são:

1) A qualidade do pensamento determina a cor.

2) A natureza do pensamento determina a forma.

3) A exatidão do pensamento determina a nitidez do contorno.

As formas-pensamento podem ser de variedade infinita, tanto em cor como em forma. Com as várias cores e sua significação o estudante, a esta altura, já está familiarizado, pois que elas concordam com as que existem no corpo mental e no astral, como foi descrito em O *Corpo Astral* e também nos primeiros capítulos deste livro.

Assim, por exemplo, a afeição produz um luminoso tom róseo; o desejo de curar dá um branco-prateado encantador; o esforço mental para firmar e fortalecer a mente forma belos lampejos de um amarelo-dourado.

O amarelo, em qualquer dos veículos, sempre indica intelecto, mas suas tonalidades variam muitíssimo, e pode complicar-se com a mistura de outras cores.

Generalizando, ele tem uma tonalidade mais profunda e mais opaca se for dirigido para canais inferiores, mais especialmente para obje-tivos egoístas.

No corpo astral, ou no mental, de um homem comum de negócios, a cor aparecerá como um amarelo ocre, enquanto o intelecto puro, devotado ao estudo da filosofia ou da matemática, mostra, com freqüência, o tom dourado; essa tonalidade vai crescendo gradualmente para um amarelo-primavera claro e luminoso, muito belo, quando um intelecto está sendo empregado sem qualquer laivo de egoísmo, usado apenas para benefício da humanidade.

A maioria das formas-pensamento amarelas é nitidamente delineada e é relativamente rara a vaga nuvem amarela. Ela indica prazer intelectual, algo assim como a apreciação pelo bom resultado de uma aptidão, ou deleite por ser hábil e inteligente.

Uma nuvem dessa natureza evidencia a ausência total de qualquer emoção pessoal, pois, se tal coisa estivesse presente, tingiria inevitavelmente o amarelo com a sua cor apropriada.

Em muitos casos as formas-pensamento são, simplesmente, nuvens da cor relativa à idéia que as fez nascer, e estão sempre girando. O estudante compreenderá que, no presente estágio da humanidade, há uma vasta preponderância de pensamentos em nuvens de formato irregular, produto da mente mal treinada da maioria. Um dos mais raros fenômenos é a presença

de formas claras e definidas entre as milhares que flutuam em torno de nós.

Quando um pensamento é bem definido, cria-se uma forma e aparece um desenho nítido, muitas vezes belo. Tais formas, embora sejam de uma variedade infinita, são, com freqüência, e de certa forma, típicas da qualidade de pensamento que expressam. Idéias abstraias quase sempre são representadas por todos os tipos de formas geométricas, perfeitas, e muito belas. Devemos lembrar, diante dessa conexão, que as mais simples abstrações para nós, aqui, tornam-se fatos definidos no plano mental.

A força do pensamento e da emoção determina o tamanho das formas-pensamento, bem como sua duração como entidade isolada. Essa duração depende, também, do alimento que lhe for dado depois de ter sido gerada, através da repetição daquele pensamento por parte de quem o originou ou por parte de outras pessoas.

Se o pensamento é intelectual e impessoal, isto é, se quem pensa está tentando resolver um problema de álgebra ou de geometria, então suas formas-pensamento (bem como suas ondas de pensamento) ficarão confinadas ao plano mental.

Se o seu pensamento for de natureza espiritual, isto é, se for tocado pelo amor e aspiração de profundo sentimento destituído de egoísmo, ele se elevará do plano mental e terá muito do esplendor e glória dos níveis búdicos que lhe estão acima. Em tal caso, sua influência é das mais poderosas e cada pensamento assim é força muitíssimo importante para o bem.

Se, por outro lado, o pensamento tem em si algo do eu ou de desejo pessoal, imediatamente suas vibrações voltam-se para baixo, e ele arrasta para seu redor um corpo de matéria astral que se adiciona ao seu envoltório de matéria mental. Uma forma-pensamento assim (que deveria, com mais exatidão, ser chamada forma-emoção-pensamento) é, naturalmente, capaz de afetar tanto o corpo astral como o corpo mental dos outros homens.

Esse tipo de forma-pensamento é o mais comum, pois poucos pensamentos de homens e mulheres comuns deixam de ser tocados pelo desejo, pela paixão, ou pela emoção.

Podemos considerar essa classe de formas-pensamento como geradas pela atividade de Kâma-Manas, isto é, pela mente dominada pelo desejo.

Quando um homem pensa num objeto concreto — um livro, uma casa, uma paisagem — constrói uma minúscula imagem do objeto na matéria do seu corpo mental. Essa imagem flutua na parte superior desse corpo, quase sempre diante do rosto do homem, mais ou menos ao nível dos olhos. Permanece ali enquanto o homem estiver contemplando o objeto, e quase sempre por um pouco mais de tempo, de acordo com a intensidade e nitidez do pensamento. Essa forma é bastante objetiva e pode ser vista por outra pessoa que tenha clarividência mental. Se um homem pensar em outra pessoa, também criará seu minúsculo retrato.

O mesmo resultado segue-se a qualquer esforço da "imaginação". O pintor, que forma a concepção de seu futuro quadro, constrói esse quadro com matéria do corpo mental, projeta-o então no espaço, em sua frente,

mantém-no ante os olhos da mente, e então copia-o. O romancista, da mesma maneira, constrói imagens dos personagens em matéria mental, e, conforme sua vontade, move esses bonecos de uma posição para outra ou agrupa-os em uma outra posição, de forma que o enredo da história se delineia perante ele.

Segundo já foi dito, essas imagens mentais são de tal modo objetivas que não só podem ser vistas por um clarividente, mas podem até ser movidas e rearranjadas por outra pessoa que não o seu criador. Assim, por exemplo, espíritos-da-natureza de ânimo brincalhão, ou, com mais freqüência, um romancista "morto", observando o trabalho de seu colega, moverá as imagens, ou bonecos, de tal maneira que o seu criador terá a impressão de eles terem vontade própria, desdobrando-se o enredo da história sobre linhas bastante diferentes daquelas originalmente pretendidas pelo escritor.

Um escultor cria uma forte forma-pensamento da estátua que pretende modelar, fixa essa idéia num bloco de mármore, e então começa a trabalhar, cortando e descartando o mármore que fica do lado de fora da forma-pensamento, até que apenas a porção dele que está interpenetrada pela forma-pensamento permanece.

Da mesma forma, um conferencista, ao pensar com firmeza nas diferentes partes do seu tema, produz uma série de formas-pensamento, quase sempre fortes, por causa do esforço. Se não consegue que o auditório o entenda, isso deve ser quase sempre imputado ao fato de seu pensamento não ter sido suficientemente nítido. Uma forma-pensamento tosca e indefinida faz apenas uma leve impressão, ainda assim com dificuldade, ao passo que a forma-pensamento nítida força os corpos mentais do auditório a tentar reproduzi-la.

O hipnotismo fornece exemplos da objetividade das formas-pensamento. É bem sabido que a forma-pensamento de uma idéia pode ser projetada em papel em branco e ali tornar-se visível para a pessoa hipnotizada, e pode, mesmo, fazer-se de tal modo objetiva, que a pessoa hipnotizada chega a vê-la e senti-la como se fosse um objeto físico real.

Existem, mais ou menos permanentemente, formas-pensamento de personagens da história, do drama, da ficção. Assim, por exemplo, a fantasia popular imaginou vívidos personagens e cenas de livros famosos, de histórias de fadas, como a Gata Borralheira, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, etc. Tais pensamentos são coletivos, e se condensaram como produtos da imaginação de inúmeros indivíduos.

As crianças têm imaginação vivaz e bem dotada, e os livros que elas lêem estão quase sempre representados no mundo das formas-pensamento, existindo muitos e excelentes retratos em tamanho natural de Sherlock Holmes e de outros personagens da ficção.

No todo, contudo, as formas-pensamento evocadas pelos romances de hoje não são de forma alguma tão claras como as que nossos antepassados fizeram de Robinson Crusoé, ou dos personagens de Shakespeare. Isso, naturalmente, é devido ao fato de as pessoas lerem hoje mais superficialmente, e com menos atenção do que o faziam outrora.

Já falamos sobre a gênese das formas-pensamento. Passaremos, agora, a considerar seus efeitos sobre seus criadores e sobre outros.

Cada homem, ao caminhar pela vida, produz três classes de formas-pensamento:

1) As que, não estando centralizadas em torno de quem pensa nem sendo especialmente dirigidas a quem quer que seja, vão ficando atrás dele como uma espécie de esteira que marca seu roteiro.

2) As que, sendo centralizadas em torno de quem pensa, pairam ao seu redor e seguem-no para onde quer que vá.

3) As que são lançadas para longe de quem pensa, dirigindo-se a um objetivo definido.

Uma forma-pensamento da Classe l, não sendo definidamente pessoal nem especialmente destinada a alguma outra pessoa, flutua, simplesmente, destacada na atmosfera, irradiando todo o tempo vibrações similares às que foram enviadas originalmente pelo seu criador. Se a forma não entrar em contacto com qualquer outro corpo mental, a radiação vai aos poucos exaurindo sua carga de energia, e, nesse caso, a forma se desfaz.

Mas se ela consegue despertar vibrações simpatizantes em qualquer corpo mental que esteja próximo, produz-se uma atração, e a forma-pensamento é quase sempre absorvida por esse corpo mental.

No presente estágio de evolução, a maioria das formas-pensamento dos homens costuma ser autocentralizada, mesmo quando elas não são ativamente egoístas. Esses pensamentos autocentralizados mantêm-se em torno do pensador. A maioria dos homens, realmente, circunda seus corpos mentais com uma casca de tais pensamentos. Eles pairam incessantemente em redor de quem os produziu e reagem constante-mente sobre seus criadores. Sua tendência é reproduzir-se, isto é, despertar no homem a repetição dos pensamentos que ele manteve antes. Muitos são os homens que sentem essa pressão vinda de dentro, essa sugestão constante de certos pensamentos, especialmente quando estão repousando, depois do trabalho, e não há pensamento definido em sua mente. Se os pensamentos são maus, pensarão neles, constantemente, como demônios tentadores, incitando-os ao pecado. Ainda assim, eles não deixam de ser sua própria criação: os homens são seus próprios tentadores.

Pensamentos repetidos dessa espécie têm parte importante na produção do que é chamado Prârabda, ou carma "maduro". Pensamentos persistentemente reiterados, da mesma espécie, de vingança, digamos, levam o homem, finalmente, ao ponto que pode ser comparado ao de uma solução saturada. Tal como a adição de um pouco mais do material da mesma espécie na solução irá produzir a solidificação do todo, o mesmo acontecerá com o menor impulso adicional, que resultará na perpetração de um crime. Da mesma forma, pensamentos reiterados de ajudar outros podem, ao surgir uma oportunidade, cristalizar-se em um ato de heroísmo. Sob tais circunstâncias, um homem pode espantar-se por ter cometido um crime ou por ter tido um ato heróico de auto-sacrifício, sem compreender que aquele pensamento repetido foi o que tornou a ação inevitável. A consideração de tais fatos explica bastante bem o velho problema do livre-arbítrio, da necessidade, ou do destino.
Ainda mais, as formas-pensamento de um homem tendem a trazer para ele as formas-pensamento de outros, que sejam da mesma natureza. Um homem pode, assim, atrair para si grande reforço de energia, vinda de fora. E está

nele, naturalmente, que essas forças atraídas sejam de boa ou má qualidade.

Habitualmente, cada pensamento definido cria uma nova forma-pensamento, mas se ela for da mesma natureza da que esteja pairando em torno do pensador, em vez de criar uma nova forma, o novo pensamento se une e reforça o antigo. Assim sendo, um longo meditar sobre o mesmo assunto pode levar o homem a criar uma forma-pensamento de tremendo poder. Se o pensamento for mau, essa forma-pensamento pode tornar-se uma verdadeira influência maligna durável talvez por muitos anos, com a aparência e poder de uma entidade viva real.

A casca do pensamento autocentralizado tende, obviamente, a obscurecer a visão mental, e facilita a formação do preconceito. Através dessa casca o homem olha para o mundo, vendo tudo, naturalmente, tingido com suas cores predominantes. Tudo quanto, de fora, o alcança é assim mais ou menos modificado pelo caráter da casca. Dessa forma, até que um homem tenha o completo controle do pensamento e do sentimento, nada vê como realmente é, já que suas observações têm de ser feitas através desse meio que, como um vidro mal feito, distorce e colora tudo.

Por esse motivo é que Àryasangha (agora Mestre Djwâl Kül), disse, na *Voz do Silêncio,* que a mente era "a grande assassina do real". Estava chamando a atenção para o fato de que não vemos objeto algum como ele é, mas apenas as imagens que podemos fazer dele; de forma que tudo está necessariamente colorido por essas formas-pensamento de nossa própria criação.

Se o pensamento de um homem sobre outro é meramente contemplativo e não envolve sentimento (tal como afeição ou antipatia), ou desejo (tal como a vontade de ver a pessoa), esse pensamento habitualmente não afeta perceptivamente o homem em quem ele pensa.

Se, contudo, houver sentimento, isto é, afeição associada com o pensamento, a forma-pensamento, construída com a matéria do corpo mental do pensador, atrai para si, também, matéria do corpo astral, e essa forma astro-mental salta do corpo em que foi gerada e segue diretamente para o objeto do sentimento, prendendo-se fortemente a ele.

Isso pode ser comparado à garrafa de Leyden: a forma da essência elemental corresponde à garrafa, e a energia-pensamento à carga de eletricidade.

Se o homem está, nesse momento, em condição pasSiva, e se tem dentro de si vibrações ativas de caráter harmonioso com os da forma-pensamento, essa forma-pensamento imediatamente se descarrega sobre ele, e nesse momento cessa de existir. O efeito é provocar uma vibração similar à sua, se nenhuma desse tipo existe, ou de intensificar a que já exista.

Se a mente do homem está tão fortemente ocupada com outras linhas de pensamento, que seja impossível à vibração encontrar uma entrada, a forma-pensamento paira sobre ele, esperando uma oportunidade para descarregar-se.

Uma forma-pensamento mandada de uma pessoa para outra envolve, assim, a transferência real de certa quantidade tanto de força como de matéria, da parte do pensador para a pessoa em quem ele pensa.

A diferença entre o efeito de uma onda-pensamento e o de uma forma-pensamento está em que a onda-pensamento, como vimos no Capítulo VII, não produz uma idéia definida e completa, mas tende a produzir um pensamento semelhante ao seu. Assim, a onda-pensamento é muito menos definida em sua ação, mas alcança um círculo bem mais amplo.

Uma forma-pensamento, por outro lado, conduz uma idéia completa e definida, transferindo a natureza exata do pensamento para

aqueles que estiverem preparados para recebê-la. Contudo, só pode alcançar uma pessoa de cada vez.

Assim, uma onda de pensamento é eminentemente adaptável. Uma onda de devoção, por exemplo, tenderia a despertar devoção naquele que a recebe, embora o objeto da devoção possa ser bastante diferente no caso de quem a envia e de quem a recebe. Uma forma-pensamento, entretanto, originaria uma imagem nítida do Ser pelo qual a devoção foi originalmente sentida.

Se o pensamento for suficientemente forte, a distância não faz qualquer diferença à forma-pensamento, mas o pensamento de uma pessoa comum é, quase sempre, fraco e difuso, portanto sem eficácia para além de uma área limitada.

Uma forma-pensamento, por exemplo, de amor ou desejo de proteger, dirigida fortemente para uma outra pessoa, vai para a pessoa pensada e permanece na sua aura como um agente de defesa e proteção; procurará todas as oportunidades de servir e defender, não por uma ação consciente e deliberada, mas seguindo um cego impulso que lhe foi impresso; fortalecerá forças amigas que se introduzem na aura, e enfraquecerá as inimigas. Assim são criados e mantidos verdadeiros anjos da guarda em torno daqueles que amamos. Muitas "preces" de mães por um filho distante circulam assim em torno dele, agindo da forma que foi descrita.

O conhecimento desses fatos deveria tornar-nos conscientes do enorme poder colocado em nossas mãos. Podemos repetir aqui o que foi dito quando tratávamos das ondas de pensamento, isto é, que há muitos casos em que nada podemos fazer por um homem no plano físico. O corpo mental (e o astral), contudo, podem ser afetados, e são, com freqüência, mais facilmente impressionáveis do que o corpo físico. Daí estar sempre aberta para nós a possibilidade de afetar seu corpo mental ou astral com pensamentos de auxílio, sentimentos afetuosos. etc. De acordo com as leis do pensamento, temos a certeza de que eles produzirão resultado. Não há possibilidade de fracasso, mesmo que não apareçam conseqüências óbvias no plano físico.

O estudante compreenderá facilmente que uma forma-pensamento pode afetar outra pessoa apenas se a aura dessa pessoa contiver material que responda com simpatia à vibração da forma-pensamento. Nos casos em que as vibrações da forma-pensamento estejam fora dos limites dentro dos quais a aura da pessoa visada é capaz de vibrar, a forma-pensamento retorna com a força proporcional à energia com que se chocou com a aura.

Por isso é que se diz que a mente pura e o puro coração constituem a melhor proteção contra assaltos inamistosos, porque mente e coração puros constróem corpos mental e astral de matéria fina e sutil, e tais corpos não podem responder a vibrações que requerem matéria tosca e densa.

Se um mau pensamento, projetado com intenção maléfica, fere um corpo assim purificado, voltará ao longo da linha magnética de menor resistência, e irá ferir aquele que o projetou. Este, tendo em seus corpos mental e astral matéria similar à da forma-pensamento que gerou, responde às vibrações correspondentes, e sofre os efeitos destrutivos que pretendera causar a outros. Assim "maldições (e bênçãos) procuram seu lugar certo para alojar-se". Daí surgem, também, os efeitos muito sérios de odiar ou suspeitar de um homem bom -e altamente desenvolvido: as formas-pensamento dirigidas para ele não o podem lesar, e voltam para quem as projeta, lesando-os mental, moral e fisicamente.

Quando um homem pensa em si mesmo como se estivesse num lugar distante, ou deseja ansiosamente ali estar, a forma-pensamento que ele faz de sua imagem aparece nesse lugar. Não é raro que tal forma seja vista por outros, e seja erroneamente tomada como o corpo astral ou aparições daquele próprio homem. Para que isso seja possível é preciso que o que vê tenha clarividência necessária na ocasião, a fim de ver a forma-pensamento, ou a forma-pensamento deve ser suficientemente forte para se materializar, isto é, para atrair em torno de si, temporariamente, uma certa quantidade de matéria física.

O pensamento que gera uma forma assim deve, necessariamente, ser forte, portanto emprega uma grande porção de matéria do corpo mental, de sorte que embora a forma seja pequena e comprimida, quando deixa o pensador, habitualmente expande-se até o tamanho natural antes de aparecer no lugar de seu destino. Ademais, uma forma-pensamento assim — que deve ser essencialmente composta de matéria mental — em muitíssimos casos também atrai para si uma quantidade considerável de matéria astral. Tomando a forma astral, o elemental mental perde muito de seu brilho, embora sua cor luminosa possa ainda ser claramente visível dentro da casca de matéria inferior em que se envolve. Tal como o pensamento original anima a essência elemental do plano mental, o mesmo pensamento atua como a alma do astral elemental.

Nada da consciência do pensador está incluído na forma-pensamento que acabamos de descrever. Uma vez que foi enviada por ele, torna-se normalmente uma entidade separada, não, de fato, inteiramente desligada do seu criador, mas praticamente desligada no que se refere à possibilidade de receber qualquer impressão através dela.

Há, contudo, um tipo de clarividência bastante mais adiantado do que o é a clarividência comum, necessitando certa quantidade de controle sobre o plano mental. É necessário manter certa conexão com ele, e certo poder sobre uma forma-pensamento recentemente criada para que se torne possível receber impressões através dela. As impressões feitas sobre a forma serão transmitidas ao pensador por vibração simpática. Num caso perfeito desse tipo de clarividência a coisa passa-se como se o vidente projetasse uma parte de sua consciência para dentro da forma-pensamento, e a usasse como uma espécie de posto avançado a partir do qual a observação fosse possível. Ele consegue ver quase tão bem como veria se ele próprio estivesse no lugar da forma-pensamento. As imagens que ele estiver contemplando aparecerão em tamanho natural e ao seu alcance, e ele poderá mudar seu ponto de visão se assim o quiser.

Qualquer pessoa que pensa, pode exercer o poder de criar formas-pensamento. Os pensamentos são coisas, e coisas muito poderosas: cada um

de nós está gerando formas-pensamento, incessantemente, noite e dia. Nossos pensamentos, ao contrário do que muitos poderão supor, *não* são excluSivamente nossos. Maus pensamentos, na verdade, vão mais longe do que as más palavras, pois podem afetar outras pessoas que já tenham em si os germes do mal.

Conforme .escreveu um Mestre, *"O homem está continuamente povoando sua corrente no espaço com um mundo que lhe é próprio, repleto dos rebentos da sua fantasia, de seus desejos, impulsos e paixões."*

Outro Mestre também escreveu dizendo que o Adepto pode *"projetar e materializar no mundo visível as formas que sua imaginação construiu usando a matéria cósmica inerte do mundo invisível. O Adepto nada cria de novo; apenas utiliza e manipula materiais que a Natureza armazena em torno dele, e materiais que, através de eternidades, passaram através de todas as formas. Ele nada mais tem a fazer senão escolher uma delas e chamá-la à existência objetiva".*

A diferença entre um homem não-desenvolvido e um homem desenvolvido está em que o homem desenvolvido usa conscientemente o poder do pensamento. Quando tal homem pode, conscientemente, criar e dirigir uma forma-pensamento, sua utilidade aumenta muitíssimo, obviamente, porque ele pode usar a forma-pensamento para trabalhar em lugares que, no momento, não tem possibilidade de visitar em seu corpo mental. Pode, assim, observar e guiar suas formas-pensamento e torná-las agentes de sua vontade.

Talvez o supremo exemplo de uma forma-pensamento seja aquele conhecido na Igreja Cristã como o Anjo da Presença. Não se trata de um membro do reino dos Anjos, mas de uma forma-pensamento do Cristo, usando sua aparência e sendo a extensão da consciência do próprio Cristo. É por meio do Anjo da Presença que se faz a mudança nos "elementos", conhecida como transubstanciação.

Fenômeno semelhante ocorre, embora em nível menos alto, nas Lojas Maçônicas onde haja um retrato do Chefe da Ordem. De tal maneira essa forma-pensamento é uma parte dele, que a Loja se beneficia de sua presença e de sua bênção, tal como se ele ali estivesse em corpo físico.

É possível, pelo uso da força de vontade, dissipar, instantaneamente, um elemental artificial, ou forma-pensamento, tal como é possível, no plano físico, matar uma cobra venenosa a fim de que não mais faça mal. Nenhum verdadeiro ocultista, contudo, apelaria para tais ações, exceto em circunstâncias muito especiais. A fim de tornar clara a razão disto é necessário que se dê uma pequena explicação sobre a essência elemental.

A essência elemental, da qual é construída a forma-pensamento, como já vimos, desenvolve-se por sua própria conta, isto é, está aprendendo a vibrar em todos os ritmos possíveis. Quando, portanto, um pensamento se apossa dela durante algum tempo, vibrando a um certo ritmo, é ajudada nesse sentido, de forma que na próxima vez que vibração semelhante a tocar, responderá muito mais facilmente do que antes.

Se o pensamento que a anima é mau ou bom não faz diferença alguma à essência. Tudo quanto é preciso para o seu desenvolvimento é que seja usada por pensamento de qualquer espécie. A diferença entre o bom e o mau será demonstrada pela qualidade da essência que for afetada; o pensamento

ou desejo mau necessita, para se expressar, de matéria mais grosseira; o pensamento ou desejo mais elevado requer matéria mais fina.

Assim, pouco a pouco, a essência elemental vai evoluindo, através da ação exercida sobre ela pelos pensamentos dos homens, pelos espíritos-da-natureza, pelos devas, e mesmo pelos animais, tanto quanto estes pensam.

Por este motivo, portanto, isto é, para de forma alguma impedir a evolução dele, o ocultista evita, quando possível, a destruição de um elemental artificial, preferindo antes defender a si e a outros, por meio de uma concha ou casca de matéria adequada.

O estudante não deve, naturalmente, imaginar que seja de seu dever articular pensamentos grosseiros a fim de ajudar a evolução dos tipos mais grosseiros da essência. Há muitíssimas pessoas não-desen-volvidas articulando sempre pensamentos os mais grosseiros e mais baixos. O ocultista deve esforçar-se por pensar sempre pensamentos altos e puros, e assim ajudar a evolução da matéria elemental mais fina, pois estará trabalhando num campo onde ainda há poucos trabalhadores.

Antes de deixarmos este assunto sobre as formas-pensamento, devemos notar que cada som faz sua impressão na matéria astral como na mental — não só o que chamamos sons musicais, mas os de qualquer outra espécie. Alguns deles foram descritos em *O Corpo Astral.*

A forma-pensamento ou templo construído em planos superiores durante a celebração da Eucaristia Cristã, difere, de certa forma, das formas-pensamento comuns, embora tenha muito em comum com as formas-pensamento criadas pela música. Consiste de uma estrutura composta de materiais fornecidos pelo padre e sua congregação, durante a parte inicial da cerimónia, nos níveis etérico, astral e mental, sendo depois introduzida na parte seguinte da cerimónia, matéria de níveis ainda mais elevados, fornecida pela hoste angélica.

O templo mental pode ser comparado ao condensador de uma instalação para destilar água. O vapor é resfriado e convertido em água, na câmara de condensação. Da mesma maneira, o templo eucarístico fornece um veículo para recolher e condensar o material propiciado pelos fiéis, e no qual um fluxo especial de força divina, vindo dos mais elevados níveis, pode descer, e assim permitir que os anjos auxiliares usem essa força para certos objetivos definidos no mundo físico.

As cerimônias de todas as grandes religiões objetivam produzir esses resultados por uma espécie de ação comum. As cerimônias da Franco-Maçonaria alcançam objetivo similar, embora de maneira diferente. A forma-pensamento construída por uma cerimônia maçônica é o verdadeiro "dossel celeste" que pode ser também visto como a aura de um homem deitado de costas. Esse simbolismo aparece em outros lugares, como, por exemplo, no casaco multicolorido de José, no Manto de Glória que o iniciado usa, e também no *augoeides* * dos filósofos gregos, corpo glorificado no qual a alma do homem mora no sutil mundo invisível.

* Veja pág. 157.

CAPÍTULO IX

O MECANISMO DA TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

Antes de passarmos a considerar o fenômeno da transmissão do pensamento e seus efeitos sobre os homens, será conveniente descrever, primeiro, o mecanismo através do qual o pensamento é transmitido de uma pessoa para outra.

A palavra telepatia significa, literalmente, "sentir à distância" e pode, portanto, ser apropriadamente confinada à transmissão dos sentimentos e emoções. Agora, contudo, é geralmente usada quase como sinônimo de transmissão do pensamento, e pode ser usada para cobrir qualquer transmissão de uma imagem, pensamento, ou sentimento, de uma pessoa para outra, por meios não-físicos.

Há três possibilidades na telepatia: pode haver comunicação direta, primeiro, entre dois cérebros etéricos; em segundo lugar, entre dois corpos astrais, e em terceiro lugar, entre dois corpos mentais.

No primeiro método, que podemos chamar de método físico ou etérico, um pensamento causa vibrações antes no corpo mental, depois no corpo astral, e a seguir no cérebro etérico, para ir ter, finalmente, às densas moléculas do cérebro físico. O éter físico é afetado pelas vibrações cerebrais, e as ondas se difundem até atingir outro cérebro, onde instalam vibrações em suas partículas etéricas e densas. Estas vibrações no cérebro que as recebem são transmitidas, então, aos corpos astral e mental a ele ligados, e assim atingem a consciência.

Se o cérebro físico de uma pessoa cria uma forma concreta forte, esta se reveste de matéria etérica; no esforço de realizar a imagem, ela também envia ondas etéricas em todas as direções. Não é a própria imagem que é enviada, mas uma série de vibrações que reproduzirão a imagem. O processo é, de certa forma, análogo ao do telefone, onde a própria voz não é enviada, mas um certo número de vibrações elétricas produzidas pela voz, que, ao entrarem no receptor, são uma vez mais convertidas na voz.

A glândula pineal é o órgão da transmissão do pensamento, tal como o olho é o órgão da visão. A glândula pineal, na maior parte das pessoas, é rudimentar, mas está evoluindo e não retrogradando, e é possível apressar a sua evolução de forma que ela possa exercer sua função própria, a função que, no futuro, ela dará a todos.

Se alguém pensa detidamente numa só idéia, com atenção concentrada e contínua, irá tornar-se consciente de um ligeiro tremor, ou sensação de formigamento na glândula pineal. O tremor é produzido no éter que satura a glândula e gera leve corrente magnética que ocasiona a sensação de tremor nas moléculas densas da glândula. Se o pensamento for bastante forte para causar a corrente, então o pensador sabe que teve sucesso no levar seu pensamento a uma agudeza e a uma força que o tornam capaz de ser transmitido.

A vibração do éter na glândula pineal produz ondas no éter circundante, como ondas de luz, apenas menores e mais rápidas. Essas vibrações se difundem em todas as direções, movimentando o éter, e essas ondas etéricas, por sua vez, produzem vibrações no éter da glândula pineal de outro cérebro, e dali são transmitidas para os corpos astral e mental, em sucessão regular, conforme descrevemos antes, chegando dessa forma à consciência. Se a segunda glândula pineal não pode reproduzir as

ondulações, então o pensamento passará despercebido, sem fazer impressão, tal como as ondas de luz não impressionam os olhos de um cego.

No segundo método, ou método astral de transmissão de pensamento, o cérebro etérico não entra no processo, a comunicação se faz diretamente de um corpo astral para outro.

No terceiro método, ou método mental, o pensador, tendo criado um pensamento no plano mental, não o envia ao cérebro, mas dirige-o imediatamente ao corpo mental de outro pensador. O poder de fazer isso deliberadamente implica numa evolução mental muitíssimo mais alta do que a do método físico da transmissão do pensamento, porque quem envia deve estar autoconsciente no plano mental, a fim de exercer essa atividade com todo o conhecimento.

Quando a humanidade for mais evoluída, esse será, provavelmente, o método comum de comunicação. Ele já é empregado pelos Mestres na instrução de seus discípulos. Dessa maneira podem transmitir com facilidade as idéias mais complicadas.

CAPÍTULO X

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

(INCONSCIENTE)

Nos Capítulos VII e VIII tratamos da geração de ondas de pensamentos e de formas-pensamento, e, até certo ponto, do efeito delas nos outros. Esse último aspecto do nosso assunto é suficientemente importante para merecer maior atenção. Trataremos, em primeiro lugar, da espécie de transmissão de pensamento que é de todo, ou parcialmente, inconsciente.

Do que já ficou dito depreende-se que todo homem, para onde quer que vá, deixa atrás de si uma esteira de pensamentos. Ao caminharmos por uma rua, por exemplo, estamos caminhando todo o tempo entre um mar de pensamentos de outros homens. Toda a atmosfera está repleta deles, vagos e indeterminados que são.

Se o homem deixa sua mente em branco, por algum tempo, esses pensamentos residuais, gerados por outras pessoas, derivam através dela, causando pouca impressão, na maioria dos casos, mas ocasionalmente, podem afetá-la seriamente. Às vezes ocorre que um desses pensamentos atrai a atenção do homem, de forma que sua mente apodera-se dele e o torna seu por alguns momentos; fortalece-o acrescentando-lhe a sua força, e depois atira-o para fora a fim de afetar outra pessoa.

O homem, portanto, não é responsável por um pensamento que descai *para dentro* da sua mente, porque tal pensamento não lhe pertence; é de outra pessoa. Torna-se responsável, contudo, se o aceita, se o mantém e depois o envia para fora fortalecido.

Tal mistura de pensamentos vindos de tantas fontes não tem coerência definida, embora cada um deles possa iniciar uma linha de idéias associadas e pôr a mente em funcionamento por sua própria conta.

Muitos homens, se pudessem examinar a corrente de pensamentos que passa através de suas mentes, ficariam surpresos, provavelmente, ao descobrir quantas inúteis e ociosas fantasias entram e saem de suas mentes, num curto período de tempo. Nem uma quarta parte de tais pensamentos lhes pertence. Na maioria dos casos são inteiramente inúteis e sua tendência geral é serem antes maus do que bons.

Assim, os homens continuam a afetar-se mutuamente pelos pensamentos enviados, em sua maioria, sem intenção definida. A opinião pública, realmente, é em grande parte criada dessa maneira, porque a opinião pública, em grande extensão, é transmissão de pensamento. Muitas pessoas pensam de determinada maneira não porque tivessem pensado cuidadosamente no assunto por si mesmas, mas porque grande número de outras pessoas está pensando daquela maneira e leva as demais com elas. O pensamento forte de um pensador poderoso vai para o mundo mental e é captado pelas mentes receptivas e responSivas. Elas reproduzem as suas vibrações, fortalecem o pensamento, e assim os pensamentos se tornam cada vez mais fortes, e influenciam, com o tempo, uma grande quantidade de pessoas.

Se considerarmos essas formas-pensamento na massa, é fácil compreender o tremendo efeito que têm na produção dos sentimentos nacionais e raciais,

criando dessa forma preconceitos coletivos. Todos crescemos numa atmosfera repleta de formas-pensamento que englobam certas idéias: preconceitos nacionais, formas nacionalistas de ver as coisas, tipos nacionalistas de pensamentos e sentimentos, tudo isso nos move desde o nascimento, e mesmo antes. Tudo é visto através dessa atmosfera; cada pensamento é mais ou menos refratado por ela, e nossos próprios corpos mental e astral vibram de acordo com ela. Quase todos são dominados pela atmosfera nacional: a "opinião pública", uma vez formada, balança as mentes da grande maioria, batendo incessantemente sobre seus cérebros e despertando neles vibrações responSivas. Dormindo ou acordados que estejamos, essas influências nos movem, e é nossa própria inconsciência disso que as faz mais eficazes. Sendo a maioria das pessoas, por sua natureza, mais receptivas do que criativas, agem quase como fatores de reprodução dos pensamentos que lhes chegam, e assim a atmosfera nacional é constantemente intensificada.

O resultado inevitável desse estado de coisas é que as nações, recebendo impressões de outras nações, modificam-nas com seu próprio ritmo de vibrações. Por isso, os povos de diferentes nações, vendo os mesmos fatos, acrescentam a eles suas próprias predisposições e muito honestamente acusam-se mutuamente de falsificar os fatos e usar métodos desleais. Se essa verdade e sua inevitabilidade fossem reconhecidas, muitos conflitos internacionais se abrandariam mais facilmente do que acontece agora, e muitas guerras poderiam, mesmo, ser evitadas. Então, cada nação reconheceria a "equação pessoal", e, em lugar de culpar a outra pela diferença de opinião, procuraria o meio-termo entre dois pontos de vista, não insistindo na preponderância de um deles.

Muitos homens jamais se esforçam para exercer uma real discriminação própria, e são incapazes de se libertarem da influência da grande porção de formas-pensamento que constituem a opinião pública. Daí nunca verem realmente a verdade, nem sequer saber da sua existência, satisfazendo-se, como se satisfazem, em aceitar aquela gigantesca forma-pensamento. Para um ocultista, entretanto, a primeira coisa é obter uma visão clara e despida de preconceito sobre todas as questões: vê-las como de fato são, e não como certo número de pessoas supõe que elas sejam.

Para garantir essa nitidez de visão, faz-se necessária uma incessante vigilância. Detectar a influência da grande forma-pensamento que está planando sobre nós não é o mesmo que ter capacidade para desafiar essa influência. Sua pressão está sempre presente, e bem inconscientemente podemos nos surpreender cedendo a ela em toda a sorte de assuntos menores, mesmo quando nos mantemos de fora no que se refere aos pontos importantes. Nascemos sob essa pressão, tal como nascemos sob a pressão da atmosfera, e somos tão inconscientes de uma coisa como de outra. Para o ocultista é imperioso aprender a libertar-se inteiramente dessa influência, e encarar a verdade tal como é, não deformada por essas gigantescas formas-pensamento coletivas.

A influência de pensamentos agregados não está confinada àquela que eles exercem sobre os veículos mais sutis do homem. Formas-pensamento de tipo destrutivo atuam como energia desagregadora, e podem, muitas vezes, produzir grandes estragos no plano físico. São as fontes férteis dos "acidentes", das convulsões naturais, tempestades, ciclones, furacões, terremotos, inundações, etc. Podem gerar guerras, revoluções e perturbações sociais, bem como sublevações de todos os tipos. Epidemias, ciclos de crimes e de acidentes têm explicação semelhante. Formas-

pensamento de cólera ajudam a perpetração de um assassinato. Assim, em todas as direções e de infinitas maneiras, os maus pensamentos dos homens ocasionam desgraças, reagindo sobre eles próprios e sobre os outros.

Voltando-nos agora para os efeitos produzidos, mais especificamente, pelos pensamentos do indivíduo, o estudante recordará que em O *Corpo Astral* descrevemos, como exemplo, os efeitos produzidos no corpo astral de um homem, por um ímpeto de sentimento devocional. Tal *sentimento* devocional é quase sempre acompanhado também por *pensamentos* de devoção, que, embora formados, originalmente, no corpo mental, atraem uma grande quantidade de matéria astral, de modo que podem agir tanto no mundo mental como no mundo astral. Um homem desenvolvido, portanto, é centro de ondas devocionais, que devem, inevitavelmente, influenciar outras pessoas, tanto em seus pensamentos como em seus sentimentos. O mesmo acontece, naturalmente, no caso de afeição, cólera, depressão, e todos os demais sentimentos.

Outro exemplo típico é o das correntes de pensamento que fluem de um conferencista, bem como as correntes de compreensão e apreciação que se erguem do auditório e se reúnem às do orador.

Com freqüência ocorre que o movimento dos pensamentos do conferencista desperta resposta simpática nos corpos mentais do auditório, de forma que, na ocasião, os que ouvem ficam capacitados para compreender o que ele fala. Mais tarde, contudo, quando o estímulo do orador já não está presente, eles esquecem e já não conseguem compreender o que antes lhes parecera tão claro.

O pensamento crítico, por outro lado, causa um ritmo oposto de vibração, rompendo o fluxo e tornando-o confuso. Diz-se que quem quer que tenha visto esse efeito dificilmente se esquecerá da lição objetiva.

Ao ler um livro, o pensamento de um homem pode atrair a atenção da pessoa que o escreveu, se estiver em seu corpo astral, ou durante o sono ou depois da morte física. O escritor, assim atraído pelo leitor, pode envolvê-lo em sua atmosfera tão fortemente como se estivesse pessoalmente presente.

Da mesma maneira, também, o pensamento do estudante pode atrair para si os pensamentos de outras pessoas que tenham estudado o mesmo assunto.

Um exemplo excelente do efeito, sobre os vivos, dos pensamentos de um homem fora de seu corpo, ocorre quando um homem é executado, por assassinato, digamos, e quando se vinga instigando outros assassinatos. Essa é uma explicação, realmente, para esses ciclos de crimes que de vez em quando ocorrem nas comunidades.

O efeito dos pensamentos sobre as crianças é especialmente marcado. Tal como o corpo infantil é plástico, e facilmente moldável, também assim o são tanto seu corpo mental como o astral. O corpo mental de uma criança bebe nos pensamentos dos outros como uma esponja sorve água, e embora possa ser jovem demais para reproduzi-los agora, a semente dará frutos na estação apropriada. Daí a imensa importância de se rodear a criança de uma atmosfera nobre e destituída de egoísmo.

Para um clarividente é uma visão terrível ver a encantadora brancura da alma e da aura das crianças tornar-se, dentro de alguns anos, manchada,

aviltada e obscurecida pelos pensamentos egoísticos, profanos e impuros dos adultos que as rodeiam. Só o clarividente sabe quão grande e quão rápido seria o desenvolvimento do caráter de uma criança se o caráter dos adultos fosse melhor.

Embora jamais seja correto querer dominar o pensamento e a vontade de outrem, mesmo que a finalidade possa parecer boa, entretanto é recomendável fixar os pensamentos nas boas qualidades de um homem, tentando fortalecer-lhe as boas características. Ao contrário, pensar nos defeitos ou más qualidades de um homem é fortalecer as tendências indesejáveis, ou mesmo produzir más qualidades onde elas não existiam, ou estavam apenas em estado latente.

Assim, para tomar um exemplo simples, suponhamos que um grupo de pessoas que se dão aos mexericos e ao escândalo acusem outros de ciúme. Imediatamente essas pessoas começam a instilar em sua infeliz vítima correntes de pensamento sugerindo ciúme. Se a vítima já tiver tendência para isso, é óbvio que essa tendência será grandemente intensificada por essa catarata de pensamentos. Mesmo que ela esteja completamente livre de tal sentimento, os que pensam e falam sobre esse seu imaginário defeito estão fazendo o máximo para criar na pessoa visada o seu próprio defeito, e disso se regozijam tão cruelmente.

O mal feito pelo mexerico e pela maledicência é quase imensurável. O estudante recordará a forte acusação lançada contra essas más práticas no livro *Aos Pés do Mestre.* A forma pela qual a crítica de um verdadeiro ocultista se exerce será a daquele que aponta uma pérola tão animadamente como tantos de nossos modernos críticos apontam um erro.

Assim, a possibilidade — ou antes, a inevitabilidade — de poder afetar outros, para o bem ou para o mal, pelo poder do pensamento, coloca um tremendo instrumento nas mãos de todos que desejem manejá-lo.

Imagens astromentais, isto é, formas-pensamento com as quais a emoção ou o sentimento estão também associados, têm parte, que não é pequena, na formação de vínculos cármicos com outras pessoas. Assim, suponhamos, para tomar um exemplo extremo, um homem que lance pensamentos de ódio amargo e vingança ajuda a formar em outro homem o impulso que resulta em assassínio. O criador desse pensamento fica necessariamente ligado pelo seu carma àquele que comete o crime, mesmo que jamais o tenha visto no plano físico. A ignorância, ou a ausência de lembrança, não faz fracassar o trabalho da lei cármica, e o homem deve, portanto, colher os resultados de seus pensamentos e sentimentos tal como colhe os de suas ações físicas. Em geral, as imagens mentais que um homem forma, vão influenciar amplamente seu ambiente futuro. Dessa maneira se formam os laços que vinculam as pessoas para o bem ou para o mal, em vidas posteriores; rodeiam-nos de parentes, amigos e inimigos; põem em nosso caminho os que ajudam e os que entravam, pessoas que nos amam sem que tenhamos ganho esse amor nesta vida, e que nos odeiam, sem que nada tenhamos feito para merecer esse ódio. Por isso, nossos pensamentos, por sua ação direta sobre nós próprios, não só produzem nosso caráter mental e moral, mas também pelos seus efeitos sobre outros, ajudam a determinar nossos associados humanos no futuro.

É possível, naturalmente, e em grande parte, proteger-nos da incursão de formas-pensamento exteriores, construindo em torno de nós uma parede feita de substância da aura. A matéria mental, como vimos, responde muito

facilmente ao impulso do pensamento e pode ser modelada, com igual facilidade, em qualquer feitio que desejarmos. A mesma coisa pode ser feita com matéria astral, conforme vimos em O *Corpo Astral.*

Todavia, usar uma concha ou casca para nós próprios, é, até certo ponto, confissão de fraqueza, já que a melhor proteção será a radiante boa vontade, e a pureza, que varrerão para longe tudo quanto seja indesejável, numa poderosa torrente de amor.

As ocasiões em que uma concha pode ser necessária para nosso uso, são: 1) quando entramos num grupo promíscuo; 2) na meditação, de que trataremos no Capítulo XVI; 3) quando o sono se aproxima, de que trataremos no Capítulo XVIII; 4) sob condições especiais, quando sem esse auxílio os pensamentos inferiores podem forçar a entrada, assunto de que trataremos no Capítulo XIII.

Uma concha tem vários usos quando ajuda outras pessoas, e um "auxiliar invisível" com muita freqüência irá considerá-la inestimável no auxílio ao homem que ainda não é forte bastante para proteger-se, quer contra ataques definidos e intencionais que vêm de fora, quer contra o permanente rodopio dos pensamentos monótonos e errantes.

Parece não haver dúvida de que os animais que vivem num mundo de emoções possuem a faculdade telepática de enviar impulsos emocionais a outros de sua espécie, à distância. Na verdade, William J. Long, em seu fascinante livro, *Como os Animais Falam,* declara que tem motivos para acreditar que esse método de comunicação silenciosa é a linguagem comum de todo o reino animal.

Numerosos exemplos são dados por esse arguto observador da vida animal. Um *setter* chamado Don, parecia saber, sempre, quando seu dono estava chegando à casa, mesmo quando o fazia em ocasiões pouco comuns e inesperadas. Sabia, também, quando chegavam os sábados e os feriados, e quando seu dono pretendia levá-lo a passeio pelos bosques. Outro cão chamado Watch, segundo observação repetida, ia ao encontro do dono em horas diferentes, poucos momentos depois que seu dono saía de seu trabalho que ficava a três ou quatro milhas de distância, guiando um carro puxado por um cavalo. Entre esse cavalo e aquele cão havia uma forte amizade.

Todo cavaleiro conhece a facilidade com que se comunica seu medo ou nervosismo ao cavalo que monta. Se um filhote de lobo desgarra-se da matilha, a loba-mãe, em lugar de procurar o filhote, segundo se observou, permanece quieta, levanta a cabeça e olha com firmeza na direção do filhote, após o que este último fica hesitante, volta-se, e vem reunir-se rapidamente à matilha. Uma raposa parece trazer a família sob perfeito controle a todo o momento, sem emitir um som. Olha para os filhotes com firmeza, e eles instantaneamente cessam suas brincadeiras, metem-se na toca, e ali permanecem até que a mãe retorne da caçada. Um lobo ferido, depois de ficar a sós por alguns dias, foi ter diretamente à carcaça de um animal que estava a oito ou dez milhas de distância, e que a matilha matara naquele meio-tempo; foi diretamente, sem haver nenhuma trilha para seguir.

Um capitão, chamado Rule, observou que no momento em que feriu um cachalote, todos os outros cachalotes, num círculo de dez milhas, davam volta às caudas, como se também eles tivessem sido arpoados. Certos

pássaros selvagens aparecem nos quintais no momento em que outros animais estão se alimentando, e nunca a uma outra hora. O "exercício-de-asas" dos estorninhos são um fenômeno que só parece explicável pela hipótese telepática. Observação idêntica aplica-se aos movimentos dos bandos de tarambolas.

Muitos caçadores têm observado que quando saem sem arma, sem a intenção de matar, vêem, com freqüência, grande quantidade de animais selvagens, e deles se aproximam bem perto, mas quando saem armados, e com o desejo de matar, percebem que os animais estão inquietos, cheios de suspeitas, e ficam à distância. Um caçador, que percebera que essa excitação é transmitida ao animal pelo homem, controlou-a física e mentalmente e viu que podia aproximar-se de sua presa muito mais facilmente do que o fizera antes de aprender essa lição. A herdade desse fato está provada pela quantidade de peles de tigres que ele já havia colecionado.

William J. Long afirma, ainda, que conheceu muitos índios e outros que possuíam o que certos africanos chamam "chumfo", que atua como se fosse um sentido diferente e que avisa da aproximação do perigo, etc., mesmo, muitas vezes, em circunstâncias que excluem a possibilidade da chegada de qualquer informação através dos cinco sentidos normais.

Leitores que estejam interessados neste assunto em particular e na vida dos animais em geral, são calorosamente aconselhados a ler *Como os Animais Falam,* e outros livros de William J. Long.

CAPÍTULO XI

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

(CONSCIENTE) E CURA MENTAL

Está dentro das possibilidades de quase todas as pessoas, contanto que desejem dedicar esforço, tempo, e perseverança necessários, e sejam capazes de pensamento claro e firme, convencerem-se de que lhes é possível a transmissão de pensamento, e tornarem-se, mesmo, moderadamente eficientes nessa arte. Há, naturalmente, considerável literatura sobre o assunto, tal como nos *Relatórios da Sociedade de Pesquisas Psíquicas.*

Os dois parceiros na experiência devem combinar uma hora que seja mutuamente conveniente, destinando, digamos, dez ou quinze minutos por dia à tarefa. Cada um deles deve assegurar-se de que não sofrerá interrupção de espécie alguma. Uma dessas pessoas deve ser a que projeta o pensamento, ou o transmissor, e a outra o receptor. Na maioria dos casos é desejável que se alternem os papéis, a fim de evitar o risco de uma delas se tornar anormalmente pasSiva. Além disso é possível que se descubra que uma é muito melhor na transmissão, e a outra na recepção.

O transmissor deve selecionar um pensamento — que pode ser qualquer coisa, desde uma idéia abstraía até um objeto concreto, ou uma simples figura geométrica — concentrar-se nele, e querer gravá-lo na mente do amigo. Não seria necessário insistir em que a mente deve estar inteiramente concentrada naquela condição graficamente descrita por Patanjali como "unidirecional". É bom que os inexperientes não tentem concentrar-se por tempo demasiado longo; a atenção titubeia e se distrai, podendo originar um mau hábito ou causar tensão que leva à fadiga. Para muitos, se não para todos, segundos são mais seguros do que minutos.

O receptor, colocando o corpo na posição mais confortável possível, a fim de que nenhum incômodo corporal o distraia do assunto em pauta, deve tornar a mente vazia — tarefa nada fácil para principiantes, mas bastante simples desde que se adquira o "jeito" — e anotar os pensamentos que passam pela mente. Deve escrever esses pensamentos à proporção que surgem. Seu único cuidado é de permanecer passivo: nada rejeitar, nada encorajar.

O transmissor deve manter, igualmente, um registro dos pensamentos que envia, e, a intervalos convenientes, as duas anotações devem ser comparadas.

A não ser que os experimentadores sejam anormalmente deficientes no uso da vontade e no controle do pensamento, algum poder de comunicação se estabelecerá em poucas semanas, ou meses em último caso. O autor deste livro soube de casos em que isso aconteceu logo na primeira vez.

O estudante de ocultismo "branco", desde que se certifique da possibilidade da transmissão do pensamento, não se contentará com experimentos académicos tais como foram descritos acima, ou com o simples envio de bons pensamentos aos amigos, por muito úteis que eles possam ser, pois há finalidades muito mais importantes, em que usar seus poderes.

Assim, para dar um exemplo óbvio, suponhamos que o estudante deseje ajudar um homem que esteja sob o domínio de um hábito nefasto como o da bebida. Deve primeiro certificar-se sobre as horas em que é provável que a mente do paciente esteja desocupada — tal como a hora de dormir. Se o homem estiver adormecido será muito melhor.

Nessa hora, o transmissor deve sentar-se, a sós, e imaginar o paciente sentado diante dele. Formar o quadro com grande clareza não é essencial, embora o processo se torne mais eficaz se a imagem puder ser formada vividamente, com clareza, e com pormenores.

Se o paciente estiver dormindo, será atraído para a pessoa que pensa nele, e animará sua própria imagem que pelo outro foi formada.

O estudante deve então, com inteira concentração da mente, fixar sua atenção na imagem e dirigir-lhe os pensamentos que deseja ver impressos na mente do paciente. Deve apresentar estes pensamentos como nítidas imagens mentais, tal como se estivesse argumentando ou dialogando com ele.

Deve haver cuidado para não tentar controlar a vontade do paciente, de forma alguma. O esforço deve ser feito apenas no sentido de colocar diante de sua mente idéias que, apelando para a sua inteligência e para as suas emoções, possam ajudá-lo a formar um julgamento correio e a se esforçar para pôr em prática o que se debateu.

Se tentarmos *impor* nele uma determinada linha de conduta, e a tentativa tiver sucesso, ainda assim pouco, ou quase nada, foi ganho. Porque, em primeiro lugar, o efeito enfraquecedor da compulsão em sua mente pode causar-lhe conseqüências piores que o mal de que foi salvo. Em segundo lugar, a tendência mental para a autocomplacência viciosa não será modificada opondo-se-lhe obstáculos. Controlado numa direção, ele encontrará outra, e um novo vício suplantará o antigo. Assim, o homem levado à força a fazer-se sóbrio através do domínio de sua vontade, não estará curado do vício mais do que se tivesse sido encerrado numa prisão.

À parte essa consideração prática, é em princípio inteiramente errado, para um homem, tentar impor sua vontade sobre outro, mesmo para levá-lo a agir corretamente. O verdadeiro progresso não é auxiliado pela coação externa. A inteligência deve ser convencida, as emoções despertadas e purificadas, se quisermos obter resultados positivos.

Se o estudante deseja dar qualquer outro tipo de auxílio mediante seu pensamento, deve proceder de forma similar. Conforme vimos no Capítulo VIII, um forte desejo pelo bem de um amigo, enviado a ele como intervenção protetora geral, permanecerá em torno dele como uma forma-pensamento durante o tempo proporcional à força do pensamento, e irá guardá-lo contra o mal, agindo como barreira em relação a pensamentos hostis, e mesmo desviando perigos físicos. Um pensamento de paz e consolo mandado da mesma forma, abrandará e acalmará a mente, espalhando em torno de seu objetivo uma atmosfera de serenidade.

Fica assim claro que a transmissão de pensamento está intimamente associada à cura pela mente, que se dirige à transmissão de bons e fortes pensamentos do operador para o paciente. Exemplos disso são a Ciência Cristã, a Ciência Mental, a Cura pela Mente, etc.

Nos métodos em que se tenta curar um homem simplesmente por acreditar que ele está bem, grande quantidade de influência hipnótica se exerce, freqüentemente. Os corpos etérico, astral e mental do homem estão em tão íntima conexão, que se um homem acredita, mentalmente, que está bem, sua mente pode forçar o seu corpo a entrar em harmonia com o estado mental existente, e assim produzir a cura.

H. P. Blavatsky considerava legítimo, e mesmo sensato, o uso do hipnotismo para retirar uma pessoa da embriaguez, por exemplo, contanto que o operador soubesse o bastante para poder romper o hábito e libertar a vontade do paciente, de forma que ele próprio se colocasse contra o vício visado. Como a força de vontade do paciente ficou paralisada pelo vício da bebida, o hipnotizador usa a força do hipnotismo como expediente temporário que permita ao homem recuperar a vontade e a reafirmá-la.

As doenças nervosas cedem muito rapidamente ao poder da vontade, porque o sistema nervoso foi modelado para expressar os poderes espirituais no plano físico. Os resultados mais rápidos são obtidos quando se trabalha primeiro sobre o sistema simpático, porque esse sistema é o mais diretamente relacionado com a vontade sob a forma de desejo, e o sistema cérebro-espinal está mais diretamente relacionado com o aspecto do conhecimento e da vontade pura.

Outro método de cura exige que o operador primeiro descubra, com exatidão, o que está errado, para formar a imagem do órgão doente, e depois pensar nele como devia ser, isto é, curado. Na forma-pensamento mental que ele assim criou, constrói, depois, matéria astral, e então, pela força do magnetismo, densifica ainda mais essa matéria com matéria etérica. Por fim, acrescenta material mais denso de gases, líquidos e sólidos, utilizando a matéria disponível no corpo do paciente. Qualquer deficiência é suprida do exterior.

É óbvio que tal método demanda pelo menos alguma idéia de anatomia e fisiologia. Apesar disso, no caso de um estágio avançado de evolução, a vontade do operador que careça de conhecimento em sua consciência física pode ser guiada por planos superiores.

Nas curas efetuadas por este método não há o mesmo perigo que acompanha aquelas em que foi usado o método mais fácil, portanto mais comum, de trabalhar sobre o sistema simpático citado acima.

Há, entretanto, certo perigo na cura pelo poder da vontade, isto *é,* o perigo de levar a doença para um veículo superior. A doença sendo, com freqüência, o trabalho final de um mal previamente existente em planos superiores, será melhor deixar que ela própria se desfaça sem ser controlada à força e sem atirá-la a veículos mais sutis.

Se ela for o resultado de desejos ou pensamentos maus, então os meios físicos de cura são preferíveis aos mentais, porque os meios físicos não podem atirar o distúrbio para planos superiores, como pode acontecer se meios mentais forem empregados. Por isso o mesmerismo é um processo adequado, pois que é físico (ver *O Corpo Etérico).*

Um verdadeiro método de cura é o que torna os corpos mental e astral perfeitamente harmoniosos, mas esse método é muito mais difícil e não tão rápido como o que emprega a vontade. Pureza de mente e de emoção significam saúde física. Assim, uma pessoa, cuja mente é perfeitamente

pura e equilibrada não produzirá novas doenças corporais, embora possa ter ainda algum carma para saldar, ou estar com alguma desarmonia .criada por outros.

Há, naturalmente, outros métodos para o uso do poder do pensamento na cura, já que a mente é o único e grande poder criativo no universo, divino no universo, humano no homem. Do mesmo modo que pode criar, a mente pode restaurar. Onde há lesão, a mente pode levar sua força para curá-la.

Podemos notar também, de passagem, que o poder da "fascinação" (ver O *Corpo Astral) é,* simplesmente, o de fazer uma clara e forte imagem mental e depois projetá-la na mente de outra pessoa.

O auxílio que se dá a outrem através da oração é, em grande parte, do tipo que acabamos de descrever; a freqüente eficácia da prece comparada com a dos comuns bons desejos é atribuível à maior concentração e intensidade postas pelo crente piedoso em sua oração. Concentração e intensidade semelhantes, sem o uso da prece, trariam resultados idênticos. O estudante deve ter em mente que nos estamos referindo, aqui, aos efeitos da prece produzidos pelo poder do pensamento daquele que reza. Há, naturalmente, outros resultados da oração, devido ao fato de ser alertada a atenção de algumas inteligências desenvolvidas como humanas, super-humanas, e mesmo não-humanas, que pode resultar em auxílio direto dado por um poder superior ao que possa possuir quem está rezando. Com esse tipo de "resposta à oração", contudo, não estamos ocupados no momento.

Tudo quanto pode ser feito pelos vivos através do pensamento pode mais facilmente ser feito pelos "mortos". Consoante explicamos em O *Corpo Astral,* a tendência de um homem, depois da morte, é voltar sua atenção para o íntimo, e viver antes nos sentimentos e na mente do que no mundo externo. O reajustamento do corpo astral pelo Elemental de Desejo tende ainda mais a encerrar as energias mentais e evitar sua expressão exterior.

Contudo, a pessoa assim controlada, no que se refere às energias que se destinam ao exterior, torna-se mais receptiva para as influências vindas do mundo mental, e pode, portanto, ser auxiliada, animada, e aconselhada com muito maior eficácia do que quando estava na terra.

No mundo da vida após a morte um pensamento amoroso é tão palpável aos sentidos como o são aqui uma palavra de amor ou uma doce carícia. Todos os que se vão devem, portanto, ser seguidos por pensamentos de amor e paz, pelo desejo de que progridam rapidamente em sua evolução. Bem grande é a quantidade dos que permanecem em estado intermediário, muito mais tempo do que deveriam; e isso se dá porque não têm amigos que saibam como ajudá-los.

Os ocultistas que fundaram as grandes religiões não estavam desatentos quanto ao serviço devido por aqueles que ficam na Terra aos que passaram para o outro lado. Por isso os hindus têm seu *Shrâddha;* os cristãos, suas missas e orações pelos "mortos".

Da mesma maneira é possível à transmissão do pensamento trabalhar em direção contrária, isto é, ir dos que já não têm corpo para os que estão fisicamente vivos. Assim, por exemplo, o forte pensamento de um

conferencista sobre determinado assunto pode atrair a atenção de entidades desincorporadas que por ele se interessem. Um auditório, na verdade, muitas vezes contém maior número de pessoas em corpo astral do que em corpo físico.

Às vezes, um desses visitantes pode saber mais sobre o tema do que o conferencista, e nesse caso pode assessorá-lo com sugestões e ilustrações. Se o conferencista for clarividente, poderá ver seu assessor e as novas idéias serão materializadas diante dele em matéria sutil. Se não for clarividente, aquele que o auxilia imprimirá as idéias, provavelmente, no cérebro do conferencista que, e em tal caso, as tomará como suas. Essa espécie de assistência é quase sempre dada por um "auxiliar invisível".

O poder do pensamento combinado de um grupo de pessoas, usado deliberadamente para determinado fim, é bem conhecido, tanto dos ocultistas como de outros que conheçam algo da profunda ciência da mente. Assim, em certas partes da cristandade é de hábito preparar uma missão evangelizadora, mediante uma meditação acurada e bem definida. Desta forma cria-se, na localidade, uma atmosfera mental altamente favorável à expansão dos ensinamentos pensados, e se preparam cérebros receptivos para a instrução que lhes vai ser ministrada.

As Ordens contemplativas da Igreja Católica Romana fazem trabalho muito bom e útil pelo pensamento, como o fazem os reclusos da índia e os crentes budistas. Com efeito, onde uma inteligência pura e boa se põe a ajudar o mundo, pela difusão de nobres e elevados pensamentos, ela presta um serviço bem definido ao homem, e o pensador solitário torna-se um dos melhoradores do mundo.

Outro exemplo, que podemos classificar como parte consciente e parte inconsciente, da forma pela qual a atmosfera do pensamento de um homem pode afetar poderosamente outro homem, *é a da* associação de um aluno, ou discípulo, com um instrutor espiritual ou *guru.*

Isso é bem compreendido no Oriente, onde se aceita muito bem que a parte mais eficaz e importante no treinamento de um discípulo está no viver constantemente na presença de seu mestre, banhando-se na sua aura. Os vários veículos do mestre estão sempre vibrando com um ritmo poderoso e constante, em compasso mais elevado e mais regular do que o do discípulo, embora este o possa alcançar, às vezes, por alguns momentos. A pressão constante das ondas de pensamento mais fortes do mestre, entretanto, aos poucos erguem as do discípulo até a mesma oitava. Tosca analogia pode ser feita com o treinamento musical. Uma pessoa que tem ainda pouco ouvido musical, encontra dificuldade em cantar sozinha e corretamente no compasso, mas se canta com outra voz mais forte, que seja perfeitamente treinada, sua tarefa torna-se mais fácil.

O ponto importante é que a nota dominante do mestre esteja sempre soando, de forma que sua ação toque o discípulo noite e dia, sem a necessidade de qualquer pensamento especial por parte de qualquer dos dois. Assim, torna-se muito mais fácil ao crescimento dos veículos sutis do discípulo dirigir-se na direção correta.

Homem comum algum, agindo automaticamente e sem intenção, pode exercer sequer uma centésima parte da influência cuidadosamente dirigida de um mestre espiritual. Muitos, porém, podem de certa forma compensar a

carência de poder individual, de forma que a incessante embora despercebida pressão exercida sobre nós pelas opiniões e sentimentos de nossos associados, leve-nos com freqüência a absorver, sem o saber, muitos de seus preconceitos, como vimos no capítulo precedente, quando se trata de influência do pensamento nacional e racial.

Um discípulo "aceito" de um Mestre está tão intimamente em contacto com o pensamento dele, que pode treinar-se para a qualquer momento ver qual é esse pensamento sobre dado assunto, e dessa maneira muitas vezes deixa de errar. O Mestre pode, a qualquer momento, enviar um pensamento através do discípulo, como sugestão ou como mensagem. Se, por exemplo, o discípulo estiver escrevendo uma carta ou fazendo uma conferência, o Mestre está, subconscientemente, cônscio do caso, e pode, a qualquer momento, lançar à mente do discípulo uma sentença a ser incluída na carta ou usada na conferência. Em estágios iniciais, o discípulo muitas vezes não está ciente disso, e supõe que as idéias nasceram espontaneamente na sua mente. Depressa, porém, aprende o pensamento do Mestre. Na verdade, é muitíssimo desejável que ele aprenda a reconhecê-lo, porque há muitas entidades, nos planos mental e astral, que, com as melhores intenções e da maneira mais amistosa, estão muito prontas a fazer sugestões similares, e é positivamente necessário, para o discípulo, distinguir claramente de onde elas vêm.

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

CAPÍTULO XII

CENTROS MENTAIS

Há, no plano mental, certos centros mentais definidamente localizados, lugares reais no espaço, para os quais os pensamentos do mesmo tipo são atraídos pela similitude de suas vibrações, tal como homens que falam a mesma língua são levados a reunir-se. Pensamentos a propósito de dados assuntos gravitam para um desses centros, que absorve umas tantas idéias, coerentes ou incoerentes, certas ou erradas; o centro é uma espécie de foco para todas as linhas convergentes de pensamento sobre o assunto, e que são, por sua vez, ligadas por milhões de linhas a toda sorte de outros assuntos.

O pensamento filosófico, por exemplo, tem uma região distinta que lhe é própria, com subdivisões correspondendo às principais idéias filosóficas. Toda espécie de curiosas inter-relações existem entre esses vários centros, mostrando a forma pela qual diferentes sistemas de filosofia se ligaram uns aos outros. Tais coleções de idéias representam tudo quanto foi pensado sobre o assunto.

Quem quer que pense profundamente, sobre filosofia, digamos, coloca-se em contacto com esse grupo de vórtices. Se está em seu corpo mental, seja dormindo, seja "morto", é atraído espacialmente para a parte apropriada do plano mental. Se o corpo físico ao qual pode estar ligado impede isso, ele será erguido a um estado de vibração simpática com um ou outro desses vórtices, e deles receberá o que seja capaz de assimilar. Esse processo, porém, será de certa forma menos livre do que seria o caso se ele tivesse sido realmente levado para dentro deles.

Não se trata precisamente de um centro mental para o drama ou para a ficção, mas há uma região para o que pode ser chamado pensamento romântico: um vasto, embora mal definido, grupo de formas, incluindo de um lado uma massa de combinações vagas, porém brilhantes, ligadas ao relacionamento entre os sexos, e de outro lado, as emoções características da cavalaria medieval, e de outro ainda, massas de contos de fadas.

A influência dos centros mentais sobre as pessoas é uma das razões pelas quais elas pensam como em rebanho, como ovelhas. Porque é muito mais fácil para um homem de mentalidade preguiçosa aceitar o pensamento já feito por alguma outra pessoa do que se dar ao trabalho mental de considerar um assunto e chegar a uma decisão por si mesmo.

O fenômeno correspondente no mundo astral funciona de forma ligeiramente diferente. As formas-emoções não afluem para um centro mental, mas se condensam com outras formas da mesma natureza, em sua própria vizinhança, de modo que enormes e poderosos "blocos" de sentimentos estão flutuando quase que por toda a parte, e um homem pode entrar em contacto com eles muito facilmente, e sofrer-lhes a influência. Exemplos de tal influência ocorrem em casos de pânico, fúria maníaca, melancolia, etc. Tais indesejáveis correntes de emoções alcançam o homem através do chacra umbilical. De maneira idêntica um homem pode ser beneficiado por nobres emoções que operam através do chacra do coração.

É difícil descrever a aparência desses reservatórios de pensamentos. Cada pensamento parece produzir uma trilha, procurando um caminho para si através da matéria do plano. Esse caminho, uma vez estabelecido, permanece aberto, ou antes, pode ser facilmente reaberto, e revivificar suas partículas com qualquer novo esforço. Se esse esforço for feito na direção geral da primeira linha de pensamento, é muito mais fácil para ele adaptar-se o suficiente para passar ao longo dessa linha, o que lhe será muito mais fácil do que buscar uma linha ligeiramente diferente, por muito aproximadamente paralela que seja àquela que já existe.

O conteúdo desses centros mentais é, naturalmente, mais do que bastante para que qualquer pensador comum possa abastecer-se ali. Para os que forem bastante fortes e perseverantes há ainda outras possibilidades vinculadas a esses centros.

Primeira: É possível, através desses centros mentais, alcançar as mentes dos que geraram a sua força. Por isso, quem for forte, animado, reverente e capaz de absorver ensinamentos, pode realmente sentar-se aos pés dos grandes pensadores do passado e aprender com eles os problemas da vida.

O homem fica, assim, capacitado para psicometrizar as diferentes formas-pensamento num centro mental, segui-las até os que as pensaram e com os quais elas estão vinculadas pela vibração, e adquirir deles outras informações.

Segunda: Existe a Verdade em si própria, ou, se essa idéia for abstraia demais para ser captada, podemos dizer que ela é a concepção dessa Verdade na mente do Logos Solar. Esse pensamento pode ser contactado por quem tenha atingido união consciente com a Divindade, e por ninguém mais abaixo desse nível. Sem embargo, reflexos dele podem ser vistos, lançados de plano para plano, tornando-se cada vez mais apagados à proporção que descem. Pelo menos alguns desses reflexos ficam ao alcance do homem cujo pensamento possa erguer-se para ir ter com eles.

Da existência desses centros mentais segue-se outro ponto de interesse considerável. É óbvio que muitos pensadores podem ser atraídos simultaneamente pela mesma região mental, e podem reunir ali exatamente as mesmas idéias. Quando isso acontece é possível, também, que suas formas de expressar tais idéias no plano físico venham a coincidir, e eles podem, então, ser acusados de ignorância ou plágio. O fato de tal coisa não acontecer tão freqüentemente como seria o caso, deve-se à densidade dos cérebros dos homens, pois é raro, relativamente, trazerem algo aprendido em planos superiores.

Esse fenômeno acontece não apenas no campo da literatura, mas também no das invenções, porque é bem sabido no Departamento de Patenteamento que invenções praticamente idênticas muitas vezes chegam simultaneamente.

Outras idéias podem ser obtidas por escritores, tiradas dos registros akásicos, mas desse aspecto do nosso assunto trataremos em um capítulo posterior.

CAPÍTULO XIII

CONSCIÊNCIA FÍSICA OU "DESPERTA'

Neste capítulo vamos considerar o corpo mental como existe e é usado durante a consciência comum "desperta", isto é, na vida física habitual.

Será conveniente tratar, *sucesSivamente,* dos três fatores que determinam a natureza e o funcionamento do corpo mental na vida física, a saber:

1) A vida física.

2) A vida emocional.

3) A vida mental.

A VIDA FÍSICA

Em O *Corpo Astral,* os fatores na vida física que afetam o corpo astral foram enumerados e descritos. A maioria do que foi escrito ali aplica-se, *mutatis mutandis,* ao corpo mental. Não trataremos aqui, portanto, novamente e com alguma extensão, desses fatores, mas iremos simplesmente recapitulá-los, com um mínimo de comentário, quando se fizer necessário.

Tendo cada parte do corpo físico seu correspondente astral e mental, segue-se que um corpo físico grosseiro e impuro tenderá a tornar o corpo mental igualmente grosseiro e impuro.

Dado o fato de que os sete graus de matéria mental correspondem, respectivamente, aos sete graus de matéria física (bem como de matéria astral), o corpo mental, é de se supor, seria mais especialmente afetado pelos sólidos, líquidos, gasosos e éteres físicos, isto é, pelas quatro ordens inferiores da matéria física.

Será claro para o estudante, naturalmente, que um corpo mental composto de variedade grosseira de matéria mental, responderá aos tipos de pensamento mais grosseiros com facilidade maior do que o faria no caso de variedade superior.

Comida e bebida grosseiras tendem a produzir corpo mental grosseiro. Carne, álcool e fumo são prejudiciais aos corpos físico, astral e mental. O mesmo se aplica a quase todas as drogas. Quando uma droga, como o ópio, por exemplo, é usada para aliviar grande dor, deve ser usada o mais cautelosamente possível. Quem souber como fazê-lo pode remover o mau efeito do ópio dos corpos astral e mental, depois que ele agiu sobre o corpo físico.

Ademais, um corpo que se alimenta de carne e álcool está especialmente sujeito a perder a saúde pela abertura da consciência superior. As doenças nervosas, na verdade, são em parte devidas ao fato de que a consciência superior está tentando expressar-se através de corpos obstruídos por produtos cárneos e envenenados pelo álcool.

Toda classe de sujeira é com freqüência mais censurável nos mundos superiores do que no físico. Assim, por exemplo, as contrapartidas astral e mental da matéria supérflua que está sendo constante-mente expelida

pelo corpo físico, como se fosse transpiração invisível, são do tipo mais indesejável.

Vozes altas, estridentes, ou súbitas devem ser, tanto quanto possível, evitadas por quem quer que deseje manter seus corpos astral e mental em ordem. Essa é uma das razões pelas quais a vida numa grande cidade é evitada pelo estudante de ocultismo, bem como pelas crianças sobre cujos corpos astrais e mentais, plásticos que são, sofrem os resultados desastrosos do ruído incessante. O efeito cumulativo do ruído sobre o corpo mental produz sensação de fadiga e de incapacidade para pensar claramente.

O corpo mental do homem é afetado por quase tudo que existe em torno dele. Assim, por exemplo, os quadros pendurados nas paredes de suas salas o influenciam, não só por manterem diante de seus olhos a impressão de certas idéias, mas também porque um artista põe muito de si, de seu mais íntimo pensamento e sentimento, em seu trabalho. Podemos chamar a isso as invisíveis contrapartidas dos quadros, claramente expressas na matéria astral e mental; elas radiam da pintura da mesma forma como o perfume é inerente a uma flor e dela irradia.

Os livros são, especialmente, fortes centros de formas-pensamento e sua influência despercebida na vida de um homem é muitas vezes poderosa. É pouco sensato, portanto, manter na estante livros que sejam de tipo desagradável ou indesejável.

Talismãs e amuletos afetam a vida de um homem até certo ponto. Já os descrevemos em O *Corpo Etérico* e em *O Corpo Astral.* Resumidamente: eles operam sob duas formas: l) irradiam ondas próprias e intrinsecamente úteis; 2) o conhecimento da presença e do propósito do talismã desperta a fé e a coragem de quem o usa e assim evoca a reserva de força de sua própria vontade.

Se o talismã está "vinculado" àquele que o fez, e quem o usa chama mentalmente essa pessoa, o Ego responderá, reforçando as vibrações do talismã com uma forte onda de seu próprio e poderoso pensamento.

Um talismã fortemente carregado de magnetismo pode ser, assim, um auxílio inestimável. A natureza física bem como as emoções e a mente devem ser dominadas, e o físico é, sem dúvida, o mais difícil de ser tratado. Algumas pessoas desdenham coisas assim como talismãs, outras acharam tão árduo o caminho para o ocultismo que recebem com alegria qualquer assistência que lhes possa ser oferecida.

O talismã mais forte deste planeta é, .provavelmente, o Bastão do Poder, mantido em Shamballa e usado nas Iniciações e em outras ocasiões.

O homem é afetado também pelas cores dos objetos que o rodeiam, porque, assim, como um sentimento ou um pensamento produzem em matéria sutil uma certa cor, assim, reciprocamente, a presença de determinada cor, mesmo em objetos físicos, exerce contínua pressão, tendendo a excitar o sentimento ou o pensamento apropriado àquela cor. Daí ser racional, por exemplo, o uso de certas cores escolhidas, pela Igreja Cristã, em altares, vestiduras, etc., no empenho de aumentar a condição especialmente apropriada da mente e do sentimento para a ocasião.

As paredes e os móveis dos aposentos de um homem também o afetam porque, pelos seus pensamentos e sentimentos, ele inconscientemente magnetiza os objetos físicos que lhe ficam próximos, de forma que estes possuam o poder de sugerir pensamentos e sentimentos do mesmo tipo, ou a ele ou a qualquer pessoa que se coloque sob a sua influência. Impressionantes exemplos desse fenômeno ocorrem, como é bem sabido, no caso das celas das prisões e outros lugares semelhantes.

Daí, também, o valor dos "lugares santos", onde a atmosfera vibra, literalmente, em alto ritmo. Um aposento separado para a meditação e elevados pensamentos depressa ganha atmosfera mais pura e mais sutil do que a do mundo que o rodeia, e o estudante sensato saberá servir-se desse fato em benefício próprio ou para auxiliar os demais.

Como exemplo dos trabalhos dessa espécie de forma-pensamento, podemos citar o caso de certos navios ou máquinas que têm fama de "azarentos". Há ocorrência inquestionável de acidentes ocorridos com eles, um após outro, sem qualquer razão aparente.

A causa pode ter sido sentimentos de intenso ódio contra o construtor do navio ou contra seu primeiro comandante. Tais sentimentos, por si mesmos, não seriam, provavelmente, suficientes para causar desgraças sérias. Mas na vida de cada navio há muitas ocasiões nas quais um acidente é evitado pela pronta vigilância, na qual, um simples momento de demora ou descaso seria suficiente para precipitar a catástrofe.

Massa de formas-pensamento como a que descrevemos seria amplamente suficiente para dar ensejo a esse momentâneo afrouxamento da vigilância ou para aquela momentânea hesitação. Essa seria a linha pela qual mais facilmente o pensamento nefasto poderia ter trabalhado.

Está claro que o outro lado da medalha também é verdadeiro, e que a atmosfera "de sorte" pode ser construída sobre objetos materiais, etc., pelos pensamentos otimistas e animados dos que os usam.

O mesmo acontece com as relíquias. Qualquer artigo altamente carregado de magnetismo pessoal pode continuar irradiando sua influência durante séculos, com força praticamente mantida sem diminuição. Mesmo que a relíquia não seja autêntica, a força colocada nela durante séculos de sentimentos devotos, tão fortemente a magnetizam que fazem dela uma força para o bem.

Há, portanto, sabedoria oculta no seguinte conselho, estranho na sua expressão: "Amasse amor no pão que cozinhar; embrulhe força e coragem no pacote que amarrar para a mulher de rosto cansado; entregue confiança com o dinheiro com que vai pagar o homem de olhos desconfiados." O estudante da Boa Lei tem abundantes oportunidades de distribuir bênçãos em torno dele, discretamente, embora os que as recebem possam estar bastante inconscientes da fonte de onde elas vêm.

Tal como foi mencionado páginas atrás, no capítulo XI, em que tratamos da *Transmissão de Pensamento*, a associação física com uma pessoa mais altamente desenvolvida pode ser auxílio considerável no desenvolvimento e treinamento do corpo mental. Assim como as irradiações de calor vindas do fogo aquecem as coisas colocadas perto dele, as irradiações do pensamento de um pensador mais forte do que nós levam nosso corpo mental a vibrar

simpaticamente com ele, e, com o tempo, sentiremos que nosso poder mental cresceu.

Um exemplo desse efeito ocorre, com freqüência, numa conferência. Uma pessoa, no auditório, enquanto está ouvindo, parece estar compreendendo inteiramente o que se diz, mas logo depois os conceitos parecem que se vão diluindo até mesmo dissipar-se de todo, quando ela tenta reproduzi-los. A explicação é a seguinte: as poderosas vibrações do pensador mais forte criaram, na ocasião, as formas recebidas pelo corpo mental do ouvinte, mas aquele corpo mental não teve capacidade, mais tarde, para reproduzir tais formas com o seu próprio poder.

Um verdadeiro Mestre ajudará os seus discípulos conservando-os a seu lado, muito mais do que usando de palavras.

Entidades invisíveis associadas com o oceano, as montanhas, as cascatas, etc., irradiam vibrações que acordam porção não-habitual dos corpos etérico, astral e mental, e por isso, desse ponto de vista, as viagens beneficiam esses três corpos.

Em geral, pode ser dito que tudo quanto promove a saúde e o bem-estar do corpo físico reage favoravelmente, também, sobre os veículos superiores.

O oposto, naturalmente, também é verdadeiro. A vida emocional e mental têm efeitos profundos sobre o corpo físico, porque, embora seja verdade que os corpos mental e astral sejam, obviamente, pela verdadeira natureza das coisas, mais acessíveis ao poder do pensamento do que o corpo físico, ainda assim a matéria, mesmo a do corpo físico, pode ser modelada pelo poder da emoção e do pensamento. Por exemplo, é bem sabido que qualquer linha habitual de pensamento, virtude ou vício, faz sua impressão nas feições físicas, fenômeno tão comum que sua inteira significação talvez não tenha sido adequadamente compreendida pela maioria das pessoas. Outro exemplo é o do "estigma" que aparece nos corpos dos santos, coisa de que há muitos exemplos registrados. Inumeráveis outros exemplos podem ser fornecidos pela literatura da moderna psicanálise e outras fontes.

No homem altamente desenvolvido da Quinta Raça, hoje, o corpo físico é, na verdade, grandemente governado pelas condições mentais. Daí a ansiedade, as aflições e sofrimentos mentais, que produzem tensão nervosa, perturbando facilmente os processos orgânicos, com as conseqüências de fraqueza ou doença. Pensamento correto e correto sentimento reagem sobre o corpo físico, aumentando seu poder de assimilar prâna, ou vitalidade.

Força e serenidade mental promovem, assim, diretamente, a saúde física, porque o homem evoluído da Quinta Raça vive sua vida física, literalmente, em seu sistema nervoso.

A VIDA EMOCIONAL

Os corpos astral e mental estão de tal forma intimamente ligados que produzem efeitos um sobre o outro. A íntima associação entre Kâma (desejo) e Manas (mente) e suas ações e reações mútuas já foram tratadas no Capítulo VI, *Kâma-Manas.* Neste capítulo trataremos apenas de alguns efeitos secundários dos corpos astral e mental, e também do efeito do corpo mental sobre o corpo astral.

Um fluxo de emoção passando através do corpo astral não afeta grandemente, por si só, o corpo mental, embora na ocasião tal fluxo possa tornar quase impossível a passagem de qualquer atividade vinda do corpo mental para o cérebro físico. Isso não acontece porque o corpo mental esteja afetado, mas porque o corpo astral, que funciona como ponte entre o corpo mental e o cérebro, vibra tão inteiramente num só ritmo, que se torna incapaz de transmitir qualquer ondulação que não esteja em harmonia com esse ritmo.

Um exemplo típico de forte emoção sobre a atividade mental é fornecido pelo homem "apaixonado" que, enquanto se encontra nesse estado, perde inteiramente o amarelo do intelecto em sua aura.

Sensualidade grosseira no corpo astral, que é representada por uma coloração desagradável, não consegue reproduzir-se no corpo mental. Esse é um exemplo do princípio de que as matérias dos vários planos, ao se tornarem mais finas, perdem, gradualmente, a possibilidade de expressar qualidades inferiores.

Assim, um homem pode formar uma imagem *mental,* que desperta nele um sentimento sensual, mas o pensamento e a imagem irão expressar-se na matéria astral e não na mental. Tal imagem deixará uma impressão definida de sua coloração peculiar no corpo astral, mas no corpo mental intensificará as cores que representam seus males concomitantes de egoísmo, arrogância e fraude.

Acontece, às vezes, que certos grupos de pensamentos e sentimentos, alguns desejáveis, outros indesejáveis, estão intimamente ligados.

Assim, por exemplo, é bem sabido que a devoção profunda e certa forma de sensualidade estão, freqüentemente, inextricavelmente emaranhadas. O homem que se vê perturbado por essa desagradável conjunção pode beneficiar-se da devoção, sem sofrer os maus efeitos da sensualidade, rodeando seu corpo mental com uma casca rígida no que se refere às suas subdivisões inferiores. Dessa maneira ele expulsará as influências inferiores, enquanto permite que as superiores se movam nele sem entraves.

Este é apenas um exemplo de um fenômeno do qual há muitas variedades no mundo mental.

O efeito do corpo mental sobre o corpo astral é, naturalmente, considerável, e o estudante deve dar muita atenção a esse fato. Ele recordará que cada corpo é controlado, definitivamente, pelo corpo que fica logo acima dele. Assim, o corpo físico não pode governar-se, mas as paixões e desejos do corpo astral podem dirigí-lo e controlá-lo.

O corpo astral, por sua vez, deve ser treinado e trazido sob controle pelo corpo mental, porque é pelo pensamento que se pode modificar o desejo e começar a transformá-lo em vontade, que é o aspecto superior do desejo. Só pelo Eu-Pensamento pode ser dominado o Eu-Desejo.

A própria sensação de liberdade, para escolher entre desejos, indica que algo superior ao desejo está operando, e que esse algo superior é Manas, no qual reside o livre-arbítrio, no que concerne a tudo que seja inferior a ele.

O estudante recordará, também, que os chakras, ou centros de força do corpo astral, são construídos e controlados a partir do plano mental, assim como os centros do cérebro físico são construídos a partir do plano astral.

Cada impulso enviado pelo corpo mental ao cérebro físico tem de passar através do corpo astral, e como a matéria astral é muito mais responSiva às vibrações do pensamento do que o é a matéria física, o efeito sobre o corpo astral é proporcionalmente maior. Esse processo foi tratado em O *Corpo Astral,* livro ao qual remetemos o estudante.

Por isso, conforme as vibrações da matéria mental excitam também as da matéria astral, os pensamentos do homem tendem a suscitar suas emoções. Dessa forma — como é bastante sabido — o homem, por vezes, pensando naquilo que considera seus erros, facilmente se encoleriza. O oposto é igualmente verdadeiro, embora com freqüência seja esquecido. Pensando calma e racionalmente, um homem pode impedir ou afastar a cólera e outras emoções indesejáveis.

Um exemplo do efeito do hábito mental científico e ordenado sobre o corpo astral é ilustrado em O *Homem Visível e Invisível,* que apresenta o corpo astral de um cientista. As cores astrais tendem a aparecer em faixas regulares, e as linhas de demarcação entre elas tornam-se claras e definidas. Os casos de extremo desenvolvimento intelectual levam a uma eliminação completa do sentimento devocional, e reduzem consideravelmente a sensualidade.

A aquisição da concentração, e, em geral, o desenvolvimento do corpo mental afetam também a vida no sonho, e tendem a tornar esses sonhos vívidos, estáveis, racionais e mesmo instrutivos.

O corpo astral, na verdade, deve ser e é, num homem desenvolvido, apenas um reflexo das cores do corpo mental, indicando que o homem só se permite sentir o que a razão dita.

Em compensação, emoção alguma, seja sob que circunstância for, deve afetar, por pouco que seja, o corpo mental, porque ele é a sede, não das paixões e das emoções, mas do pensamento.

A VIDA MENTAL

Embora um pouco do trabalho na construção e evolução da mente de um homem possa ser feita do exterior, entretanto a maior parte deve resultar da atividade de sua própria consciência. Se, portanto, um homem quiser ter um corpo mental forte, bem vitalizado, ativo, apto a captar os mais altos pensamentos a ele apresentados, deve trabalhar continuamente para ter um modo de pensar correto.

É a própria pessoa quem afeta mais constantemente o corpo mental. Outros, tais como conferencistas e escritores, afetam-no casualmente, mas ela o afeta sempre. Sua própria influência, sobre a composição de seu corpo mental, é muito mais forte do que a de qualquer outra pessoa, e é ela própria quem fixa o ritmo vibratório normal de sua mente. Pensamentos que não harmonizem com esse ritmo serão atirados para o lado, quando tocarem sua mente. Se pensa verdade, a mentira não pode alojar-se em sua mente; se pensa amor, o ódio não pode perturbá-lo; se pensa sabedoria, a ignorância não pode paralisá-lo.

A mente não deve ter permissão para se conservar como terreno inculto, porque então as sementes-pensamento podem enraizar ali e crescer. Não deve ter permissão para vibrar como bem entende, porque isso significa que responderá a qualquer vibração de passagem.

A mente de um homem é sua propriedade, e ele só deveria permitir a entrada aos pensamentos que ele, o Ego, escolhesse.

A maioria dos homens não sabe absolutamente como pensar, e mesmo os que estão um pouco mais avançados raramente pensam definitiva e fortemente, a não ser durante os momentos em que estejam realmente ocupados com algum trabalho que pede toda a sua atenção. Conseqüentemente, grande número de mentes ficam na condição de terra arada e inculta, pronta para receber qualquer semente que a ela seja lançada.

Se a vasta maioria das pessoas observasse atentamente seus pensamentos, descobriria que uma grande parte deles nasce de um casual fluxo de pensamentos que não são absolutamente os seus, mas, simplesmente, os fragmentos inúteis de pensamentos alheios. O homem comum dificilmente sabe exatamente o que está pensando em determinado momento, ou por que está pensando naquilo. Ao invés de dirigir sua mente para algum ponto definido, permite que ela se faça errante, ou que fique inculta, de forma que qualquer semente casual nela atirada pode germinar e frutificar ali.

Um estudante, que esteja seriamente tentando de certa forma elevar o pensamento acima daquele emitido pelo homem comum, deve lembrar que uma proporção muito grande de pensamentos rebeldes, que tão constantemente fazem pressão sobre ele, está em nível inferior ao seu; faz-se necessário, portanto, guardar-se contra a sua influência. Há um tão vasto oceano de pensamentos sobre toda a sorte de assuntos muitíssimo sem importância, que se torna preciso lutar com firmeza para excluí-los. Essa é uma das razões pelas quais "Cobrir a Loja" seja a "preocupação constante" de cada franco-maçom.

Se um homem se der ao trabalho de formar o hábito de pensar de maneira firme e concentrada, descobrirá que seu cérebro, treinado para ouvir apenas as sugestões do Ego — o Pensador real — irá permanecer em quietude quando não esteja em uso, e deixará de receber e responder a casuais correntes vindas do oceano de pensamentos circundante, de forma que já não estará impenetrável para a influência de planos superiores, onde a intuição é mais aguda, e o julgamento mais exato do que nos planos inferiores.

Só quando o homem é capaz de manter sua mente com firmeza é que consegue reduzi-la à quietude, e mantê-la nessa condição, sem pensamentos, para que a consciência superior possa afirmar-se. Então, o homem estará pronto para entrar na prática da meditação e da Ioga, como veremos na ocasião própria.

Essa é a lição prática no treinamento do corpo mental. O homem que fizer essa prática descobrirá que pelo pensamento a vida pode se tornar mais nobre e mais feliz, e que, verdadeiramente, a dor pode ser anulada pela sabedoria.

O homem sensato observará seus pensamentos com o maior cuidado, compreendendo que representam um instrumento poderoso, de cujo emprego

correto ele é responsável. É de seu dever governar o pensamento, para que não se faça errante e possa causar mal a si próprio e aos demais. É de seu dever desenvolver o poder de seu pensamento, pois através dele poderá fazer grande bem.

A leitura não constrói o corpo mental, só o pensamento faz isso. Ler só é valioso porque fornece material para o pensamento, e o crescimento mental de um homem estará em proporção com a quantidade de pensamento que ele usa em sua leitura. Com exercício regular e persistente — mas não excessivo — o poder do pensamento crescerá, tal como o poder muscular cresce com o exercício. Sem tal .pensamento, o corpo mental permanece frouxamente formado e desorganizado. Sem ganhar concentração — o poder de fixar o pensamento num ponto definido — o poder do pensamento não pode ser exercido, de forma alguma.

A lei da vida, segundo a qual o crescimento resulta do exercício, aplica-se então ao corpo mental como se aplica ao corpo físico. Quando o corpo mental é exercitado e levado a vibrar sob a ação do pensamento, atrai matéria nova da atmosfera mental, que ele assimila; desse modo aumenta em tamanho bem como em complexidade de estrutura. A *quantidade* de pensamento determina o crescimento do corpo; a *qualidade* do pensamento determina o tipo de matéria empregado nesse crescimento.

Será proveitoso considerar o método da leitura um pouco mais detalhadamente. Num livro, que é cuidadosamente escrito, cada sentença ou parágrafo contém uma idéia definida ou uma declaração nítida — a idéia que representa a forma-pensamento do autor. Essa forma-pensamento é quase sempre rodeada de várias formas subsidiárias, que são as expressões de deduções ou corolários da idéia principal.

Na mente do leitor deve ser construída uma duplicata exata da forma-pensamento do autor, talvez imediatamente, talvez gradualmente. Se as formas que indicam corolários também aparecem, isso depende da natureza da mente do leitor, isto é, se for rápido em ver, num momento, tudo quanto se deduz de determinada afirmação.

Uma pessoa mentalmente pouco desenvolvida não pode de forma alguma fazer reflexões claras, mas constrói uma espécie de massa amorfa, ao invés de uma forma geométrica. Outras podem fazer uma forma reconhecível, mas com ângulos e margens rudes, ou com uma parte fora de proporção com o resto.

Outros, ainda, podem fazer daquilo uma espécie de esqueleto, mostrando que perceberam o delineamento da idéia, mas não qualquer ponto vivo, e nenhum detalhe. Outros mais podem apreender um aspecto da idéia e não o outro, construindo, assim, apenas meia forma, ou captar uma parte e negligenciar o resto.

Um bom estudante reproduzirá a imagem da idéia central nitidamente e de imediato; as idéias subsidiárias vão-lhe chegando uma a uma, à proporção que revolve a idéia central em sua mente.

Uma das principais razões para a imperfeição das imagens é a falta de atenção. Um clarividente pode ver, com freqüência, a mente de um leitor ocupada com meia dúzia de assuntos, simultaneamente. Em seu cérebro estão fervendo cuidados domésticos, aborrecimentos de negócios, lembrança ou antecipação de prazeres, cansaço por ter de estudar, e assim por diante; tudo isso ocupando nove décimos de seu corpo mental, deixando o décimo

restante a fazer um esforço desesperado para captar a forma-pensamento que, ao que se julga, ele quer assimilar do livro.

O resultado de tal leitura fragmentada e errática é encher o corpo mental com uma quantidade de formas-pensamento desconexas, pequenas, como pedrinhas, ao invés de erguê-las em edifício organizado.

Um estudante treinado entra em contacto com a mente do autor através da forma-pensamento desse mesmo autor, e obtém dele novas informações ou esclarecimentos sobre pontos difíceis, embora, a não ser que o estudante seja altamente desenvolvido, possa imaginar que os novos pensamentos que lhe chegam são seus e não do autor.

Recordando que todo o trabalho mental feito no plano físico deve ser feito através do cérebro, a fim de ter êxito, o cérebro físico deve ser treinado e ordenado de forma que o corpo mental possa trabalhar facilmente através dele.

Sabe-se bem que certas partes do cérebro estão em conexão com certas qualidades do homem, e com o seu poder de pensar em determinadas linhas. Tudo isso deve ser posto em ordem e devidamente correlacionado com as zonas do corpo mental.

Um estudante de ocultismo, é natural, treina-se deliberadamente na arte de pensar. Conseqüentemente, seu pensamento é muito mais poderoso do que o do homem não treinado, e tende a exercer influência sobre um círculo mais amplo, produzindo muito maior efeito. Isso acontece inteiramente fora de sua própria consciência, sem que ele faça qualquer esforço específico no assunto.

Mas, já que o ocultista aprendeu qual é o tremendo poder do pensamento, sua responsabilidade quanto ao correto uso dele é proporcionalmente maior; por isso empenhar-se-á em utilizá-lo para ajudar a outros.

Não estará fora de lugar um aviso para os que tendem a ser dados a discussões. Os que são facilmente provocados para discutir devem recordar que quando correm ansiosamente para a batalha verbal, abrem amplamente as portas de sua fortaleza mental, deixando-a indefesa. Nessas ocasiões, formas-pensamento que podem vagar pelas redondezas conseguem entrar e apoderar-se de seus corpos mentais. Enquanto se desperdiça força com assuntos quase sempre sem importância, toda a disposição de seus corpos mentais está sendo constantemente deteriorada pelas influências que afluem sobre eles. O estudante de ocultismo deve ter grande cuidado em deixar-se entrar numa discussão. A experiência habitual diz que raramente essa discussão altera a opinião de qualquer dos lados. Na maior parte dos casos, ela apenas confirma as opiniões já existentes.

Cada hora da nossa vida nos dá a oportunidade para que a consciência construa seu veículo mental. Acordados ou dormindo, estamos sempre construindo nossos corpos mentais. Cada vibração da consciência, mesmo que devida apenas a um pensamento de passagem, atrai para o corpo mental partículas de matéria mental, e expulsa dele outras partículas. Se o corpo mental for levado a vibrar por pensamentos puros e elevados, a rapidez das vibrações leva as partículas de matéria mais grosseira a serem expulsas, deixando seu lugar para partículas mais finas. Dessa forma, o corpo mental pode-se tornar, constantemente, mais fino e mais puro. Um corpo mental, composto assim de matéria mais fina, não

responderá a pensamentos grosseiros e maus. Um corpo mental construído com material grosseiro será afetado pelos maus pensamentos que passam e permanecerá incapaz de responder ao bem e de ser por ele beneficiado.

O que ficou dito acima aplica-se, especificamente, ao "aspecto-forma" do corpo mental. Voltando-se para o "aspecto-vida", o estudante deve ter em mente que a própria essência da consciência é a sua constante identificação com o Não-Eu, e a também constante reafirmação de si mesma pela rejeição do Não-Eu. A consciência, na verdade, *consiste* nessa alternação de afirmação e negação: "Eu sou isso" — "Eu não sou isso". Isso é consciência, e causa na matéria a atração e a repulsão que chamamos vibração. Assim, a qualidade das vibrações criadas pela consciência, determina a finura ou a rudeza da matéria que é atraída para o corpo mental.

Conforme vimos no Capítulo XI, as vibrações-pensamento de outros, cujos pensamentos são elevados, movendo-se sobre nós tendem a despertar vibrações, em nossos corpos mentais, de matéria que seja capaz de responder, e essas vibrações perturbam e mesmo expulsam algumas das que sejam rudes demais pata vibrar em seu alto ritmo de atividade. Daí o benefício que recebemos de outra pessoa estar amplamente dependente de nossos próprios pensamentos pretéritos; para que sejamos beneficamente afetados devemos ter, primeiro, em nossos corpos mentais, algum dos tipos superiores de matéria com os quais os pensamentos dessa pessoa possam ser afetados.

O corpo mental está sujeito às leis do hábito, tal como o estão os outros veículos. Por isso, se acostumamos nossos corpos mentais a um certo tipo de vibração, eles aprendem a reproduzi-la fácil e prontamente. Assim, por exemplo, se um homem se permite pensamentos maus sobre outros, depressa se tornará mais fácil pensar deles antes mal do que bem, habitualmente. Dessa forma criam-se preconceitos que cegam um homem para os bons pontos dos outros, e aumentam de forma espantosa o que de mau existir neles.

Muitas pessoas, por ignorância, tomam o hábito do mau pensamento. É possível, naturalmente, formar o hábito contrário. Não é tão difícil o autotreinamento para ver os pontos positivos e não os pontos negativos das pessoas com as quais nos encontramos. Daí virá o hábito de gostar das pessoas, ao invés de antipatizar com elas. Agindo assim, nossas mentes começam a trabalhar mais facilmente ao longo da trilha da admiração e da apreciação, ao invés de seguir as da suspeita e da comparação injuriosa. Um uso sistemático do poder do pensamento fará, assim, a vida mais fácil e agradável, e também construirá o tipo exato de matéria em nossos corpos mentais.

Muitas pessoas não exercitam sua capacidade mental tanto quanto deveriam; suas mentes são antes receptivas do que criativas, e estão aceitando, constantemente, pensamentos alheios, ao invés de formarem interiormente os seus próprios.

Uma compreensão desse fato deveria levar o homem a mudar sua atitude de consciência na vida cotidiana, e observar o trabalho de sua mente. De início, angústia considerável pode ser sentida quando um homem percebe que muitos de seus pensamentos não são realmente seus, que os pensamentos vêm para ele sem que saiba de onde, e se vão novamente sem que saiba para onde, que sua mente é pouco mais do que um lugar pelo qual os pensamentos estão passando.

Tendo chegado a esse estágio preliminar de autoconsciência mental, o homem deve, então, observar a diferença que existe entre a condição dos pensamentos quando vêm à sua mente e a condição dos pensamentos quando saem dela, isto é, o que foi acrescentado por ele próprio a esses pensamentos, durante sua permanência. Dessa forma sua mente se tornará rapidamente e realmente ativa, desenvolvendo seu poder criativo.

Depois, o homem deve escolher com a mais completa deliberação o que deve ou não ficar em sua mente. Quando descobrir ali um pensamento bom, deve tratar dele, fortalecê-lo, e enviá-lo para fora, de novo, como agente benéfico. Quando encontrar em sua mente um pensamento mau, deve expulsá-lo prontamente.

Entreter descuidadamente idéias e qualidades indesejáveis é um perigo ativo, pois cria tendência para tais coisas e leva a ações que as corporificam. O homem que se entretém com a idéia de uma ação má pode vir a cometê-la antes mesmo de perceber o que está fazendo. Quando a porta da oportunidade se abre, a ação mental precipita-se para o exterior e apressa a ação. Porque todas as ações nascem do pensamento, mesmo quando realizadas — como dizemos — sem pensar. Não deixam de ser a expressão instintiva dos pensamentos, desejos e sentimentos do homem, criados nele em dias passados.

Depois de seguir constantemente por algum tempo essa prática de escolher os pensamentos que quer manter, o homem encontrará cada vez menor número de maus pensamentos flutuando em sua mente, porquanto serão repelidos pela ação automática da própria mente. A mente desse homem começará a agir como um imã para todos os pensamentos similares que estejam ao redor dele. Assim, o homem reunirá em seu corpo mental uma quantidade de bom material, e seu corpo mental se tornará mais rico em seu conteúdo, a cada ano.

Vemos, assim, que o grande perigo a ser evitado é o de permitir que a criação de formas-pensamento seja incitada do exterior, o de permitir que estímulos vindos do mundo externo venham despertar imagens no corpo mental, e lançar a matéria mental criativa em formas-pensamento carregadas de energia, que, necessariamente, procurarão descarregar-se, e assim se realizarem. Nessa atividade não-governada do corpo mental está a fonte de praticamente toda a nossa luta interior e de toda a nossa dificuldade espiritual. É a ignorância que permite esse funcionamento indisciplinado do corpo mental. Essa ignorância deve ser substituída pelo conhecimento, e devemos aprender a controlar nossos corpos mentais, de forma que eles não sejam despertados a partir do exterior para a formação de imagens, mas que sejam nossos, para que os usemos como desejarmos.

Muito sofrimento é causado pela imaginação indisciplinada. A falha no controle das paixões inferiores (especialmente o desejo sexual) é o resultado de uma imaginação indisciplinada, não de uma vontade fraca. Mesmo que seja forte o desejo sentido, é o pensamento criativo que leva à ação. Não há perigo em apenas ver ou pensar no objeto do desejo, mas quando o homem se imagina cedendo aos seus desejos, e permite que esses desejos fortaleçam a imagem que ele compôs, então começa o perigo. É importante compreender que não há poder nos objetos do desejo, como tais, até que nos entreguemos a imaginações criativas. Feito isso, a luta se seguirá, com certeza.

Nessa luta podemos apelar para o que pensamos ser nossa vontade, e tentar escapar dos resultados de nossa própria imaginação através de desesperada resistência. Poucos aprenderam que a ansiosa ou desesperada resistência inspirada pelo medo é bem diferente da vontade. A vontade seria melhor empregada no controle da imaginação, em primeiro lugar, erradicando assim a causa dos nossos distúrbios em sua fonte de origem.

Como veremos em capítulo posterior, os materiais que reunimos durante a vida presente são, na vida após a morte, trabalhados como poderes e faculdades mentais que encontrarão melhor expressão em nossas vidas futuras. O corpo mental da próxima encarnação depende do trabalho que fazemos em nosso corpo mental presente. O carma traz a colheita de acordo com a nossa semeadura. Não podemos isolar uma vida da outra, nem criar, miraculosamente, alguma coisa do nada.

Tal como está escrito no *Chândogyapanishat,* "O homem é fruto da reflexão; o que ele reflete nesta vida sê-lo-á depois."

Combater e modificar hábitos de pensamento — processo que envolve a rejeição de uma série de partículas mentais do corpo mental, e a substituição delas por outras de tipo superior — é difícil de início, naturalmente, tal como é habitualmente difícil romper com hábitos físicos. Mas isso pode ser feito, e a velha forma se modifica. O pensamento correio se torna cada vez mais fácil, e, finalmente, espontâneo.

Quase não existe limite para o grau até o qual o homem pode recriar a si mesmo pela atividade mental concentrada. Como vimos, escolas de cura — tais como a Ciência Cristã, a Ciência Mental e outras — utilizam esse poderoso meio para obter seus resultados, e sua utilidade

3depende muitíssimo do conhecimento das forças que está empregando. Inumeráveis casos provam a existência de tais forças. Fracassos mostram que o manejo delas não foi hábil ou não foi suficiente para a tarefa a realizar.

Expresso em termos gerais, o pensamento é a manifestação da Criatividade, o Terceiro Aspecto da triplicidade humana. Na terminologia cristã, é a manifestação de Deus-Pai, o amor de Deus-Filho, e o pensamento, ou atividade criativa, de Deus Espírito Santo. Por isso, é o pensamento que atua em nós, que cria, que põe em prática os decretos da vontade. Se a vontade é o Rei, o pensamento é o Primeiro Ministro.

O ocultista aplica esse poder criativo para apressar a evolução humana. A Ioga oriental é a aplicação das leis gerais da evolução da mente para esse apressamento da evolução de uma consciência particular. Foi provado, e sempre poderá ser novamente provado, que o pensamento, concentrando-se atentamente numa idéia, grava-a no caráter do pensador, e o homem pode, assim, criar em si próprio qualquer qualidade desejada, através de constante e atento pensamento — pela meditação.

Conhecendo essa lei, o homem pode fazer seu corpo mental como deseja que ele venha a ser, tão certamente como o pedreiro pode construir uma parede. O processo de construir caráter é científico, tanto como o desenvolvimento do poder muscular. Mesmo a morte não detém esse trabalho, como veremos em capítulos futuros.

Nesse trabalho, a prece pode ser usada com grande resultado, e talvez o mais impressionante exemplo disso seja o que se encontra na vida do brâmane. Toda sua vida é praticamente uma contínua prece. Embora muito mais elaborada e detalhada, é de certa forma similar à forma usada nos conventos católicos, onde o noviço é instruído para rezar toda vez que se alimenta, de forma que sua alma seja nutrida com o pão da vida; toda vez que se lava, para que sua alma possa ser mantida pura e limpa; toda vez que entra numa igreja, para que sua vida possa ser um contínuo serviço, e assim por diante. A vida de um brâmane é similar, exceto em que essa devoção faz-se em maior escala e com muitos pormenores mais. Ninguém pode duvidar de que o homem que, real e honestamente, obedece todas essas prescrições, deva ser profunda e constantemente afetado por tal ação.

Como vimos no Capítulo IV, o corpo mental tem a particularidade de crescer em tamanho e, naturalmente, em atividade, proporcionalmente ao desenvolvimento do homem. O corpo físico, conforme sabemos, permaneceu substancialmente do mesmo tamanho, por longas idades; o corpo astral cresce até certo ponto, mas o corpo mental (bem como o corpo causal) expande-se enormemente nos últimos estágios da evolução, exibindo a mais opulenta irradiação de luzes multicoloridas, brilhando com intenso esplendor, e despedindo deslumbrantes clarões quando em alta atividade.

Numa pessoa muito pouco desenvolvida, o corpo mental é até difícil de se distinguir. De tal forma é pouco evoluído que será necessária muita atenção para chegar a vê-lo. Grande número de pessoas ainda se mostra incapaz de pensamentos claros, especialmente no Ocidente, no que se refere a assuntos religiosos. Tudo é vago e nebuloso. Para o desenvolvimento ocultista as coisas vagas e nebulosas não convêm. Nossas concepções devem ser nítidas e nossas imagens-pensamento definidas. Essas, além de outras características, são essenciais na vida de um ocultista.

O estudante deveria compreender, também, que cada homem vê o mundo exterior, necessariamente, através de sua própria mente. O resultado pode ser corretamente comparado ao da visão de uma paisagem através de vidros coloridos. O homem que sempre tivesse visto só através de vidros vermelhos ou azuis, ignoraria as modificações que tais vidros realizam sobre as verdadeiras cores da paisagem. Da mesma forma, ,o homem é inteiramente inconsciente da distorção advinda do fato de ver tudo através da sua própria mente. Foi de certa forma nesse sentido óbvio que se chamou a mente de "a criadora da ilusão". O estudante de ocultismo tem, claramente, o dever de purificar e desenvolver seu corpo mental a tal ponto, eliminando "excrescências"* e preconceitos, que seu corpo mental reflita a verdade com um mínimo de distorção devida a defeitos de seu corpo mental.

* Veja pág. 24.

O efeito do homem sobre os animais é um assunto do qual logo trataremos, a fim de fazer o estudo completo do nosso corpo mental, suas ações e reações.

Se o homem pensa afetuosamente sobre um animal, ou faz um esforço evidente para ensinar-lhe alguma coisa, há uma ação direta e intencional passando do corpo astral e do corpo mental do homem para o veículo correspondente do animal. Isso, entretanto, é raro; em geral, a ação não é voluntária, sendo realizada simplesmente pela incessante e inevitável

ação devida à proximidade dessas duas entidades. O caráter e o tipo do homem terão uma grande influência no destino do animal. Se a interação entre ambos é emocional, em sua maior parte, a probabilidade é de que o animal se desenvolva principalmente através de seu corpo astral, e que o rompimento final do vínculo do animal com a alma-grupo venha a ser devido a um súbito ímpeto de afeição que alcança o aspecto búdico da mônada que flutua sobre o animal, causando assim a formação do Ego.

Se a interação for principalmente mental, o corpo mental nascente do animal será estimulado, e se individualizará, provavelmente, através da mente.

Se o homem for intensamente espiritual ou dotado de vontade forte, o animal provavelmente se individualizará através do estímulo da sua vontade.

Individualização através da afeição, do intelecto, ou da vontade são os três métodos normais. Também é possível a individualização por meios menos desejáveis, como, por exemplo, através do orgulho, do medo, do ódio, ou da volúpia do poder.

Assim, por exemplo, um grupo de três milhões de egos individualizaram-se na Sétima Ronda da Cadeia Lunar, inteiramente através do orgulho, não possuindo outra qualidade a não ser uma certa inteligência, e seus corpos causais não mostraram, conseqüentemente, quase nenhuma outra cor a não ser a laranja.

A arrogância e a rebeldia desse grupo de egos causaram, através da história, constantes distúrbios para si próprios e para os demais. Alguns deles tornaram-se os "Senhores da Face Escura", na Atlântida, outros fizeram-se conquistadores-devastadores do mundo, ou milionários sem escrúpulos, cognominados "Napoleões das finanças".

Uns tantos, que se individualizaram através do medo engendrado pela crueldade, tornaram-se os inquisidores da Idade Média, e os torturadores de crianças na época atual.

Mais detalhes sobre o mecanismo da individualização podem ser encontrados em *Um Estudo da Consciência,* da Dra. Besant. Também trataremos do assunto em O *Corpo Causal.*

CAPÍTULO XIV

FACULDADES

O corpo mental, como o corpo astral, pode, no correr do tempo, ser despertado para a atividade, e aprenderá a responder às vibrações da matéria de seu próprio plano, abrindo assim, diante do Ego, um mundo inteiramente novo e muito mais amplo de conhecimento e poder.

O desenvolvimento integral da consciência no corpo mental não deve, contudo, ser confundido com o simples aprendizado quanto ao uso do corpo mental até certa medida. O homem usa seu corpo mental sempre que pensa, mas isso está muito longe de capacitá-lo a utilizar tal corpo como um veículo independente, através do qual a consciência pode se expressar plenamente.

Conforme vimos antes, o corpo mental do homem comum é muito menos desenvolvido que seu corpo astral. Na maioria dos homens a parte superior do corpo mental ainda está bem adormecida, mesmo quando as partes inferiores estejam em vigorosa atividade. O corpo mental do homem comum, na verdade, ainda não é, em sentido algum, um veículo, pois o homem não pode movimentar-se nele nem pode empregar seus sentidos para receber impressões da maneira habitual.

Entre os cientistas do nosso tempo, embora o corpo mental esteja altamente desenvolvido, ainda o é principalmente para uso quando em consciência desperta, e ainda muito imperfeitamente para recepção direta dos planos superiores.

Poucos, realmente, a não ser aqueles que foram definitivamente treinados por instrutores pertencentes à Grande Fraternidade de Iniciados, trabalham conscientemente no corpo mental. Para se fazer isso são necessários anos na prática da meditação e esforço especial.

Até a época da Primeira Iniciação um homem trabalha à noite em seu corpo astral, mas assim que este esteja sob perfeito controle, e possa ser usado integralmente, inicia-se o trabalho no plano mental. Quando o corpo mental está completamente organizado, é um veículo muito mais flexível do que o corpo astral, e muito do que é impossível a este último pode ser realizado por ele.

O poder de funcionar livremente no corpo astral pode ser adquirido por um candidato à Segunda Iniciação, porque tal Iniciação se efetua no plano mental inferior.

Tal como a visão do plano astral é diferente da do plano físico, assim a visão do plano mental é totalmente diferente de ambas. No caso da visão mental, não mais podemos falar em sentidos separados, tais como a visão e a audição, mas temos de postular um sentido geral que responde tão completamente às vibrações, que ao chegar a seu conhecimento qualquer assunto, ele o compreende de imediato em seu todo; por assim dizer, ele o vê, ouve, e sente, sabendo tudo quanto é possível saber sobre ele: sua causa, seus efeitos, suas possibilidades; pelo menos, até onde os planos mentais inferiores estão envolvidos, e tudo isso numa operação instantânea. Não há nunca qualquer dúvida, hesitação, ou demora quanto a essa ação direta do sentido superior. Se pensa num lugar, ali está; se

pensa num amigo, esse amigo está diante dele. Não mais podem surgir mal-entendidos, porque cada pensamento e sentimento desse amigo estão abertos como um livro diante dele, nesse plano.

Se o homem está com um amigo, cujo sentido superior também foi aberto, seu relacionamento é perfeito, para além da concepção terrena. Para eles a distância e a separação não existem. Seus sentimentos já não são ocultos, nem mal expressos por meio de palavras desajeitadas. Perguntas e respostas são desnecessárias, porque os quadros-pensamento são lidos ao serem formados, e a permuta de idéias é tão rápida como o seu irromper na mente.

Ainda assim, essa maravilhosa faculdade difere, em graus apenas, e não em qualidade, daquelas que podemos comandar no tempo presente. Porque no plano mental, como no físico, as impressões ainda são transmitidas por meio de vibrações que vão do objeto visto para quem o vê. Essa condição não se aplica ao plano búdico, mas não é disso que iremos tratar no presente livro.

Não há muito que se possa ou se deva dizer quanto ao que se refere à clarividência mental, porque é altamente improvável que exemplos de tal faculdade possam ser encontrados, salvo entre discípulos adequadamente treinados em escola de ocultismo de alto nível. Para esses, a clarividência abre um novo mundo, no qual tudo quanto podemos imaginar de suprema glória e esplendor é o habitual da existência.

Tudo quanto esse mundo pode dar — pelo menos tudo quanto possa ser assimilado — está ao alcance do discípulo treinado, mas é bem escassa a possibilidade de o clarividente não treinado chegar até ele. Provavelmente nem um, em mil clarividentes, chega a alcançá-lo. Tal faculdade já foi obtida quando em transe mesmérico, ocasião em que o sujeito escapou ao controle do operador; mas essa ocorrência é extremamente rara, pois exige quase que super-humanas qualificações, sob a forma de elevadas aspirações e absoluta pureza de pensamento e intenção, tanto da parte do sujeito como do operador. Mesmo em tais casos, o sujeito raramente trouxe de volta algo mais do que apagada recordação de uma intensa, mas indescritível beatitude, em geral, profundamente colorida com suas convicções religiosas pessoais.

Não só todo o conhecimento — queremos dizer, o que não transcende o plano mental — está disponível aos que funcionam no plano mental, mas o passado do mundo está tão aberto para eles como o presente, já que têm acesso à indelével memória da natureza (ver Capítulo XXVIII).

Assim, por exemplo, para quem possa funcionar livremente no corpo mental, há métodos de tomar conhecimento do assunto de um livro, bem diversos do processo de lê-lo. O mais simples desses métodos é lê-lo na mente de alguém que o estudou, mas isso, naturalmente, pode levar à objeção de que assim só se alcança a concepção que o estudante teve do livro.

Um segundo plano é examinar a aura do livro. Cada livro é rodeado por uma aura-pensamento, construída pelos pensamentos de todos que o leram e estudaram. Assim, a psicometrização de um livro geralmente oferece uma compreensão razoavelmente completa de seu conteúdo, embora, naturalmente, possa haver o adendo das opiniões dos vários leitores, mas *não* expressas no livro propriamente dito.

Tal como foi mencionado no Capítulo VIII, dado o fato de que hoje poucos são os leitores que estudam tão refletida e cabalmente como os antigos, as formas-pensamento relacionadas com um livro moderno raramente se mostram precisas e nítidas como as que rodeiam os manuscritos do passado.

Um terceiro meio é ir além do livro ou do manuscrito e chegar à mente do autor, conforme ficou descrito no Capítulo X.

Há, ainda, um quarto método, que requer altos poderes, e que é o de psicometrizar o assunto do livro e visitar mentalmente o centro-pensamento desse assunto, para onde convergem todos os fluxos de pensamento sobre esse assunto. Essa matéria foi tratada no Capítulo XII, *Centros de Pensamento.*

A fim de que se esteja em condições de fazer observações no plano mental, é necessário que o homem suspenda muito cuidadosamente seu pensamento, nessa ocasião, de forma que suas criações não influenciem a matéria facilmente influenciável que o rodeia, alterando-lhe completamente as condições.

Esse ato de manter a mente em suspenso não deve ser confundido com a "mente em branco", para cuja obtenção muitas das práticas da Hatha-Yoga são dirigidas. Neste último caso, a mente é levada a uma passividade absoluta, condição que se aproxima da mediunidade. No primeiro caso, a mente está agudamente alerta e positiva, tanto quanto lhe é possível estar, mantendo seus pensamentos em suspenso no momento, apenas para evitar a intrusão de contribuições pessoais na observação que ela deseja realizar.

Existem *Chakras,* ou Centros-de-Força no corpo mental, assim como existem em todos os outros veículos. Eles são pontos de conexão para os quais a força flui de um veículo para outro. Os *chakras* do corpo etérico foram descritos em O *Duplo Etérico,* e os do corpo astral em *O Corpo Astral.* Atualmente, poucas informações estão disponíveis relativamente aos chakras do corpo mental.

Um dos itens de informação é o seguinte: em certas pessoas o *chakra* do topo da cabeça é inclinado, ou enviesado até que seu vórtice coincida com o órgão atrofiado, conhecido como glândula pineal. Em tais pessoas, essa glândula está vivificada e se constitui numa linha de comunicação direta com o mental inferior, sem, aparentemente, passar através do plano astral intermediário, como de hábito. Era para esse tipo de pessoas que Madame Blavatsky escrevia quando pôs tanta ênfase quanto ao despertar dessa glândula.

Outro fato é que a propriedade de ampliação, que os hindus chamam *anima,* pertence ao *chakra* de entre os olhos. Da parte central desse *chakra* projeta-se o que podemos chamar de minúsculo microscópio, tendo por lente apenas um átomo, fornecendo assim um órgão proporcionado, em tamanho, aos diminutos objetos a serem observados.

O átomo empregado pode ser físico, astral, ou mental, mas seja ele qual for, pede uma preparação especial. Todas as suas espiras devem ser abertas e levadas a completa ordem de funcionamento, de forma a serem exatamente o que serão na sétima Ronda da nossa Cadeia.

O poder pertence ao corpo causal, de forma que se um átomo de nível inferior for usado como luneta, deve-se introduzir um sistema para refletir contrapartidas. O átomo pode ser ajustado a qualquer subplano, de forma que qualquer grau desejado de ampliação possa ser aplicado para servir ao objeto que está sendo examinado.

Uma extensão adicional do poder capacita o operador a focalizar sua consciência na lente, e então projetá-la para pontos distantes.

O mesmo poder, através de arranjos diferentes, pode também ser usado para obter diminuições, quando alguém quer visualizar como um todo algo demasiado grande para ser captado imediatamente pela visão comum. Isso é conhecido pelos hindus como *mahimâ.*

Não há limite espacial para a clarividência mental além do próprio plano mental que, tal como veremos no Capítulo XXVII, não se estende ao plano mental de outros planetas. Apesar disso, a clarividência mental pode obter uma boa porção de informações sobre esses outros planetas.

Passando-se para fora dos distúrbios constantes da atmosfera terrestre, é possível tornar a visão imensamente clara. Também não é difícil aprender como exercer um poder de ampliação inexcedivelmente alto, por meio do qual informações astronômicas muito interessantes podem ser obtidas.

Prâna, ou Vitalidade, existe no plano mental, como existe em todos os planos de que temos algum conhecimento. O mesmo acontece com Kundalini ou Fogo Serpentino, e também com Fohat, ou eletricidade, e com a força-de-vida que, em O *Duplo Etérico,* é chamada Força Primária.

De Prâna e Kundalini no plano mental bem pouco, ao que parece, é conhecido hoje em dia. Sabemos, contudo, que Kundalini vivifica todos os vários veículos.

A Força Primária, mencionada acima, é uma das expressões da Segunda Emanação do Segundo Aspecto do Logos. Em nível búdico ela se manifesta como o princípio-Cristo no homem; nos corpos astral e mental, vivifica várias camadas de matéria, aparecendo na parte mais alta da astral como nobre emoção, e na parte mais baixa como simples ímpeto de força de vida que energiza a matéria desse corpo. Em sua mais baixa incorporação, Prâna se reveste de matéria etérica, e vai do corpo astral para os chakras na superfície do corpo etérico, onde se encontra com Kundalini que sobe do interior do corpo humano.

O estudante recordará que o fluxo de Prâna violeta estimula pensamentos e emoções de tipo altamente espiritual; recordará que o pensamento comum é levado pela ação do fluxo azul mesclado com parte do amarelo, e também que em alguns tipos de idiotia o fluxo de vitalidade para o cérebro, tanto amarelo como azul-violeta, está quase inteiramente bloqueado.

Depois que *O Duplo Etérico* foi publicado, o livro de Leadbeater, *Os Chakras*, apareceu contendo algumas novas e valiosas informações relativas aos chakras, e particularmente relativas à conexão entre os vários centros ou chakras e os planos.

O estudante, portanto, pode considerar útil o seguinte quadro:

QUADRO DOS CHACRAS

N.º	*Nome português*	*Nome sânscrito*	*Situação*	N.° *de raios*	*Grupo*	*Força com a qual cada um se associa*
1	Raiz ou básico	Müladhâra	Base da coluna espinhal	4	I Fisiológico	Kundalini
2	Baço ou esplénico	——	Sobre o baço	6		Prâna
3	Umbigo ou umbilical	Manipüra	Umbigo, sobre o plexo solar	10	II Pessoal	Astral inferior
4	Coração ou cardíaco	Anâhata	Sobre o coração	12		Astral superior
5	Garganta ou laríngeo	Visuddha	Frente da garganta	16		Mental inferior
6	Testa ou frontal	Âtmâ	Entre as sobrancelhas	96	III Espiritual	Forças superiores através do corpo pituitário
7	Alto da cabeça ou coronal	Sahasrâra	Alto da cabeça	12 960		Forças superiores através da glândula pineal

Do que *se* vê acima parece que a Força Primária, Prâna e Kundalini não estão diretamente vinculadas com a vida mental e emocional do homem, mas só com seu bem-estar corporal. Há, contudo, também outras forças entrando nos chakras, e que podem ser descritas como psíquicas e espirituais. Os chakras basal e esplênico não mostram nenhuma dessas forças, mas o umbigo e os chakras mais altos são portas de entrada para forças que afetam a consciência do homem.

Parece haver certa correspondência entre as cores dos fluxos de Prâna que fluem dos vários chakras e as cores que H. P. Blavatsky atribui aos princípios do homem no diagrama que está em *A Doutrina Secreta,* tal como se vê neste quadro:

Cores do Prâna	*Chakras em que entram*	*Cores dadas em D.S.*	*Princípios representados*
Azul claro	Garganta	Azul	Âtmâ (envoltório áurico)
Amarelo	Coração	Amarelo	Buddhi
Azul escuro	Fronte	índigo ou Azul escuro	Manas superior
Verde	Umbigo	Verde	Kâma-Manas:mente inferior
Rosa	Baço	Vermelho	Káma-Rüpa
Violeta	Alto da cabeça	Violeta	Duplo etérico
Laranja-Vermelho com outro violeta	Radical(depois coronal)	—	—

Kundalini pertence à Primeira Emanação, vinda do Terceiro Aspecto. No centro da Terra ela opera num vasto globo, do qual só as camadas externas permitem aproximação. Elas estão em relacionamento simpático com as camadas de Kundalini no corpo humano. Assim, a Kundalini do corpo humano vem do que pode ser chamado o "laboratório do Espírito Santo", na profundeza da Terra. Pertence ao fogo do baixo mundo, que forma impressionante contraste com o fogo de Prâna, ou vitalidade. Prâna pertence ao ar, à luz, aos espaços abertos. O fogo que vem de baixo é muito mais material, como o fogo do ferro em brasa. Há um aspecto bastante terrível nessa tremenda força: ele dá a impressão de descer cada vez mais profundamente para a matéria, movendo-se lenta mas irresistivelmente para baixo, com incansável certeza.

Devemos notar que Kundalini é o poder da Primeira. Emanação em seu caminho de *retorno,* e trabalha em contacto íntimo com a Força Primária já mencionada, as duas, reunidas, trazendo uma criatura em evolução ao ponto em que ela possa receber a Emanação do Primeiro Logos e tornar-se um Ego humano.

O despertar prematuro de Kundalini tem muitas possibilidades desagradáveis. Intensifica tudo na natureza do homem, e alcança as qualidades baixas e más com maior rapidez do que as boas. No corpo mental, por exemplo, a ambição é muito facilmente despertada, e depressa avoluma-se em grau incrivelmente desordenado. Com isso seria de esperar que viesse uma grande intensificação do poder do intelecto, o que produziria, ao mesmo tempo, orgulho satânico, anormal, de um tipo que é inconcebível no homem comum. Homem algum, destituído de instrução, deve tentar despertá-lo, e se uma pessoa descobrir que ele foi acidentalmente despertado, deve imediatamente consultar alguém que entenda inteiramente desses assuntos. No *Hathayogapradipika* está dito: "Ele dá liberação aos Ioguis, e cativeiro aos tolos."

A conquista de Kundalini tem de ser repetida em cada encarnação, já que os veículos são sempre novos, mas, após ter sido completamente conquistado, sua repetição será uma questão simples. Devemos lembrar que sua ação varia conforme os diferentes tipos de pessoas. Algumas, por exemplo, verão o Eu superior, ao passo que outras O ouvirão. Também essa

conexão com o superior tem muitos estágios. Para a personalidade significa a influência do Ego, mas para o Ego significa o poder da mônada, e para a mônada, por sua vez, ela se torna a expressão consciente do Logos.

A fim de usar as faculdades do corpo mental, é necessário, ademais, focalizar a consciência nesse corpo. A consciência do homem pode ser focalizada apenas em um veículo de cada vez, embora possa ser vagamente consciente dos outros. Assim, se um homem possui visão astral e mental, focaliza sua consciência no cérebro físico, e verá perfeitamente os corpos físicos de seus amigos, mas ao mesmo tempo verá seus corpos astral e mental, um tanto enevoadamente. Em menos de um momento pode modificar esse foco e verá o astral completa e perfeitamente. Nesse caso, verá, ainda, os corpos físico e mental, mas não em todos os seus detalhes. Isso também acontece com a visão mental e com a visão dos planos superiores.

Para trazer ao cérebro físico o que foi visto no plano mental, é preciso que seja feita a difícil operação de uma dupla transferência do superior para o inferior, já que a memória deve ser conduzida através do plano astral que fica de permeio. Mesmo quando as faculdades mentais podem ser usadas enquanto despertas no corpo físico, o investigador é prejudicado pela absoluta incapacidade da linguagem física para expressar o que viu.

A fim de trazer a consciência do plano mental para o cérebro físico, os vínculos entre os diferentes corpos devem ser desenvolvidos. Esses vínculos existem, sem chegar, de início, à consciência do homem. Não são ativamente vivificados, parecendo-se aos chamados órgãos rudimentares que, no corpo físico, estão à espera de desenvolvimento através do uso. Tais vínculos ligam os corpos denso e etérico ao corpo astral, o corpo astral ao corpo mental, o corpo mental ao corpo causal. A ação da vontade começa a vivificá-los, e ao iniciarem eles a sua função, o homem usa-os para a passagem de sua consciência de veículo a veículo. O uso da vontade vivificando os vínculos, liberta Kundalini, o Fogo Serpentino.

O vínculo entre os corpos físico e astral é o corpo pituitário; o que está entre os corpos físico e mental é a glândula pineal. Conforme foi mencionado antes, há pessoas que desenvolvem primeiro o corpo pituitário, e outras que desenvolvem primeiro a glândula pineal — cada qual deve seguir o método prescrito pelo seu próprio guru, ou mestre espiritual.

Quando um homem chega a aprender como deixar seu corpo físico com a consciência desperta, tendo desenvolvido os vínculos entre seus veículos, estabelece, naturalmente, uma ponte sobre a brecha existente entre a vida física e a vida no sono. Isso é facilitado pelo adestramento do cérebro para responder às vibrações vindas do corpo mental. O cérebro se torna, assim, um instrumento cada vez mais obediente do homem, realizando suas atividades sob impulsos da vontade e respondendo ao mais leve toque.

Os preparativos principais para se receberem no veículo físico as vibrações da consciência superior, podem, utilmente, ser resumidas como segue: purificação dos corpos inferiores através do alimento puro e da vida pura; domínio completo das paixões; cultivo de um temperamento igual, equilibrado, o mesmo se fazendo para com a mente; hábito de tranqüila meditação sobre assuntos elevados; cessar a pressa, sobretudo aquela inquieta e excitada pressa da mente, que mantém o cérebro continuamente em trabalho, transferindo-se de uma coisa para a outra;

amor verdadeiro pelas coisas do mundo superior, de forma que a mente repouse mansamente em seu companheirismo, como no de um amigo bem-amado.

Quando o homem é capaz de usar as faculdades mentais na consciência comum, desperta, está, naturalmente, em condições de receber todo o tipo de impressões vindas do mundo mental, de forma que todo o trabalho de outros é percebido por ele tal como percebe seus movimentos corporais. Aprendendo a usar os poderes do corpo mental, o homem não perde os do inferior, porque eles estão incluídos no superior.

Nesse estágio o homem pode também aumentar seus poderes beneficentes em grande extensão, criando e dirigindo conscientemente formas-pensamento para fazer trabalhos em lugares que, no momento, ele não tem possibilidade de visitar em seu corpo mental. Ele as controla à distância, observando-as e guiando-as enquanto atuam, e fazendo-as agentes de sua vontade.

Quando o homem começa a desenvolver-se em linhas ocultistas, todo o seu corpo mental, como ficou dito, deve ser purificado e posto em absoluta ordem de trabalho. É muito necessário que possa formar suas formas-pensamento de maneira nítida e forte. Além disso, será um conforto e auxílio grande para ele, se for capaz de visualizá-las claramente.

Os dois atos não devem ser confundidos. A formação de um pensamento é ação direta da vontade, trabalhando através do corpo mental. A visualização *é*, simplesmente, o poder de ver, de forma clarividente, a forma-pensamento por ele construída. Se um homem pensa fortemente em qualquer objeto, a imagem desse objeto está em seu corpo mental, possa ele ou não visualizá-la.

O estudante também deve lutar continuamente para manter aquele alto padrão de pureza moral e equilíbrio mental, sem os quais a clarividência é uma maldição e não uma bênção para quem a possui.

O desenvolvimento da consciência do corpo mental tornaria contínuas a vida e a memória do homem, sempre que descesse para uma nova encarnação.

Quando o homem pode assim funcionar conscientemente em seu corpo mental, experimentando seus poderes e suas limitações, aprende necessariamente a distinguir o veículo que está usando e ele próprio. O próximo estágio é perceber o caráter ilusório do "eu" pessoal, e do "eu" do corpo mental, e identificar-se com o homem real, a individualidade ou Ego, vivendo no corpo causal.

Esse passo à frente, no acordar da consciência para o nível do Ego no plano mental superior, confere ao homem a memória de todas as suas vidas passadas.

Antes, porém, que o homem possa ter a esperança de romper a barreira entre os planos astral e mental, de forma a ter o prazer da constante recordação, deve ter praticado longamente e integralmente o uso de seu corpo mental como veículo. (A analogia nos leva a ver que o Ego deve estar inteiramente consciente e ativo em seu próprio plano, muito tempo antes que qualquer conhecimento possa vir através da sua consciência física.)

O corpo mental, como tal, é incapaz de fadiga: não há isso que se chama fadiga da *mente.* O que chamamos por essa expressão é apenas a fadiga do cérebro físico, através do qual a mente tem de se expressar.

Não obstante, a fadiga puramente física pode afetar o corpo mental. Assim, o homem que está completamente exausto perdeu, em grande parte, seu poder de coordenação. Cada célula física se está queixando, e o efeito disso sobre todos os veículos — etérico, astral, e mental — é o de criar um vasto número de pequenos vórtices, separados, cada qual fremindo em seu próprio ritmo, de forma que todos os corpos perdem sua coesão e seu poder de cumprir o trabalho que lhes cabe.

No presente estágio do nosso conhecimento, não sabemos o que leva nossa memória a funcionar; esse assunto ainda não foi de todo investigado. Está claro, todavia, que uma vibração no corpo mental é parte do que ocorre, e que o corpo causal não está de forma alguma envolvido.

Há muitos milhares de anos parece ter havido uma certa cerimônia dirigida para a abertura dos corpos superiores. O oficiante, num aposento escuro, pronunciava a palavra "Om", que colocava todos os presentes em íntima harmonia com ele, e com os sentimentos que enchiam sua mente. Ao ser articulada a balavra "Bhur", o aposento enchia-se, para os sentidos dos presentes, da luz comum. Ao som de outra palavra, a visão astral abria-se temporariamente para eles. Outra palavra, e abria-se, igualmente, sua visão mental. Esses efeitos eram temporários, apenas, mas, numa ocasião futura seria mais fácil, naturalmente, produzir o mesmo resultado nessas pessoas.

É importante que o estudante aprenda a distinguir entre impulso e intuição. Como ambos vão ter ao cérebro, vindo do interior, parecem, de pronto, exatamente iguais; portanto, é preciso ter muito cuidado. É sensato, quando as circunstâncias permitem, esperar um pouco, porque os impulsos geralmente vão enfraquecendo, enquanto as intuições permanecem sem modificação com a passagem do tempo. Um impulso é quase sempre acompanhado de excitação, e há algo pessoal nele: uma intuição verdadeira, embora firme, é rodeada por uma sensação de tranqüila força. O impulso é uma agitação do corpo astral; a intuição é um retalho de conhecimento que vem do Ego e é impresso na personalidade, originando-se, portanto, do plano mental superior, e às vezes, mesmo do plano búdico.

Para distinguir entre impulso e intuição, até que a natureza esteja completamente equilibrada, é necessária calma consideração, sendo essencial a espera. Um impulso morre sob tais condições, enquanto a intuição torna-se mais clara e mais forte. Calma e serenidade capacitam a mente inferior mais claramente para ouvir a intuição e sentir seu poder. Nada perde a intuição, antes ganha, com uma espera calma.

Ademais, a intuição está sempre relacionada com algo destituído de egoísmo. Se houver algum toque de egoísmo, mostrado em certo impulso que venha de um plano superior, podemos estar certos de que se trata de um impulso astral e não de uma verdadeira intuição búdica.

A intuição, de certa forma análoga à visão direta do plano físico, toma, eventualmente, o lugar da *razão,* que pode ser comparada ao sentido físico do tato. A intuição se desenvolve do raciocínio, da mesma maneira seqüencial e sem modificação de sua natureza essencial, tal como os olhos se desenvolvem através do sentido do tacto.

Mas a intuição da pessoa não-inteligente é impulso, nascido do desejo, e é inferior, não superior, ao raciocínio.

CAPÍTULO XV

CONCENTRAÇÃO

A partir do que já vimos quanto ao mecanismo e poder do pensamento, ficou perfeitamente claro que o controle da mente é de muito maior importância do que habitualmente se pensa, tanto pelo próprio homem como pela sua influência sobre o trabalho que esse homem pode fazer por outros.

O controle do pensamento é, de fato, um pré-requisito essencial para o desenvolvimento dos poderes da alma.

Diz *A Voz do Silêncio:* "A mente é a assassina do real; que o discípulo mate a assassina." Isso não significa, naturalmente, que a mente deva ser destruída, pois não podemos viver sem ela, mas que deve ser dominada e governada. Ela não é o próprio homem, mas um instrumento que ele deve adestrar e usar.

É óbvio que o estudante deve exercer a maior atenção quanto aos pensamentos e emoções que deseja manter. O homem comum raramente pensa em tentar controlar uma emoção — exceto, talvez, em sua manifestação exterior. Quando sente que ela vai subindo, cede, e acha natural agir assim. O estudante de ocultismo, contudo, deve adotar uma atitude bastante diferente. Ao invés de permitir que as emoções o conduzam, deve ter sobre elas um controle absoluto, e isso deve ser feito pelo desenvolvimento e domínio de seu corpo mental. Um dos primeiros passos nesse caminho é a compreensão de que a mente não é ele próprio, mas um instrumento que ele precisa aprender a usar.

O estudante deve, então, dar-se à tarefa de dominar tanto suas emoções como sua mente. Deve saber exatamente o que está pensando, e por que está pensando, de forma que possa usar sua mente e possa torcê-la ou aquietá-la tal como um esgrimista hábil movimenta sua arma para onde quer, nesta ou naquela direção, e pode mantê-la tão firme quanto desejar. Em outras palavras, o estudante deve adquirir o poder de concentração, que é um preliminar necessário para todo o trabalho mental.

Deve aprender a pensar fixa e ordenadamente, não permitindo que a mente fuja de repente de uma coisa para outra, nem que desgaste suas energias com um grande número de pensamentos insignificantes.

A maioria dos homens sente que toda a sorte de pensamentos errantes correm pela sua consciência inesperadamente e, já que não estão habituados a controlar a mente, ficam incapacitados para deter a torrente. Tais pessoas não sabem o que é o pensamento concentrado; é essa alta carência de concentração, essa fraqueza da mente e da vontade que torna os primeiros estágios do desenvolvimento ocultista tão difíceis para o homem comum. Além disso, já que neste presente estágio do mundo há, ao que parece, mais pensamentos maus do que bons flutuando por aí, essa fraqueza coloca o homem aberto a toda a sorte de tentações que, com um pouco de cuidado e esforço, poderia evitar completamente.

No aspecto *forma,* concentrar-se é manter o corpo mental modelado numa imagem firme; no aspecto *vida é* dirigir firmemente a atenção para essa forma, para reproduzi-la dentro de si próprio. É a força da vontade que compele a mente a permanecer de uma forma, modelada por uma imagem,

deixando de lado todas as demais impressões. Mais resumidamente: concentração consiste na focalização da mente sobre uma idéia, e mantê-la aí.

Ainda mais simplesmente: concentração é *prestar atenção. Se o homem dá atenção ao que está jazendo, então sua mente está concentrada.*

O centro da garganta, ou chacra, embora associado com as formas superiores da audição, também está intimamente associado com o poder de manter atenção, poder ao qual todos os sistemas de ocultismo dão grande importância. Por isso, na escola de Pitágoras, por exemplo, os alunos eram mantidos por muitos anos numa ordem chamada *Akoustikoi,* ou Ouvintes, estando expressamente proibidos de se lançarem pelas perigosas águas da originalidade enquanto não estivessem inteiramente enraizados nos princípios estabelecidos da filosofia. Pelos mesmos motivos, nos mistérios de Mitra, a ordem mais baixa era a dos Corvos; isso significava que só lhes era permitido repetir o que tinham ouvido, precisamente como o fazem os corvos e os papagaios. Os franco-maçons perceberão a correspondência desta ordem com a do Grau de Ap. do seu sistema.

O estudante também fará bem em recordar que o efeito natural da concentração da mente é produzir tensão dos músculos do corpo, como, por exemplo, o franzir das sobrancelhas. Tal tensão não só cansa o corpo como também atua como obstáculo à afluência das forças espirituais. O estudante devia, portanto, voltar sua atenção para o corpo e deliberadamente "relaxar", periodicamente, tanto em sua meditação como em sua vida cotidiana.

Pessoas dotadas de natureza forte e intensa devem prestar atenção especial ao ato de relaxar, e talvez lhes seja necessário praticar exercícios adequados a esse fim.

A concentração não é caso de esforço físico. No momento em que a mente se volta para um pensamento, está concentrada nele. A concentração é menos um caso de manter a mente, à força, sobre certo pensamento, do que deixar que ela continue a repousar sobre tal pensamento, em completa calma e quietude. O estudante deve lembrar que a sede do pensamento não é o cérebro, mas o corpo mental; portanto, a concentração se refere mais ao corpo mental do que ao cérebro físico.

Assim, é óbvio que a concentração não é um estado de passividade, mas, ao contrário, intensa e regulada atividade. Parece-se, no mundo mental, à reunião de músculos para um salto, no mundo físico, ou seu enrijecimento para aguentar cansaço prolongado.

O homem que está começando uma real concentração de pensamento não deveria, de início, exceder de cinco a dez minutos seguidos, de cada vez, pois de outra forma poderia sobrecarregar o cérebro. Muito paulatinamente o tempo pode ser aumentado para quinze, vinte, ou trinta minutos.

O estudante jamais deve praticar a concentração ou a meditação ao ponto de sentir o cérebro pesado e obtuso, porque obtusidade e dor são sinais de perigo, indicando que o esforço está sendo feito para mudar a matéria dos corpos, mais rapidamente do que convém à saúde.

A maioria das pessoas parece achar mais difícil conter o pensamento do que a emoção, provavelmente porque foram educadas para considerar

impróprio deixar que a emoção se manifeste sem controle, enquanto costumam deixar que seus pensamentos vagueiem conforme ordena a sua fantasia.

Quando o homem começa a tentar o controle de sua mente, encontra-se em conflito com os hábitos passados de seu corpo mental. Assim como a consciência coletiva de seu corpo astral forma o que é chamado Elemental de Desejo (ver O *Corpo Astral),* há um Elemental Mental em seu corpo mental. Esse Elemental Mental habituou-se a ter as coisas à sua maneira, e a derivar de assunto para assunto como bem lhe parece.

A luta com o Elemental Mental é, de certa forma, diferente daquela empenhada contra o Elemental de Desejo. O Elemental Mental, sendo todo um estágio anterior ao Elemental de Desejo, está menos habituado ao confinamento material; conseqüentemente *é* mais ativo do que o Elemental de Desejo — mais inquieto, mas menos poderoso e determinado.

Na natureza das coisas ele *é,* assim, mais fácil de manejar, porém menos habituado a ser manejado. Por isso é necessário, realmente, um exercício muito menor da força para controlar um pensamento do que um desejo, mas requer-se uma aplicação mais persistente dessa força. Deve ser lembrado, também, que no plano mental a mente está em seu próprio terreno, tratando com sua própria matéria, de forma que é apenas uma questão de prática o aprender a manejar o Elemental Mental perfeitamente, enquanto que para conseguir dominar o Elemental de Desejo teremos de trazer a mente para uma região a que ela é estranha, e impor-lhe uma ascendência alheia, vinda de fora.

Tão importantes são os fatos que acabamos de expor, que será útil, talvez, recapitulá-los sucintamente. O controle da mente é, em si mesmo, muito mais fácil do que o das emoções, mas temos tido certa prática do controle emocional, e a regra é quase não termos prática do controle da mente. Daí parecerem difíceis para nós os exercícios mentais. Ambas as coisas constituem tarefas muito mais fáceis do que o perfeito domínio do corpo físico. Com este, todavia, temos tido prática, até certo ponto, em várias vidas anteriores, embora nossas realizações nesse terreno ainda sejam muitíssimo imperfeitas. Compreensão total desse assunto deve ser claramente encoraj adora, para o estudante. Um dos resultados dessa compreensão deve ser o de imprimir nele, bem vividamente, a verdade do comentário feito em *A Voz do Silêncio:* esta Terra é o único inferno verdadeiro que o ocultista conhece.

Se o que ficou exposto acima parecer falso ou exagerado, que o estudante considere a dificuldade de afastar, pelo poder do pensamento, por exemplo, uma terrível dor de dente (embora isso possa ser feito sob certas condições). É positivamente muito mais fácil afastar, pelo poder do pensamento, a depressão, a cólera, o ciúme, ou qualquer outra emoção desagradável, e ainda mais fácil desviar o pensamento de um assunto desagradável ou sem proveito, ou mesmo deter inteiramente o trabalho da mente.

Será útil, agora, considerar mais pormenorizadamente os obstáculos da concentração. Como veremos, dividem-se naturalmente em dois grupos principais. O primeiro refere-se a Kâma, ou desejo, o segundo diz respeito à própria natureza da matéria mental.

A dificuldade no controle da mente foi bem expressa, há 5.000 anos, por Arjuna, no imortal diálogo entre ele e Sri Krishna, no *Bhagavad Gítâ:*

"Este Ioga que Tu declaraste ser pela equanimidade, ó matador de Madhu, não vejo base para isso, devido à inquietação. Porque a mente é muito inquieta, ó Krishna! É impetuosa, forte, e difícil de dobrar. Considero que seja tão duro dominá-lo como ao vento."

E ainda é verdadeira a resposta, que aponta para a *única* forma de êxito:

"Sem dúvida, ó armipotente, a mente é dura de dobrar, mas pode ser dominada pela *prática constante* (abhyâsa) e pela *indiferença* (vairâgya)."

Trataremos dos dois obstáculos que estão acima em itálico, em ordem inversa:

1. INDIFERENÇA — Esta referência é, claramente, ao poder de Kâma, ou desejo, para atrair, governar e manter fixa a mente. No Capítulo VI estudamos em pormenor a relação entre Kâma e Manas, e vimos de que maneira o desejo impele continuamente a mente, levando-a a servir, constantemente, como ministradora de prazer. Assim, a mente é induzida a procurar o que agrada e a evitar o que causa sofrimento. Por isso é somente subjugando e controlando as emoções que elas podem ser dominadas e impedidas de arrastar a mente para longe das tarefas que ela se propunha realizar.

É bom, também, que o estudante recorde que um caos de mesquinhas emoções é coisa vergonhosa para um ser racional, e que é imensamente indigno de um homem — que é chispa do Divino — cair sob o império do seu Elemental de Desejo — coisa que não chegou ainda nem mesmo ao grau de mineral.

Ao que parece, há dois métodos principais através dos quais essa *indiferença* pode ser obtida e utilizada como um meio de concentração. Podemos chamá-los assim: método filosófico e método devocional.

Método filosófico. Consiste em modificar e fortalecer nossa atitude em relação a tudo quanto atrai e prende o homem, de forma que Kâma, ou desejo, possa ficar completamente sob controle. O homem torna-se, assim, indiferente a *todos* os assuntos sejam externos, sejam apresentados à mente pelo interior. Esse método — como constatou o autor — parece ser difícil para a maioria das pessoas de temperamento ocidental, e muitas vezes tende antes a criar dificuldades do que a solvê-las. Contudo, pessoas de temperamento oriental (para usar uma distinção prática) não parecem sentir essa grande dificuldade.

Para expor inteiramente esse método seria necessário um tratado de filosofia, coisa que, naturalmente, está muito distante da intenção deste livro. Que umas poucas palavras sejam o suficiente para dar uma idéia geral do método.

A filosofia do sistema está descrita nos Discursos 5 e 6 do *Bhagavatà-Gitâ,* que são chamados, respectivamente, Ioga da Renúncia da Ação e Ioga do Autodomínio.

Sob esse sistema, o homem "nem odeia nem deseja;. . . está livre dos pares de opostos;. . . percebe que os sentidos se movem entre os objetos dos sentidos. . . coloca todas as ações no Eterno, abandonando o apego;.

. . renuncia mentalmente a todas as ações;. . . olha da mesma maneira para um brâmane adornado de humildade e sabedoria, para uma vaca, um elefante, ou mesmo um cão ou um pária;. . . nem se regozija por obter o que é agradável, nem se aborrece por receber o desagradável;... não se prende a contactos externos e encontra alegria no Eu;... sabe suportar... a força nascida do desejo e da paixão. . . harmonizado. . . feliz. . . voltado para o bem-estar de todos os seres. . . desligado do desejo e da paixão".

"Realiza tal ação como um dever, independentemente do fruto que ela possa trazer. .. tendo renunciado à vontade formadora. . . controlado e pacífico, uniforme no calor e no frio, no prazer e na dor, bem como na honra e na desonra;. . . olha imparcialmente amantes, amigos e inimigos, estrangeiros, neutros, estranhos e parentes, e também justos e injustos;. .. está livre da esperança e da avidez;. .. está livre de ansiar por coisas desejáveis;... é uma lâmpada em lugar onde não há vento;. . . não o perturba sequer o mais duro sofrimento;. . . abandona sem reservas todos os desejos nascidos da imaginação; . . . aos poucos vai ganhando tranqüilidade. . . tendo levado a mente a submeter-se ao EU;. . . percebe o EU em todos os seres, e todos os seres no EU;.. . ele é. ., completamente harmonizado."

O que se lê acima constitui um escasso delineamento daquilo que chamamos método filosófico. O método pode, e realmente deveria, ser modificado e adaptado, dentro de amplos limites, às condições de cada indivíduo em particular e às peculiaridades de seu temperamento.

Entretanto, o método filosófico — já foi dito — é, para muitos, um caminho duro e cheio de perplexidades. E, portanto, como "o dharma de outrem é cheio de perigo", que esses sigam o segundo método, menos drástico, que passamos a descrever.

Método devocional. Nesse método, ao invés de tentar a eliminação de Kâma, isto é, do desejo ou apego, o estudante usa a própria força de Kâma para fixar sua mente. Esse é, por excelência, o método do devoto, que cultiva Kâma, em sua mais alta forma, e com tamanho grau de intensidade que todos os demais apegos se tornam *relativamente* insignificantes, portanto impotentes para perturbar ou distrair sua atenção.

Quem tiver esse temperamento devocional pode chegar aos seus fins fixando sua mente no objeto ou imagem amada. O prazer que sente na contemplação dessa imagem serve para manter a mente presa a ela. Mesmo que a mente seja arrastada à força para longe daquela imagem, a ela voltará, muitas e muitas vezes. Dessa maneira o devoto obtém um grau considerável de concentração.

Enquanto o devoto utiliza assim o elemento de atração por uma *pessoa,* o indivíduo de mente mais filosófica pode ter como sua imagem atraente uma idéia profunda, ou mesmo um problema; dessa forma, para ele, o interesse intelectual — o profundo desejo de conhecimento — fornece-lhe o necessário poder de atração, e assim fixa a sua mente de maneira inabalável.

Uma definição útil de concentração, desse ponto de vista, é a seguinte: "A prática mental da concentração é o controle da mente, o domínio da mente por uma *disposição de ânimo* imposta pela *vontade,* de forma que todo o pensamento se inclina para o objetivo escolhido."

Para os que não são decididamente devocionais, o método acima pode ser consideravelmente modificado. Esse método modificado é, na realidade, o mais fácil para a maioria das pessoas, sendo, aliás, o que se faz na vida diária comum. Consiste em se tornar interessado e absorvido no assunto selecionado, de forma que os outros pensamentos sejam, *ipso facto,* excluídos da mente. A mente deve tornar-se de tal forma empenhada que chegue a um estado de absoluta concentração. O estudante deve aprender a realizar isso quando quiser, e terá mais sucesso cultivando o poder e o hábito de observar e dar atenção aos objetos externos.

Um objeto deve ser escolhido, examinado e estudado minuciosamente em muitos aspectos. Não há na natureza objeto algum que seja realmente monótono ou desinteressante. Se algo assim parece, isso se deve antes à incapacidade de apreciar a maravilha e a beleza da sua manifestação, incapacidade que está em nossa própria desatenção e carência de percepção.

Certo grau de domínio do exercício relativamente elementar que demos acima é necessário para o êxito da visualização — que é o poder de reproduzir mentalmente um objeto, em seus pormenores, sem que ele seja visível aos olhos. E a visualização exata é uma faculdade necessária em certas formas de trabalho ocultista, tal como, por exemplo, no cerimonial.

Se, ao invés de um objeto concreto se escolhe uma idéia, por exemplo, uma virtude, ela deve despertar o entusiasmo e a devoção do estudante, sendo a concentração, nesse caso, principalmente a dos sentimentos e menos claramente a da mente. É mais fácil a concentração dos sentimentos do que a dos pensamentos, porque o pensamento é mais sutil e ativo. Mas, se for possível obter a concentração do sentimento, a mente irá segui-la, até certo ponto.

Na prática da concentração, bem como na meditação, o principiante está apto a descobrir que muitos pequenos desejos insatisfeitos e problemas não considerados apresentam-se como bocas famintas, sempre a chamar a sua atenção. Para afastar essas obstruções não adianta tentar reprimi-las ou suprimi-las. É melhor atendê-las, dar-lhes algum tempo, e considerá-las. A mente, que não pode dominar tais vacilações, e deixa seus problemas perpetuamente sem solução, não pode ter sucesso em concentração, e muito menos em meditação.

O estudante deve querer resolver seus problemas, manter suas decisões, e recusar-se a refletir sobre os mesmos assuntos repetidamente. A capacidade para fazer isso cresce com a prática e com o hábito de pôr em ação as decisões tomadas.

2. PRÁTICA CONSTANTE. A referência aqui parece ser à qualidade de inquietação, que é mais ou menos inerente à matéria mental, e à essência mental elemental. A essência elemental, na verdade, é amplamente responsável pelos nossos pensamentos errantes, pois está correndo constantemente de um ponto para outro.

Porém, como a matéria mental está sujeita às leis do hábito, tal como toda a matéria, é possível treiná-la, pela prática constante, até que se torne habitual para ela fazer-se o oposto da inquietação, e assim moldar-se para ser o servo voluntário e obediente do homem real, do Pensador.

A maneira mais rápida e melhor de dominar a mente errante é, naturalmente, o uso da vontade. Seja qual for o método escolhido, na verdade, a vontade deve ser usada até certo ponto. Há pessoas que dependem apenas da força de vontade (e não há limites para o ponto até onde ela pode ser desenvolvida), enquanto outras preferem manter e suplementar sua força de vontade com filosofia, devoção, ou por outros processos que possam descobrir por si mesmas.

Está claro que é possível formar uma concha em torno de uma pessoa e assim excluir pensamentos vindos de fora, mas esse método não é recomendável como plano permanente, porque, afinal, uma casca corresponde a um par de muletas.

Se, contudo, tal concha for empregada, deve ser entendido que ela não pode impedir de surgirem pensamentos errantes na mente de um homem, mas pode evitar a intrusão, vinda de fora, de pensamentos casuais e flutuantes deixados por outras pessoas.

É recomendável que apenas a matéria mental inferior seja empregada ao se fazer tal concha; aliás, pode acontecer que pensamentos úteis sejam por ela mantidos do lado de fora, ou que até mesmo impeça que os pensamentos do próprio emissor cheguem ao seu Mestre.

Na Franco-maçonaria, o processo correspondente é o da Cobertura da Loja, a qual é feita, certamente, no plano apropriado ao Grau em que esteja trabalhando.

O poder de concentração pode, e deve, ser adquirido na vida cotidiana. Seja o que for que estejamos fazendo, devemos focalizar toda a nossa atenção nisso, com todas as nossas possibilidades, e tão bem quanto pudermos fazer. Uma carta, por exemplo, deve ser exata, bem escrita, sem descuido nos pormenores que possam retardar ou prejudicar seus efeitos. Um livro deve ser lido com integral *atenção,* e com esforço para captar o que o autor quer dizer. Não se deve passar um só dia sem algum exercício determinado da mente. Porque só com o exercício vem a força. A falta de uso sempre significa enfraquecimento e eventual atrofia.

O mecanismo da preocupação e o método para eliminá-la devem ser captados pelo estudante. Ò trabalho, a não ser que seja excessivo, não lesa o aparelho do pensamento; ao contrário, fortalece-o. O processo mental de preocupação, porém, lesa-o positivamente, e depois de algum tempo produz exaustão e irritabilidade nervosa, que tomam impossível o trabalho mental firme.

Preocupação é o processo de repetir o mesmo padrão de pensamento muitas e muitas vezes, com pequenas alterações, sem chegar a resultado algum, e, com freqüência, sem mesmo ter um resultado como objetivo. É a reprodução continuada das formas-pensamento iniciadas pelo corpo mental e pelo cérebro, não pela consciência, e por ambos impostos à consciência.

O Pensador, não tendo conseguido resolver seu problema, fica insatisfeito, e o medo de perturbações antecipadas conserva-o num estado ansioso e inquieto. Sob esse impulso, que não é dirigido pelo Pensador, o corpo mental e o cérebro continuam a lançar imagens que já foram modeladas e rejeitadas. Sob preocupação, o Pensador é o escravo e não o senhor de seus corpos.

Sendo a preocupação amplamente devida ao automatismo, a mesma propriedade da matéria pode ser usada para dominá-la. Talvez que a melhor maneira de livrar-se de um "canal de preocupação" seja cavar outro, de tipo exatamente oposto. Isso pode ser feito com o apoio da meditação sobre um pensamento como o seguinte: "O Ser é Paz, e esse Ser sou eu. O Ser é Força, e esse Ser sou eu." Enquanto ele assim medita, a paz que está contemplando envolve-o, e o faz repleto da Força que, em pensamento, ele delineou. A formulação precisa das idéias para a meditação pode, naturalmente, ser adaptada a cada indivíduo em particular.

O estudante deve aprender não apenas a pensar, mas também a deixar de pensar quando o quiser. Quando o trabalho do pensamento terminar, ele deve ser abandonado *completamente,* sem deixar que derive vagamente, tocando a mente e deixando-a, como um barco que se bate de encontro a uma rocha. Um homem não deixa sua máquina funcionando quando não está produzindo trabalho, e não a usa desnecessariamente. Da mesma forma, a inestimável maquinaria da mente não deve ter permissão para girar e girar sem objetivo, desgastando-se sem qualquer resultado útil. Tal como os membros cansados gozam o repouso completo, a mente encontra conforto no completo descanso.

Quando o estudante termina seu trabalho-pensamento deve deixar de lado esse pensamento, e então, conforme outros pensamentos aparecem em sua mente, deve desviar deles a sua atenção.

Outro método, que este autor "usa com sucesso, não é tanto o de desviar a atenção (pois isso é um ato *positivo)* como não se interessar pelos pensamentos que surjam. Que venham como quiserem, mas sejamos inteiramente indiferentes em relação a eles. Depois de um pequeno intervalo, não tendo recebido vida nova, deixam de aparecer, e uma quietude completa, inteiramente livre de pensamentos de qualquer espécie, é sentida, e faz-se imensamente repousante, tanto para o corpo astral como para o mental.

(Esse plano pode ser usado para curar a insônia; o autor achou-o de grande utilidade em várias ocasiões.)

A cessação do pensamento é uma preliminar necessária para o trabalho nos planos superiores. Quando o cérebro aprendeu a estar inativo, abre-se a possibilidade de se tirar a consciência das suas roupagens físicas.

O estudante estará, então, na posição de compreender toda a força do aforisma de Patanjali, dizendo que, para a prática da Ioga, o homem deve deter "as modificações do princípio pensante". A tarefa a ser realizada é adquirir tão perfeito controle sobre o corpo mental, ou "princípio pensante", que ele possa ser modificado apenas com o consentimento, deliberadamente dado, do próprio homem, o Pensador.

O termo usado por Patanjali na definição da Ioga é *chitta-vritti-nirodha,* o que significa cessação *(nirodha)* dos rodopios *(vritti)* da mente *(chitta).*

O homem deve ser capaz de pegar e largar a mente como se faz com uma ferramenta. Quando esse estágio é atingido, surge para o homem a possibilidade de retirar-se completamente do corpo mental.

Ioga é, assim, a inibição de todas as vibrações e mudanças no corpo mental. Por isso, no corpo mental de um Mestre não há modificação de cor, a não ser as que têm origem interior. A cor de seu corpo mental é como "o luar sobre o oceano ondulado". Dentro daquela brancura estão as possibilidades de colorido, mas nada do que acontece no mundo exterior pode provocar o mais leve rastro de colorido sobre sua firme radiosidade. Seu corpo mental é apenas uma cobertura externa que ele usa quando precisa comunicar-se com o mundo inferior.

Um dos resultados da concentração é que o Conhecedor, com a mente concentrada, contempla com firmeza uma imagem, e obtém muito maior conhecimento do objeto do que poderia obter por meio de uma descrição verbal. O tosco delineamento produzido pela descrição, em palavras, de um objeto, enche-se cada vez mais de detalhes, à proporção que a imagem se vai formando no corpo mental, e a consciência vai tendo cada vez maior contacto com a coisa descrita.

Para maiores detalhes sobre a teoria e prática da concentração, recomendamos ao estudante o livro de Annie Besant, O *Poder do Pensamento, Seu Controle e Cultivo,* e, como manual prático sobre concentração, o admirável livro de Ernesto Wood, *Concentração.*

CAPÍTULO XVI

MEDITAÇÃO

A concentração não é, naturalmente, um fim em si mesma, porém um meio para chegar a um fim. A concentração modela a mente em um instrumento que pode ser usado como o dono o deseje. Quando uma mente concentrada está dirigida com firmeza para um objeto, com a intenção de atravessar o véu, encontrar a vida e unir essa vida com aquela à qual a mente pertence — a *meditação* está realizada. A concentração é, assim, a modelagem do órgão; a meditação é o seu exercício.

Como vimos, a concentração significa fixação firme da mente num só ponto, sem erraticidade, sem ceder a nenhuma distração causada por objetos externos pela atividade dos sentidos, ou pela atividade da própria mente. Ela deve ser ligada a uma firmeza e fixidez que a nada respondam, até que aprenda, gradualmente, a remover sua atenção do mundo externo e do corpo, de forma que os sentidos permaneçam passivos e quietos, enquanto a mente se faz intensamente viva, com todas as suas energias voltadas para o interior para serem lançadas num só ponto do pensamento, o mais alto que possa atingir. Quando ela puder manter-se assim, com relativa facilidade, está pronta para o passo à frente, e com um esforço grande, mas calmo, da vontade, pode atirar-se para além do mais alto pensamento que puder alcançar, enquanto trabalha no cérebro físico; com esse esforço se erguerá e unirá à consciência superior, e se verá livre do corpo.

Assim, quem quer que seja capaz de *prestar atenção,* de pensar com firmeza num só assunto, por algum tempo, sem deixar a mente vagar, está pronto para começar a meditação.

Podemos definir a meditação como a atenção sustida da mente concentrada diante de um objeto de devoção, de um problema que precisa esclarecimento, do que quer, realmente, em que antes a vida do que a forma deve ser realizada e absorvida. É a arte de considerar um assunto, ou estudá-lo mentalmente, em seus vários significados e relacionamentos.

Outra definição de meditação diz que ela consiste no esforço para trazer à consciência desperta, isto é, à mente em seu normal estado de atividade, alguma realização da superconsciência a fim de criar, pelo poder da aspiração, um canal através do qual a influência do princípio espiritual ou divino — o homem real — possa atuar sobre a personalidade inferior. Isso é dirigir a mente e o sentimento para um ideal, e abrir as portas da consciência inferior aprisionada à influência desse ideal. "Meditação" — disse H. P. Blavatsky — "é o inexprimível anseio do homem interior pelo Infinito." Santo Afonso de Liguori falou da meditação como "fornalha abençoada na qual as almas são inflamadas pelo Amor Divino".

O ideal escolhido pode ser abstraio, tal como uma virtude; pode ser a divindade no homem; pode estar personificado num Mestre ou Instrutor Divino. Em todos os casos, porém, trata-se, essencialmente, de uma elevação da alma em direção à sua fonte divina, o desejo do eu individual de se tornar uno com o Ser Universal.

O que o alimento é para a vida física, a meditação é para a vida espiritual. O homem que medita é sempre o mais eficiente do mundo. Lord Rosebery, falando de Cromwell, descreveu-o como um "místico prático" e

declarou que um místico prático é a maior força do mundo. O intelecto concentrado, o poder de retirar-se do tumulto significa energia imensamente aumentada no trabalho, mais firmeza, autocontrole, serenidade. O homem que medita não desperdiça o tempo, não espalha energias, não perde oportunidades. Tal homem governa os acontecimentos, porque dentro dele está o poder, do qual os acontecimentos são apenas a expressão exterior. Compartilha da vida divina, e portanto compartilha do divino poder.

Tal como ficou dito antes, quando a mente se mantém fixa numa imagem, o Conhecedor, ao contemplá-la, obtém dela muito maior conhecimento do que poderia conseguir por meio de uma descrição verbal.

Todas as religiões recomendam a meditação; suas vantagens têm sido reconhecidas por todas as escolas de filosofia. Tal como o homem que deseja ser forte usa exercícios recomendados para desenvolver seus músculos, o estudante de ocultismo usa exercícios determinados e recomendados para desenvolver seus corpos astral e mental.

Há, naturalmente, muitos tipos de meditação, tal como há muitos tipos de homens. Está claro que não é possível um método de meditação produzir resultados igualmente bons para todos. Cada pessoa deve descobrir por si mesma o tipo de meditação que mais lhe convém.

A meditação tem muitos objetivos; os principais são os que se seguem:

1. Faz com que pelo menos uma vez por dia o homem pense em coisas altas e santas, afastando seus pensamentos da ronda mesquinha da vida cotidiana, com suas frivolidades e perturbações.

2. Habitua o homem a pensar em tais assuntos, de forma que depois de algum tempo eles produzem um ambiente para sua vida diária, ao qual sua mente retorna com prazer quando liberta das exigências imediatas de seu trabalho.

3. Serve como uma espécie de ginástica astral e mental, para manter saudáveis os corpos superiores e conservar o fluxo da vida divina fluindo através deles. Para isso, devemos lembrar que a *regularidade* dos exercícios é de capital importância.

4. Pode ser usada para formar e melhorar o caráter, adquirindo qualidades e virtudes.

5. Eleva a consciência a níveis superiores, de forma a abranger coisas mais elevadas e mais sutis. Por seu intermédio o homem pode erguer-se até à presença do Divino.

6. Abre a natureza e atrai bênçãos dos planos superiores.

7. É a forma (embora seja apenas o primeiro e hesitante passo no caminho) que leva ao desenvolvimento maior e mais amplo conhecimento para que se atinja a clarividência, e, eventualmente, a vida superior, bem além deste mundo físico.

A meditação é o método mais fácil e mais seguro de desenvolver a consciência superior. É inquestionavelmente possível, com o correr do tempo, a qualquer homem que medite sobre o Logos ou o Mestre, erguer-se

primeiro ao nível astral e depois ao nível mental. Mas, naturalmente, ninguém pode dizer quanto tempo isso exigirá, pois depende inteiramente do passado do estudante e dos esforços que fizer.

O homem ocupado em firmes estudos das coisas superiores se eleva inteiramente sobre si mesmo, e gera uma poderosa forma-pensamento no mundo mental, a qual é de imediato empregada como um canal de força que paira sobre o mundo imediatamente superior.

Quando um grupo de homens se reúne em pensamento dessa natureza, o canal que eles formam é, muito além de qualquer proporção em sua capacidade, maior do que a soma de seus canais separados. Tal grupo de homens, portanto, é uma bênção inestimável para a comunidade em que vive e trabalha.

Em seus estudos intelectuais esses homens podem ser a causa de um fluir, para o mundo mental inferior, de uma força que é normalmente peculiar ao mental superior.

Se os seus pensamentos tratam da ética e do desenvolvimento da alma em seus mais altos aspectos, podem formar um canal de pensamento mais elevado, através do qual a força do mundo búdico pode descer para o mental.

Assim, eles serão capazes de causar influência sobre muitas pessoas que, de outra forma, nem de leve estariam abertas para a ação dessa força.

Essa é, de fato, a real e maior função, por exemplo, de uma Loja da Sociedade Teosófica — fornecer um canal para a distribuição da Vida Divina. Porque cada Loja da Sociedade Teosófica é um centro de interesse para os Mestres da Sabedoria e seus discípulos. Conseqüentemente, os pensamentos dos membros da Loja, quando engajados em estudos, discussões, etc., podem atrair a atenção dos Mestres: é uma força que daí dimana, muito mais sublime do que qualquer coisa derivada dos próprios membros.

Os membros da Sociedade Teosófica devem ser lembrados de que a Dra. Besant afirmou ter um Mestre declarado que, quando uma pessoa se filia à Sociedade, fica em conexão com Eles através de um minúsculo fio de vida. Esse fio é a linha de *rapport* magnético com o Mestre. O estudante pode, com ardoroso esforço, pela devoção e pelo serviço destituído de egoísmo, fortalecer e ampliar esse fio até que ele se torne uma linha de luz viva.

É possível atrair bênçãos de uma fonte ainda mais alta. A Vida e a Luz da Deidade inundam o todo do Seu sistema, e a força de cada nível, ou plano, está, normalmente, e estritamente, limitada a ele. Se, contudo, um canal especial for preparado, ela poderá descer e iluminar os níveis inferiores.

Esse canal se estabelece sempre que o pensamento e o sentimento sejam inteiramente altruísticos. O egoísmo é sentimento que se move em curva fechada, portanto só obtém respostas em seu próprio nível. Uma emoção absolutamente altruística é um jorro de energia que não retorna, mas seu movimento ascensional forma um canal para o fluxo do Poder divino, que vem do nível imediatamente superior. Essa é a realidade que está por trás da idéia da resposta -à oração.

Para um clarividente esse canal é visível como um grande vórtice, uma espécie de cilindro gigantesco, ou funil. Essa é a explicação mais aproximada que pode ser dada no mundo físico, mas inadequada, porque a força flui pelo canal e, de certa forma, se unifica com o vórtice, e sai dele com a coloração que aí recebe, trazendo as características distintivas que revelam de que canal ela veio.

Pela meditação, os corpos astral e mental de um homem vão saindo aos poucos do caos para a ordem, expandindo-se lentamente, e paulatinamente aprendem a responder a vibrações cada vez mais altas. Cada esforço ajuda a tornar mais ténue o véu que os separa do mundo superior e do conhecimento direto. Suas formas-pensamento a cada dia se tornam mais definidas, de forma que a vida nelas infundida pelo mais alto torna-se cada vez mais completa.

Assim, a meditação ajuda a construir nos corpos os tipos superiores de matéria. Leva, com freqüência, a elevadas emoções que vêm do nível búdico e se refletem no corpo astral. Além disso, é também necessário o desenvolvimento dos corpos mental e causal, a fim de dar firmeza e equilíbrio. De outra maneira, as emoções refinadas que conduzem o homem para a direção certa podem, muito facilmente, desviar-se e levá-lo para rumos menos desejáveis. Equilíbrio e estabilidade perfeitos não podem ser conseguidos apenas com o sentimento. O poder direcional da mente e da vontade é tão necessário como a força motivadora da emoção.

Ao praticar a meditação o estudante talvez considere útil o conhecimento dos cinco estágios da mente, tal como expôs Patanjali. Deve recordar, entretanto, que esses estágios não estão confinados ao plano mental, mas existem, de forma apropriada, em todos os planos. Ei-los:

1. Kshipta: a mente-borboleta, que passa constantemente de um assunto para outro. Corresponde à atividade no plano físico.

2. Müdha: o estágio confuso no qual o homem é conduzido e aturdido pelas emoções. Corresponde à atividade no plano astral.

3. Vikshipta: o estado de preocupação e paixão quanto a uma idéia. O homem está possuído, quase se pode dizer obcecado, *por* uma idéia. Isso corresponde à atividade no plano mental inferior. A essa altura, o homem deve aprender Viveka, que se refere ao aspecto *Cognição* da consciência.

4. Ekâgrata: unidireção ou concentração. O homem possui uma idéia ao invés de ser possuído *por* ela. Corresponde à atividade no mental superior. Aqui o homem deve aprender Vairâgya, que se refere ao aspecto *Atividade* da consciência.

5. Niruddha: autocontrole. Erguendo-se acima de todas as idéias, o homem faz sua escolha como deseja, de acordo com sua Vontade

iluminada. Corresponde à atividade no plano búdico. A essa altura, o homem deve aprender Shatsampatti, que se refere ao aspecto *Vontade* da consciência.

Quando for adquirido um controle completo, de forma que o homem possa inibir todos os movimentos da mente, estará pronto para Samâdhi, que corresponde à Contemplação. Com ela faremos contacto mais aproximado no

capítulo seguinte. Entretanto, a fim de completar o estudo, é conveniente dar aqui uma idéia preliminar de Samâdhi.

Etimologicamente, Samâdhi significa "reunir inteiramente", que pode ser traduzido por "composição da mente", isto é, reunir tudo, evitando qualquer distração. "Ioga" — diz Vyâsa — "é a mente composta." Essa é a significação original de Samâdhi, embora seja usada com maior freqüência para denotar o estado de transe, que é o resultado natural do completo recolhimento.

Samâdhi tem dois aspectos: 1. Samprajnâta Samâdhi, isto é, Samâdhi *com* consciência; com consciência voltada para objetos exteriores. 2. Asamprajnâta Samâdhi,' isto é, Samâdhi *sem* consciência; com a consciência voltada para o interior, recolhida em si própria, de forma a passar para o veículo superior a seguir.

Organizamos um quadro para tornar mais fácil a referência:

N.º	*Estágios da mente*		*Qualidade a ser adquirida*	*Aspectos da Consciência*
	Sânscrito	*Português*		
1	Kshipta	Mente-borboleta		
2	Múdha	Confusão		
3	Vikshipta	Paixão	Viveka (discriminação)	Cognição
4	Ekâgrata	Concentração	Vairâgya (imperturbabilidade)	Atividade
5	Niruddha	Autocontrole	Shatsampatti (qualificações mentais sêxtuplas)	Vontade
6	Samâdhi	Recolhimento da mente que leva ao transe	—	—

O estudante gostará, também, de uma breve enumeração dos Quatro Estados da Mente de que fala a Ioga. São:

1. *Jâgrat:* consciência desperta.

2. *Svapna:* consciência do sonho; consciência que trabalha no corpo astral e é capaz de imprimir suas experiências no cérebro físico.

3. *Sushupti:* consciência em sono profundo, que trabalha no corpo mental; é incapaz de imprimir suas experiências no cérebro físico.

4. *Turíya:* consciência de transe, tão separada do cérebro que não pode ser facilmente revocada por meios externos.

É importante notar, contudo, que esses quatro estados de consciência existem em todos os planos. O quadro que se segue, arranjado para tornar mais sucinto e mais claro o assunto, dá exemplos dos quatro estados na consciência física:

OS QUATRO ESTADOS DA CONSCIÊNCIA

Nome		*Exemplos na consciência física*	
Sânscrito	*Português*		
Jâgrat	Desperta	Ler um livro	Olhar para um relógio
Svapna	Imaginar	Captar a significação das palavras	Imaginar o relógio
Sushupti	Sono profundo	"Tocar" a mente do escritor	Conceber o relógio ideal
Turiya	Transe	"Entrar" na mente do escritor	Passar para a idéia do tempo em abstraio

Ê de se notar que os termos são relativos. Assim, para a maioria das pessoas, Jâgrat, ou consciência desperta, é aquela parte de consciência total que atua no cérebro e no sistema nervoso, e é determinantemente autoconsciente. Podemos pensar na consciência como um grande ovo de luz, do qual só uma ponta está inserida no cérebro. Essa ponta é a consciência desperta.

Porém, à medida que a autoconsciência se desenvolve no mundo astral, e o cérebro se desenvolve o suficiente para responder às suas vibrações, a consciência astral torna-se parte da consciência desperta; a consciência mental seria, então, o svapna, ou consciência-sonho.

Da mesma maneira, quando a autoconsciência mental se desenvolve, e o cérebro lhe dá resposta, a consciência desperta inclui a mental. E assim por diante, até que toda a consciência nos cinco planos esteja incluída na consciência desperta.

Esse alargamento da consciência desperta envolve o desenvolvimento dos átomos do cérebro, bem como o desenvolvimento de certos órgãos do cérebro, e da conexão entre as células.

Para a inclusão da autoconsciência astral, o corpo pituitário deve-se desenvolver, e o quarto grupo de espiras dos átomos deve-se aperfeiçoar.

Para a inclusão da autoconsciência mental, a glândula pineal deve estar ativa, e o quinto grupo de espiras deve trabalhar em absoluta ordem.

Se estes desenvolvimentos físicos não forem alcançados, então a consciência astral e a mental permanecem como supraconsciências, e não podem expressar-se através do cérebro.

Se o homem não possui corpo físico, seu Jâgrat, ou consciência desperta, é sua consciência astral. Assim, uma definição mais ampla de jâgrat diria

que ele é aquela parte de consciência total que trabalha através de seu veículo mais exterior.

Podemos também reconsiderar Samâdhi a partir do ponto de vista da análise acima. Samâdhi é um estado de consciência no qual o corpo é insensível, mas a mente está inteiramente autoconsciente, e do qual a mente volta ao cérebro físico com a lembrança de suas experiências suprafísicas.

Se o homem entra em transe e fica ativo no plano astral, então seu Samâdhi está no astral. Se funciona no plano mental, então seu Samâdhi está nesse plano.

O homem que pode praticar Samâdhi pode, então, retirar-se do corpo físico a ponto de deixá-lo insensível, enquanto sua mente está integralmente autoconsciente.

Samâdhi, portanto, é um termo relativo. Assim, um Mestre inicia seu Samâdhi no plano de Âtmâ e daí se eleva para os mais altos planos cósmicos.

A palavra Samâdhi é também usada, às vezes, para denotar a condição que fica imediatamente para além do nível em que o homem pode reter a consciência. Assim, para o selvagem, cuja consciência só é clara no plano físico, o plano astral seria Samâdhi. Isso significa que quando o homem retorna aos seus veículos inferiores não trará com ele conhecimento adicional definido, nem poder novo para fazer alguma coisa útil. Esta espécie de Samâdhi não é encorajada nas mais altas escolas de ocultismo.

Adormecer e entrar em Samâdhi são, amplamente, o mesmo processo, mas enquanto um deles é devido a condições comuns e não tem significação, o outro é devido à ação da vontade treinada e tem um poder inestimável.

Meios físicos para induzir ao transe, tal como o hipnotismo, drogas, fixação de um ponto preto ou da ponta do nariz, bem como outras práticas semelhantes, pertencem aos métodos Hatha-Yoga e jamais são empregados em Râja-Yoga.

Para um clarividente, a diferença entre um sujeito mesmerizado e o transe auto-induzido de um iogue é coisa bem evidente. No sujeito mesmerizado ou hipnotizado, todos os "princípios" estão presentes; o Manas superior está paralisado; Buddhi está separado de Manas por causa da paralisia, e o corpo astral se acha inteiramente submetido a Manas e Kâma inferiores.

No iogue, por outro lado, os "princípios" do quaternário inferior desaparecem inteiramente, exceto por vibrações quase imperceptíveis do Prâna de coloração dourada e de uma chama violeta, filetada de ouro, que surge de cima da cabeça e termina em ponta.

A pessoa mesmerizada ou hipnotizada não se lembra de' nada de suas experiências; ao contrário, o iogue recorda tudo quanto aconteceu com ele.

Uns poucos exemplos práticos talvez ilustrem alguns dos métodos empregados na meditação.

O estudante agirá bem começando a cultivar a idéia, até que isso se torne habitual, de que o corpo físico é um instrumento do espírito. Do corpo

físico ele pensará como é possível controlá-lo e dirigi-lo, e então deve separar-se dele em pensamento, e repudiá-lo, mesmo.

Depois, percebendo que pode controlar suas emoções e desejos, deve repudiar o corpo astral, com seus desejos e emoções. Então, vendo a si próprio em seu corpo mental, e lembrando, novamente, que pode controlar e dirigir seus pensamentos, deve repudiar sua mente, e então erguer-se para a livre atmosfera do espírito, onde existe a paz eterna. Repousando ali por algum tempo, que se empenhe com grande intensidade para compreender aquilo que é o Eu real.

Descendo novamente à consciência, deve esforçar-se por levar consigo a paz do espírito para seus diferentes corpos.

Outro exercício seria dirigir a meditação para a construção do caráter, selecionando para esse propósito uma virtude, a *inofensividade,* digamos. Tendo concentrado a atenção, reflete sobre o assunto sob muitos aspectos; por exemplo: inofensividade nos atos, no falar, no pensar, no desejar; como a inofensividade se manifestaria na vida do homem ideal; como afetária sua vida cotidiana; como trataria as pessoas, se tivesse adquirido essa virtude, e assim por diante.

Tendo assim meditado quanto à inofensividade, levaria consigo, para a vida diária, um estado de espírito que depressa se expressaria em todas as suas ações e pensamentos. Outras qualidades poderiam ser tratadas da mesma maneira, como é natural. Alguns meses de sinceros esforços nesse sentido produziriam modificações maravilhosas na vida de um homem, tal como descrevem as memoráveis palavras de Plotino: "Recolhe-te em ti mesmo e observa. E se achas que ainda não és belo, f aze o que ,faz o criador de uma estátua que deve ser bela. Ele corta aqui e ali, alisa acolá, torna uma linha mais leve, uma outra mais pura, até que na estátua surge um belo rosto. Faze o mesmo: corta o excesso, endireita o que está torto, leva luz ao que está sombrio, trabalha para fazer com que tudo resplandeça em beleza, e não cesses de cinzelar a tua estátua até que ela desprenda sobre ti o divino esplendor da virtude, até que vejas a bondade final estabelecida com firmeza no santuário sem mácula." (Plotino, *Sobre a Beleza)*

A meditação sobre uma virtude leva assim o homem a possuir, aos poucos, essa mesma virtude, tal como dizem primorosamente as Escrituras hindus: "O homem se torna aquilo em que pensa: portanto, pensa no Eterno;" E também: "O homem é uma criação do pensamento."

Um excelente exemplo do que pode ser feito dessa maneira pela meditação é o de cetro homem que durante quarenta anos meditou diariamente sobre a verdade. O resultado foi que ele de tal maneira se afinou com a verdade, que sabia sempre quando alguém estava mentindo, pela vibração que sentia em seu íntimo. Acontece que ele era juiz, de forma que essa faculdade foi-lhe extremamente útil.

Nesse trabalho, o homem emprega a imaginação — o grande instrumento usado na Ioga. Se imagina, em seu pensamento, que tem certa qualidade, está a meio caminho de obtê-la. Se se imagina livre de certo defeito, está a meio caminho de livrar-se dele. A imaginação treinada é arma tão poderosa que, pelo seu uso, o homem pode livrar-se da metade de suas aflições e defeitos.

Não é sensato ficar cismando sobre as próprias faltas, pois isso tende a encorajar a morbidez e a depressão, que atuam como paredes, fechando a pessoa para as influências espirituais. Na prática é melhor ignorar os defeitos da disposição até quanto se possa, e concentrar-se na construção das virtudes opostas. Sucesso na vida espiritual é ganho menos pela batalha violenta contra a natureza inferior do que pela aquisição gradual do conhecimento e da apreciação das coisas superiores. Desde que tenhamos experimentado suficientemente a beatitude e o júbilo da vida superior, os desejos inferiores, pelo contraste, apagam-se e perdem seu atrativo. Um grande Mestre dizia que a melhor forma de arrependimento por uma transgressão era olhar para a frente com esperançosa coragem, unida ao firme desejo de não mais cometer essa falta.

A seguir, suponhamos que o propósito da meditação seja o entendimento intelectual de um assunto, e sua relação com outros assuntos.

É importante que o estudante recorde que o primeiro trabalho do Conhecedor é observar com exatidão, porque da exatidão da observação depende o pensamento. Se a observação não for exata, então, em conseqüência desse erro inicial, brotarão muitos erros que só poderemos corrigir voltando ao início.

Tendo sido o assunto cuidadosamente observado, o fluxo de pensamento se movimenta sobre ele até captá-lo em todos os seus aspectos, natural, superfísico e metafísico; faz-se então um esforço para tornar bastante claro e definido esse estado de consciência que é ainda nebuloso.

Que o assunto seja, por exemplo, harmonia. Considere-se a harmonia na música, na cor, em fenômenos de vários tipos; procure-se descobrir as principais feições da harmonia, como difere de outras e contrastantes idéias, que parte ela tem na sucessão dos fatos, qual é o seu uso, o que resultaria da sua ausência. Respondidas essas e outras mais perguntas, devemos empenhar-nos em abandonar todas as imagens ou pensamentos concretos, e manter no pensamento a idéia abstrata da harmonia.

O estudante deve ter em mente que a visão mental é real, e tão satisfatória quanto a visão física. Assim, é possível treinar a mente para ver, digamos, a *idéia* da harmonia, ou a raiz quadrada de dois, tão claramente e com tanta certeza como se vê uma árvore ou uma mesa com a visão física.

Nosso terceiro exemplo leva-nos à meditação devocional. Pense-se num homem ideal, o Mestre, ou, se se preferir, na Deidade, ou em qualquer manifestação da Deidade. Deixe-se que o pensamento se mova sobre o assunto em seus diferentes aspectos, de forma que a admiração, a gratidão, a reverência, o culto sejam constantemente avivados. Reflita-se sobre as qualidades manifestadas no assunto e analise-se cada qualidade em todos os seus aspectos e relacionamentos.

Do ponto de vista geral, um ideal abstrato e uma personalidade são igualmente bons para os propósitos da meditação. Uma pessoa de temperamento intelectual quase sempre achará o abstrato mais satisfatório, enquanto a de temperamento emocional exigirá a corporificação concreta de seu pensamento. A desvantagem do ideal abstrato é que tende a falhar no induzir à aspiração; a vantagem da corporificação concreta é que essa corporificação tende a situar-se abaixo do ideal.

Vejamos agora o resultado de meditar sobre um Mestre. Isso forma um vínculo definido com o Mestre que se mostra, à visão clarividente, como uma espécie de linha de luz. O Mestre, sempre subconscientemente, sente a intromissão dessa linha e envia, em resposta, um firme fluxo de magnetismo, que continua a influir depois que a meditação termina.

Se for usado um quadro para a meditação, com freqüência pode ser observada uma modificação na expressão. Isso se dá porque a vontade pode ser treinada para agir diretamente sobre a matéria física, cujas partículas são, inquestionavelmente, afetadas pelo poder do pensamento forte e bem mantido.

Eis outra forma de meditação: a meditação mântrica.

Mantra *é* uma sucessão definida de sons arranjados por um ocultista, a fim de obter certos resultados definidos. Esses sons, repetidos ritmicamente, muitas e muitas vezes, em sucessão, sincronizam as vibrações dos veículos em uma unidade. Mantra é, assim, uma forma mecânica de controlar vibrações ou induzir as vibrações desejadas. Sua eficácia depende do que é conhecido como *vibração simpática,*

Quanto mais repetido for o mantra, mais potente o resultado. Daí o valor da repetição nas fórmulas da Igreja, e do rosário, que capacita a consciência a ficar inteiramente concentrada no que está sendo dito e pensado, sem se distrair com a preocupação de contar o número de vezes.

Nesse método de meditação, largamente praticado na índia, o devoto dirige a mente, digamos, para Shri Krishna, o Deus encarnado, o Espírito do Amor e do Conhecimento no mundo. Uma frase é escolhida e cantada muitas e muitas vezes, como mantra, enquanto sua significação profunda e variada é ponderada intensamente. Assim, o devoto se coloca em contacto com o Próprio Grande Senhor.

O que ficou dito acima constitui breve esboço de certas formas de meditação. Para melhores descrições e pormenores, o estudante deve procurar o excelente manual *Concentração,* de Ernest Wood, ou *Meditação para Principiantes,* de J. I. Wedgood, ou ainda os capítulos admiráveis sobre o controle do pensamento e formação do caráter, no livro *In the Outer Court,* da Dra. Besant. Uma excelente meditação sobre o Ego é apresentada em *Gods in Exile,* de J. J. van der Leeuw, no final desse admirável livro.

Muitas pessoas meditam sozinhas diariamente, com sucesso, mas há ainda maiores possibilidades quando um grupo de pessoas concentra suas mentes numa única coisa. Isso determina uma pressão no éter físico, bem como nos mundos astral e mental, e rumo à direção desejada. Assim, ao invés de lutar contra o .que nos rodeia, como é habitualmente o caso, vemos que o que nos rodeia é útil contanto, naturalmente, que todos os presentes consigam manter suas mentes livres de erraticidade. Mente errática num grupo assim constitui um corte na corrente, de sorte que, ao invés de haver imensa massa de pensamentos movendo-se em poderoso fluxo, haverá remoinhos nela, como pedras que desviam as águas de um rio.

Exemplo impressionante do tremendo poder da emoção e do pensamento coletivos, foi o do Jubileu de Diamante da Rainha Vitória. O Bispo Leadbeater descreve essa ocasião como uma das mais maravilhosas

manifestações de força oculta que ele já testemunhara. A multidão tornou-se tão exaltada que as pessoas ficavam literalmente fora de si pelas suas emoções, experimentando, assim, uma tremenda elevação de alma. Efeito semelhante, em menor escala, pode ser produzido por um grupo em meditação.

Consideraremos, agora, os auxiliares físicos da meditação. Na meditação, a postura tem sua importância. O corpo deve ser posto em posição confortável, e então esquecido. Se estiver desconfortável, não pode ser esquecido, e estaria constantemente chamando a atenção.

Além disso, tal como certos pensamentos e emoções tendem a expressar-se por movimentos e gestos característicos do corpo, por uma inversão do processo as posições do corpo podem tender a induzir estados mentais e de sentimento, e assim ajudar o estudante a deter-se neles.

A maioria dos ocidentais achará mais confortável sentar-se numa poltrona, desde que o encosto não seja excesSivamente reclinado. As mãos podem ficar cruzadas e descansando sobre as pernas, ou colocadas ligeiramente sobre os joelhos. Os pés devem ficar juntos, ou cruzados, com o direito sobre o esquerdo. Esse cruzamento das extremidades do corpo ajuda a evitar o transbordamento do magnetismo pelas pontas dos dedos, pelos pés, etc.

A posição deve ser cômoda e relaxada; a cabeça não deve estar caída sobre o peito, mas sim levemente inclinada. Os olhos e a boca fechados, a coluna vertebral (ao longo da qual existe muito fluxo magnético) erecta.

Os orientais geralmente sentam-se com as pernas cruzadas, no chão, ou em banco baixo, posição que dizem ser ligeiramente mais eficaz, já que o magnetismo liberado tende a erguer-se em torno do corpo, em revestimento protetor.

Outro fator a ser considerado, ao determinar-se a postura para a meditação, é a possibilidade de se perder a consciência física. O hindu que está sentado no chão simplesmente tomba para trás, sem se machucar. Os que meditam numa poltrona devem cuidar que ela seja capaz de manter-lhe o corpo sem que caia ao chão.

A não ser em raros casos, a posição deitada não deve ser preferida, por causa de sua tendência natural para o sono.

Um banho quente ou uma caminhada rápida são precedentes úteis para dominar qualquer tendência à circulação lenta do sangue, que é obviamente, prejudicial à atividade do cérebro.

Há uma íntima ligação entre a meditação e a respiração. Na prática sabe-se que conforme o corpo se torna harmonizado na meditação, a respiração torna-se mais profunda, regular e rítmica, até que aos poucos se faz tão lenta e tão quieta que chega a ser quase imperceptível. A Hatha-Yoga usa o processo contrário, e, pela regulação deliberada da respiração, procura harmonizar as funções do corpo, e, finalmente, os trabalhos da mente.

O estudante, entretanto, deve ser prevenido contra a prática indiscriminada dos exercícios respiratórios. Agirá muitíssimo melhor controlando o pensamento de acordo com as linhas da Râja-Yoga, deixando

que os esforços da meditação funcionem com seus efeitos naturais sobre o corpo físico.

Embora alguns exercícios respiratórios sejam excesSivamente perigosos, não há objeção quanto à respiração profunda e simples, contanto que não haja o cansaço indevido do coração e dos pulmões, nem se tente concentrar o pensamento em vários centros, ou chakras, do corpo.

Incenso de boa qualidade também é útil, já que tende a purificar a "atmosfera", do ponto de vista oculto. O estudante pode, também, receber auxílio de belas cores, flores, e quadros em seu ambiente, e de outros meios que elevem a mente e os sentimentos.

Também achará útil a observação de certas restrições dietéticas (ver O *Corpo Astral)* e, desde que não haja prejuízo para a saúde, deve abster-se de carne e de álcool.

Se houver absorção de álcool, a meditação pode provocar sintomas inflamatórios no cérebro, afetando, particularmente, o corpo pituitário (ver O *Corpo Astral).*

O início da manhã é, provavelmente, a hora mais adequada para a meditação, porque os desejos e emoções a essa altura, habitualmente, estão mais tranqüilos, depois do sono e antes que o homem mergulhe no tumulto do mundo. Mas, seja qual for o tempo escolhido, deve ser quando há certeza de não haver interferências. Além disso, conforme foi dito antes, a hora deve ser sempre a mesma, porque a regularidade é a essência da fórmula.

As horas escolhidas pelos devotos antigos era o nascer-do-sol, o meio-dia, e o ocaso, horas que são magneticamente mais adequadas. É bom cultivar o hábito de voltar a mente, no instante em que se marca mais uma hora, durante o dia, para a idéia de que cada um de nós é um Ser espiritual. Essa prática leva ao que os cristãos místicos chamavam de "recolhimento interno", e ajuda o estudante a treinar sua mente para voltar-se automaticamente para pensamentos espirituais.

Não é bom meditar imediatamente após uma refeição, porque, obviamente, ela tende a retirar o sangue dos órgãos digestivos. Também à noite a meditação não é boa, porque os corpos estão cansados e o duplo etérico é mais facilmente deslocável. Além disso, a influência negativa da lua está então operando, de forma que há possibilidade de ocorrerem resultados inconvenientes.

Às vezes, a meditação pode ser menos bem sucedida do que habitualmente por causa de influências astrais ou mentais desfavoráveis. Há ainda quem diga que em certas ocasiões as influências planetárias são mais favoráveis do que outras. Assim, um astrólogo disse que quando Júpiter está em dada relação com a Lua, isso produz o efeito de expandir a atmosfera etérica e fazer maior o êxito da meditação. Certos aspectos de Saturno, por outro lado, são tidos como congestionadores da atmosfera etérica, o que torna difícil a meditação.

O sistema de meditação resumido acima tem como objetivo o desenvolvimento espiritual, mental e ético, e o controle da mente e dos sentimentos. Não *visa* ao desenvolvimento das faculdades psíquicas "de baixo para cima", mas o seu *resultado* natural pode ser a abertura de um psiquismo intuitivo

em pessoas de estrutura suficientemente sensível. Isso se revelará com o aumento da sensibilidade à influência de pessoas e lugares, na recordação fragmentária de experiências no plano astral durante o sono, na maior suscetibilidade à orientação direta do Ego, em poder reconhecer a influência dos Mestres e das pessoas espiritualmente desenvolvidas e em outras manifestações que tais.

A meditação pode resultar em iluminação, que pode ser uma dentre três tipos bem diferentes: 1. Por pensar intensa e cuidadosamente sobre um assunto o homem pode, por si próprio, chegar a alguma conclusão a respeito do mesmo. 2. Pode obter a iluminação vinda do seu Eu superior, descobrindo que seu Ego realmente pensa em seu próprio plano sobre a questão. 3. Pode, se for altamente desenvolvido, entrar em contacto com Mestres ou Devas.

O que podemos fazer na meditação depende do que estamos fazendo durante o transcorrer do dia. Se temos preconceitos, por exemplo, na vida habitual, não poderemos escapar deles na meditação.

A meditação física é, naturalmente, para o treinamento dos veículos inferiores, não para o Ego. Durante a meditação o Ego vê a personalidade como em qualquer outra ocasião — e, geralmente, é um tanto desdenhoso.

Se o Ego tem desenvolvimento, meditará em seu próprio nível, mas essa meditação não precisa, como é natural, sincronizar-se com a da personalidade.

A meditação é um meio para se adquirir a arte de deixar o corpo com integral consciência disso. A consciência sendo encorajada para uma inabalável firmeza e fixidez, a atenção vai sendo gradualmente retirada do mundo externo e do corpo; os sentidos permanecem quietos enquanto a mente está intensamente ativa, mas com todas as suas energias voltadas para dentro, pronta a ser atirada para um único ponto de pensamento, o mais alto que ela puder alcançar. Quando a mente for capaz de se manter assim com relativa facilidade, mediante um forte, mas calmo esforço da vontade, pode transcender o mais elevado pensamento que possa alcançar *enquanto trabalha no cérebro físico;* nesse esforço se erguerá e se unirá com a consciência superior e se encontrará livre do corpo. Quando isso ocorrer não há sensação de sono ou sonho nem perda da consciência. O homem se vê fora de seu corpo, como se tivesse deslizado para fora de algo pesado e incômodo, e não como se tivesse perdido uma parte de si mesmo.

Há outras formas de obter a libertação do corpo. Num surto de intensa devoção, por exemplo, ou através de métodos especiais que podem ser comunicados ao discípulo por um grande Mestre.

O homem pode voltar ao seu corpo e nele reentrar à vontade. Pode, também, sob essas circunstâncias, imprimir no cérebro — e assim reter quando em seu corpo físico — a lembrança das experiências pelas quais passou.

A meditação real significa esforço tenaz, não a sensação de felicidade que vem de um estado de semi-sonolência e de bem-estar corporal. Ela nada tem a ver, portanto, com o tipo de mediunidade pasSiva desenvolvida pelo espiritismo.

O estudante não precisa sentir-se intrigado pela recomendação de que se deve manter aberto às influências espirituais e ser, ao mesmo tempo, positivo. O esforço positivo é necessário como passo preliminar; ele anima a consciência para níveis mais elevados, de forma que as influências superiores possam descer. Então, e só então, é seguro relaxar o esforço dirigido para cima, na realização da paz assim obtida. A frase "abrir-se às influências espirituais" pode ser tomada como significando a manutenção de uma atitude de intensa quietude em alto nível espiritual; como um pássaro que, embora pareça passivo e imóvel, equilibra-se contra as rajadas de vento, por um esforço poderoso e contínuo mantido pelas asas.

CAPÍTULO XVII

CONTEMPLAÇÃO

A contemplação é o terceiro dos três estágios, dos quais já consideramos dois. Os três são:

1. *Concentração* — A atenção presa a um objeto.

2. *Meditação* — A consciência posta em atividade com referência apenas àquele objeto: ver o objeto sob todas as luzes possíveis, e tentar penetrar sua significação, alcançar um novo e profundo pensamento, ou receber alguma luz de intuição sobre ele.

3. *Contemplação* — A centralização ativa da consciência no objeto, enquanto as atividades inferiores da consciência são reprimidas com sucesso. É a fixação da atenção por algum tempo na luz recebida. Isso foi definido como concentração no alto da linha do pensamento, ou meditação.

Na terminologia hindu os estágios são amplificados e chamados como se segue:

1. Pratyâhâra: o estágio preliminar, abrangendo o inteiro controle dos sentidos.

2. Dhâranâ: concentração.

3. Dhyâna: meditação.

4. Samâdhi: contemplação.

Dhâranâ, Dhyâna e Samâdhi são conhecidas, coletivamente, como Sannyama.

Na meditação descobrimos o que o objeto é, comparado com outras coisas e em relação a elas. Seguimos com esse processo de raciocínio e argumento até que não mais possamos raciocinar nem argumentar a propósito do objeto. Então, suprimimos o processo, cessando todas as comparações e argumentações, com a atenção fixada ativa-mente no objeto, tentando penetrar a indefinibilidade que nos parece rodeá-lo. Isso é contemplação.

O principiante deve ter em mente que a meditação é ciência para uma vida inteira, de forma que não deve esperar atingir o estágio da pura contemplação desde seus primeiros esforços.

A contemplação pode ser descrita, também, como a manutenção da consciência sobre uma coisa, e o atrair dessa coisa para si próprio, de forma que o pensador e ela se tornem unificados.

Quando uma mente bem treinada pode manter seu foco ou concentração por algum tempo, e pode, então, *abandonar o objeto,* mantendo a atenção fixa, mas *sem que a atenção seja dirigida diretamente para o que quer que seja,* então o estágio de contemplação foi alcançado.

Nesse estágio o corpo mental não mostra imagem; sua própria matéria é mantida com firmeza, sem receber impressões, perfeitamente calma, como água parada. Esse estado não pode durar mais do que um período muito

curto, sendo como aquele estado "crítico" do químico, o ponto entre dois estados da matéria.

Expresso de outra forma, já que o corpo mental está em quietude, a consciência se evade dele e atravessa o "centro laya", ponto neutro de contacto entre o corpo mental e o corpo causal.

Essa passagem é acompanhada por um desfalecimento momentâneo, ou perda de consciência, resultado inevitável do desaparecimento dos objetos da consciência, seguido pela consciência no corpo superior. O abandono dos objetos da consciência pertencendo aos mundos inferiores é, então, seguido pelo aparecimento dos objetos de consciência no mundo superior.

Então o ego pode modelar o corpo mental de acordo com seus próprios e elevados pensamentos, e imprimir na mente suas próprias vibrações. Pode modelá-lo conforme visões que obteve nos planos ainda mais altos do que o seu, e assim transmitir à consciência inferior as idéias às quais seu corpo mental de outra forma não poderia responder.

Tais idéias são as inspirações do gênio, que refulgem para a mente com luz deslumbrante e iluminam o mundo. O próprio homem que as dá ao mundo mal pode dizer, em seu estado mental comum, como foi que chegaram a ele, mas sabe que foi de uma forma estranha.

"... o poder que ressoa dentro de mim

Vive em meus lábios e acena com a minha mão."

Dessa natureza são, também, os êxtases e visões dos cantos, de todos os credos e de todos os tempos. Nesses casos, a prece absorvente e prolongada, ou contemplação, produziu a necessária condição do cérebro. Os caminhos dos sentidos fecharam-se pela intensidade da concentração interior, e é alcançado, espasmódica e involuntariamente, aquele estado que a Râja-Yoga tenta deliberadamente atingir.

A transição da meditação para a contemplação foi descrita como passando da meditação "com semente" para a meditação "sem semente". A mente, uma vez fixada, se coloca no mais alto ponto do raciocínio, derradeiro elo na cadeia dos argumentos, ou no pensamento central, ou figura do inteiro processo. Isso é a meditação com semente.

Então, o estudante deve abandonar tudo, mas ainda mantendo a mente na posição ganha, o mais alto ponto conquistado, vigoroso e alerta. Essa é a meditação sem semente. Permanecendo fixo, à espera, no silêncio e no vácuo, o homem está na "nuvem". Então, subitamente, haverá uma modificação, uma modificação inconfundível, estupenda, incrível. Isso é contemplação, levando à iluminação.

Assim, por exemplo, praticando a contemplação sobre o homem ideal, sobre um Mestre, depois de formar a imagem do mesmo, o estudante a contempla com êxtase, tornando-se repleto da sua glória e da sua beleza; esforçando-se por chegar até ele, tenta erguer sua consciência até o ideal, para mergulhar nele, para se unificar com ele.

O desfalecimento momentâneo, a que nos referimos acima, é chamado, em sânscrito, o Dharma-Megha, a nuvem da retidão. Os místicos ocidentais chamam-na a "Nuvem do Monte", a "Nuvem do Santuário", a "Nuvem do Trono

da Misericórdia". O homem sente-se como que rodeado de um denso nevoeiro, consciente de que não está sozinho, mas sem poder enxergar. Logo depois o nevoeiro se adelgaça, e então alvorece a consciência dos planos superiores. Antes que isso se dê, porém, parece ao homem que sua vida se vai drenando, que ele está suspenso sobre o vácuo de imensa treva, de indizível solidão. Mas, "Fica tranqüilo e sabe que sou Deus". Naquele silêncio e naquela quietude, a Voz do Ser será ouvida, a glória do Ser será vista. A nuvem se dissipa, e o Ser se manifesta.

Antes disso é possível passar da meditação para a contemplação, afastando inteiramente desejos e esperanças, pelo menos durante o período da prática. Em outras palavras, Kâma deve ficar perfeitamente sob controle. A mente nunca pode estar só enquanto os desejos a ocupam. Cada desejo é uma semente da qual podem brotar a cólera, a falsidade, a impureza, o ressentimento, a cobiça, a negligência, o descontentamento, a indolência, a ignorância, etc. Enquanto um desejo ou uma esperança permanecerem, essas violações da lei são possíveis.

Enquanto há desejos, descontentamentos, eles desviarão a pessoa. O fluxo de pensamentos está sempre buscando fluir ao lado, nos pequenos regos e canais que os desejos insatisfeitos e os pensamentos indecisos deixaram abertos. Cada desejo não satisfeito, cada problema não resolvido, apresentará boca faminta, sempre exigindo atenção. Quando a linha do pensamento encontra uma dificuldade, desvia-se e atende a esses chamados. Se acompanharmos a ininterrupta corrente de pensamentos, descobriremos que eles têm sua origem nos desejos insatisfeitos e nos problemas não resolvidos.

O processo de contemplação começa quando a atividade consciente tem início, por assim dizer, em ângulo reto com a atividade habitual, o que propicia a compreensão de uma coisa em referência a outras coisas de sua própria natureza e plano. Tal movimento atravessa os planos de sua existência e penetra em sua natureza interior mais sutil. Quando a atenção já não está dividida em partes pelas atividades da comparação, a mente se move como um todo, e parecerá muito quieta, tal como um pião parece parado quando está girando com rapidez.

Na contemplação, a pessoa já não pensa *sobre* o objeto. É melhor nem mesmo começar com qualquer idéia do eu e do objeto como duas coisas diferentes em relação uma à outra, porque, fazendo-se isso, tende-se a colorir a idéia com o sentimento. O empenho deve ser no sentido de alcançar um ponto de autodesprendimento, de forma que a contemplação possa começar de dentro do próprio objeto, sendo o entusiasmo e a energia mental, ao mesmo tempo, mantidos ao longo da linha do pensamento. A consciência deve ser mantida, equilibrada como um pássaro em suas asas, olhando para a frente e jamais pensando em retornar.

Na contemplação o pensamento é levado para dentro até que não possa mais seguir, e é mantido nessa posição sem retornar ou voltar-se para o lado, sabendo que há algo ali, embora seja incapaz de captar claramente o que isso é. Nessa contemplação, naturalmente, o que é da natureza do sono ou da inatividade mental não existe, e sim uma busca intensa, um esforço prolongado para ver no indefinido algo de definido, sem descer às regiões inferiores comuns da atividade consciente, na qual a visão é normalmente clara e precisa.

Um devoto deve praticar a contemplação de maneira semelhante; no seu caso, porém, a atividade deve ser principalmente sentimento, e não pensamento.

Na contemplação de sua própria natureza interior, o estudante repudia sua identidade com os corpos externos e com a mente. Nesse processo ele não se está despindo de atributos, mas de *limitações.* A mente é mais rápida e mais livre do que o corpo, e para além da mente está o espírito, que ainda é mais rápido e mais livre. O amor é mais possível na quietude do coração do que em qualquer expressão exterior, mas no espírito além da mente ele é divinamente certo. A razão e o julgamento corrigem sempre a hesitante evidência dos sentidos. A visão do espírito discerne a verdade, sem órgãos e sem mente.

A chave do sucesso em cada passo dessas práticas pode ser exposta assim: obstruir as atividades inferiores, mantendo o fluxo integral da energia consciente. Primeiro, a mente inferior deve se tornar vigorosa e alerta, e então sua atividade deve ser obstruída, enquanto o ímpeto ganho é usado para exercitar e desenvolver as faculdades interiores e superiores.

Conforme ensina a antiga ciência da Ioga, quando os processos da mente pensante são reprimidos pela vontade ativa, o homem se vê em novo estado de consciência, que transcende o pensamento comum e o governa, assim como o pensamento transcende e seleciona os desejos, e assim como os desejos incitam a ações e esforços particulares. Tal estado superior de consciência não pode ser descrito em termos de mente inferior, mas sua conquista significa que o homem está consciente de que é algo acima de sua mente e pensamento, embora a atividade mental possa continuar, tal como todas as pessoas cultas reconhecem que não são o corpo físico, mesmo quando o corpo físico está agindo.

Há um outro estado de existência, ou antes, outra concepção viva de vida, para além da mente, com seu elaborado processo de discernimento, de comparação e de relações causais entre as coisas. Esse estado superior só é compreendido quando as atividades da consciência são levadas, com todo o seu fervor e vigor terrenos, para além da tateante vida-na-caverna em que normalmente existem. A consciência superior virá ao homem, mais cedo ou mais tarde, e, quando vier, toda a vida parecerá subitamente transformada.

À medida que o estudante se torna mais rico de experiência espiritual através da sua meditação, encontrará novas fases de consciência que se vão abrindo gradualmente em seu interior. Firme em sua aspiração pelo ideal, depressa se tornará consciente da influência desse ideal. Enquanto faz um desesperado esforço para alcançar o objeto de sua devoção, por um breve momento as comportas do próprio céu se abrirão e ele se encontrará unificado com o seu ideal e impregnado com a glória da sua realização. Tendo transcendido as figuras mais formais da mente, um intenso esforço é feito para chegar acima. Então, alcança aquele estado de êxtase do espírito, em que os limites da personalidade desaparecem e todas as sombras da separação se desvanecem na perfeita união entre o objeto e aquele que o busca.

Como se diz em *A Voz do Silêncio:* "Não podes caminhar pela Trilha enquanto não te tornares a própria Trilha.. . Atenção! Tu te tornaste a luz, tu te tornaste o som, tu és teu Mestre e teu Deus. Tu próprio és o

objeto da tua busca, a voz contínua que ressoa através da eternidade, isento de mudanças, isento do pecado, os sete sons em um."

Seria ocioso tentar maior descrição de tais experiências, porque estão bem além do alcance da palavra formulada. Palavras servem como marcos que indicam o caminho para o que é inefavelmente glorioso, de forma que o peregrino possa saber para onde dirigir seus passos.

CAPÍTULO XVIII

VIDA DURANTE O SONO

Muitas pessoas se vêem perturbadas com fluxos de pensamentos erráticos quando tentam adormecer. Em tais casos, uma concha mental as livrará desses pensamentos que vêm de fora. Basta que essa casca seja temporária, pois tudo que se deseja é paz por um espaço suficiente para que o homem adormeça.

O homem levará consigo essa concha mental quando deixar o corpo físico, mas o trabalho dela estará realizado, já que seu único objetivo é permitir que ele deixe o corpo.

Enquanto ele estava em seu corpo físico, a ação mental sobre as partículas do cérebro podiam impedir, facilmente, que deixasse o corpo, mas, desde que se afasta do corpo, os pensamentos que o preocupavam não retornarão.

Quando a concha se desfaz, o fluxo de pensamentos ociosos ou a preocupação mental provavelmente voltará a instalar-se, mas enquanto o homem estiver fora de seu cérebro físico não interferirão no repouso do corpo.

É uma ocorrência extremamente rara, tanto para uma pessoa comum durante o sono como para uma pessoa psiquicamente desenvolvida durante um transe, o penetrar no plano mental. Pureza de vida e de propósito é o pré-requisito absoluto e, mesmo quando o plano mental é alcançado, nada haverá que se possa chamar verdadeira consciência, mas simplesmente a capacidade de receber impressões.

Pode ser dado um exemplo da possibilidade de entrar no plano mental durante o sono. Uma pessoa de mente pura de grande capacidade psíquica foi abordada durante o sono e um quadro mental lhe foi apresentado à mente. Tão intensa foi a sensação de reverente alegria, tão altos e tão espirituais foram os pensamentos evocados pela contemplação da gloriosa cena, que a pessoa adormecida passou para o corpo mental, isto é, "elevou-se" ao plano mental. Embora estivesse flutuando num mar de luz e de cor, nem por isso deixava de estar absorvida em seu próprio pensamento, sem ter consciência de nada mais além disso. «Permaneceu nessa condição por muitas horas, embora aparentemente inconsciente da passagem do tempo. Está claro, nesse caso, que, apesar de estar a pessoa adormecida consciente *no* plano mental, ainda assim não estava de forma alguma consciente *do* plano mental.

Parece provável que um resultado assim só seria possível no caso de uma pessoa que já tivesse certo potencial de desenvolvimento psíquico. Essa mesma condição é ainda mais definitivamente necessária, a fim de que o sujeito mesmerizado possa tocar, em transe, no plano mental.

O motivo, como ficou exposto antes, é o fato de o homem comum não ter um corpo mental suficientemente desenvolvido para ser empregado como veículo separado da consciência. Ele pode, realmente, ser empregado como veículo apenas por aqueles que foram especialmente treinados no seu uso por professores que pertençam à Grande Fraternidade de Iniciados.

Podemos repetir aqui o que foi dito no Capítulo XIV, isto é, que até a época da Primeira Iniciação, o homem trabalha à noite em seu corpo astral, mas, logo que esse corpo esteja perfeitamente sob controle e possa ser usado integralmente, inicia-se o trabalho no plano mental. Quando, por sua vez, esse outro corpo está completamente organizado, é um veículo muitíssimo mais flexível do que o corpo astral, e muito do que é impossível no plano astral é realizado ali.

Embora o homem possa viver, depois da morte, no mundo celestial, isto é, no plano mental (como veremos em capítulos posteriores), ainda assim está fechado na concha de seus próprios pensamentos. Isso não pode ser chamado de funcionamento no plano mental, porque envolve a capacidade de mover-se livremente naquele plano, e observar o que ali existe.

O homem que pode funcionar livremente no corpo mental tem a capacidade de entrar naquela glória e beleza que é o plano mental, e possui mesmo, quando trabalhando no plano astral, o senso mental muitíssimo mais compreensivo, que abre para ele tais maravilhosas visões de conhecimento, e torna praticamente impossível o erro.

Quando funciona no corpo mental, o homem deixa seu corpo astral, assim como havia deixado o corpo físico. Se, por qualquer motivo, deseja ser visto no plano astral, não envia seu próprio veículo astral, mas, por uma única ação de sua vontade, materializa um corpo astral para aquela necessidade temporária. Tal materialização astral é chamada mâyâvirüpa, e para formá-la pela primeira vez é quase sempre necessária a assistência de um Mestre. (Este assunto será tratado em nosso próximo capítulo.)

Há outra forma pela qual a vida durante o sono pode ser empregada utilmente, isto é, para resolver problemas. O método é, naturalmente, usado por muitas pessoas, embora, na maior parte, inconscientemente, e está expresso no provérbio que diz "o travesseiro é bom conselheiro". O problema a ser resolvido deve ser calmamente mantido na mente quando se vai adormecer, sem ser debatido ou argumentado, pois isso afastaria o sono. Deve ser simplesmente exposto à mente e ali deixado. Então, durante o sono, o Pensador está livre do corpo físico e do cérebro, e tratará do problema. Habitualmente, o Pensador imprimirá a solução no cérebro, de forma que ele esteja na consciência, ao acordar. É um bom plano manter papel e lápis ao lado da cama, a fim de anotar a solução imediatamente ao acordar, porque um pensamento assim obtido apaga-se muito facilmente pelo tropel dos estímulos vindos do mundo físico, e não será facilmente recuperado.

CAPÍTULO XIX

O MÂYÂVIRÜPA

Mâyâvirüpa significa, literalmente, "corpo de ilusão". É um corpo astral temporário, feito por alguém que pode funcionar no corpo mental. Pode parecer-se, ou não, com o corpo físico, pois a forma que lhe é dada é a adequada ao objetivo para o qual foi criado. Pode fazer-se, à vontade, visível ou invisível, no plano físico. Pode ser indistinguível de um corpo físico, quente e firme ao toque, visível, podendo conversar, em todos os pontos idêntico a um ser físico.

A vantagem de se usar o mâyâvirüpa está no fato de ele não estar sujeito ao fascínio do plano astral, como o está o corpo astral. Não há fascínio astral que possa dominar o mâyâvirüpa, nem ilusão astral que o engane.

Com o poder de formar o mâyâvirüpa, o homem pode passar instantaneamente do plano mental para o astral, e retornar; pode usar em todo o tempo o poder maior e o senso mais agudo do plano mental. Será necessário formar a materialização astral, apenas quando o homem desejar tornar-se visível às pessoas no mundo astral. Quando tenha terminado seu trabalho no plano astral, recolhe-se novamente ao plano mental, e o mâyâvirüpa desaparece, voltando sua matéria à circulação geral da matéria astral, de onde fora trazido pela vontade do discípulo.

Quando em mâyâvirüpa, o homem usa o método de transmissão do pensamento do plano mental, até o ponto concernente ao entendimento de outro homem; naturalmente, o poder de transmitir o pensamento a outro, dessa maneira, é limitado pelo grau de desenvolvimento do corpo astral do outro homem.

É necessário que o Mestre mostre primeiro ao seu discípulo como formar o mâyâvirüpa, depois do que, embora não se trate de assunto fácil, ele o poderá fazer por si mesmo.

Depois ^da Segunda Iniciação, o desenvolvimento do corpo mental é rápido, e é nesse ponto, ou próximo dele, que o discípulo aprende a usar o mâyâvirüpa.

CAPÍTULO XX

DEVACAN: PRINCÍPIOS GERAIS

A primeira fase da vida após a morte, passada no plano astral, já foi inteiramente descrita em O *Corpo Astral.* Começaremos agora o nosso estudo, portanto, do momento em que o corpo astral é deixado em seu próprio plano, e o homem recolhe sua consciência no corpo mental, isto é, "eleva-se" ao plano mental, e, assim fazendo, entra no que é conhecido como mundo celestial. Os teosofistas chamam-no, habitualmente, Devacan, que significa, literalmente, a Região Brilhante. Também é chamada, em sânscrito, Devasthân, a região dos deuses; é o Svarga dos hindus, o Sukhâvati dos budistas, o Céu dos zoroastrianos, dos cristãos e dos muçulmanos. Tem sido chamado, também, o "nirvana das pessoas comuns". O princípio básico do devacan é ser o mundo do *pensamento,*

Um homem que está no devacan é chamado *devacante.* (A palavra devacan é etimologicamente inexata, e leva, portanto, a enganos. Tornou-se, porém, tão fincada na terminologia teosófica, que o compilador presente a reteve através de todo o volume. Ela tem, pelo menos, o mérito de ser menos tosca do que "mundo celestial".)

Nos velhos livros o devacan é descrito como uma parte especialmente guardada do plano mental, de onde estão excluídos a tristeza e o mal, através da ação de grandes Inteligências espirituais que superintendem a evolução humana. É a beatífica região de repouso do homem, onde ele, pacificamente, assimila os frutos de sua vida física.

Na realidade, entretanto, o devacan não é uma parte reservada do plano mental. O que acontece é que cada homem, conforme veremos logo adiante, fecha-se em sua própria concha; portanto não toma absolutamente parte na vida do plano mental. Não se move livremente por ali nem trata com as pessoas como acontece no plano astral.

Outra forma de encarar o que tem sido chamado de guarda artificial do devacan, o golfo que rodeia cada indivíduo ali, origina-se do fato de toda a matéria kâmica, ou astral, ter sido, como é natural, varrida dali e já ali não estar. O homem não tem veículo; portanto, não tem meio de comunicação que possa responder ao que quer que seja vindo dos mundos inferiores. De maneira que, na prática e em conseqüência, tais mundos não existem para ele.

A separação final entre os corpos mental e astral não envolve qualquer dor ou sofrimento. Na verdade, é impossível que o homem comum possa de alguma forma compreender sua natureza. Ele se sentirá apenas mergulhando delicadamente em deleitável repouso.

Há, contudo, usualmente, um período de consciência em branco, análogo ao que quase sempre acompanha a morte física. O período pode variar dentro de amplos limites, e dele o homem vai aos poucos acordando.

Ao que parece, esse período de inconsciência é um período de gestação correspondendo à vida pré-natal, e necessário para a construção do ego devacânico, para a vida no devacan. Uma parcela desse tempo parece ser dedicada à absorção, por parte do átomo astral permanente, de tudo quanto deve ser levado para o futuro; e outra parcela é ocupada na vivificação

da matéria do corpo mental, para a sua vida separada e independente que vai ter início.

Quando o homem torna a acordar, depois da segunda morte, sua primeira sensação é de uma indescritível beatitude e de vitalidade, um sentimento de tão grande alegria de viver que ele nada mais precisa nessa ocasião a não ser viver. Tal beatitude é da essência da vida em todos os mundos superiores do sistema. Mesmo a vida astral tem possibilidades de felicidade muito maiores do que qualquer outra que possamos conhecer na vida física, mas a vida celestial é, fora de toda a proporção, muito mais feliz do que a astral. Em cada mundo superior, a mesma experiência é repetida, cada qual superando muito mais a precedente. Isso é verdadeiro não somente quanto à sensação de bem-aventurança, mas também quanto à sabedoria, ao alargamento da visão. A vida celestial é tão mais cheia e ampla do que a astral que não é possível estabelecer-se comparação entre elas.

Quando a pessoa adormecida acorda no devacan, os mais delicados coloridos dão as boas-vindas aos olhos que se abrem, o próprio ar parece música e cor, e todo o ser fica impregnado de luz e harmonia. Então, através da névoa dourada aparecem os rostos daqueles que ela amou na Terra, eternizados numa beleza que expressa suas mais nobres e amoráveis emoções, intocadas pelos distúrbios e paixões dos mundos inferiores. Homem algum pode descrever de forma adequada o despertar no mundo celestial.

Essa intensidade de beatitude é a característica principal da vida celestial. Não se trata apenas de serem o mal e a tristeza coisas de natureza impossível nesse mundo, ou mesmo de todas as criaturas serem felizes ali. É um mundo onde cada ser deve, pelo próprio fato de sua presença, estar gozando a mais alta felicidade espiritual de que é capaz; um mundo, onde o poder da resposta às suas aspirações é limitada apenas pela sua capacidade de aspirar.

Essa sensação da dominadora presença da alegria universal jamais deixa o homem, no devacan. Nada na Terra se parece àquilo, nada pode refletir aquilo. A tremenda vitalidade espiritual desse mundo celeste é indescritível.

Várias tentativas têm sido feitas para descrever o mundo celestial, mas todas falharam porque ele é, por sua natureza, indescritível em linguagem gísica. Assim, budistas e hinduístas, pelos seus videntes, falam em árvores de ouro com frutos como jóias; os escribas judeus, tendo vivido numa cidade grande e magnífica, falaram de ruas de ouro e prata; escritores teósofos mais modernos tiram seus símiles das cores do poente e das glórias do mar e do céu. Cada qual procura igualmente retratar a verdade, grande demais para palavras, empregando os símiles que são familiares à mente.

A posição do homem no mundo mental difere amplamente da que tem no astral. No astral, estava usando um corpo com o qual ficara inteiramente habituado, já que o usava durante o sono. O veículo mental, entretanto, nunca o usara antes, e ele está bem longe de se mostrar inteiramente desenvolvido. Ele isola o homem, em grande parte, quanto ao mundo que o cerca, ao invés de capacitá-lo para vê-lo.

Durante sua vida purgatória, no plano astral, a parte inferior da sua natureza consumiu-se, e agora nele permanecem apenas pensamentos mais altos e mais refinados, as nobres e altruísticas aspirações que manteve durante a vida terrena.

No mundo astral, pode ter uma vida relativamente agradável, embora claramente limitada. Por outro lado, pode sofrer consideravelmente em sua vida de purgatório. No devacan, porém, colhe apenas os resultados dos pensamentos e sentimentos destituídos de egoísmo. Daí a vida devacânica não ter possibilidade de ser senão uma vida de bem-aventurança.

Como disse um Mestre: *"Devacan é a região onde não há lágrimas, nem suspiros, onde não há casamentos, e onde os justos alcançam sua integral perfeição."*

Os pensamentos que se amontoam em torno do homem, no devacan, formam uma espécie de concha, por intermédio da qual ele pode responder a certos tipos de vibração nesta matéria refinada. Esses pensamentos são os poderes pelos quais se serve da infinita riqueza do mundo celestial. São como que janelas através das quais ele pode ver a glória e a beleza do mundo celestial, e através das quais pode receber também respostas vindas das forças externas.

Todo homem que esteja acima do mais baixo selvagem, deve ter tido algum toque de sentimento puro e sem egoísmo, mesmo que tenha sido apenas uma vez na vida. E isso será para ele, agora, uma janela.

Seria erro ver aquela concha de pensamento como uma limitação. Sua função não é isolar o homem das vibrações do plano, e sim capacitá-lo a responder a essas influências tal como estão dentro da sua capacidade de conhecer. O plano mental (conforme veremos no Capítulo XXVII) é um reflexo da Divina Mente, um depósito de extensão infinita, do qual a pessoa que está gozando o céu pode servir-se, de acordo com o poder de seus próprios pensamentos e "aspirações, gerados durante suas vidas física e astral.

No mundo celestial mais alto, tais limitações — se, por enquanto, pudermos chamá-las assim — já não existem; mas neste volume não trataremos desse mundo superior.

Todo homem pode servir-se do mundo celestial, e conhecê-lo na proporção em que seus esforços anteriores o prepararam. Conforme diz o símile oriental, cada homem traz sua própria taça. Algumas são grandes, outras são pequenas. Mas, grandes ou pequenas, cada taça é enchida até o máximo de sua capacidade. O mar da bem-aventurança é mais do que bastante para todos.

O homem comum não é capaz de qualquer grande atividade nesse inundo mental. Seu estado é principalmente receptivo, e sua visão de qualquer coisa exterior à sua própria concha é de caráter bem limitado. Com pensamentos e aspirações agindo apenas ao longo de certas linhas, ele não pode, de repente, construir outras novas. Portanto, não poderá aproveitar as forças vivas que o rodeiam, nem os poderosos habitantes angélicos do mundo mental, mesmo que muitos deles estejam prontos a responder a certas aspirações do homem.

Assim, o homem que durante a vida terrena se preocupou, principalmente, com coisas materiais, abriu poucas janelas através das quais poderá ter contacto com o mundo no qual se encontra. Aquele, porém, cujos interesses estão na arte, na música, ou na filosofia, encontrará sem medida e instrução ilimitada à sua espera, e a extensão do benefício que pode tirar disso depende apenas de seu próprio poder de percepção.

Há um grande número de pessoas, cujos pensamentos mais altos são os relacionados com a afeição e a devoção. Uma pessoa que ame outra profundamente, ou sinta forte devoção por uma deidade particular, forma vigorosa imagem mental daquele amigo, ou daquela deidade, e, inevitavelmente, leva consigo a imagem mental para o mundo mental, porque é a esse nível de matéria que ele naturalmente pertence. Isso produz um importante e interessante resultado. O amor que forma e retém a imagem é uma força muito poderosa, forte bastante, de fato, para alcançar e agir sobre o Ego do amigo, que existe no plano mental superior, porque, naturalmente, o Ego é o verdadeiro objeto de seu amor, não o corpo físico que é apenas uma representação parcial dele. O Ego do amigo, sentindo as vibrações, responde imediata e animadamente, e liga-se à forma-pensamento que foi feita para ele. O amigo daquele homem está, portanto, verdadeiramente presente ao lado dele, mais vividamente do que nunca.

Não faz diferença se o amigo é o que chamamos vivo ou morto, porque o apelo é feito, não ao fragmento do amigo que às vezes está prisioneiro do corpo físico, mas ao próprio homem, em seu próprio e verdadeiro nível. O Ego responde sempre; por isso aquele que tiver cem amigos pode responder integral e simultaneamente à afeição de cada um deles, porque número algum de representações sobre um nível inferior pode exaurir a infinidade do Ego. Daí um homem poder expressar-se, nos "céus", de formas infinitas de pessoas.

Cada homem, em sua vida celeste, tem assim, em torno de si, as formas-pensamento vivificadas de todos os amigos, cuja companhia deseja. Além disso, apresentam-se sempre sob seu melhor aspecto, já que ele próprio construiu as imagens-pensamento através das quais eles se manifestam.

No limitado mundo físico, estamos habituados a pensar em nosso amigo como se fosse apenas a limitada manifestação que conhecemos no plano físico. No mundo celestial, por outro lado, estamos muito mais perto da realidade existente em nossos amigos do que jamais estivemos na Terra, já que estamos em dois estágios, ou planos, mais aproximados da região onde fica o próprio Ego.

Há uma diferença importante entre a vida depois da morte no plano mental e a vida no plano astral, porque no plano astral encontramos nossos amigos (durante o sono de seus corpos físicos) em seus corpos astrais, isto é, ainda estamos tratando com as suas *personalidades.* No plano mental, entretanto, não encontramos nossos amigos nos corpos mentais que usam na Terra. Pelo contrário, seus Egos constroem, para si próprios, veículos mentais inteiramente novos e separados, e, ao invés da consciência das personalidades, a consciência dos Egos é que trabalha através desses veículos mentais. As atividades dos nossos amigos no plano mental são assim inteiramente separadas, sob todos os aspectos, das personalidades de suas vidas físicas.

Por isso, qualquer tristeza ou perturbação, que venha a incidir sobre a *personalidade* do homem vivo, não pode de forma alguma afetar sua forma-

pensamento, que o seu Ego está usando como um corpo mental adicional. Se nessa manifestação ele sentir tristeza ou perturbação da personalidade, isso não o afetará, porque veria o caso do ponto de vista do Ego no corpo causal, isto é, como uma lição a ser aprendida, ou algum karma a ser esgotado. Nesse seu ponto de vista não há engano; ao invés, a visão da personalidade inferior é que está iludida, porque o que essa personalidade vê como perturbações e tristezas são, para o homem verdadeiro, no corpo causal, simples passos no caminho ascendente da evolução.

Vemos, também, que um homem, no devacan, não está consciente da vida pessoal de seus amigos no plano físico. O que podemos chamar de razão mecânica para isso já foi integralmente explicado. Há também outras razões, igualmente convincentes, para esse arranjo, porque, obviamente, seria impossível para um homem, no devacan, sentir-se feliz se olhasse para trás e visse aqueles que amava mergulhados em tristeza e sofrimento, ou incidindo em pecados.

No devacan não há, pois, separação devida ao espaço ou ao tempo, nem pode ocorrer qualquer má interpretação de palavras ou pensamentos. Pelo contrário, há uma comunhão muito mais aproximada, alma a alma, do que é possível na vida terrena. No plano mental, não há barreira entre as almas; é exatamente na proporção exata da realidade da vida da alma em nós que se faz a comunhão entre elas, no devacan. A alma do nosso amigo vive na forma que dele criamos até o ponto em que sua alma e as nossas possam pulsar em vibração simpática.

Podemos não ter contacto com aqueles que foram ligados a nós, na Terra, apenas pelos laços dos corpos físico e astral, ou se eles e nós discordávamos na vida interior. Por isso, no devacan o inimigo não pode entrar, porque só o acordo simpático da mente e do coração pode reunir os homens no mundo celestial.

Com aqueles que estão além de nós em evolução, entramos em contacto apenas até o ponto em que *nós* possamos lhes responder. Com aqueles que estão menos avançados do que nós, só nos comunicamos até o limite da *sua* capacidade.

O estudante recordará que o Elemental de Desejo redistribui o corpo astral, após a morte, em camadas concêntricas de matéria, ficando a mais densa exteriormente; dessa forma, o homem é confinado àquele subplano do mundo astral a que pertence a matéria da camada mais externa de seu corpo astral. No plano mental não há nada que corresponda a isso, já que o Elemental Mental não atua como o Elemental de Desejo.

Há, também, outra diferença importante entre a vida astral e a vida mental. No plano mental o homem não passa pelos vários níveis, em turno, mas é atraído, *diretamente,* para o nível que melhor corresponda ao seu grau de evolução. Nesse nível ele passa todo o tempo de sua vida no corpo mental. As variedades dessa vida são infinitas, pois cada um faz a sua própria.

No devacan, o mundo celeste, tudo quanto teve valor nas experiências morais e mentais do Pensador' durante a vida recém-terminada, é trabalhado, meditado, e, paulatinamente, transmudado em faculdade moral e mental definida, em poderes que o homem levará consigo na próxima encarnação. Ele não grava, no corpo mental, a verdadeira memória do

passado, porque o corpo mental, como veremos na ocasião apropriada, se desintegra. A memória do passado existe apenas no próprio Pensador, que a viveu e que a conserva. Mas a experiência passada se converte em capacidade, de forma que, se o homem fez estudos profundos, os efeitos desse estudo serão a criação de uma faculdade especial, para aceitar e dominar aquele assunto quando lhe for apresentado, pela primeira vez, na próxima encarnação. Nascerá com uma aptidão especial nessa linha de estudo, e o absorverá com grande facilidade.

Tudo quanto pensamos na Terra é assim utilizado no devacan. Cada aspiração é feita poder. Todos os esforços frustrados tornam-se faculdades e possibilidades. Lutas e derrotas reaparecem como material a ser trabalhado para a criação de instrumentos de vitória. Tristezas e erros brilham, luminosos como metais preciosos para se fazerem volições sábias e bem dirigidas. Esquemas de beneficência, para os quais o

poder e a capacidade para realizar faltaram no passado, são transformados em pensamento, no devacan; atuam, por assim dizer, estágio por estágio, e o poder e a capacidade necessárias são desenvolvidos como faculdades da mente para serem postas em uso numa futura vida terrena.

No devacan, como disse um Mestre, o *"Ego recolhe apenas o néctar das qualidades morais e da consciência de cada personalidade terrestre".*

Durante o período devacânico, o Ego revisa seu depósito de experiências, a colheita da vida terrena há pouco terminada, separando-as e classificando-as, assimilando o que é capaz de assimilar, rejeitando o que é estéril e inútil. O Ego já não pode estar sempre ocupado no remoinho da vida terrena, como um trabalhador não pode estar sempre reunindo depósitos de material sem jamais fabricar com eles mercadorias, ou como um homem não pode estar sempre ingerindo alimentos sem jamais digeri-los e assimilá-los para construir os tecidos de seu corpo. Assim, o devacan, a não ser para muito poucos, conforme veremos mais adiante, é uma necessidade absoluta no esquema das coisas.

Uma compreensão imperfeita da verdadeira natureza do devacan tem levado algumas pessoas, às vezes, a pensar que a vida de uma pessoa comum, no mundo celestial inferior, nada mais é senão um sonho e uma ilusão, e que, quando essa pessoa se imagina feliz entre sua família e seus amigos, ou levando adiante seus planos com tanta exuberância de alegria e sucesso, está, realmente, sendo apenas uma vítima de cruel ilusão.

Essa idéia resulta de uma concepção errada do que constitui a realidade (até onde podemos conhecê-la), e vem de um ponto de vista defeituoso. O estudante deve recordar que a maioria das pessoas compreende tão pouco de sua vida mental, mesmo a que é vivida no corpo, que quando lhes apresentam um quadro da vida mental, fora do corpo, perdem todo o senso da realidade e sentem como que tendo passado para um mundo de sonho. Contudo a verdade é que a vida física, no que se refere à realidade, está em comparação desfavorável com a vida no mundo mental.

Durante a vida terrena comum, é óbvio que a concepção de tudo que a rodeia, por parte da pessoa comum, é imperfeita e inexata, sob muitíssimos aspectos. Nada sabe, por exemplo, das forças etéricas, astrais e mentais, que estão por trás de tudo quanto ela vê, e formam, de fato, em grande extensão, a parte mais importante do que é visto.

Toda a sua perspectiva está limitada àquela pequena porção de coisas que seus sentidos, seu intelecto, sua educação e sua experiência a capacitam a aceitar. Assim, ela vive num mundo que é, muito amplamente, de sua própria criação. Não compreende isso, porque nada sabe para além do que vê. Desse ponto de vista, a vida física comum é, pelo menos, tão ilusória como a vida no devacan, e o pensamento acurado mostrará que, na realidade, ela o é muito mais.

Quando um homem no devacan toma seus pensamentos como coisas reais, está perfeitamente certo. Eles *são* coisas reais no plano mental, porque naquele plano só o pensamento pode ser real. A diferença está em que no plano mental reconhecemos esse grande fato da natureza, enquanto o mesmo não fazemos no plano físico. Por isso estamos justificados, quando dizemos que entre os dois, a ilusão maior está no plano físico. A vida mental é, realmente, muito mais intensa, vívida e próxima da realidade, do que a vida dos sentidos.

Por isso, nas palavras do Mestre, "dizemos que a vida póstuma é a única realidade, e a terrestre, incluindo a própria personalidade, é apenas imaginária". "Dizer que a existência no devacan é um "sonho", em outro qualquer sentido que não seja o de uma palavra convencional, é renunciar, para sempre, ao conhecimento da Doutrina Esotérica, curadora única da verdade."

Uma das razões para que se tenha essa sensação de realidade da vida na Terra, e de irrealidade quando ouvimos falar no devacan, decorre de vermos a vida terrena *por dentro,* sob o domínio pleno das ilusões, enquanto contemplamos o devacan *pelo exterior,* livre, na ocasião, de seu grau particular de mâyâ ou ilusão.

No próprio devacan o processo é invertido, pois seus habitantes sentem que sua própria vida é a real, e olham para a vida da Terra como repleta das ilusões e equívocos patentes. No todo, os do devacan estão mais próximos da verdade do que os críticos físicos na vida terrena, mas, naturalmente, as ilusões da Terra, embora diminuídas, não são de todo afastadas nos céus inferiores, a despeito do fato de que o contacto ali é mais real e mais imediato.

Em termos mais gerais, a verdade é que quanto mais alto nos erguemos através dos planos do ser, mais próximos estamos da realidade, porque as coisas espirituais são, comparativamente, reais e duradouras, enquanto as coisas materiais são ilusórias e transitórias.

O estudante pode, proveitosamente, ir um pouco mais adiante com esse pensamento, e olhar a vida no devacan como o resultado natural e inevitável da vida anterior, passada nos planos astral e físico. Nossos mais altos ideais e aspirações jamais se realizam no plano físico, nem jamais serão realizados ali, porque a estreiteza das possibilidades e a relativa densidade da sua matéria o impedem.

Porém, pela lei do carma (da qual o que se conhece como conservação da energia é outra expressão), nenhuma força pode perder-se ou deixar de produzir efeito. Deve produzir o efeito integral que dela se espera, e até que a oportunidade surja, permanece como energia acumulada. Em outras palavras, grande parte da energia espiritual superior do homem não pode dar os resultados na vida terrena, porque seus princípios mais altos não podem responder a vibrações tão finas e sutis até que o homem esteja

livre do peso da carne. Na vida celestial, todo esse obstáculo é removido, e a energia acumulada transborda na reação inevitável que a lei do carma exige. "Na Terra, arcos rompidos" — diz Browning — "no Céu, roda perfeita." Assim, justiça •perfeita é conferida e nada jamais se perde, mesmo que no mundo físico possa parecer que muito fugiu ao seu objetivo e desfez-se em nada.

Devacan, portanto, não é de maneira alguma um sonho, ou a região do lótus da ociosidade indefinida. Pelo contrário, é uma região, ou melhor, uma condição de existência, onde a mente e o coração se desenvolvem, sem serem bloqueados pela matéria grosseira ou pelas preocupações banais, onde armas são forjadas para as lutas da vida terrena, e onde, na verdade, o progresso da vida futura é assegurado.

O estudante pode perceber também que o sistema sobre o qual a natureza preparou a vida depois da morte é o único concebível que poderia realizar seu objetivo de tornar todos felizes até sua capacidade máxima de felicidade. Se a alegria do Céu fosse apenas de um tipo particular (conforme dizem certas teorias ortodoxas) alguns se cansariam dela, outros não conseguiriam participar, ou por falta de gosto naquela direção ou pela carência da educação necessária. No livro *"Captain Stormfield's Visit to Heaven",* Mark Twain fez da antiquada idéia do Céu um tal *reductio ad absurdum,* a ponto (é o que se pensaria) de fazê-lo para sempre insustentável, oferecendo, incidental-mente, um exemplo clássico de análise humorística, mesmo em matéria de profunda religião e filosofia.

Voltando ao nosso tema principal, que outro arranjo, relativamente a parentes ou amigos poderia ser igualmente satisfatório? Se os que partem tivessem permissão para acompanhar os destinos flutuantes de seus amigos na Terra, a felicidade seria impossível para eles. Se, sem saber o que lhes estava acontecendo, tivessem de esperar até a morte desses amigos para então encontrá-los, haveria um doloroso período de suspensão, muitas vezes se estendendo por vários anos; em muitos casos, os amigos chegariam tão mudados que já não seriam simpáticos.

A natureza evitou todas essas dificuldades. Cada homem decide, por si mesmo, tanto a extensão como o tipo de sua vida celestial, através das causas que ele mesmo gerou durante sua vida terrena; portanto, não terá senão a quantidade exata que mereceu e exatamente a qualidade exata de alegria que seja a mais adequada às suas idiossincrasias. Os que ele ama estão sempre com ele, e sempre sob seu melhor e mais nobre aspecto. Não há sombra de discórdia ou modificação entre eles, pois que deles recebe, todo o tempo, exatamente o que deseja. Na verdade, o método da natureza é infinitamente superior a tudo quanto a vivacidade da imaginação do homem jamais pode oferecer em seu lugar.

Talvez seja difícil, no plano físico, compreender a natureza criativa dos poderes exercidos pelo Pensador, revestido de seu corpo mental, e desembaraçado de seu corpo físico. Na Terra, um artista pode criar visões de delicada beleza, mas quando procura dar-lhes corpo com o material da Terra, vê que eles estão muito distantes da sua concepção mental. No devacan, entretanto, tudo quanto um homem pensa é imediatamente reproduzido em forma, na rara e sutil matéria do próprio tecido mental, o meio pelo qual a mente normalmente trabalha quando livre de paixão e responde a todos os impulsos mentais. Assim, a beleza do ambiente, que

circunda o homem no devacan, é indefinidamente aumentada, de acordo com a riqueza e a energia de sua mente.

O estudante deve lutar para compreender que o plano mental é um mundo esplêndido de vida animada, no qual estamos vivendo *agora,* tanto como nos períodos entre as encarnações, físicas. Só a nossa falta de desenvolvimento e as limitações impostas pelo corpo físico impedem-nos de compreender integralmente que toda a glória do mais alto Céu está em torno de nós, aqui e agora, e que influências vindas desse mundo estão sempre nos atingindo; porém, não somos capazes de compreendê-las nem de recebê-las. Como diz um instrutor budista: "A luz está em torno de--, vós, se apenas tirásseis a venda dos olhos e olhásseis. É tão maravilhosa, tão bela, tão para além do que qualquer

homem tem sonhado ou suplicado em suas orações, e existe para o todo sempre." (The Soul of a People, p. 163.)

Em outras palavras, devacan é um estado de consciência, e nele pode entrar, a qualquer momento, a pessoa que aprendeu a afastar a alma dos sentidos.

Podemos considerar que devacan é, para a vida terrena, o que o Nirvana é para o ciclo completo de reencarnações.

CAPÍTULO XXI

DEVACAN: DURAÇÃO E INTENSIDADE

Em vista do fato de ser o homem o autor de seu próprio purgatório e de seu próprio céu, está claro que nenhum desses estados de consciência jamais pode ser eterno, porque uma causa finita não pode produzir um resultado infinito.

O período de tempo que um homem passa nos mundos físico, astral e mental varia consideravelmente de acordo com sua evolução. O homem primitivo vive quase que excluSivamente no mundo físico, passando apenas alguns anos no plano astral, depois da morte. À proporção que se desenvolve, sua vida astral torna-se mais longa, e, com o progredir de seu intelecto, começa a passar também um pouco de tempo no plano mental.

O homem comum das raças civilizadas permanece mais tempo no plano mental do que no físico ou no astral. Na verdade, quanto mais o homem evolui, mais curta se faz sua vida astral e mais longa se torna sua vida mental.

Por isso vemos que, a não ser nos primeiríssimos estágios da sua evolução, um homem passa a maior parte do tempo no plano mental. Como em breve veremos em pormenor, exceto no caso do homem muito pouco desenvolvido, a proporção da vida física para a vida mental raramente é maior do que de 1 para 20; no caso de pessoa razoavelmente desenvolvida, cai, às vezes, de 1 para 30. O estudante deve sempre manter em mente que o lar verdadeiro do homem real, o Ego, é o plano mental. Cada descida para a encarnação é apenas um episódio curto, embora importante, em sua carreira.

As tabelas que damos adiante oferecem uma idéia aproximada da média dos intervalos entre as vidas, de acordo com a classe do homem em referência, e também mostram a média do tempo passado nos níveis astral, mental e causal. Pede-se ao estudante que não atribua uma interpretação demasiado literal ou demasiado rígida a essa classificação por nível social, que é, sob certos aspectos, sujeita a objeções. O agrupamento deve ser tomado, no máximo, como uma aproximação fácil e tosca, porque é óbvio que pode haver tipos da classe "bêbados e incapazes" em qualquer nível social, e uma pessoa que pela sua posição social pertence à classe dos "senhores rurais", pode, na verdade, nada mais ser senão um lavrador não especializado — embora até omita o trabalho! Teria sido melhor se ao invés do grau social, algum outro método de classificação pelo desenvolvimento moral e mental pudesse ter sido usado, mas mesmo esse método poderia mostrar-se tão difícil como o que foi adotado.

Há que compreender que os números acima representam *apenas o* termo médio. Diferenças para mais e para menos são perfeitamente possíveis.

Certa diferença é produzida pela forma de individualização, mas é muito menor, em proporção, nas classes inferiores. Os individualizados através do intelecto tendem a ficar com o mais longo dos dois intervalos mencionados, enquanto que os individualizados por outros meios tendem a ficar com os intervalos mais curtos. Voltaremos a este ponto, expondo-o pormenorizadamente mais adiante.

Geralmente falando, um homem que morre jovem tende a ter um intervalo mais curto do que aquele que morre na velhice, mas é provável que haja uma vida astral mais longa, porque a maioria das emoções fortes que se esgotam na vida astral são geradas na primeira parte da vida física, enquanto a energia mais espiritual, que encontra seu resultado na vida celestial, tende a continuar até o fim, ou até próximo do fim da vida terrena.

Assim, como vimos, o tempo total passado no devacan depende do material que o homem trouxe consigo da sua vida terrena, isto é, tudo quanto pôde desenvolver como faculdade moral e mental: todos os pensamentos e emoções *puros* nascidos durante a vida na terra, todos os esforços e aspirações intelectuais e morais, todas as lembranças de um trabalho útil, e planos para o serviço humano. Nada fica perdido, mesmo que seja fraco ou transitório, mas as paixões animais e egoístas *não podem* entrar, uma vez que ali não há material através do qual elas se possam expressar.

Nem mesmo o mal da vida passada, embora possa ser muito mais preponderante do que o bem, impede a colheita integral da safra do bem, por escassa que seja. A vida devacânica pode ser muito breve; porém, ainda o mais depravado, se tiver qualquer pálido anseio pelo que é correto, alguns movimentos de ternura, deverá ter um período de vida devacânica, na qual a semente do bem pode fortalecer sua frágil brotação, e na qual a faísca do bem pode ser animada para se tornar minúscula chama.

Individualizados na Cadeia Lunar. Ronda N.º	*Homens Lunares: Primeira Ordem*				
	Tipo atual	*Duração Média em Anos*			
		Intervalo total entre vidas	*Vida astral*	*Vida celestial*	
				Mental inferior	*Causal*
5	Egos adiantados no Caminho (muitos deles encarnam continuamente, de maneira que para eles não se leva em conta o intervalo) Egos aproximando-se do Caminho:	1.500-2.000 ou mais	5 (um ego pode mesmo passar através dela rapidamente e inconscientemente)	1.350-1.800 a maior parte no mais alto nível	150-200
	a) Individualizados através do intelecto	1.200	5	1.150	50
	b) Individualizados através da emoção ou da vontade	700	5	650	50
	Homens que se distinguiram na arte, ciência ou religião	Como a classe anterior	Tendência a uma vida astral mais longa e uma vida causal mais curta, especialmente para os religiosos e os artistas.		
6	Fazendeiros e profissionais	600-1000	20-25	600-1000	Um toque de consciência
7	Classe média alta	500	25	475	Nada

Classe de Egos	*Tipo Atual*	*Duração média em anos*			
		Intervalo total entre vidas	*Vida Astral*	*Vida Celestial*	
				Mental Inferior	*Causal*
Homens Lunares: 2.ª Ordem	Burgueses	200-300	40	160-260 em planos inferiores	Nada
Homens-Animais: Lunares	Operários especializados	100-200	40	60-160 em subplanos inferiores	Nada
Animais Lunares: 1.ª Classe	Operários não-especializados	60-100	40-50	20-50 no nível mais baixo	Nada
Animais Lunares: 2.ª Classe	Bêbados e incapazes de trabalhar	40-50	40-50	Nada	Nada
Animais Lunares: 3.ª Classe	O que há de mais baixo na humanidade	5	5	Nada	Nada

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net

No passado, quando os homens viviam com seus corações voltados para o céu, e dirigiam suas vidas para o gozo daquela bem-aventurança, o período passado no devacan era muito longo, durando, às vezes, por muitos milhares de anos. Atualmente, contudo, as mentes dos homens estão muito mais centralizadas na Terra, e poucos de seus pensamentos são dirigidos para uma vida superior, e seus períodos devacânicos foram, assim, correspondentemente diminuídos.

Da mesma maneira, o tempo passado no mundo mental inferior e no mundo celeste causal é proporcional à quantidade de pensamentos gerados individualmente nos corpos mental e causal. Tudo quanto pertence ao eu *pessoal,* com suas ambições, interesses, amores, esperanças e medos, vai frutificar no mundo mental inferior, o mundo da *forma;* tudo quanto pertence à mente mais alta, às regiões do pensamento abstraio e impessoal, tem de ser trabalhado nos níveis do causal, o mundo *sem forma.* Tal como indicam as tabelas acima, a maioria das pessoas apenas entra no mundo causal celeste, e sai dele rapidamente. Alguns passam uma grande porção de sua vida devacânica ali; uns poucos permanecem quase que toda ela.

Assim, tal como o homem faz para si mesmo sua existência astral, ou purgatório, também decide por si mesmo a extensão e o tipo de sua vida celeste, através das causas que ele próprio cria durante a vida terrena. Por isso ele só pode ter tanto a *quantidade* como a *qualidade* de alegria que mereceu e que melhor se adapta às suas idiossincrasias.

Outro fator de grande importância e interesse é o da *intensidade* da vida devacânica, que varia com as diferentes classes de Egos, e que, naturalmente, produz efeito considerável na *extensão* da vida celeste.

Na primeira tabela, dentro do mesmo grupo de Egos, aparecem dois tipos que, embora iguais no desenvolvimento, diferem grandemente nos intervalos de suas vidas: um deles leva cerca de 1.200 anos, e o outro cerca de 700 anos entre vidas. A quantidade de força espiritual gerada é aproximadamente igual em ambos os casos, mas os que têm um intervalo menor comprimem, por assim dizer, uma dupla quantidade de bem-aventurança em suas vidas celestes, concentrando sua experiência, e tornando assim a sua passagem quase duas vezes maior.

Essa diferença, conforme foi rapidamente mencionada algumas páginas atrás, é devida à forma pela qual a individualização é alcançada. Sem entrar em pormenores da individualização (que ficam para além do escopo deste livro), podemos explicar que os que se individualizam gradualmente, pelo desenvolvimento intelectual, geram um *tipo* diferente de força espiritual que lhes dá vida devacânica mais longa do que a dos que se individualizam através de impulso instantâneo de afeição ou devoção, e recebem sua bem-aventurança de forma muito mais intensa ou concentrada. Se alguma diferença há na *quantidade* de força gerada, parece ser levemente maior naqueles que têm o menor intervalo.

Investigações demonstram que há uma grande flexibilidade no que se refere aos intervalos entre vidas, resultando em muitas variações no ritmo pelo qual os Egos despendem suas vidas celestes.

Uma razão importante para isso é a necessidade de reunir grupos de pessoas para encarnarem ao mesmo tempo, não só para que possam trabalhar

em mútuo relacionamento cármico, mas também porque podem aprender a trabalhar juntos para certos grandes fins.

Há, por exemplo, certos grupos de Egos, conhecidos como "servidores", que vêm juntos, vida após vida, a fim de poderem passar por experiências preparatórias idênticas, e para que os laços da afeição entre si sejam tão fortemente apertados que se tornem incapazes de desentendimento e desconfiança recíproca, quando a fadiga do verdadeiro trabalho, a que estão destinados, venha a surgir no futuro. O único e grande fato de estar o grupo devotado ao serviço sobrepuja todas as outras considerações. O grupo é assim reunido a fim de realizar aquele serviço em equipe.

Nisso, é inútil dizer, não há injustiça. Ninguém pode escapar a uma vírgula que seja do carma que lhe é legitimamente atribuído. O ritmo, entretanto, com que esse carma se esgota, é ajustado às circunstâncias particulares de cada caso. Assim, às vezes acontece que certo carma passado deve ser esgotado rapidamente a fim de que a pessoa fique livre para realizar trabalho superior, sem que ele lhe seja obstáculo. Com esse fim, às vezes acontece que um acúmulo considerável de carma pode cair sobre um homem, de repente, numa grande catástrofe. Assim, ele se liberta do carma rapidamente, e tem o caminho aberto à sua frente.

Naturalmente, no caso da grande massa da humanidade, não há interferência especial dessa natureza, e sua vida celeste se processa no ritmo normal.

Diferenças no tempo de esgotamento do carma, envolvendo uma diferença na intensidade da vida, são reveladas por um brilho maior ou menor na luz do corpo mental.

CAPÍTULO XXII

DEVACAN: OUTROS DETALHES

Terminado o estudo de alguns aspectos gerais do devacan e de seus amplos propósitos, será necessário, agora, voltar atrás, acrescentando mais detalhes, e trazendo outras peculiaridades que não poderiam ser incluídas na primeira descrição sem torná-la demasiado carregada.

Embora o devacan, até certo ponto, seja ilusório, como, realmente, o é toda a vida manifestada, nem por isso deixa de haver uma realidade muito maior na vida celeste do que na vida terrena. Isso é claramente visto quando consideramos as condições exigidas para se chegar ao devacan, pois, para que uma aspiração, ou força de pensamento, resulte em existência no plano mental, a característica dominante deve ser a ausência de egoísmo.

Afeição pela família ou amigos leva muitos homens à vida celeste, bem como acontece com a devoção religiosa, mas isso se dá apenas se a afeição e a devoção forem destituídas de egoísmo. Afeição que seja um tipo exigente e egoísta de paixão, que deseja, principalmente, *ser* amada, que pensa antes no que recebe do que no que dá, e que pode tão facilmente degenerar no vício do ciúme, não traz em si a semente do desenvolvimento mental. As forças que põe em movimento jamais se erguerão além do plano astral, o plano do desejo, ao gual tão claramente pertencem.

Onde não há avidez, onde o Eu nada quer atrair para si próprio, onde não se pensa em retribuição, existe uma força tremenda, transbordante, força que não pode ser expressa pela matéria astral, nem ser contida nas dimensões do plano astral. Ela precisa da matéria mais fina e do espaço mais amplo do plano mental, porque a energia gerada pertence ao mundo superior.

Da mesma maneira, a devoção do indivíduo religioso, cujo pensamento não é a glória da divindade, mas a forma de salvar sua própria alma, não pode levar ao devacan. Por outro lado, entretanto, a verdadeira devoção religiosa, que jamais pensa no Eu, mas é feita de amor e gratidão para com a divindade ou o líder, e é inspirada por um ardente desejo de fazer alguma coisa por ela ou em seu nome, muitas vezes conduz a uma prolongada vida celeste, de um tipo relativamente exaltado.

Esse será o caso, seja qual for a divindade ou o líder; e assim, seguidores de Buda, de Krishna, de Ormuzd, de Alá, ou de Cristo alcançaram igualmente seu prêmio de bem-aventurança celeste, cuja duração e qualidade dependerão não de seus objetos, mas da intensidade e pureza dos sentimentos.

É um erro supor que um homem no plano astral e mental, depois da morte, estará apenas trabalhando nos resultados de sua vida passada na Terra. Falando em termos gerais, isso é verdade quando se trata do homem comum. Entretanto, ao mesmo tempo em que ele está gozando a beatitude de seu devacan, está afetando outros, e portanto produzindo resultados, isto é, gerando carma.

Isso deve ocorrer assim, na própria natureza das coisas, porque o pensamento é o fator mais poderoso na criação do carma humano. Cada força

tem a característica do plano em que é gerada, e quanto mais alto o plano, mais poderosa e mais persistente é a força.

Naqueles casos, presentemente raros, em que, pela elevação da consciência ao nível causal, os Eus superiores e inferiores se unificam, a consciência do Ego fica à disposição do homem através de toda a sua vida física, astral e mental. Daí se segue que ele estará gerando carma, tanto num período como em outro, e pode modificar as condições de sua vida através do exercício do pensamento e da vontade.

Além desses casos, referentes a homens bem desenvolvidos, também o homem comum produz, sem qualquer intenção e de forma inconsciente, três resultados separados durante o todo de sua vida celeste. Ei-los:

Primeiro: A afeição que ele faz fluir sobre a imagem-pensamento de seu amigo é uma poderosa força para o bem, que produz uma parte que não é pequena na evolução do Ego desse amigo. Evoca, também, o afeto do amigo, tendendo, assim, a intensificar nele essa admirável qualidade. Tal ato é um dos que, obviamente, geram carma.

É mesmo possível que o efeito dessa ação possa ser manifestado na personalidade do amigo, no plano físico, porque, se o Ego for modificado pela afeição conferida à forma-pensamento a que ele dá alma,

é possível que essa modificação possa revelar-se na personalidade, que é, naturalmente, outra manifestação do mesmo Ego.

Segunda: Um homem que derrama um grande fluxo de afeição, e evoca, em resposta, outros fluxos dos amigos, está clara e distintamente, melhorando a atmosfera mental da sua vizinhança. Essa atmosfera se movimenta em torno de todos os habitantes que estejam vivendo nela — devas, homens, animais, plantas, etc. Isso produzirá, claramente, resultado cármico.

Terceira: Um pensamento de afeição ou devoção não egoísta não só provoca uma resposta vinda do Logos para o indivíduo que originou o pensamento, mas ajuda, também, a encher o reservatório de força espiritual que é mantido pelos Nirmânakâyas à disposição dos Mestres da Sabedoria e seus discípulos, para auxiliar a humanidade (ver O *Corpo Astral).* Sendo magnífico o resultado dessa afeição ou devoção durante a vida física, é fácil ver que a resposta ao pensamento de uma entidade no devacan, mantida talvez durante mil anos, dará ao reservatório uma considerável contribuição, trazendo ao mundo um benefício incalculável.

De todas essas considerações resulta claro que mesmo o homem comum que ainda não tem desenvolvimento especial da consciência, nem por isso deixa de poder realizar um grande bem durante a sua vida no devacan. Durante esse tempo, portanto, ele estará, realmente, gerando novo carma para si próprio, e pode, mesmo, modificar sua vida celeste enquanto a está vivendo.

No mundo físico, muitos dos nossos pensamentos são meros fragmentos. No devacan o sonhador contempla esses fragmentos, e, pacientemente, trabalha-os em cada pormenor, em todas as possibilidades de esplêndidas realizações, vivendo através deles com uma intensidade que nada na Terra pode rivalizar. Ele os constrói, modela e desenha em todas as possíveis variedades, e atira-os ao mundo da forma. Outros podem, então, apanhá-

los, e, inspirados por eles, encetar esquemas de reforma, trabalhos de filantropia, e assim por diante. Assim, do radiante material de pensamento de algum sonhador solitário, podem nascer modificações maravilhosas, e seus "sonhos" ajudarão a recrear o mundo.

É preciso, portanto, ter em mente que, devido às limitações que o homem comum impõe a si próprio no devacan, não lhe é possível originar uma *no v a* linha de afeição ou devoção. Mas essa afeição e devoção, nas linhas já decididas por ele, serão nitidamente mais poderosas do que jamais poderiam ter sido enquanto ele estava lutando sob as pesadas limitações do corpo físico.

Esse ponto deve conter alguma elaboração maior. A fim de compreender a relação de um homem no devacan com aquilo que o circunda, temos de pensar, primeiro, na matéria do plano como modelada pelo seu pensamento, e, segundo, nas forças do plano como evocadas em resposta às suas aspirações.

Já vimos como um homem modela a matéria do plano em imagens-pensamento de seus amigos, e como os Egos dos amigos se expressam através dessas imagens.

Há também outras forças vivas nele, poderosos habitantes angélicos do plano. Desses, muitos são bastante sensitivos quanto a certas aspirações do homem, e facilmente respondem a elas.

O ponto principal a considerar é que tanto seus pensamentos como suas aspirações formam-se apenas ao longo das linhas que ele já preparou durante a vida terrena.

Talvez muitos imaginem que quando o homem sobe a um plano de tal força transcendente e de tal vitalidade, seria movido para atividades inteiramente novas, ao longo de novas linhas, mas não é assim. Seu corpo mental (conforme vimos antes) não está, de forma alguma na mesma ordem de seus veículos inferiores, nem fica tão inteiramente sob controle. Ele habituou-se, no passado, a receber impressões e incitamentos à ação de um nível inferior, principalmente do físico, e, às vezes, do astral. Fez muito pouco para receber vibrações mentais diretas em seu próprio nível; conseqüentemente não pode, de súbito, começar a aceitá-las e a dar-lhes respostas. Praticamente, pois, o homem não inicia qualquer pensamento novo, mas fica limitado àqueles que manteve antes, e que formam as únicas janelas através das quais ele pode olhar para seu novo mundo. Por isso, uma personalidade descolorida e insípida tem de ter, necessariamente, uma vida descolorida e fraca no estado devacânico.

Um homem leva para o devacan, assim, apenas os dotes mentais que tem — nem mais nem menos. É de grande importância, evidentemente, que durante a vida física torne seu pensamento o mais nítido e preciso que lhe seja possível; de outra maneira, limitará muitíssimo a utilidade de seu devacan.

Visto sob esse ângulo, o devacan é um mundo de efeitos, não de causas; cada homem estará limitado por suas próprias falhas de percepção e capacidade de apreciação. Quanto mais pontos de contacto ele tenha com o mundo exterior, mais pontos de partida, ou focos, haverão para seu desenvolvimento no devacan.

Em outras palavras, o devacan, do ponto de vista da próxima vida, é essencialmente o mundo das causas, porque nele todas as experiências se gravam no caráter do homem, quando de sua reencarnação. Devacan é, por um lado, o resultado direto de uma vida na Terra, e, por outro, uma preparação para outra vida na mesma.

A forma pela qual a visão do homem é determinada e limitada pelas janelas através das quais forçosamente terá de olhar, pode ser melhor estudada mediante um exemplo. Tomemos o da música. O homem que não tem música na alma, não tem absolutamente uma janela nessa direção. O homem, contudo, que tem uma janela musical, está na presença de um estupendo poder. O grau ao qual pode responder será determinado por três fatores. Primeiro, o tamanho do vidro; segundo, sua cor; terceiro, a qualidade do seu material. Assim, se enquanto está na Terra o homem só soube apreciar uma classe de música, estará, obviamente, limitado a essa extensão. Suas idéias de música podem ser coloridas, de forma a admitirem apenas certas vibrações da música, ou podem ser de material tão pobre a ponto de distorcer e obscurecer tudo quanto chegue até ele.

Supondo, porém, que sua janela seja boa, ele receberá através dela três diferentes classes de impressões:

Primeira: Sentirá a música que é a expressão do movimento ordenado das forças do plano. Há verdade atrás da idéia poética da "música das esferas", porque nesses planos mais altos todo movimento ou ação produz harmonia, sons e cores. Todo pensamento — tanto o daquele homem como o dos outros — expressa-se dessa maneira, numa encantadora e ainda assim indescritível série de acordes em perpétua mutação, como a de milhares de harpas eólias. A manifestação musical da vida luminosa do mundo celeste forma o ambiente de todas as suas outras experiências.

Segunda: Entre os habitantes do plano mental há uma ordem de devas ou anjos especialmente devotados à música, e que habitualmente se expressam por esses meios numa extensão muito maior do que os demais. São conhecidos pelos hindus como Gandharvas. O homem que aprecia música atrairá certamente a sua atenção, virá a ter contacto com eles, e com a música por eles criada, e admitirá, certamente, desse relacionamento, muito proveito, pois eles usam todos os üpos de sons harmónicos e variações que antes lhe eram desconhecidas.

Dessa maneira, o homem sairá de sua vida celeste, finalmente, muito mais rico do que quando nela entrou.

Terceira: Ele ouvirá com aguda apreciação a música feita pelos seus companheiros do mundo celeste. Muitos dos grandes compositores ali estão produzindo música muito maior do que qualquer que tivessem conhecido na Terra. Muita da inspiração dos musicistas terrenos não é senão um pálido eco da música do plano mental, que eles sentiram vagamente.

A experiência do homem que foi pintor é semelhante. Também ele terá três possibilidades: primeira, a de perceber a ordem natural do plano, expressa tanto em cor como em som; segunda, a de perceber a linguagem colorida dos devas, uma ordem de seres que se comunicam uns com os outros através de jatos de esplêndido colorido; terceira, a de perceber as criações em cores dos grandes artistas do plano mental.

As mesmas possibilidades, m*utatis mutandis,* estão abertas para um homem no devacan, em todas as outras direções da arte ou do pensamento, de forma que ele pode, infinitamente, apreciar e aprender.

Considerando-se a ação e reação entre um homem no devacan e a imagem-pensamento que ele faz de seu amigo, há dois fatores a serem levados em conta: primeiro, o grau de desenvolvimento do próprio homem; segundo, o grau de desenvolvimento do amigo.

Se o próprio homem não é desenvolvido, a imagem que ele forma de seu amigo será imperfeita, pois muitas das suas mais altas qualidades não são representadas. Conseqüentemente, o Ego do amigo só poderá fazer um uso modesto da imagem, uma vez que não há nada com que possa expressar algumas de suas qualidades.

Apesar disso, mesmo com a pior expressão de um amigo através de uma imagem, ela será muito mais completa e satisfatória do que jamais o fora na vida física, porque na vida terrena vemos nossos amigos apenas parcialmente. Nosso conhecimento deles é excesSivamente falho, e nossa comunhão com eles é imperfeita. Mesmo quando acreditamos conhecer verdadeira e integralmente o nosso amigo, é apenas uma parte dele, que está encarnada, o que conhecemos. E há muito mais no Ego real que não podemos de forma alguma alcançar.

Na verdade, se nos fosse possível ver, com visão mental, o todo do nosso amigo, provavelmente nos pareceria irreconhecível, e não seria, certamente, aquela pessoa que pensávamos antes conhecer.

Se, por outro lado, o amigo é quem não tem desenvolvimento., mesmo quando uma boa imagem é feita, não há desenvolvimento suficiente no amigo para que possa tirar proveito da imagem, isto é, ele pode ser incapaz de adaptar-se completamente à imagem que dele foi feita. Isso, contudo, não é provável, e só pode ocorrer quando um objeto muito indigno foi, insensatamente, transformado em ídolo. Mesmo quando o homem que fez a imagem não encontre nenhuma falha em seu amigo, esse amigo está agora *melhor* aparelhado para realizar seu ideal do que jamais o foi em sua vida física. Por isso, a alegria do homem no devacan não é de forma alguma diminuída.

Embora o Ego possa preencher centenas de imagens com aquelas qualidades que possui, não pode, subitamente, evoluir e expressar uma qualidade que não desenvolveu, apenas porque alguém imaginou que ele a tivesse desenvolvido. Por isso é enorme a vantagem de formar imagens dos que (como os Mestres) são capazes de erguer-se acima mesmo das mais altas concepções que uma mente inferior possa fazer deles. No caso de um Mestre, o homem estará servindo-se de uma profundeza de amor e poder que sua sonda mental jamais poderia tocar.

Em cada caso, porém, o Ego do amigo é alcançado pela afeição, e seja qual for seu estágio de desenvolvimento, responde imediatamente, fundindo-se com a imagem feita. Mesmo a mais fraca das imagens que possa ser elaborada localiza-se, seja como for, no plano mental, sendo portanto muito mais fácil para o ego o alcançá-la, ao contrário do que acontece com um corpo físico que está dois planos abaixo.

Se o amigo ainda está vivendo no corpo físico, será, naturalmente, de todo inconsciente, em sua consciência física, de que seu verdadeiro Eu,

ou Ego, está gozando de uma manifestação adicional; mas isso não modifica de forma alguma o fato de que essa manifestação seja mais real e contenha uma aproximação mais íntima com o seu verdadeiro Eu do que a emanada do plano físico, que é tudo quanto a maioria entre nós ainda pode ver.

Segue-se, de todas essas considerações, que o homem que se fez geralmente amado, que tem muitos e verdadeiros amigos, terá, no devacan, um grande número de imagens-pensamento feitas por seus amigos, e assim evoluirá com maior rapidez do que o homem comum. Esse é, obviamente, o resultado do carma do desenvolvimento das qualidades que o fazem tão querido.

O estudante compreenderá agora, claramente, por que a personalidade, que conhecemos no plano físico, *não* se relaciona com seus amigos no devacan. Mas o homem real, o Ego, faz isso através da imagem-pensamento que foi criada no plano mental.

O princípio talvez se faça mais claro ainda através de um exemplo fácil. Suponhamos que uma mãe, sendo de certa forma estreita em sua visão religiosa, morra, deixando sua bem-amada filha, e que a filha, mais tarde alargue suas idéias religiosas. A mãe continua a pensar que a filha ainda é ortodoxa, e só poderá ver, dos pensamentos da filha, aquilo que possa ser expresso por idéias ortodoxas. Não poderia captar as idéias religiosas mais amplas que a filha agora tivesse adotado.

Porém, naquilo em que a filha tivesse aproveitado pelo que a personalidade aprendeu, haveria uma tendência da parte dela para alargar e aperfeiçoar as concepções da mãe, embora sempre ao longo das linhas a que a mãe estivera habituada. Não haveria entre elas a sensação de diferença de opinião, nem evitariam os assuntos religiosos.

As considerações acima aplicam-se a pessoas de desenvolvimento comum. No caso do homem mais avançado, já consciente de seu corpo causal, ele descerá, *conscientemente,* para a imagem-pensamento produzida no devacan pelo amigo, como para um corpo mental adicional, e trabalhará através dele com intenção definida. Se lhe acontecer adquirir maior conhecimento, poderá direta e intencionalmente comunicar-se com o amigo. Dessa maneira é que os Mestres trabalham com os discípulos levados para a vida celeste, e alteram imensamente suas características.

O homem que faça para seu uso a imagem de um Mestre, pode beneficiar-se assim, e enormemente, da influência que o Mestre está em condições de fazer fluir nela, e receber ensinamento e auxílio definidos.

Dois amigos podem conhecer-se muito mais do que se conheceram quando fisicamente vivos, porque cada um deles tem agora apenas um véu, o do corpo mental, atirado sobre a sua individualidade. Se o homem no devacan só conheceu um lado do seu amigo durante a vida física, será apenas através desse lado que o amigo poderá expressar-se no mundo celeste. Porém, embora esteja muitíssimo confinado àquele lado, pode expressar esse seu aspecto muito mais integral e satisfatoriamente do que nunca. A expressão, é, realmente, mais completa do que o homem que está no devacan jamais conseguiu ver nos planos inferiores.

Já vimos que o homem comum está vivendo no devacan numa casca de seus próprios pensamentos, e assim fechou-se inteiramente quanto ao resto do mundo, isto *é,* tanto do plano mental como dos planos inferiores. Porém, embora esteja afastado do gozo completo das possibilidades do plano

mental, não tem a mais leve consciência de que sofre qualquer restrição nas suas atividades ou sentimentos. Pelo contrário, sente-se repleto de beatitude, ao mais alto ponto de que é capaz, e para ele é incrível que possa haver qualquer alegria maior do que ele próprio está sentindo naquela ocasião.

Assim, apesar de ter sido fechado dentro de certos limites, esta' inteiramente inconsciente desses limites; neles tem tudo quanto pode desejar ou pensar. Rodeou-se das imagens de seus amigos, e, através delas, está em contacto mais íntimo com eles do que estava nos planos inferiores.

O homem que está no devacan não esquece, de forma alguma, que existe o sofrimento, porque recorda claramente sua vida passada, mas agora compreende muitas coisas que não lhe eram claras quando estava no plano físico, e a satisfação do presente é tão grande para ele, que a tristeza quase lhe parece um sonho.

A casca do plano mental pode ser comparada à casca de um ovo no plano físico. A única maneira de colocar algo dentro da casca, sem a quebrar, seria lançá-lo de uma dimensão superior, ou procurar uma força, cujas vibrações sejam suficientemente finas para penetrar entre as partículas da casca sem perturbá-las. O mesmo acontece com a casca mental. Ela não pode ser penetrada por vibrações de matéria de seu próprio nível, mas as vibrações mais finas, que pertencem ao Ego, podem passar por ela sem de forma alguma prejudicá-la, isto é, a casca pode ser tocada livremente desde cima, mas não desde baixo.

Daí surgem dois efeitos: primeiro, as vibrações enviadas do corpo mental do homem, que está na casca, não podem atingir diretamente o corpo mental do seu amigo, nem podem gerar uma forma-pensamento que consiga atravessar o espaço e ligar-se ao amigo da maneira habitual. Isso só pode acontecer quando o homem está em condições de se mover livremente, e conscientemente, pelo plano mental, coisa que, naturalmente, ele não tem; segundo, os pensamentos de seu amigo podem não alcançar o homem em sua casca devacânica, como o fazem na vida comum do plano físico e do plano astral.

Vemos, portanto, que todas as dificuldades advindas da casca mental, que envolve o homem no devacan, são completamente dominadas pelo método da natureza: o da ação direta do Ego sobre a imagem-pensamento que o homem criou.

Segue-se também, a partir das condições de um homem no devacan, que ele já não pode ser chamado de volta à Terra através dos métodos espíritas.

Apesar de o homem no devacan não ser facilmente acessível à influência externa, ainda assim, aquele que pode passar para o plano mental inteiramente consciente, pode afetar, até certo ponto, os que estão no devacan. Assim, poderia inundá-los com pensamentos de afeição, por exemplo, e embora esses pensamentos possam não penetrar nas cascas até o ponto de fazer seus ocupantes conscientizar-se de quem seja seu autor, aquele fluxo de afeto pode agir em relação aos ocupantes das cascas como o calor do sol opera sobre o germe que está dentro do ovo, apressando sua frutificação e intensificando as sensações agradáveis que, podemos supor, ele sente.

Se o homem é agnóstico ou materialista, sua descrença quanto a uma vida futura não o impede, absolutamente, de ter as experiências da vida astral ou mental, como qualquer outro, porque a descrença do homem numa futura existência não pode, claramente, alterar os fatos da natureza. Se o homem viveu uma vida abnegada, as forças que ele gerou podem esgotar-se, mas isso só se dará no plano mental, isto é, no devacan.

Como é natural, não há fadiga no devacan, pois só o corpo físico sente cansaço. Quando falamos de fadiga mental é o cérebro, e não *a* mente, que se sente fatigado.

O fato de que as nossas mentes podem captar apenas três dimensões, enquanto há quatro dimensões no plano astral e cinco no plano mental, torna difícil descrever exatamente a posição, no espaço, daqueles que deixaram a vida física. Alguns tendem a pairar sobre seus lares terrenos, a fim de se manterem em contacto com os amigos da vida física e com os lugares que conhecem; outros, por seu lado, mostram tendência a flutuar e a procurar, por si mesmos, como que por gravidade específica, um nível bem mais distante da superfície da Terra.

Assim, por exemplo, a pessoa comum que passa para a vida celeste, tende a flutuar a uma distância considerável acima da superfície da Terra, embora, por outro lado, algumas dessas pessoas sejam atraídas ao nosso nível. Ainda assim, falando em geral, os habitantes do mundo celeste podem ser considerados como vivendo numa esfera, ou zona, em torno da Terra.

Para todas as pessoas, menos as altamente evoluídas, a vida celeste é absolutamente necessária, porque é apenas sob essas condições que as aspirações podem ser desenvolvidas em faculdades, e as experiências se transformam em sabedoria. O progresso assim conseguido pela alma é maior do que seria possível, se, por algum milagre, o homem permanecesse em encarnação física durante todo o período.

Para o homem bem evoluído, que está fazendo progressos rápidos, é às vezes possível abrir mão da vida de beatitude no mundo

celeste — renunciar ao devacan — entre duas encarnações, a fim de retornar mais rapidamente e continuar o trabalho no plano físico. Mas homem algum pode renunciar cegamente àquilo que ignora, nem separar-se do curso habitual da evolução, a não ser que esteja certo de que tal resolução será em seu próprio benefício.

A regra geral é que ninguém possa renunciar ao devacan até que tenha tido experiência dele durante a vida na Terra, isto é, até que esteja suficientemente desenvolvido para poder elevar sua consciência àquele plano e trazer de volta, consigo, memória clara e integral de sua glória.

O motivo está no fato de que a vida da personalidade, com todos os seus ambientes familiares, é passada nos mundos celestes inferiores. Portanto, antes que haja a renúncia, a *personalidade* deve compreender claramente o que está sendo abandonado. A mente inferior deve estar de acordo com a superior, nesse assunto.

Essa regra geral tem uma exceção evidente. Na condição unilateral e artificial que chamamos civilização, as pessoas nem sempre se desenvolvem regular e normalmente. Sabe-se de casos nos quais foi adquirida uma

grande consciência no plano mental, e devidamente vinculada à vida *astral.* Contudo, nenhum conhecimento desse fato chega a penetrar no cérebro *físico.*

Tais casos são raros, embora seja indubitável que existem. Não se fazem, contudo, exceções ao princípio incorporado à regra geral, isto é, que a *personalidade* deve fazer a renúncia. Porque, nesses casos, a vida astral seria de integral e perfeita consciência para a personalidade, mesmo que a memória dessa vida jamais penetrasse na consciência puramente física. Assim, a renúncia é feita pela personalidade, mas através da consciência astral, ao invés da física, tal como acontece na maioria dos casos. São formas que não têm muita probabilidade de ocorrer, a não ser entre os que sejam, pelo menos, discípulos em estágio probatório de um Mestre.

O homem, que deseje realizar o grande feito que é a renúncia ao devacan, deve trabalhar com grande intensidade para se tornar um instrumento digno nas mãos dos que ajudam o mundo, e deve atirar-se, com fervor dedicado, ao trabalho para o bem espiritual do próximo.

O homem que seja suficientemente avançado para ter permissão de "renunciar ao seu devacan", deve ter, é evidente, gozado de uma vida celestial extremamente longa. Então, está capacitado para empregar sua reserva de força em uma outra direção, para o benefício da humanidade, tomando parte, assim, embora em pequena escala, no trabalho dos Nirmânakâyas.

Quando um discípulo decide fazer isso, espera, no plano astral, até que seu Mestre tenha arranjado uma encarnação conveniente para ele. Antes que a tentativa seja feita, deve-se obter a permissão de uma autoridade muito elevada. Mesmo quando isto se dá, tão grande é a força da lei natural que se recomenda ao discípulo que seja cuidadoso em sua vida astral, pois, mesmo que por um momento tocasse o plano devacânico, poderia ser irresistivelmente arrastado para ele, entrando novamente na linha da evolução natural.

Em alguns casos, embora sejam raros, o homem pode servir-se de um corpo adulto, cujo ocupante não mais tenha uso para ele, mas, naturalmente, não é com freqüência que se pode conseguir um corpo conveniente.

Um animal, que atingiu a individualização, tem, depois da morte no plano físico e no plano astral, uma vida muito prolongada, embora de certa forma sonolenta, no mundo celestial inferior. Sua condição é chamada, às vezes, consciência "sonolenta", análoga a do homem do mesmo nível, embora com atividade mental muito menor. Está rodeado de suas próprias imagens-pensamento, embora tenha apenas uma vaga consciência delas, que incluam, naturalmente, as imagens de seus amigos da Terra, sob seus aspectos mais simpáticos e melhores. Tais imagens, como é natural, despertarão resposta nos Egos de seus amigos, da forma usual. O animal permanecerá na condição descrita até que em algum mundo futuro assuma a forma humana.

A individualização, por meio da qual um animal sobe ao reino humano, é obtida pela associação com o homem; a inteligência e a afetividade do animal se desenvolvem até o grau necessário, através do relacionamento íntimo com seu amigo humano. Já tratamos disso, entretanto, no Capítulo XIII.

CAPÍTULO XXIII

O PRIMEIRO CÉU: SÉTIMO SUBPLANO

Embora, como logo veremos, cada um dos quatro céus inferiores tenha suas características próprias, não se deve supor que o homem divida sua vida celeste entre esses' vários níveis, de acordo com as características por ele desenvolvidas. Pelo contrário, conforme resumidamente já dissemos antes, o homem desperta para a consciência no devacan no nível que melhor corresponde ao seu grau de desenvolvimento; nesse nível, passa o total de sua vida no corpo mental. Isso *se* dá, porque o nível mais alto pode sempre *incluir* as qualidades do inferior, bem como as que lhe são peculiares, e quando isso acontece seus habitantes quase sempre têm tais qualidades em medida mais completa do que as almas que estão em nível inferior.

O primeiro céu, o sétimo subplano, tem como características principais o afeto pela família e pelos amigos. Tal afeto deve ser, naturalmente, destituído de egoísmo, mas costuma ser um tanto estreito. Não se deve supor, entretanto, que o amor esteja confinado ao primeiro céu, e sim que essa forma de afeição é a mais alta de que são capazes os que se encontram no sétimo nível. Nos níveis superiores, o amor é de um tipo mais nobre e mais amplo.

Talvez seja útil apresentar alguns exemplos típicos de habitantes do sétimo subplano. Um deles é o de um pequeno negociante, honesto e respeitável, mas sem desenvolvimento espiritual nem sentimento religioso. Embora tivesse, possivelmente, freqüentado regularmente a igreja, a religião era para ele uma espécie de nuvem obscura que realmente não entendia, por não ter nenhuma relação com os negócios da vida cotidiana, e que por isso jamais foi levada em conta para a solução de seus problemas. Embora não tivesse, portanto, profundidade de devoção, sentia pela família um cálido afeto. Ela estava constantemente em seus pensamentos, e trabalhava em sua loja muito mais para ela do que para si próprio. Seu ambiente no devacan não será de um tipo refinado, mas será, sem dúvida, tão intensamente feliz quanto seja capaz de ser, e estará desenvolvendo características altruístas que ficarão fazendo parte de sua alma como qualidades permanentes.

Outro caso típico foi o de um homem que morreu quando sua filha única ainda era jovem. Em seu devacan ela estava sempre em sua companhia e sob seu melhor aspecto, enquanto o pai constantemente tecia quadros belos de todo tipo para o seu futuro. Outro caso foi o de uma jovenzinha que estava sempre absorvida na contemplação das múltiplas perfeições de seu pai, e planejando pequenas surpresas e novos prazeres para ele. Havia, ainda, uma mulher grega, maravilhosamente feliz com seus três filhos, um dos quais era um belo menino, que ela imaginava, encantada, como um vencedor nos Jogos Olímpicos.

Uma característica impressionante desse subplano, durante os últimos séculos, tem sido o grande número de romanos, cartagineses e ingleses ali encontrados; isso se deve ao fato de que entre os homens daquelas nações a principal atividade altruísta manifestava-se no amor à família. São relativamente poucos os hindus ou budistas nesse subplano, porque, no caso deles, o sentimento religioso entra, habitualmente, mais

imediatamente em sua vida diária, e, conseqüentemente, leva-os a um nível mais alto.

Entre os casos observados, há uma quase infinita variedade, seus diferentes graus de adiantamento sendo distinguíveis pelos vários graus de luminosidade, ao passo que as diferenças na cor indicam as qualidades que a pessoa desenvolveu. Alguns eram amantes que correram no auge de seu afeto, e assim estavam sempre ocupados com a pessoa amada, excluindo inteiramente todas as outras. Havia os que tinham sido quase selvagens, ainda assim com alguns toques de afeição destituída de egoísmo.

Em todos esses casos, o único elemento, na atividade de suas vidas pessoais, que se poderia ter expresso no plano mental, fora a afetividade. Na maioria dos casos observados naquele nível, as imagens-pensamento estavam longe da perfeição, e, conseqüentemente, os Egos dos amigos só se podiam expressar mediocremente através delas. Porém, mesmo no pior aspecto, conforme ficou explicado num capítulo anterior, essa expressão é mais ampla e mais satisfatória do que jamais o fora na vida física.

Para aqueles que estão no primeiro nível do mundo celeste não ha muito material a ser aproveitado para modelar alguma faculdade, e sua vida não é senão muito ligeiramente progresSiva Suas afeiçoes familiares serão nutridas e um tanto ampliadas, e eles renascerão com a natureza emocional de certa forma beneficiada, com maior tendência a compreender e responder a ideais mais elevados.

CAPÍTULO XXIV

O SEGUNDO CÉU: SEXTO SUBPLANO

A característica dominante do sexto subplano do mundo celeste pode ser descrita como devoção religiosa antropomórfica. Parece haver alguma correspondência entre esse nível do mundo celeste e o segundo subplano astral. A diferença é que no astral há sempre um elemento de egoísmo, de barganha na devoção religiosa, ao passo que no mundo celeste a devoção é, naturalmente, de todo livre de tais máculas.

Por outro lado, essa fase de devoção, que consiste, essencialmente, na adoração perpétua de uma divindade pessoal, deve ser distinguida das ainda mais altas formas que encontram sua expressão na execução de algum trabalho definido, por amor da divindade. Alguns exemplos mostrarão essas distinções.

Um número bastante grande de entidades neste nível é oriundo de religiões orientais, sendo incluídas apenas aquelas cuja devoção é pura, mas relativamente pobre em raciocínio e inteligência. Adoradores de Vishnu, e alguns de Siva, são encontrados ali, cada qual envolvido pelo casulo de seus próprios pensamentos, a sós com o seu deus, e esquecidos do resto da humanidade, a não ser até o ponto em que podem conciliar seus afetos terrenos com a adoração da sua divindade. Um adorador de Vishnu foi observado inteiramente absorvido na adoração estática da mesma imagem, à qual tinha feito oferendas durante a vida terrena.

As mulheres formam a vasta maioria dos habitantes desse subplano, e oferecem um dos mais característicos exemplos. Entre outras, havia uma mulher hindu que glorificara o marido, fazendo dele um ser divino, e que pensava em Krishna criança, brincando com seus próprios filhos; mas enquanto estes eram inteiramente humanos e reais, a criança Khishna não passava, obviamente, de uma imagem .azul de madeira, à qual ela dava vida. Krishna também aparecia no céu daquela mulher como um jovem efeminado, tocando flauta; ela, porém, não se sentia absolutamente confusa por essa dupla manifestação.

Outra mulher, uma adoradora de Siva, via em seu marido as manifestações de seu deus, de forma que um parecia estar constantemente se transformando no outro.

Alguns budistas também se encontram nesse nível; ao que parece, ali estão apenas os menos instruídos, que vêem Buda mais como um objeto de adoração do que como um grande instrutor.

Muitos cristãos são ali encontrados: um lavrador analfabeto, católico romano, por exemplo, cheio de devoção, ardente e sincero "soldado" do Exército da Salvação; um camponês irlandês, absorvido na mais profunda adoração da Virgem Maria, que ele imaginava de pé sobre a Lua, estendendo as mãos e falando com ele; um monge medieval, em estática contemplação do Cristo crucificado; a intensidade de seu amor e piedade era tal que, vendo as gotas de sangue cair do rosto de Cristo, os estigmas se reproduziam em seu próprio corpo mental.

Outro homem pensava em seu Cristo apenas como na glória de seu trono, com um mar de cristal diante dele, e em torno uma vasta multidão de

adoradores, entre os quais ele estava com sua esposa e família. Embora sua afeição pelos parentes fosse muito profunda, ainda assim seus pensamentos estavam mais ocupados na adoração de Cristo, embora sua concepção da divindade fosse tão material que ele a imaginava em constante mudança, como num caleidoscópio, entre a forma de um homem e a de um cordeiro levando uma bandeira, como se vê muitas vezes representado nos vitrais das igrejas.

Caso interessante foi o de uma freira espanhola que morreu aos noventa anos, mais ou menos. Em seu céu imaginava-se acompanhando Cristo em sua vida, tal como é contada nos evangelhos, e via-se, depois da crucificação, tomando conta da Virgem Maria. Seus quadros dos cenários e dos costumes da Palestina eram inteiramente inexatos, já que o Salvador e Seus discípulos usavam as roupas dos camponeses espanhóis, enquanto as colinas em torno de Jerusalém eram montanhas cobertas de videiras, e as oliveiras apareciam cobertas do cinzento musgo espanhol. Pensava em si própria como eventualmente martirizada pela fé e subindo ao céu, mas apenas para viver, repetidamente, aquela vida em que se deleitava tanto.

Uma criança que morrera aos sete anos estava ocupada em representar no mundo celestial as histórias religiosas que sua babá irlandesa lhe contara. Gostava de se imaginar brincando com o Menino Jesus, ajudando-o a fazer aqueles pardals de argila a que o poder de Cristo, segundo a lenda, tinha dado vida e feito voar.

Mesmo que um homem seja materialista e agnóstico, terá, ainda assim, uma vida celestial, contanto que seja capaz de devotamento, porque uma profunda e abnegada afeição familiar, bem como sinceros esforços filantrópicos, são, igualmente, grandes fontes de energia, que devem produzir seus resultados, e só os podem produzir no plano mental.

Veremos que a cega e dasarrazoada devoção, da qual demos exemplos, não eleva, em tempo algum, seus aderentes a grandes alturas espirituais; entretanto, estão inteiramente felizes e de todo satisfeitos, porque recebem o que de mais alto são capazes de apreciar. Aquela vida celestial não deixa também de ter bom efeito em sua futura carreira, porque embora a simples devoção, por grande que seja, jamais venha a desenvolver o intelecto, ainda assim produz uma crescente capacidade para uma forma de devoção mais elevada, levando muitas vezes à pureza de vida. Uma pessoa, portanto, que goza um céu, tal como foi descrito, não fará, provavelmente, rápido progresso espiritual, mas está a salvo de muitos perigos, porque é improvável que em seu próximo nascimento venha a cair em pecados grosseiros ou seja arrastada para longe de suas aspirações devocionais, passando a uma vida puramente mundana, de avareza, ambição, ou dissipação.

Contudo, um exame do sexto subplano enfatiza, distintamente, o quanto é desejável seguir-se o conselho de São Pedro: "Acrescenta virtude à tua fé, e acrescenta *conhecimento* à virtude."

CAPÍTULO XXV

O TERCEIRO CÉU: QUINTO SUBPLANO

A principal característica desse nível do mundo celeste pode ser descrita como devoção que se expressa em trabalho ativo. Esse é o plano para a preparação dos grandes esquemas e projetos, não realizados na Terra, das grandes organizações inspiradas pela devoção religiosa, que têm, habitualmente, como propósito, alguma finalidade filantrópica.

Devemos, contudo, lembrar que à proporção do crescimento que obtemos, são introduzidas maiores complexidades e variedades, de modo que muitas diferenças e exceções ocorrem, e não podem encaixar-se tão facilmente sob o título geral do plano como um todo.

Um caso típico, um tanto acima do comum, foi o de um homem profundamente religioso que foi visto trabalhando num grande esquema, criado por ele próprio, para a melhoria das classes mais pobres. O esquema compreendia fusão de negócios com vistas à economia, altos salários, casas, jardins e participação nos lucros. Esperava ele que essa demonstração do lado prático do cristianismo atraísse muitos para a sua própria fé, dada a gratidão que sentiriam diante dos benefícios materiais recebidos.

Um caso mais ou menos semelhante foi o de um príncipe hindu que tentou modelar sua vida e seus métodos de governo, na Terra, a exemplo de Rama, o divino rei-herói. Na Terra, muitos de seus esquemas falharam, mas em sua vida celeste tudo transcorreu bem; Rama em pessoa dava conselhos e dirigia o trabalho, enquanto recebia a perpétua adoração de todos os seus devotos.

Um caso curioso de trabalho religioso pessoal foi o de uma freira, pertencente a uma Ordem de trabalho. Em seu céu estava sempre ocupada em alimentar os famintos, em curar os doentes, em vestir e ajudar os pobres. A peculiaridade de cada caso estava no fato de que cada pessoa por ela auxiliada, imediatamente tomava a aparência de Cristo, que, então, ela venerava com. ardente devoção.

Caso instrutivo foi o de duas irmãs intensamente religiosas; uma delas era aleijada, e a outra devotara sua vida a assisti-la. Na Terra, conversavam com freqüência sobre o trabalho religioso e filantrópico que fariam, se isso lhes fosse possível. No mundo celeste, cada uma delas é a figura mais importante do céu da outra; a aleijada está restabelecida e forte, e cada qual imagina a outra auxiliando-a na realização dos desejos não-realizados de sua vida terrena. Nesses casos, a única diferença que a morte fez foi eliminar a doença e o sofrimento e tornar fácil um trabalho que antes fora impossível.

Nesse plano, encontram-se os tipos mais elevados de devotados missionários, entregues à agradável ocupação de converter multidões àquela religião por eles adotada.

Ocorrem, também nesse plano, alguns casos de apaixonados da arte, que a praticam para seu próprio prazer ou vêem nela um oferecimento à sua divindade, sem pensar nos seus efeitos sobre os companheiros.

Artistas que fizeram arte apenas por amor da fama e da auto-satisfação não se encontram nesse plano, naturalmente. Por outro lado, os que viram sua faculdade como um, grande poder a eles confiado para a elevação espiritual de seu próximo, alcançam um céu ainda mais alto do que aquele que estamos considerando neste momento.

Como exemplo, podemos mencionar um músico de temperamento muito religioso, que via no seu trabalho de amor apenas uma oferta a Cristo, nada sabendo da magnificente exibição de som e cor que suas composições produziam no plano mental. Seu entusiasmo não foi desperdiçado, naturalmente, porque, sem que ele o soubesse, levara alegria e ajuda a muitos, e os resultados seriam, certamente, um aumento de sua devoção e maior capacidade musical quando de seu nascimento seguinte. Porém, mesmo sem a nobre aspiração de ajudar a humanidade, essa espécie de vida celestial pode repetir-se indefinidamente.

O estudante perceberá que os três céus inferiores — o sétimo, sexto, e quinto subplanos — referem-se ao desenvolvimento da devoção para com *personalidades,* seja da família ou dos amigos, ou para com uma divindade pessoal, mais do que à ampla devoção para com a humanidade que, como veremos, encontra sua expressão no próximo subplano.

CAPÍTULO XXVI

O QUARTO CÉU: QUARTO SUBPLANO

O Quarto Céu, no quarto subplano, é o mais elevado dos níveis inferiores, ou Rüpa. Suas atividades são de tal modo variadas que é difícil agrupá-las sob uma única característica. Podemos distribuí-las melhor em quatro divisões principais:

1. Busca não-egoísta do conhecimento espiritual.

2. Alto pensamento filosófico ou científico.

3. Capacidade artística ou literária, exercida sem egoísmo.

4. Serviço por amor ao serviço.

Alguns exemplos de cada uma dessas classes irão torná-las mais facilmente compreensíveis.

1. *Busca não-egoísta do conhecimento espiritual.* A maioria dos habitantes dessa classe vem de religiões nas quais a necessidade de adquirir conhecimento espiritual é reconhecida. Assim, quanto aos budistas, ali são encontrados os mais inteligentes, os que vêem em Buda o Mestre, mais do que um ser a receber adoração, e cuja suprema aspiração é sentar-se a seus pés e aprender.

Em sua vida celestial esse desejo é satisfeito, porque a imagem-pensamento de Buda, que lhes fizeram, não é uma simples forma vazia. Através dela brilha a maravilhosa sabedoria, o poder e o amor do maior Mestre que existiu na Terra. Eles estão, pois, adquirindo novos conhecimentos e mais ampla visão; em sua próxima vida, o efeito dessas aquisições será muitíssimo marcado. Talvez não se recordem de **fatos** individuais; quando, porém, tais fatos lhes são apresentados numa vida subseqüente, eles os captam facilmente, e sua intuição reconhecerá a Verdade dos mesmos. Ademais, o resultado do ensinamento *seta* a instalação, no Ego, de uma forte tendência para ver, com visão mais ampla e mais filosófica, todos esses assuntos.

O efeito de tal vida celestial é apressar consideravelmente a evolução do Ego. Daí a imensa vantagem ganha por aqueles que aceitaram a orientação de instrutores vivos e poderosos.

Resultado semelhante, em menor extensão, tem o homem que seguiu os ensinamentos de um grande escritor espiritual, e fez desse escritor uma figura ideal. O Ego do escritor entrará na vida celestial do estudante e, em virtude de seu próprio e desenvolvido poder, vivifica sua imagem mental, podendo, dessa maneira, iluminar ainda mais seus ensinamentos escritos.

Muitos hindus encontram seu céu nesse nível, como o encontram alguns dos sufis e parses mais adiantados, o que acontece, também, com alguns dos antigos gnósticos. Com exceção, entretanto, de alguns sufis e gnósticos, nem o Islamismo, nem o Cristianismo parecem elevar seus cultores a esse nível. Alguns, contudo, que nominalmente seguem aquelas religiões, podem

ser levados a esse subplano pela presença, em seu caráter, de qualidades que não dependem dos ensinamentos peculiares das suas religiões.

Também aqui se encontram os estudantes sérios de Ocultismo, que não estão suficientemente adiantados para que lhes seja permitido "renunciar" ao seu devacan. Isso inclui estudantes de escolas de ocultismo que não estão entre as mais bem conhecidas da maioria dos membros da Sociedade Teosófica.

Um caso interessante foi observado, quando uma pessoa que ado-tou uma atitude de indesejável e injustificada desconfiança quanto aos motivos de seu antigo amigo e instrutor, fechou-se em grande parte à influência superior e aos ensinamentos que, de outra forma, poderia gozar em sua vida celestial. A influência e o ensinamento de forma alguma lhe foram retirados, mas sua própria atitude mental tornou-a até certo ponto não-receptiva a eles. Tal pessoa estava totalmente inconsciente disso. Um tesouro de amor, força e conhecimento estava ao alcance da sua mão, mas sua própria ingratidão mutilou tristemente seu poder de aceitá-lo.

2. *Alto pensamento filosófico ou científico.* Esta classe não inclui os filósofos que passam seu tempo em discussões verbais e argumentos pormenorizados, porque essa forma de ser tem raízes no egoísmo e na presunção, e jamais pode ajudar a adquirir uma compreensão real dos fatos do universo, nem a produzir resultados que se possam desenvolver no plano mental.

Ali encontramos, antes, os pensadores nobres e sem egoísmo que procuram visão e conhecimento apenas com o propósito de esclarecer e auxiliar seu próximo.

Um exemplo típico é o de um partidário do sistema neoplatônico, que estava ocupado em desenlear os mistérios daquela escola de pensamento, pretendendo compreender sua significação quanto à vida e ao desenvolvimento humanos.

Outro caso é o de um astrônomo, cujos estudos o haviam levado ao panteísmo. Estava ainda continuando seus estudos, reverentemente, e ganhando conhecimento vindo daquela ordem de devas através dos quais, nesse plano, o majestoso movimento cíclico das influências estelares parece expressar-se em mutáveis cintilações de luz viva. Ficava perdido na contemplação de um vasto panorama de rodopiantes nebulosas, que formavam, gradualmente, sistemas e mundos, tentando formar alguma idéia do modelo do universo. Seus pensamentos o rodeavam, sob o aspecto de estrelas, e ele ouvia, cheio de júbilo, o solene ritmo da música procedente dos poderosos corais nascidos dos orbes em movimento.

Cientistas como esse astrónomo voltarão à Terra como grandes descobridores, com intuições infalíveis sobre as misteriosas disposições da natureza.

3. *Capacidade artística ou literária, exercida sem egoísmo.* Neste nível se encontram nossos maiores músicos. Mozart, Beethoven, Bach, Wagner e outros ainda estão inundando o mundo celeste com harmonia muito mais gloriosa do que as que puderam produzir quando na Terra. Torrentes de divina música se derramam sobre eles, vindas das regiões superiores, para que as especializem e delas se apropriem, e depois as enviem através de todo o plano, numa maré de melodia que aumenta a bem-aventurança de

todos. Tanto os que atuam em plena consciência nesse plano, como as entidades desencarnadas desse nível, envolvem-se em sua própria nuvem de pensamentos e são profundamente afetados pela enobrecedora influência dessa música.

Pintores e escultores, nesse plano, estão constantemente criando com seu pensamento elementos artificiais em todo o tipo de adoráveis formas, que enviam para deleite e encorajamento dos seus companheiros.

Essas belas concepções podem, em muitos casos, ser captadas pelas rnentçs de artistas ainda vivos na Terra, atuando como inspirações.

Figura interessante nesse nível é a de uma corista que morreu jovem. Pouco possuía, a não ser o grande dom do canto, mas usara dignamente esse dom, tentando ser uma voz do povo para o céu e do céu para o povo, desejando sempre saber mais músicas, e tornar seu canto ainda mais útil, por amor da Igreja. Em sua vida celestial esse desejo estava dando frutos, e sobre ela debruçava-se a curiosa figura angulosa de Santa Cecília, formada de um vitral, pelo seu pensamento. Essa forma-pensamento era vivificada por um dos arcanjos da hierarquia celestial do canto e, através dessa forma, ele ensinava à corista acordes musicais majestosos, jamais ouvidos na Terra.

Outro exemplo é o de um homem que na Terra recusara usar sua capacidade literária apenas para ganhar a vida, e que escrevera um livro que ninguém leu. Estivera solitário toda a sua vida, e morrera de tristeza e penúria. Em sua vida celestial estava solitário, mas via estender-se diante dele a utopia com que sonhara, e a vasta multidão impessoal a quem desejara servir. A alegria dessa gente refluía para ele, e fez de sua solidão um céu.

4. *Serviço por amor ao serviço.* Nesse nível encontram-se muitos dos que prestaram serviço por amor do serviço, mais do que pelo desejo de agradar uma divindade particular. Estão ocupados em desenvolver, com integral conhecimento e calma sabedoria, vastos esquemas de beneficência, planos magníficos para o melhoramento do mundo; ao mesmo tempo, amadurecem poderes com os quais realizar esses planos no futuro, quando nos planos inferiores da vida física.

CAPÍTULO XXVII

O PLANO MENTAL

É função da matéria mental vibrar em resposta às modalidades do Espírito em seu trabalho como intelecto, tal como a matéria astral faz o mesmo para com o desejo e a emoção, e como a matéria búdica responde ao Espírito agindo como Intuição. Por isso, o plano mental é aquele aspecto da natureza que pertence à consciência funcionando como pensamento, e não à mente funcionando através do cérebro físico, mas à mente trabalhando em seu próprio mundo, desembaraçada da matéria física.

Os cinco planos inferiores da natureza correspondem aos cinco "Elementos" dos antigos, como se segue:

Planos ou Mundos		*"Elementos" dos antigos*	
Sânscrito	*Português*	*Sânscrito*	*Português*
Âtmâ	Vontade	Âkâsha	Éter ou céu
Buddhi	Intuição	Vâyu	Ar
Manas	Mente	Tejas ou Agni	Fogo
Kâma	Sentimento	Apas ou Jala	Água
Sthûla	Vida física	Prithivi	Terra

Em certos livros hindus há outra classificação, na qual a mente é agrupada com os elementos. O hindu tem uma forma de ver as coisas de um ponto de vista muito eleva,do, muitas vezes, ao que parece, do ponto de vista da Mônada; para ele, a mente não passa de um instrumento da consciência. Assim, no sétimo capítulo do *Gitâ,* Shri Krishna diz: "Terra, água, fogo, ar, éter, manas, buddhi e ahamkâra são as oito divisões da minha manifestação (prakriti)." Um pouco adiante, ele fala dessas oito divisões como "minhas manifestações inferiores".

O mundo mental é o mundo do homem verdadeiro; a própria palavra "homem" deriva da raiz sânscrita *man,* raiz do verbo "pensar": assim *man* significa *pensador:* ele é chamado pelo seu atributo mais característico, a inteligência.

O mundo mental é, assim, a nossa pátria genuína, o reino ao qual em verdade pertencemos, porque a nossa atmosfera nativa é a de *idéias,* não a de fenômenos físicos.

Quando um homem, o Pensador, encarna no veículo físico preparado para recebê-lo, o animal destituído de sentidos se torna o ser pensante em virtude de Manas que nele entra e nele habita. Assim, o homem fica envolvido em sua "túnica de pele", depois de sua queda na matéria física, a fim de que possa comer da Árvore do Conhecimento, e assim se tornar um "Deus". Por isso, o homem é o elo entre o divino e o animal.

O mundo mental tem um interesse peculiar, não só porque o homem, depois que a mente se acha razoavelmente desenvolvida passa ali praticamente todo o seu tempo, mergulhando no mundo físico apenas para rápidos períodos de vida mortal, mas também porque ali está o ponto de reunião da consciência, tanto a superior como a inferior.

A palavra "mente" se refere tanto à própria consciência intelectual como também aos efeitos produzidos sobre o cérebro físico por essa consciência. Em ocultismo, contudo, devemos conceber a consciência intelectual como uma entidade individual, um ser em que as vibrações de sua vida são pensamentos expressos não em palavras físicas, mas em imagens.

O homem real é Manas, o Pensador, trabalhando nos planos superiores, ou causais, do plano mental. Só uma pequena parte de suas vibrações, e mesmo isso imperfeitamente, pode ser reproduzida nas matérias físicas relativamente grosseiras, onde o cérebro físico e o sistema nervoso só podem reproduzir um pequeno fragmento da vasta série de vibrações mentais causadas pelo Pensador em seu próprio mundo.

Cérebros muito receptivos respondem até o ponto que chamamos de grande poder intelectual. Cérebros excepcionalmente não-responsivos respondem até o ponto que chamamos idiotia, e cérebros excepcionalmente responsivos respondem até o ponto que chamamos gênio. Os chamados poderes mentais de cada homem representam o grau de sensitividade de seu cérebro aos milhões de ondas de pensamentos que vêm do Pensador, e às quais ele pode responder.

Assim, a consciência trabalhando no cérebro é iluminada, desde cima, por idéias que não são fabricadas com o material fornecido pelo mundo físico, mas são refletidas nele, diretamente vindas da Mente Universal. As grandes "leis do pensamento" regulam todos os pensamentos, e o próprio ato de pensar revela sua preexistência, pois é feito por eles e sob eles, sendo impossível sem eles.

Vendo em amplitude maior o plano mental, ele pode ser descrito como o que reflete a Mente Universal na Natureza, o plano que, em nosso pequeno sistema, corresponde à Grande Mente no Cosmos. Essa Grande Mente é Mahat, o Terceiro Logos, ou Divina Inteligência Criativa, o Brahmâ dos hindus, o Mandjusri dos budistas do Norte, o Espírito Santo dos cristãos.

A Mente Universal é aquela na qual tudo existe, arquetipicarhente. É a fonte dos seres, a nascente das energias modeladoras, a casa-do-tesouro em que estão depositadas todas as formas-arquétipo que devem ser levadas e elaboradas nos tipos inferiores de matéria, durante a evolução do univero. Esses são os frutos dos universos passados, trazidos como sementes para expansão no presente universo.

É na parte superior do plano mental que existem as idéias-arquétipo que agora estão em curso de concreta evolução. Em suas regiões inferiores, tais idéias são trabalhadas em formas sucessivas, a fim de serem devidamente reproduzidas nos mundos astral e físico.

Um exemplo dessas idéias-arquétipo é aquele dos pequenos elementais artificiais que podem ser vistos, às vezes, suspensos em torno de uma planta ou flor, durante todo o tempo em que a brotação se está formando. São as formas-pensamento dos grandes devas que supervisionam a evolução do reino vegetal, e são criadas com o propósito especial de levar adiante suas idéias relacionadas com plantas ou flores. Tais elementais tomam, habitualmente, a forma de um modelo etérico da própria flor, com a forma e o colorido pensados pelo deva. Quando o trabalho é feito, o poder do elemental se exaure, e a matéria com a qual ele foi composto se dissolve no depósito geral a ela correspondente.

Esses elementais artificiais não devem, naturalmente, ser confundidos com os espíritos-da-natureza (ver O Corpo *Astral*), que estão freqüentemente movendo-se entre as flores.

Antes que o Manu de uma Cadeia ou uma Ronda comece a tarefa a ele atribuída, examina a parte dessa poderosa forma-pensamento do Logos que se refere ao seu trabalho, e leva-o para um nível em que esteja dentro de fácil alcance para constantes referências. A mesma coisa é feita, em nível inferior, pelo Manu de cada Mundo e de cada Raça-Raiz. Cada Manu constrói, então, tão aproximado do modelo que tem diante de si o quanto lhe seja possível, quase sempre atingindo a perfeição paulatinamente; os primeiros esforços para a formação de uma raça, por exemplo, são muitas vezes apenas parcialmente bem sucedidos.

No início da presente Ronda (a quarta) todos os arquétipos da humanidade foram trazidos, inclusive os daquelas raças que ainda não vieram a existir. Examinando-as, é possível ver o que serão os homens do futuro. Terão veículos mais finos sob todos os aspectos, e serão muitíssimo mais belos na aparência, expressando em suas formas as forças espirituais.

Foi no Globo A da Quarta Ronda que a mente se tornou definida no plano mental inferior, e podemos dizer que foi nesta Ronda que o homem começou realmente a pensar. O resultado, de início, não foi de forma alguma satisfatório. Em Rondas anteriores, ele não foi suficientemente desenvolvido para dar origem a formas-pensamento de grande alcance; dessa forma, a essência elemental dos globos foi afetada apenas pelos pensamentos dos devas, que deixaram tudo harmonioso e em paz. Porém, quando o homem começou a interpor seus pensamentos egoístas e discordantes, essa condição confortável foi largamente perturbada. Contendas, desassossego e desarmonia surgiram; o reino animal afastou-se decisivamente do homem e começou a sentir medo e ódio dele.

No Globo A havia também as almas-grupos dos animais e vegetais, e mesmo de minerais. É difícil para nós, naturalmente, conceber que um mineral possa estar no plano mental. Isso corresponderia ao nosso *pensamento* sobre um mineral, mas a forma-pensamento que ali existe é a de Manu, e é modelada por um poder inteiramente além de comparação com o da nossa mentalidade.

Conforme vimos no Capítulo II, no curso natural dos acontecimentos, a presente Quarta Ronda deveria ser devotada principalmente ao cultivo das emoções. A próxima Ronda, a quinta, deverá voltar-se para o progresso intelectual. Estamos, portanto, bastante avançados no programa que nos foi destinado. Esse avanço é inteiramente devido àqueles augustos Seres que são chamados Senhores da Chama, ou Filhos da Névoa de Fogo, Senhores de Vênus, e que vieram a esta Terra do Planeta Vênus.

A maioria deles ficou conosco apenas durante o período crítico da nossa história. Poucos ainda permanecem para manter os mais altos cargos na Grande Fraternidade Branca, até que chegue o tempo em que homens da nossa própria evolução estejam capacitados a substituí-los em sua alta função.

Tal como foi explicado nos Capítulos VII e VIII, as matérias do plano mental são capazes de se combinar, sob o impulso das vibrações do pensamento, e produzir qualquer combinação que o pensamento possa construir. Assim como o ferro pode se transformar numa espada ou numa enxada, a matéria mental pode ser modelada em formas-pensamento, tanto

para ajudar como para prejudicar. Nessa região, o pensamento e a ação não passam de uma e mesma coisa. A matéria é obediente serva da vida, adaptando-se a cada impulso criador.

O plano mental, sendo o do próprio pensamento, o lar do pensamento, está assim mais próximo da realidade do que qualquer plano inferior, porque tudo que é material está encerrado e oculto na matéria; a realidade que ela possa possuir é muito menos óbvia e reconhecível do que o seria quando observada de um ponto de vista superior.

Sendo o todo do nosso sistema solar uma manifestação do Logos, cada partícula dele é parte dos Seus veículos. Por isso toda a matéria mental no sistema constitui Seu corpo mental.

Isso, naturalmente, compreende não apenas 'o mundo mental pertencente a cada um dos planetas físicos, mas também aos que pertencem aos planetas astrais, e, ainda, aos planetas puramente mentais, chamados habitualmente em Nossa Cadeia de mundos, Globos A e G.

Podemos notar, incidentalmente, que o homem do Globo A na Primeira Ronda, mal pode ser chamado homem: é um pensamento, é o que um dia será o corpo mental — o germe de um corpo mental, mantendo talvez a mesma relação com suas últimas possibilidades como a forma embriônica de uma criança mantém, depois do primeiro mês, com o corpo humano inteiramente desenvolvido. Nesse estágio inicial ele tem uma consciência maravilhosamente limitada.

A matéria acima descrita como componente do corpo mental do Logos Solar, compõe, também, o corpo mental dos sete Logos Planetários, que são centros de força dentro do Logos Solar.

Há, no corpo mental de cada homem, partículas pertencentes a cada um dos sete Logos Planetários, mas as proporções variam infinitamente, determinadas que são pelo *tipo* de cada pessoa.

Certas modificações psíquicas ocorrem, periodicamente, nos sete Logos Planetários, e essas modificações tendem a afetar os corpos de todos os homens do mundo, porque o material de seus corpos também são material dos Logos Planetários. Até que ponto cada homem será afetado dependerá, naturalmente, da proporção, em seus corpos, do tipo de matéria adaptada àquele Logos em particular. Daí a importância, para o homem, dos movimentos dos Espíritos Planetários — base lógica fundamental da Ciência Astrológica.

As influências desses grandes tipos afetam, entre outras coisas, a essência elemental que, como vimos antes, é intensamente ativa nos corpos astral e mental dos homens. Em virtude disso, qualquer excitação não-habitual de um desses tipos, deve afetar, até certo ponto, tanto as emoções como a mente do homem, num grau correspondente à quantidade do tipo particular de essência concernente que ele possua em seus veículos. Tais influências não são, em si mesmas, melhores ou piores do que qualquer outra força natural; podem ajudar ou prejudicar, de acordo com o uso que fazemos delas.

É importante compreender que, seja qual for a pressão que essas influências possam exercer sobre o homem, não podem dominar sua vontade no menor grau que seja. O máximo que podem fazer é, em alguns casos,

tornar mais fácil ou mais difícil, para essa vontade, o agir em certas linhas. O homem de determinação férrea, ou um estudante de ocultismo, podem pôr de lado essas influências como coisa negligenciável. Para homens de vontade mais fraca talvez convenha saber em que momento esta ou aquela força podem ser aplicadas mais vantajosamente. "O sábio governa suas estrelas; o tolo lhes obedece."

Cada globo físico tem seus planos físicos, astrais e mentais, que se interpenetram e, portanto, ocupam o mesmo espaço; entretanto, mantêm-se separados e não se comunicam com os planos correspondentes dos outros globos. (Apenas no nível búdico, e para além dele é que existe uma condição comum a todos os planetas da nossa Cadeia.)

Apesar do que foi dito acima, há uma condição da matéria atômica de cada um desses planos, que é cósmica em sua extensão. Na verdade, os sete subplanos atômicos do nosso sistema, tomados fora dos demais, podem ser tidos como constituindo o plano cósmico mais baixo, às vezes chamado cósmico-prakrítico. Assim, nosso plano mental é a terceira subdivisão do plano cósmico mais baixo.

Vista sob outro aspecto, a parte atômica do nosso plano mental também é o subplano mais baixo do corpo mental do Logos Planetário.

O plano astral da Terra estende-se a um pouco menos do que a distância média da Lua, que está, aproximadamente, a uma distância de 240.000 milhas. O plano mental da Terra que, é naturalmente, um globo definido, estende-se ainda mais além pelo espaço do que o plano

astral, mantendo com o astral mais ou menos a mesma proporção que este último mantém com o físico.

Só aquela porção da matéria atômica dos planos astral e mental, que está numa condição inteiramente livre, é coextensiva com o éter interplanetário (que consiste nos átomos físicos derradeiros, em seu estado normal e não-comprimido). Em conseqüência, uma pessoa não pode passar de um planeta a outro da nossa Cadeia, em seus corpos astral ou mental, como não o poderia fazer em seu corpo físico. No corpo causal, quando muito altamente desenvolvido, essa possibilidade existe, embora não com a facilidade e a rapidez com a qual pode ser usada no nível búdico.

Ademais, a visão detalhada dos outros planetas não seria possível a qualquer sistema de clarividência relacionada com o plano mental ou qualquer outro inferior, embora uma boa quantidade de informações possa ser obtida através do uso de um alto poder de ampliação.

Matéria de planos inferiores nunca é levada de planeta a planeta. Quando, por exemplo, deixamos este planeta a fim de encarnar em Mercúrio, só os Egos são levados. Esses Egos atrairão e se envolverão de matéria mental e astral pertencente ao seu novo planeta, e obterão corpos físicos fornecidos pelos que já estão habitando Mercúrio.

A matéria do plano mental é dividida em sete graus de densidade, precisamente como acontece nos planos astral e físico. Na falta de outras palavras, esses sete graus, no momento, serão indicados com as palavras dadas aos sete graus de matéria física, isto é, sólido, líquido, gasoso,

etc. A subdivisão mais fina ou mais elevada consiste, naturalmente, nos derradeiros átomos mentais.

Um átomo mental derradeiro contém 49^4 ou 5.764.801 (mais ou menos cinco milhões e três quartos) de "bolhas em kóilon".

Os três graus superiores da matéria mental chamam-se *Arâpa,* ou sem forma; os quatro graus inferiores são chamados *Rüpa,* ou dotados de forma. A distinção é real, relacionada com as divisões da própria mente. Nos níveis Rüpa, as vibrações da consciência dão origem a imagens, ou quadros, onde cada pensamento aparece como forma viva. Nos níveis Arüpa, a consciência parece enviar correntes, ou jorros, de energia viva, que não se condensam em imagens distintas, porém que, ao fluir para os níveis mentais inferiores, produzem uma variedade de formas, todas ligadas por alguma condição comum. Em outras palavras, os níveis Arüpa referem-se à expressão de pensamentos, idéias e princípios abstratos, e os níveis Rüpa relacionam-se com pensamentos concretos e idéias particulares.

Sendo as palavras símbolos de imagens e pertencendo a operação da mente inferior no cérebro, segue-se que é quase, se não inteiramente, impossível descrever em palavras o trabalho do pensamento abstraio, porque os níveis Arüpa pertencem à razão pura, que não funciona dentro dos estreitos limites da linguagem.

Outra larga distinção entre os níveis Rüpa e Arüpa do plano mental está no fato de o homem viver, nos níveis Rüpa, em seus próprios pensamentos, 'identificando-se inteiramente com a sua personalidade na vida que recentemente deixou. Nos níveis Arüpa ele é simplesmente o Ego que reencarna, e que, contanto que esteja suficientemente desenvolvido naquele nível para ter dele qualquer conhecimento, compreende pelo menos até certo ponto a evolução na qual está engajado e o trabalho que lhe cabe fazer.

Por ser a matéria mental muito mais fina do que a matéria astral e a física, segue-se que as forças vitais no plano mental crescem imensamente em atividade. A matéria mental está em movimento constante, incessantemente, tomando forma a cada palpitação de vida, e adaptando-se, rapidamente, às mudanças do movimento. Mesmo a matéria astral parece relativamente pesada e sem brilho. As vibrações da matéria mental são muito mais rápidas do que as vibrações físicas da luz e muito mais rápidas do que as do som.

Podemos dizer que a matéria mental move-se, realmente, *com* o pensamento. A matéria astral move-se tão rapidamente após o pensamento que o observador comum mal poderia notar qualquer diferença. A matéria etérica, naturalmente, não obedece tão rapidamente ao pensamento quanto a matéria astral.

O estudante, como é natural, compreende que assim como cada partícula do éter flutua num mar de matéria astral, cada partícula de matéria astral flutua num oceano mental.

Apesar da idéia, que muita gente mantém, de que é mais fácil tratar com as coisas do plano físico do que com as dos planos astral e mental, dá-se exatamente o contrário, porque a própria finura da matéria mental e sua resposta rápida aos impulsos mentais, tornam-na muito mais fácil de mover e dirigir, pela ação da vontade, do que a matéria astral ou física.

Em *A Voz do Silêncio* são citados três Átrios: o Átrio da Ignorância, o Átrio do Aprendizado e o Átrio da Sabedoria. Parece provável que o Átrio da Ignorância represente o plano físico, o Átrio do Aprendizado represente o plano astral e o plano mental inferior, e o Átrio da Sabedoria se refira aos planos da mente superior e búdico.

Nos quatro níveis inferiores do plano mental, certo grau de ilusão ainda é possível; menos, contudo, para o homem que pode funcionar ali em plena consciência durante a vida física do que para a pessoa não-desenvolvida depois da morte, conforme ficou explicado nos capítulos dedicados ao Devacan.

O plano mental inferior é, assim, ainda, a região da personalidade, e do erro. Nele, bem como no mundo astral, há uma serpente enrolada sob cada flor, porque, se o astral é infestado pelos desejos loucos e pessoais, o orgulho e o preconceito habitam o mental inferior.

No plano mental superior, embora lá exista muita coisa que o ego não conhece, o que ele conhece é corretamente conhecido. Da vida no corpo causal, contudo, não estamos tratando no presente volume.

Há uma diferença radical entre os planos mentais inferior e superior. No mental inferior, a matéria é dominante. É a primeira coisa que vem aos olhos, e a consciência brilha com dificuldade através de formas. Nos planos superiores, porém, a vida é o que se destaca e as formas ali estão apenas para atender os seus propósitos. A dificuldade no plano inferior é dar expressão de vida às formas, mas no superior acontece o contrário — manter e dar forma ao fluxo de vida. Somente acima da linha que divide o plano mental inferior do plano mental superior é que a luz da consciência não está sujeita ao vento, e brilha por seu próprio poder. Por isso o símbolo de um fogo espiritual é muito apropriado para a consciência nos níveis superiores, distinguindo-os dos planos inferiores, onde o símbolo do fogo de combustível ardendo é mais apropriado.

No caso do plano astral, é possível descrever um tanto o cenário, mas o mesmo não pode ser feito quanto ao plano mental, porque este plano não tem cenário, exceto o que cada indivíduo resolve fazer para §i próprio com o seu pensamento. Não incluímos como "cenário", naturalmente, outras entidades mentais que são, em muitos casos, objetos de grande beleza.

As condições do plano mental, entretanto, são de tal modo difíceis de se descrever com palavras que talvez fosse mais exato dizer que todos os cenários possíveis existem ali. Nada que se conceba em matéria de encantamento deixa de ali estar, com uma plenitude e intensidade para além de todo o poder da imaginação. Mas, nesse esplendor de viva realidade, cada homem vê apenas aquilo que seu desenvolvimento o capacita a perceber.

Dizem ser difícil descrever a diferença entre a matéria dos vários subplanos do mundo mental, porque quem escreve fica destituído de adjetivos, em sua tentativa de descrever o mais baixo dos subplanos, e assim não tem palavras para a descrição dos subplanos superiores. Tudo quanto se pode dizer é que, à proporção que subimos, o material se torna mais fino, as harmonias mais amplas, a luz mais viva e transparente. Há mais harmonizações no som, tonalidades mais delicadas nas cores, mais e novas cores aparecem, enquanto vamos atravessando os subplanos. Poética,

e verdadeiramente, foi dito que a luz de um plano inferior é treva para o outro que lhe fica acima.

No mais alto subplano, a matéria está animada e vivificada por uma energia que flui como luz, vinda de cima, do plano búdico. Quando descemos através de cada subplano, a matéria de cada um deles torna-se a energia do subplano imediatamente abaixo. Mais exatamente: a energia original, mais a matéria dos subplanos superiores, torna-se a animada energia do próximo subplano inferior. Assim, o sétimo subplano — o mais baixo — consiste em energia original seis vezes fechada ou vedada, e portanto, na mesma proporção, mais fraca e menos ativa.

A primeira impressão de quem entra no plano mental, com a consciência integral, será muito parecida à descrita no Capítulo XX, quando tratamos do despertar de um homem, no devacan, depois da morte astral. Sentirá intensa beatitude, indescritível vitalidade, poder enormemente aumentado, e a perfeita confiança que flui de tudo isso. Ver-se-á no meio do que lhe parece todo um universo de luz constante-mente transformada, de cor e som em perpétua mutação. Parecerá estar flutuando num mar de luz viva, rodeado por todas as concebíveis variedades de encantamento em cor e forma, tudo se modificando com cada onda de pensamento que sua própria mente envia; tudo, realmente — conforme ele descobrirá — é apenas a expressão de seu pensamento na matéria do plano e em sua essência elemental. Pensamentos concretos, como vimos antes, tomam o feitio de seus objetos, enquanto idéias abstraias habitualmente representam-se por todos os tipos das mais belas formas geométricas. Em conexão com isso devemos lembrar que muitos pensamentos, que para nós, no plano físico, pouco mais são do que simples abstrações, no plano mental são fatos concretos.

A sensação de liberdade no mundo mental é tão grande que, comparado a ela, a vida astral parece um estado de escravidão.

Quem quer que deseje abstrair-se daquilo que o circunda no plano mental e devotar-se ao pensamento tranqüilo, pode viver num mundo próprio, sem possibilidade de interrupção. Terá, também, a vantagem adicional de ver todas as suas idéias e suas conseqüências, em pleno desenvolvimento, passando diante de seus olhos como um panorama. Se, contudo, ao invés disso, ele desejar observar o plano em que está, deve, muito cuidadosamente, suspender seu pensamento durante esse tempo, de modo a não influenciar a matéria facilmente impressionável que o rodeia.

Tendo chegado a essa condição, na qual ele não é mais o centro de radiação daquela luz, cor, som e forma, tais coisas não deixaram de existir. Pelo contrário, suas harmonias e cintilações são maiores do que nunca. Logo depois, perceberá que está vendo a linguagem colorida dos devas, a expressão dos pensamentos ou conversação de seres muitíssimo mais elevados do que ele próprio na escala da evolução. Pela experiência e pela prática verá, também, que pode usar aquela forma de expressão, e assim manter palestra com as elevadas entidades não-humanas, e aprender com elas, como descreveremos num capítulo posterior. Porque, conforme o estudante recordará, uma forma-pensamento, composta de partículas de matéria mental que vibram rapidamente, produz ao seu redor vibrações que dão origem a sensações de sons e cores em qualquer entidade adaptada para traduzi-las.

Também ao visitante do plano mental é possível formar em torno de si uma enorme concha, através da qual a conversação das outras entidades não pode penetrar. Então, mantendo a mente inteiramente imóvel, consegue examinar as condições interiores da casca por ele criada.

Pode, agora, perceber outra série de pulsações regulares inteiramente diferentes, que os outros fenômenos, mais artificiais, haviam obscurecido. Aquelas pulsações são universais, e não podem ser detidas nem afastadas por nenhuma concha feita pelo poder humano. Não produzem cor nem forma, mas fluem com regularidade irresistível através de toda a matéria do plano, para fora e para dentro, como as exalações e inalações de uma grande respiração.

Há várias séries delas, claramente distinguíveis uma da outra pelo volume, período de vibração e tonalidade da harmonia que produzem. Maior do que todas elas flui uma grande onda que parece a própria palpitação do coração do sistema — uma onda que, subindo de centros desconhecidos dos planos muito mais elevados, derrama sua vida através de todo o nosso mundo, e então é reabsorvida por Aquele de onde veio. Ela chega numa longa curva ondulante, e seu som iguala-se ao murmúrio do mar. Contudo, nela, e através dela, ressoam ecos de um cântico triunfal — a própria música das esferas.

O homem que chegou um dia a ouvir esse cântico glorioso da natureza, jamais deixa inteiramente de ouvi-lo. Mesmo no mundo físico, tão sombrio em comparação, o ouve sempre, como uma espécie de meio-tom.

Se o homem alcançou certo grau de desenvolvimento espiritual, é-lhe possível submergir sua consciência na esteira da onda e deixar que o transporte para a sua nascente. Mas não é sensato fazer tal coisa, a não ser que o Mestre esteja a seu lado para trazê-lo de volta no momento exato, porque, de outra maneira, aquela força irresistível o levaria para planos ainda mais altos, cujas glórias muitíssimo maiores o seu Ego ainda é incapaz de suportar. Perderia a consciência, sem a certeza de quando e onde a recuperaria.

Embora a conquista dessa unidade seja o objetivo definitivo da evolução do homem, ele deve alcançar essa meta em completa e perfeita consciência, e não levado pela absorção, num estado de opaca inconsciência, pouco distante da aniquilação.

No plano mental, um homem pode fazer a volta ao mundo com a rapidez do pensamento, e estará do outro lado já no momento em que formula o desejo de estar ali, porque a resposta da matéria mental ao pensamento é imediata, e facilmente controlável pela vontade.

No plano mental não há alternação de dia e noite, e nada que corresponda ao dormir e acordar, exceto, naturalmente, quando se entra pela primeira vez no plano e quando dele se sai.

O mundo físico é tridimensional; o plano astral é quadridimensional, e o plano mental é de cinco dimensões. Como ficou dito em O *Plano Astral*, porém, será provavelmente mais exato dizer que a consciência pode, em cada plano, apreciar o mundo em que está funcionando, no número de dimensões dado acima.

As três formas conhecidas de energia têm suas manifestações próprias em cada plano que os nossos estudantes já aprenderam. Por isso, Fohat, Prâna e Kundalini existem todos no plano mental, embora pouco se saiba, presentemente, dos pormenores de seu trabalho.

O homem que esteja em plena consciência no plano mental, naturalmente vê a humanidade inteira, exceto aqueles que vivem apenas em seu corpo causal, porque todo homem que está na vida física, ou astral, deve possuir também um corpo mental. Aqueles, contudo, que estão confinados em suas próprias conchas de pensamentos, em seus céus, mal podem ser considerados como companheiros, por motivos explicados nos capítulos sobre o Devacan.

Entre aqueles que estão plenamente conscientes no plano mental, há uma união muitíssimo mais íntima do que seria possível num plano inferior. Um homem já não pode enganar outro no que se refere ao que ele pensa, pois todas as operações mentais ali estão abertas para que todos vejam. Opiniões e impressões podem ser agora trocadas, não só com a rapidez do pensamento, mas também com perfeita nitidez, porque cada qual recebe a idéia exata do outro, limpa, bem delineada, instantânea, sem ter que fazer, perplexamente, o seu caminho através de um labirinto de palavras.

O estudante recordará que no plano astral a diferença de linguagem é uma barreira para a comunicação, pois os pensamentos devem ser formulados, positivamente, com palavras, a fim de serem compreendidos pelas outras entidades do plano. No plano mental, contudo, os homens se comunicam diretamente pela transmissão de pensamento, seja qual for o seu idioma.

O espaço não é barreira, porque o homem pode entrar em contacto com outro qualquer apenas dirigindo para ele a sua atenção. As barreiras reais entre homens são as devidas às diferenças na sua evolução. O menos evoluído só pode saber, quanto ao mais evoluído, apenas aquilo a que possa responder, e tal limitação pode, obviamente, ser sentida somente pelo mais evoluído, pois o que tem menos tem tudo quanto pode conter.

O método para se encontrar um homem no plano mental, esteja vivo ou morto, é o seguinte: para cada um dos veículos do homem há o que pode ser chamado de nota tônica, uma espécie de tom comum das várias forças e qualidades do homem no plano em referência. Nunca se encontraram duas pessoas, cujas notas tônicas fossem iguais em todos os níveis — etérico, astral, mental e causal —, para que produzissem o mesmo acorde, quanto tocadas simultaneamente.

Assim, o acorde de cada homem é único, e esteja ele dormindo ou acordado, vivo ou morto, seu acorde é sempre o mesmo, e é possível encontrá-lo por esse meio.

Se o homem está no plano celestial superior somente em seu corpo causal, ainda tem seu acorde consigo, porque seus átomos permanentes são suficientes para lançar o som distintivo.

O clarividente treinado, que pode sentir o acorde, afina seus próprios veículos, naquele momento, exatamente por aquelas notas, e então, por um esforço da vontade, envia seu som. Seja qual for o mundo cm que o homem estiver, há resposta instantânea. Seu corpo causal ilumina-se instantaneamente, como uma grande chama, e isso é logo visível ao

clarividente, de forma que uma linha magnética de comunicação se estabelece.

O vidente pode usar essa linha como uma espécie de telescópio, ou, se preferir, pode enviar por ela sua consciência fulgurando com a rapidez da luz, e ver desde a outra extremidade, por assim dizer.

O acorde do homem é seu verdadeiro nome oculto. A isso se deve, provavelmente, a origem da crença, entre certos selvagens, de que o nome verdadeiro do homem deve ser oculto, a fim de evitar que a magia não se utilize dele para prejudicá-lo.

Diz-se, também, que a cada Iniciação o verdadeiro nome do homem é mudado, já que cada Iniciação é, ao mesmo tempo, o reconhecimento oficial e a realização de um progresso com o qual o homem, por assim dizer, elevou-se para uma nota mais alta, de forma que daí por diante seu acorde deve soar de forma diferente.

O nome do homem não deve ser confundido com o nome de Augoeides, porque esse é o acorde dos três princípios do Ego, produzido pelas vibrações dos átomos âtmicos, búdicos e mentais, e com a mônada por trás deles.

O acorde não é realmente visto ou ouvido; é recebido por uma percepção complexa que requer a atividade praticamente simultânea da consciência no corpo causal e em todos os veículos inferiores.

Cada homem, portanto, pronuncia seu próprio e verdadeiro nome. Assim como tem seu cheiro material, pelo qual um cão pode encontrá-lo, tem também seu som espiritual. Aqueles que podem ouvir este seu som, nos mundos inferiores, sabem onde ele está na escala da evolução, e o que pode e não pode fazer.

O Augoeides — o homem glorificado — é um nome dado aos três princípios mais elevados do homem, isto é, Âtmâ-Buddhi-Manas, que constituem o Ego no corpo causal. Isto, naturalmente, não é uma imagem de qualquer dos veículos passados do homem, mas contém, em si mesmo, a essência de tudo quanto havia de melhor em cada um deles. É um corpo que indica mais ou menos perfeitamente, à medida que cresce através da experiência, o que a Divindade quer que o homem seja.

Desse veículo, nos níveis causais, é possível ver, não só o que foi a história pregressa do homem, mas também uma extensão considerável do futuro que o espera.

CAPÍTULO XXVIII

OS REGISTROS ÂKÂSICOS

Descrição alguma do plano mental seria completa sem uma informação sobre o que é conhecido como Registros Âkâsicos. Eles constituem a única história segura do mundo, e são considerados, muitas vezes, como a memória da natureza, também como o verdadeiro Registro Cármico, ou o Livro do Lipika.

A palavra *ãkâsico é,* de certa forma, uma denominação imprópria, pois, embora os registros sejam lidos do âkâsa, ou matéria do plano mental, contudo não pertencem realmente a esse plano. Denominação ainda pior, que foi com freqüência usada na antiga literatura sobre o assunto, é o de "registros da luz astral", porque estão muito além do plano astral, e só relances deles podem ser encontrados no plano astral, conforme veremos logo adiante.

A palavra *ãkâsico é* conveniente apenas porque é no plano mental que primeiro nos pomos, positivamente, em contato com os registros, e achamos possível fazer trabalho seguro com eles.

O estudante já está familiarizado com o fato de que conforme uma pessoa se desenvolve, seu corpo causal, que determina os limites de sua aura, aumenta em tamanho, bem como em luminosidade e pureza de cor. Acompanhando essa concepção para um nível imensamente mais alto, chegamos à idéia de que o Logos Solar compreende em Si o conjunto de nosso sistema solar. Daí tudo quanto acontece dentro do nosso sistema estar dentro da consciência do Logos. Assim, vemos que o verdadeiro registro é a Sua memória.

Ademais, é igualmente claro que em qualquer plano em que essa memória exista, só pode estar muito acima de tudo quanto conhecemos. Conseqüentemente, sejam quais forem os registros que estivermos «n condição de ler, devem ser apenas um reflexo do grande original, espelhado no denso meio dos planos inferiores.

Temos conhecimento desses registros nos planos búdico, mental e astral, e vamos descrevê-los em ordem inversa.

No plano astral, o reflexo é excesSivamente imperfeito. Os registros que ali podem ser vistos são fragmentados em extremo, e muitas vezes seriamente deturpados. A analogia da água, tantas vezes usada como símbolo do mundo astral, torna-se vastamente adaptável a esse caso. Um reflexo claro em água parada é — para dizer o melhor — apenas um reflexo que representa, em duas dimensões, objetos que são tridimensionais, e mostram apenas seu feitio e cor; e mais: os objetos aparecem invertidos.

Se a superfície da água estiver encrespada, o reflexo fica tão partido e distorcido que se torna quase inútil, e mesmo enganador, como guia para a forma real e a aparência dos objetos refletidos.

No plano astral, jamais podemos ter nada que se aproxime de uma face imóvel. Pelo contrário, temos de tratar com uma face que está sempre em espantosa movimentação. Por isso, dela não podemos depender para termos um reflexo claro e definido. Assim, um clarividente que possua apenas a

faculdade da visão astral, nunca pode confiar em qualquer quadro do passado que se apresente diante dele como sendo exato e perfeito. Aqui e ali, alguma parte dele *pode* ser assim, mas ele não tem possibilidade de saber quais são essas partes. Com um longo e cuidadoso treinamento, poderá aprender a distinguir entre impressões seguras e inseguras, e a construir, a partir de reflexos fragmentados, algum tipo de imagem do objeto refletido. Habitualmente, entretanto, muito antes que ele tenha dominado essas dificuldades, terá desenvolvido a visão mental, que torna desnecessário esse trabalho.

No plano mental as condições são muito diferentes. Ali, o registro é completo e exato, e também é impossível errar na sua leitura. Quer dizer que qualquer número de clarividentes, usando a visão mental e examinando um dado registro, vê precisamente o mesmo reflexo, e cada qual obteria uma impressão correta da sua leitura.

Com as faculdades do corpo causal, a tarefa de ler os registros ainda é mais fácil. Parece, na verdade, que para a perfeição da leitura (tanto quanto é possível no plano mental) o Ego deve estar inteiramente desperto, de forma a poder usar a matéria atômica do plano mental.

É bem sabido que se certo número de pessoas testemunha determinado acontecimento no plano físico, seus relatos quase sempre mostrarão grandes diferenças. Isso acontece pela observação defeituosa, pois cada qual vê apenas os aspectos do caso que mais o impressionaram.

Essa equação pessoal não afetará apreciavelmente as impressões recebidas no caso de uma observação no plano mental, porque cada observador captará completamente todo o assunto, e por isso ser-lhe-ia impossível vê-lo em partes fora de proporção.

Erro, contudo, pode facilmente ocorrer quando se transferem as impressões para os planos inferiores, e podemos agrupar, a grosso modo, as razões que determinam tal coisa como as devidas ao próprio observador, e as devidas às dificuldades, ou antes, às impossibilidades inerentes de realizar com perfeição aquela tarefa.

Na natureza das coisas, só uma pequena f ração de uma experiência no plano mental pode ser expressa em palavras físicas. Por isso, desde que cada expressão deve ser parcial, há obviamente alguma possibilidade de escolha, ao selecionar a parte expressa. Por esse motivo, investigações clarividentes feitas por dirigentes teosofistas são constantemente revisadas e verificadas por mais de um investigador, antes de serem publicadas.

Além da equação particular, contudo, há ainda as dificuldades inerentes ao ato de trazer as impressões de um plano superior para o inferior. Para que se compreenda isso, é útil usar a analogia da arte da pintura. Um pintor tem de tentar reproduzir um objeto tridimensional sobre uma superfície plana que, naturalmente, não tem mais do que duas. Mesmo o quadro mais perfeito está, na realidade, quase que infinitamente longe de ser uma reprodução da cena que representa, porque dificilmente uma linha simples, ou um ângulo dessa pintura podem ser os mesmos do objeto copiado. Será, simplesmente, uma talentosa tentativa para reproduzir, em um só dos sentidos, por meio de linhas e cores sobre uma superfície plana, uma impressão semelhante à que a cena real despertaria em nós. Ela pode não nos transmitir nada, exceto pela sugestão dependente de nossa

própria experiência anterior; por exemplo, o bramido do oceano, o perfume das flores, o sabor da fruta, a dureza ou a brandura das superfícies.

Muito maiores são as dificuldades sentidas por um clarividente, empenhado em expressar fenômenos mentais na linguagem do plano físico, porque, tal como expusemos em capítulo anterior, o mundo mental tem cinco dimensões.

A aparência dos registros varia até certo ponto, de acordo com **as** condições sob as quais são vistos. No plano astral, o reflexo costuma ser um simples quadro, embora ocasionalmente as figuras vistas sejam dotadas de movimento. Nesse caso, em lugar de um simples instantâneo, ocorreu um reflexo mais longo e mais perfeito.

No plano mental, eles têm dois aspectos largamente diferentes. *Primeiro:* se o observador não está pensando especialmente neles, os registros simplesmente formam um ambiente para o que quer que esteja acontecendo. Sob tais condições, passam a ser meros reflexos da incessante atividade de uma grande Consciência, em plano muitíssimo mais elevado, e tomam aparência muito semelhante à de um filme cinematográfico. A ação das figuras refletidas é constante; é como se estivéssemos observando atores num palco distante.

Segundo: se o observador treinado voltar a sua atenção para uma cena em particular, então, sendo aquele o plano do pensamento não--embaraçado, a cena é instantaneamente colocada diante dele. Assim, se desejasse ver o desembarque de Júlio César na Bretanha, num momento se encontraria, não olhando para um quadro, mas realmente de pé na praia, entre os legionários, com toda a cena se desenrolando em torno dele, precisamente como a teria visto se ali estivesse estado quando o fato ocorreu, em 55 a.C. Os atores estão, como é natural, inteiramente inconscientes de si mesmos, pois não passam de reflexos; nem qualquer esforço do observador pode mudar o curso da ação. Ele, porém, poderá controlar o ritmo com que o drama se desenrola diante dele. Pode assim fazer com que os acontecimentos de um ano tenham lugar diante dele em uma hora. Pode, também, deter o movimento a qualquer instante, e manter uma cena particular diante de si pelo tempo que desejar.

Não só ele vê tudo quanto teria visto fisicamente, se estivesse presente quando os eventos ocorreram, mas ouve e compreende o que as pessoas dizem, e está consciente de seus pensamentos e motivos.

Há um caso especial, em que o espectador pode entrar em contacto ainda mais íntimo com os registros. Se ele está observando uma cena em que tomou parte pessoalmente em vida anterior, tem duas possibilidades diante de si: primeira, pode olhar da forma usual, apenas como espectador, embora (conforme ficou indicado acima) com uma percepção e simpatia perfeitas; segunda, pode, mais uma vez, identificar-se com a sua personalidade de há muito morta e sentir, outra vez, os pensamentos e as emoções daquele tempo. Recupera, de fato, da consciência universal, aquela porção a que ele próprio estivera associado.

O estudante compreenderá facilmente as maravilhosas possibilidades que se abrem diante do homem que está na posse integral do poder de ler à vontade os registros âkâsicos. Pode rever com calma a história, corrigindo os muitos erros e enganos que se insinuaram nos relatos feitos pelos historiadores. Pode, também, observar, por exemplo, as mudanças

geológicas que tiveram lugar, e os cataclismos que alteraram a face da Terra muitas vezes.

Quase sempre é possível determinar a data de qualquer registro que possa ser examinado, mas isso requer considerável trabalho e engenhosidade. Há muitas formas de fazer isso. Primeiro: o observador pode ver na mente de uma pessoa inteligente, que esteja presente na cena, e ver de que época ela imagina ser. Segundo: pode observar a data escrita numa carta ou documento. Assim que tenha certeza da data, digamos que de acordo com a cronologia grega ou romana, trata-se apenas de fazer o cálculo para reduzi-la ao sistema usado presentemente. Terceiro: pode voltar-se para algum registro contemporâneo, cuja data pode ser facilmente acertada através das fontes históricas habituais.

Quanto às épocas relativamente recentes, não há grande dificuldade para a certeza das datas. Tratando-se, porém, de tempos bem mais antigos, devemos empregar métodos especiais. Mesmo que a data possa ser lida na mente de alguém que faz parte do quadro, ainda pode ser difícil relacionar esse sistema de datas com as do observador. Em tais casos o observador pode, em quarto lugar, fazer com que os registros passem diante dele (o que ele pode fazer a qualquer velocidade, tal como um ano num segundo, ou mais depressa ainda, se quiser) e contar os anos a partir de uma data conhecida. Em tais casos será preciso, naturalmente, formar alguma idéia aproximada do período, pela aparência geral do ambiente, a fim de que não haja uma série demasiado longa de anos a contar. Quinto: quando se trata de milhares de anos, o processo acima seria demasiado tedioso para ser prático. O observador, como alternativa, pode notar o ponto do céu para o qual o eixo da Terra está apontando, e calcular a data pela data conhecida em relação àquela rotação secundária da Terra, denominada precessão dos equinócios. Sexto: em registros extremamente antigos de fatos que se passaram há milhões de anos, o período da precessão dos equinócios (aproximadamente 26.000 anos) pode ser usado como uma unidade. Nesses casos a exatidão absoluta não é exigida, já que a data em números redondos é suficiente para todos os propósitos práticos relacionados com épocas tão remotas.

A leitura exata dos registros é possível apenas depois de cuidadoso treinamento. Como vimos, a visão mental é necessária, antes que qualquer leitura digna de confiança possa ser feita. Realmente, para minimizar a possibilidade de erro, a visão mental deve estar completamente dominada pelo investigador quando acordado em seu corpo físico; para obter isso, anos de trabalho e de rígida disciplina são necessários.

Ademais, como os verdadeiros registros estão num plano presentemente muito além do nosso saber, o compreendê-los *perfeitamente* exige faculdades de uma ordem muito mais elevada do que qualquer uma das que a humanidade já conseguiu desenvolver. Assim, nossa visão presente de todo o assunto deve ser necessariamente imperfeita, porque o estamos vendo de um ponto abaixo e não acima.

Os registros âkâsicos não devem ser confundidos com simples formas-pensamento feitas pelos homens, que existem em grande abundância, tanto no plano astral como no mental.

Assim, por exemplo, tal como vimos no Capítulo VIII, qualquer grande acontecimento histórico, que tenha sido constantemente recordado e vividamente imaginado por vasto número de pessoas, existe como definida

forma-pensamento no plano mental. O mesmo acontece com os personagens do drama, da ficção, etc. Tais produtos do pensamento (note-se, que, com freqüência, trata-se de pensamentos ignorantes ou inexatos) são muito mais fáceis de ver do que os verdadeiros registros âkâsicos, porque, conforme dissemos, a leitura desses registros requer treinamento, enquanto que para ver as formas-pensamento de nada mais se precisa senão de um relance de olhos pelo plano mental. Daí o fato de muitas visões de santos, de videntes, etc. não serem os verdadeiros registros, mas simples formas-pensamento.

Um método de ler os registros é através da psicometria. Parece que há uma espécie de ligação magnética de afinidade entre qualquer partícula da matéria e o registro que contém a sua história. Cada partícula leva consigo, para sempre, a impressão de tudo quanto ocorreu em torno de si. Essa afinidade possibilita-a a agir como uma espécie de condutor entre o registro e as faculdades de quem quer que o possa ler.

O clarividente destreinado habitualmente não pode ler os registros sem tal ligação física para se pôr em relação com o assunto desejado. Esse método de exercício da clarividência é a psicometria.

Assim, se um fragmento de pedra pertencente, digamos, a Stonehenge é dado a um psicometrista, ele verá, e poderá descrever, as ruínas e a região que as circunda. Além disso poderá também ver alguns dos acontecimentos passados, com os quais Stonehenge estava associada, tal como cerimônias druídicas, por exemplo.

É bastante provável que a memória comum seja uma outra expressão do mesmo princípio. As cenas através das quais passamos, durante

o curso de nossas vidas, parecem agir sobre as células do cérebro de tal maneira que estabelecem uma conexão entre essas células e a porção dos registros com os quais estivemos associados, e, assim, "recordamos" o que vimos.

Mesmo um clarividente treinado precisa de uma ligação que lhe dê a possibilidade de encontrar o registro de um acontecimento do qual não tenha conhecimento prévio. Há várias formas através das quais isso pode ser feito. Primeiro, se ele visitou o local do evento, pode evocar a imagem daquele ponto, e então percorrer os registros até encontrar o período desejado. Segundo, se ele não viu o local do evento, pode retroceder no tempo até a data da ocorrência, procurar o que deseja, e então examinar os registros do período, quando não terá dificuldade para identificar qualquer pessoa importante relacionada com o caso; poderá, então, percorrer os registros dessa pessoa até chegar ao evento que está procurando.

Vemos, assim, que o poder de ler a memória da natureza existe nos homens em vários graus. Há os poucos clarividentes treinados que podem consultar por si mesmos os registros, quando desejem; há o psicometrista que precisa de um objeto relacionado com o passado, a fim de se pôr em contacto com esse passado; há a pessoa que consegue lampejos ocasionais, espasmódicos, do passado; há os que usam a bola de cristal como telescópio astral, que é menos seguro para contemplar alguma cena do passado.

Muitas das manifestações inferiores desse poder são exercidas inconscientemente. Assim, muitos dos que usam a bola de cristal vêem cenas do passado, sem poder distingui-las das cenas do presente. Outras pessoas vagamente psíquicas vêem constantemente quadros surgindo diante de seus olhos, sem mesmo compreender que estão, realmente, psicometrando os vários objetos que estão em torno delas.

Uma variante desse tipo de pessoas é o homem que pode psicometrar apenas pessoas, e não objetos inanimados, coisa que é mais comum. Na maioria dos casos essa faculdade aparece erraticamente. Tais psíquicos, ao encontrar um estranho, vêem, às vezes, num lampejo, algum acontecimento importante da vida desse estranho, e em outras ocasiões não recebem impressão especial nenhuma.

Mais raramente, encontram-se pessoas que conseguem visão pormenorizada da vida pregressa de todos aqueles com quem se encontram. Um dos melhores exemplos dessa classe é, provavelmente, o do alemão Zschokke, que descreve circunstancialmente em sua autobiografia essa sua notável faculdade.

Embora esteja fora do escopo deste livro tratar do plano búdico, ainda assim, em atenção à integridade, vamos nos referir, brevemente, aos registros que existem nesse plano.

Os registros considerados como Memória da Natureza, são, no plano búdico, muito mais do que memória, no sentido comum da palavra. Naquele plano, tempo e espaço já não são limitações. O observador não precisa passar por uma série de eventos, porque o passado e o presente, bem como o futuro, lhe são apresentados simultaneamente, porque ele está no que é chamado o "Eterno Agora" — por mais sem sentido que possam parecer essas palavras no plano físico.

Infinitamente abaixo da consciência do Logos, como está mesmo o plano búdico, é claríssimo que o "registro" não é simplesmente uma memória, porque tudo quanto aconteceu no passado, ou acontecerá no futuro, está *acontecendo agora* diante de Seus olhos, tal como estão os eventos daquilo que chamamos presente. Por incrível que pareça, nem por isso deixa de ser uma verdade.

Uma analogia simples, e puramente física, pode ajudar uma compreensão parcial, não realmente do futuro, mas do passado e do presente como sendo vistos simultaneamente.

Comecemos por aceitar apenas duas premissas: primeira, que a luz física pode viajar através do espaço indefinidamente, em sua velocidade usual, e sem perda; segunda, que o Logos, sendo onipresente, deve estar em todos os pontos do espaço, não sucesSivamente, mas simultaneamente.

Aceitando essas premissas, segue-se, necessariamente, que tudo que já aconteceu, desde o começo do mundo, deve estar ocorrendo, neste mesmo momento, diante dos olhos do Logos — não como simples memória do fato, mas como verdadeira ocorrência, que agora está sob Sua observação.

Ademais, por um simples movimento de consciência através do espaço, o Logos estaria não só *continuamente* consciente de cada evento que já aconteceu, como também estaria consciente de cada evento do momento, em

qualquer velocidade que deseje, quer seja *para frente* (tal como julgamos o tempo), quer *para trás.*

A explicação, contudo, conforme a expusemos, não parece lançar luz sobre o problema de ver o futuro, que deverá permanecer inexplicado, fora de considerações metafísicas, atendo-nos às declarações daqueles que puderam exercitar, até certo ponto, a faculdade de ver acontecimentos futuros.

O futuro não pode ser visto tão claramente como o passado, porque a faculdade de ver o futuro pertence a um plano mais elevado. Além disso, embora seja bastante possível no plano mental, ainda assim não é perfeita, porque quando a mão do homem evoluído toca a tela do destino, sua vontade poderosa introduz novos fios, e muda o padrão da vida que está para vir. O curso do homem comum, não-desenvolvido, que praticamente não tem vontade própria, por assim dizer, pode' muitas vezes ser previsto bastante claramente; mas quando o Ego corajosamente toma seu futuro em suas próprias mãos, a previsão exata torna-se impossível.

O homem que pode usar seu corpo âtmico, pode se pôr em contacto com a Memória Universal, para além dos limites até mesmo de sua própria Cadeia.

Em página anterior mencionamos uma das causas possíveis de plágio. Outro caso, que às vezes ocorre, é o de dois escritores verem o mesmo registro âkâsico ao mesmo tempo. Nesse caso, eles não só plagiam aparentemente um ao outro, mas também — embora cada qual se imagina o criador do enredo, da situação — estão, ambos, plagiando a verdadeira história do mundo.

CAPÍTULO XXIX

HABITANTES DO PLANO MENTAL

Para classificar os habitantes do plano mental, adotaremos a classificação escolhida para os habitantes do plano astral (ver O *Corpo Astral):* Humanos, Não-Humanos e Artificiais.

Desde que os produtos das más paixões do homem, que fazem volume tão grande no plano astral, não podem existir no plano mental, as subdivisões que teremos de considerar serão, naturalmente, muito menos numerosas do que no caso das entidades astrais.

A seguinte tabela indica as classes principais:

HABITANTES DO PLANO MENTAL INFERIOR

Humanos		*Não-Humanos*	*Artificiais*
Encarnados	*Desencarnados*		
Adeptos Iniciados Homens altamente evoluídos	Seres humanos no devacan	Rüpadevas Almas-grupo de animais Animais individualizados Segundo Reino Elemental	Elementais

Veremos que as entidades humanas estão divididas, por conveniência, em *encarnados,* isto é, as que ainda estão ligadas ao corpo físico, "vivas", como dizemos, e as que estão "mortas", as que não têm corpo físico.

HUMANOS ENCARNADOS — Seres humanos que, enquanto ainda ligados ao corpo físico, podem mover-se em plena consciência e atividade no plano mental; são, ou Adeptos, ou Seus pupilos iniciados, porque até que o Mestre não tenha ensinado ao estudante como usar seu corpo mental, ele não poderá mover-se com Uberdade nem mesmo em planos inferiores.

Adeptos e Iniciados aparecem como globos esplêndidos de cor viva, afastando todas as más influências por onde quer que passem, espalhando ao derredor de si uma sensação de tranqüilidade e felicidade, da qual, mesmo aqueles que não os vêem, muitas vezes, têm consciência. É no plano mental que muito do seu mais importante trabalho é feito, mais especialmente nos planos mais elevados, onde a individualidade ou Ego pode receber diretamente sua influência. É desse plano que eles difundem sua maior influência espiritual sobre o mundo do pensamento. Dali, também, animam grandes movimentos beneficentes de todos os tipos, e ainda é dali que muita da força espiritual fornecida pelo auto-sacrifício dos Nirmânakâyas (ver O *Corpo Astral)* é distribuída. Também ali ministra-se ensinamento direto àqueles pupilos que estão suficientemente adiantados para recebê-los dessa maneira, já que eles podem ser transmitidos ali muito mais completa e facilmente do que no plano astral. Além disso, eles

têm ali um grande campo de trabalho em conexão com aqueles que chamamos "mortos".

Adeptos ou Mestres, em sua maioria, residem no nível âtmico, o mais elevado do plano mental.

Na maioria dos casos, porém, os que chegam ao nível Asekha já não retêm seus corpos físicos, astral, mental ou causal, mas vivem permanentemente em sua esfera mais elevada. Quando precisam atuar em um plano inferior, atraem para si um veículo temporário da matéria pertencente àquele plano.

A fim de compreender melhor as condições do plano mental e de seus habitantes, é necessário mencionar também aqueles que não estão presentes no plano. As características do plano mental sendo o altruísmo e a espiritualidade, segue-se que o Mago negro e seus discípulos não têm lugar ali. A despeito do fato de em muitos deles o intelecto ser muito altamente desenvolvido e, conseqüentemente, a matéria do seu corpo meníal ser extremamente ativa e sensitiva ao longo de certas linhas, em cada caso essas linhas estão vinculadas a um desejo pessoal de algum tipo. Podem expressar-se, portanto, apenas na parte inferior do corpo mental, que está inextricavelmente emaranhada com a matéria astral. Como conseqüência inelutável dessa limitação, suas atividades estão confinadas, praticamente, aos planos físico e astral.

Um homem, cuja vida é má e egoísta, pode realmente ter períodos de pensamentos puramente abstratos, durante os quais pode utilizar seu corpo mental, contanto que tenha aprendido como usá-lo. Mas, no momento em que o elemento pessoal entra, e o esforço é feito para produzir algum mau resultado, o pensamento já não é abstrato, e o homem vê-se trabalhando em conexão com a matéria astral familiar, mais uma vez. Pode-se dizer, portanto, que um Mago negro poderia funcionar no plano mental apenas se esquecesse que era um Mago negro.

Mas, mesmo que esquecesse isso, poderia ser visível no plano mental só para os homens que ali funcionam conscientemente, e nunca, de forma alguma, para as pessoas no devacan, que estão inteiramente segregadas num mundo de seus próprios pensamentos, no qual nada de desagradável ou de caráter mau pode se introduzir, vindo de fora.

Para pessoas comuns durante o sono, ou para os psiquicamente desenvolvidos em transe, é possível penetrar no plano mental, mas muito raramente isso acontece. Pureza de vida e de propósito são pré--requisitos absolutos e, mesmo quando o plano é alcançado, nada haveria que pudesse ser chamado consciência, mas, simplesmente, uma capacidade de receber certas impressões. Um exemplo disso está no capítulo XVIII, *Vida Durante o Sono.*

HUMANOS DESENCARNADOS — Essa classe compreende todos os que estão no devacan, conforme já foi descrito em capítulos que trataram dessa condição.

NÃO HUMANOS — Foi mencionado em O *Corpo Astral,* que são ocasionalmente encontradas no plano astral certas entidades cósmicas, visitantes vindos de outros planetas e sistemas. Tais visitantes são muito mais freqüentes no plano mental. As dificuldades para descrever tais entidades em linguagem humana são quase insuperáveis, e a tarefa não será empreendida, portanto.

Trata-se de seres muito elevados, que se ocupam não de indivíduos, mas de grandes processos cósmicos. Os que estão em contacto com o nosso mundo são agentes imediatos para levar a efeito a lei do carma, especialmente em conexão com as modificações da terra e do mar consequentes a terremotos, macaréus e outras causas sísmicas.

Rüpadevas — Os seres conhecidos pelos hindus e budistas como Devas; pelos zoroastrianos como Senhores do celeste e do terrestre; pelos cristãos e muçulmanos como Anjos; e nos demais lugares, como Filhos de Deus, etc., formam um reino de espíritos pertencentes a uma evolução distinta da evolução da humanidade, na qual esses seres podem ser vistos como um reino logo acima da humanidade, mais ou menos como a humanidade está acima do reino animal. Aqui há, contudo, uma diferença importante, porque, enquanto um animal pode passar apenas para o reino humano, um ser humano, quando atinge o nível Asekha, tem várias escolhas, das quais a linha deva é uma.

Embora vinculados à Terra, os devas de forma alguma estão a ela confinados, porque a nossa Cadeia de Sete Mundos é como um só mundo para eles, pois sua evolução se faz através de um grande sistema de sete cadeias.

Essas hostes angélicas procedem principalmente de outras humanidades do sistema solar, algumas inferiores e outras superiores à nossa, já que uma pequena porção da nossa própria humanidade está avançada bastante para poder se reunir a eles. Parece certo que algumas de suas muito numerosas classes não passaram através de qualquer humanidade que seja comparável à nossa.

Não nos é possível, presentemente, entender muito sobre eles. mas está claro que o objetivo da sua evolução é consideravelmente superior ao nosso, o que quer dizer que enquanto o nível de Adepto Asekha é o que objetivamos ao fim da nossa Sétima Ronda, o nível atingido pela evolução deva no período correspondente será muito mais elevado. Para eles, como para nós, há um caminho mais árduo, porém mais curto, que leva a alturas ainda mais sublimes.

Há pelo menos tantos tipos de anjos ou devas quantas raças há de homens, e em cada tipo há muitos graus de poder, de intelecto, e de desenvolvimento geral, de forma que ao todo são centenas de variedades.

Os anjos foram divididos em nove Ordens, e a Igreja Cristã usa para eles os nomes de Anjos, Arcanjos, Tronos, Dominações, Principados, Virtudes, Potestades, Querubins, Serafins. Desses, sete pertencem aos grandes Raios de que se compõe o sistema solar, e dois podem ser chamados cósmicos, já que são comuns a alguns outros sistemas.

Em cada Ordem há muitos tipos: em cada uma delas há alguns que trabalham, alguns que assistem os que estão angustiados ou tristes, outros que agem entre a vasta hoste dos mortos, há os que guardam, os que meditam, e os que estão no estágio em que se encontram preocupados, principalmente, com sua própria evolução.

Há também anjos da música, que se expressam em música como nos expressamos em palavras. Para eles um arpejo é um cumprimento, uma fuga, uma conversação, um oratório, uma oração. Há anjos da cor, que se expressam em mutações caleidoscópicas de luminoso colorido. Também

existem anjos que se expressam através de perfumes e fragrâncias. Uma subdivisão desse tipo inclui os anjos do incenso, que são atraídos pelas suas vibrações e sentem prazer em utilizar as suas possibilidades.

Há ainda outro tipo, pertencente ao reino dos espíritos-da-natureza, ou elfos, que não se expressam por meio de perfumes, mas que vivem por essas e nessas emanações, e assim são sempre encontrados onde a fragrância é disseminada. Há muitas variedades, algumas alimentando-se de odores grosseiros e repugnantes, e outras que só se alimentam de aromas delicados e refinados. Entre esses há alguns tipos que são especialmente atraídos pelo cheiro do incenso, e que são encontrados, portanto, em igrejas onde o incenso é usado.

Os que aprenderam a responder ao chamado do Prefácio da Eucaristia Cristã, e que estão encarregados da distribuição da força, são chamados anjos apostólicos ou mensageiros. Alguns deles estão inteiramente familiarizados com essa classe de trabalho, pois têm uma longa prática; outros são novatos, aprendendo animadamente o que deve ser feito, e como fazer o que deve ser feito.

Como a evolução angélica se efetua principalmente por meio de serviços, uma cerimônia como a da Eucaristia lhes oferece notável oportunidade, que eles prontamente aproveitam. Na Missa Rezada, o Anjo Dirigente primeiro responde ao chamado do sacerdote, e se encarrega de reunir os demais. Na Missa Solene, ou *Missa Cantada,* a melodia antiga atrai a atenção de todos, logo que se inicia, e eles ficam prontos para atender.

O serviço prestado pelos anjos é de muitos tipos; apenas uns poucos deles se põem em contacto com os seres humanos, principalmente em conexão com cerimônias religiosas.

Os anjos invocados nos serviços cristãos estão muito acima dos homens em desenvolvimento espiritual. Na Maçonaria também se invoca o auxílio angélico, mas os chamados estão mais próximos do nível dos homens, em desenvolvimento e inteligência; cada um deles leva consigo certo número de subordinados, que dão cumprimento às suas ordens.

Cada Loja Maçônica regularmente constituída está a cargo do Anjo do Sétimo Raio, que dirige suas atividades.

Nenhum dos devas tem corpo físico como nós temos. A espécie menos evoluída é a dos Kâmadevas, que têm o corpo astral como seu corpo mais ínfimo. A seguir vem a classe dos Rüpadevas, cujos corpos são de matéria mental inferior e cuja moradia é nos quatro subplanos inferiores, ou níveis Rüpa, do plano mental; a terceira classe é a dos Arúpadevas, que vivem em corpos de matéria mental superior ou causal. Acima dessas há outras quatro grandes classes, habitando, respectivamente, os quatro planos mais elevados do nosso sistema solar. Acima, e para além do reino deva, ficam as grandes hostes dos espíritos planetários. Neste livro nos ocupamos, naturalmente e de modo especial, dos Rüpadevas.

O relacionamento dos devas com os espíritos-da-natureza se parece, em nível mais alto, com o que há entre os homens e os animais. Tal como um animal pode atingir a individualização apenas através da convivência com o homem, parece que os espíritos-da-natureza só podem adquirir uma individualidade reencarnante permanente através de convivência similar com os devas.

Os devas jamais serão humanos; muitos deles estão já para além desse estágio, mas há alguns que foram seres humanos no passado.

Os corpos dos devas são mais fluídicos do que os dos homens, e são capazes de maior expansão e contração. Têm também certa qualidade ígnea que os distingue claramente dos seres humanos. As flutuações na aura de um deva são tão grandes que, por exemplo, a aura de um deles, que era normalmente de cerca de 150 jardas, foi vista alargando-se para cerca de duas milhas de diâmetro.

As cores da aura de um deva são mais da natureza de uma chama do que de uma nuvem. A aura do homem parece uma nuvem luminosa de gás inexcedivelmente brilhante, embora delicada, mas a do deva parece massa de fogo.

Habitualmente eles aparecem como seres humanos de tamanho gigantesco. Possuem vasto conhecimento, grande poder, e a mais esplêndida aparência. São descritos como criaturas faiscantes, radiosas, multicoloridas, como arcos-íris de cores sobrenaturais em mutação, de imponente atitude imperial, calma energia encarnada, personificação de irresistível força. No *Apocalipse* (x. I) um deles é descrito como tendo "um arco-íris sobre a cabeça, seu rosto como se fosse o Sol, e seus pés como colunas de fogo". "Como o rumor de muitas águas" era a sua voz. Eles guiam a ordem natural; suas coortes desenvolvem, incessantemente, os processos da natureza com regularidade e exatidão.

Os devas produzem formas-pensamento como nós, mas as deles não costumam ser tão concretas como as nossas, até que alcancem um nível superior. Têm uma ampla natureza generalizadora, re estão constantemente fazendo esplêndidos planos. Têm uma linguagem colorida, provavelmente não tão definida como a nossa, embora, sob certos aspectos, possa mostrar-se mais expresSiva.

As Iniciações que recebemos não são recebidas pelos devas. Seu reino e o nosso coincidem em um ponto superior ao de Adepto.

Há meios através dos quais o homem pode entrar para a evolução deva, mesmo em nosso estágio, ou mais baixo.

A aceitação dessa linha de evolução é às vezes comparada à sublime renúncia dos Nirmânakâyas, como "cedendo à tentação de se fazer um deus". Mas não se deve concluir dessa expressão que qualquer sombra de censura se ligue ao homem que faz essa escolha. O caminho que ele escolhe não é o mais curto, mas é muito nobre, e se a sua intuição desenvolvida o impele para tal caminho, com certeza é o que melhor convém às suas capacidades.

Na Maçonaria o deva-chefe, associado com o P.D., é um Rüpa-deva, e emprega espíritos-da-renúncia e essência elemental de seu próprio nível. Os devas-chefes correspondentes aos três Oficiais Principais, são Arüpadevas, que possuem a consciência e controlam as forças dos planos que respectivamente representam. O deva do S.V. toma conta do 1.°, o deva do P. V. toma conta do *2°, e o* deva do V. M. toma conta do 3.°.

Nada se sabe sobre qualquer regra ou limite para o trabalho dos devas. Eles têm mais linhas de atividade do que podemos imaginar. Habitualmente estão muito dispostos a expor e exemplificar assuntos, ao longo de sua

própria linha, a qualquer ser humano que esteja suficientemente evoluído para apreciá-los. Muita instrução é dada dessa maneira, mas ainda são poucos os que podem tirar proveito dela.

Embora os devas sejam inexcedivelmente belos, as suas Ordens inferiores têm a mais vaga e enevoada concepção das coisas, e são inexatas no que se refere a fatos. Por isso, conquanto um deva amigo possa ser uma pessoa imensamente interessante, como não tem relação com os fatos entre os quais a humanidade está evoluindo, deve-se ter o maior cuidado na aceitação de conselhos que ele possa dar a respeito de ações físicas.

Em geral, as Ordens superiores dos devas cooperam francamente com o grande Plano do universo; daí a perfeita "ordem" que encontramos na natureza. Nas Ordens inferiores, essa obediência perfeita e instintiva e automática, mais do que consciente. Fazem seu trabalho sentindo-se impelidos na direção da Vontade Única, que governa tudo!

No caso de devas nacionais, enquanto o que está à frente de cada nação é um ser de elevada inteligência, que sempre coopera com o Plano, os devas nacionais inferiores são vistos lutando, por exemplo, pela sua própria nação, num campo de batalha. Conforme sua inteligência se desenvolve, cooperam cada vez mais com o Plano.

O Espírito da Terra, esse obscuro ser que tem a terra como seu corpo, não pertence à Ordem mais elevada dos devas. Pouco se sabe dele, e pode-se dizer que pertence mais aos Rüpa-Devas, porque tem a terra como seu corpo.

Os devas, que passaram além do nível de Adepto Aseka, isto é, o da Quinta Iniciação, vivem normalmente no que é chamado, em sânscrito, o Jnânadeha, ou o corpo do conhecimento. A parte inferior desse corpo é um átomo do plano nirvânico, que lhes serve como o nosso corpo físico nos serve.

Para uma descrição dos quatro Devarâjas, ou Regentes da Terra, remetemos o estudante ao Capítulo XX de *O Corpo Astral.*

Na Maçonaria, as quatro borlas que aparecem nos cantos da "Borda Dentada", simbolizam os Devarâjas, os Regentes dos elementos (terra, água, ar, e fogo) e Agentes da Lei do Carma.

Almas-Grupo Animais. As almas-grupo, às quais a maioria dos animais está ligada, se encontram no plano mental inferior. Iríamos alongar-nos em demasia se fôssemos descrever a natureza dessas almas-grupo; portanto, vamos nos manter dentro de simples menções a respeito delas.

Animais Individualizados. Estes — e seu estado de consciência no plano mental — já foram descritos neste livro (p. 178).

Segundo Reino Elemental. Já descrevemos, no Capítulo II, a gênese da Essência Mental Elemental, e também já tratamos dessa Essência em sua função como parte do corpo mental do homem, e na maneira pela qual é usada nas formas-pensamento. Pouco mais necessita ser dito aqui.

Há três Reinos Elementais: O primeiro anima a matéria do plano mental superior ou subplanos do causal; o segundo, a matéria dos quatro níveis inferiores do plano mental; o terceiro, a matéria astral. No segundo reino, a mais alta subdivisão existe no quarto subplano, e há duas

classes em cada um dos três subplanos inferiores, formando, assim, as sete subdivisões naqueles quatro subplanos.

Já vimos que a essência mental está no arco *descendente* da evolução; portanto, é *menos* evoluída do que a essência astral, ou, naturalmente, do que qualquer dos últimos reinos, como o mineral, por exemplo. E também enfatizamos a importância desse fato, que o estudante deve ter constantemente presente.

A essência mental responde à ação do pensamento mais rapidamente do que a essência astral. Como os investigadores puderam constatar, a essência mental responde com maravilhosa delicadeza à mais leve ação da mente. Tal maneira de responder é sua própria vida, cujo progresso é auxiliado pelas entidades pensantes.

Se ela pudesse ser imaginada como inteiramente livre, por um momento, da ação do pensamento, tomaria a aparência de um conglomerado de átomos infinitesimais, dançarinos, estimulados por uma intensidade maravilhosa de vida, mas provavelmente fazendo pequenos progressos sobre o caminho descendente da evolução para a matéria. Quando o pensamento se apodera dela, entretanto, e a impulsiona para a atividade, enviando-a aos níveis Rüpa sob todo o tipo de adoráveis formas (e para os níveis Arüpa como correntes cintilantes), ela recebe um claro impulso adicional que, repetido com freqüência, ajuda-a a fazer seu caminho.

Isso acontece porque, quando um pensamento é dirigido de níveis mais altos para os negócios terrenos, ele se precipita para baixo e toma para si a matéria dos planos inferiores. Fazendo isso, traz a essência elemental — da qual o seu primeiro véu foi formado — para o contacto com a matéria inferior. Assim, aos poucos, a essência se habitua a responder a vibrações inferiores e progride em sua evolução descendente para a matéria.

A essência também é muito claramente afetada pela música produzida pelos grandes musicistas que estão no devacan.

Seria necessário levar-se muito em conta que há uma vasta diferença entre a grandeza e o poder do pensamento em seu próprio plano e o esforço relativamente débil que conhecemos como pensamento no plano físico.

Habitualmente os pensamentos são originados no corpo mental e, ao descer, revestem-se da essência astral. O homem, que pode usar seu corpo causal, gera seus pensamentos nesse nível. Esses pensamentos se envolvem em essência mental mais baixa e são, conseqüentemente, muito mais sutis, mais penetrantes e, sob todos os aspectos, mais eficazes.

Se o pensamento for dirigido excluSivamente para objetos superiores, suas vibrações podem ser demasiado sutis para encontrar expressão no plano astral; mas, quando afetam essa matéria inferior, têm um efeito maior do que os que são gerados um tanto mais próximos do nível dessa matéria inferior.

Ampliando um pouco mais a idéia, podemos dizer que o pensamento de um Iniciado principia no plano búdico, e se envolve em matéria causal; o pensamento de um Mestre nasce no plano âtmico e possui os incalculáveis poderes de regiões de matéria que estão além da nossa compreensão.

ENTIDADES ARTIFICIAIS: *Elementais.* Elementais mentais, ou formas-pensamento, foram amplamente descritos e pouco resta a dizer sobre eles. O plano mental está ainda mais repleto de elementos artificiais do que o plano astral, e desempenham papel importante entre as criaturas vivas que funcionam no plano mental. São, naturalmente, mais radiantes e de colorido mais brilhante do que os dementais astrais. São, também, mais fortes, mais duradouros, e mais integralmente vitalizados.

Quando recordamos, também, quanto é maior e mais poderoso o pensamento no plano mental, e como suas forças estão sendo manejadas não só por entidades humanas, mas pelos devas e por visitantes dos planos superiores ao mental, poderemos compreender que é impossível exagerar a importância e a influência de tais entidades artificiais.

Grande uso é feito desses elementais mentais pelos Mestres e Iniciados, sendo que os elementais por eles criados são, naturalmente, de existência muito mais longa e proporcionalmente maior poder do que qualquer daqueles que foram descritos quando tratamos do plano astral, em O *Corpo Astral.*

CAPÍTULO XXX

A MORTE DO CORPO MENTAL

A vida no devacan, no mundo celestial, sendo, como vimos, finita, deve chegar a um fim. Isso acontece quando o Ego assimilou toda a essência das experiências que reuniu na vida astral e na vida física precedentes.

Todas as faculdades mentais que foram expressas através do corpo mental, são recolhidas ao corpo mental superior ou corpo causal. Com elas, a *unidade mental,* que realiza uma função similar à que é realizada pelos átomos físico e astral permanentes, também se recolhe ao corpo causal, e ali permanece em estado latente até ser chamada para uma atividade renovada, quando chegar a ocasião do renascimento.

A unidade mental, bem como os átomos permanentes astral e físico, são envolvidos pela tela búdica, e são armazenados como uma radiante partícula semelhante a um núcleo, no corpo causal, e são tudo quanto resta ao Ego de seus corpos nos mundos inferiores.

O próprio corpo mental, última das vestiduras *temporárias* do homem verdadeiro, o Ego, é deixado como um cadáver mental, assim como foram deixados os corpos físico e astral. Sua matéria se desintegra, e retorna à matéria geral do plano mental.

Neste volume não estamos estritamente ocupados com a vida do homem no plano mental superior, ou plano causal, mas, a fim de não deixar a história do homem entre uma encarnação e a próxima demasiadamente incompleta, podemos mencionar, muito brevemente, a porção dessa vida passada no plano mental superior.

Cada ser humano, quando completa a sua vida nos planos astral e mental inferior, obtém, pelo menos, um vislumbre de consciência do Ego, no corpo causal.

Os mais desenvolvidos têm, naturalmente, um período definitivamente consciente, vivendo como Ego em seu próprio plano.

No vislumbre momentâneo da consciência do Ego, o homem vê sua última vida como um todo, e recolhe dela a impressão de sucesso ou fracasso no trabalho que lhe cumpria realizar.

Com isso, recebe também uma previsão da vida que o espera, com o conhecimento da lição geral que ela lhe ensinará, ou com o progresso específico que pretende fazer nela.

O Ego só muito lentamente desperta para o valor desses vislumbres, mas, quando chega a compreendê-los, começa, naturalmente, a fazer uso deles. Chega, finalmente, ao estágio em que aquele vislumbre já não é momentâneo, quando pode considerar a questão muito melhor e devotar algum tempo aos planos para a vida que tem pela frente.

Melhor descrição da vida do Ego em seu próprio plano deve ser deixada para o quarto volume desta série, que tratará de *O Corpo Causal.*

CAPÍTULO XXXI

A PERSONALIDADE E O EGO

Vamos agora considerar o relacionamento entre a Personalidade e o Ego. Como, entretanto, ainda não estudamos o Ego (tendo sido isso reservado, como é natural, para o próximo volume, O *Corpo Causal),* não nos será possível investigar o relacionamento entre a Personalidade e o Ego muito amplamente. Ademais, devemos, neste volume, examinar a questão principalmente do ponto de vista da Personalidade, mais que do Ego. Em O *Corpo Causal* devemos retomar o assunto, que é de grande importância, mas faremos isso, então, mais do ponto de vista do Ego.

A *personalidade* consiste em veículos transitórios que o homem verdadeiro, o Pensador, usa para se expressar nos mundos físico, astral, e,mental inferior, isto é, os corpos físico, astral, e mental inferior, e de todas as atividades relacionadas com esses veículos.

A *individualidade* consiste no próprio Pensador, o Eu no corpo causal. Assim como uma árvore produz folhas para durar através da primavera, do verão, e do outono, a individualidade produz personalidades para durar através dos períodos de vida passados nos planos físico, astral, e mental inferior. Assim como as folhas recebem, assimilam e passam a nutrição para a seiva, que é finalmente recolhida ao tronco, enquanto as folhas tombam e morrem, a personalidade recolhe experiências e passa-as à individualidade que a originou. Quando a tarefa está completa, ela tomba e morre.

O Ego encarna numa personalidade com o fim de adquirir consistência. Em seu próprio plano, ele é magnificente, porém vago em sua magnificência, exceto no caso do homem muito avançado no caminho da evolução.

Os "princípios" do homem são às vezes classificados como se segue:

1 — A Tríade Imortal, ou Individualidade:

Âtmâ
Buddhi
Manas

2 — O Quaternário Perecível ou Personalidade:

Kâma
Prâna
Duplo Etérico
Corpo Denso

Uma classificação ligeiramente diferente é a seguinte:

IMORTAL	Âtmâ Buddhi Manas Superior
CONDICIONALMENTE IMORTAL:	Kâma-Manas
MORTAL	Prâna Duplo Etérico Corpo Denso

Uma classificação usada por H. P. Blavatsky, apresentando quatro divisões da mente, é a seguinte:

1. *Manas-taijasi,* o Manas resplandecente ou iluminado, que é, realmente, buddhi, ou, pelo menos, aquele estado do homem em que seu Manas submergiu em buddhi, não tendo vontade própria separada.

2. *Manas* propriamente, ou seja, o Manas superior, a mente pensante abstraia.

3. *Antahkarana:* o elo ou ponte entre o Manas superior e Kâma-Manas durante a encarnação.

4. *Kâma-Manas,* que, nesta teoria, é a personalidade.

Às vezes ela chama Manas ao Deva-Ego, ou o Divino, como distinguível do eu pessoal. Manas superior é divino porque tem pensamento positivo, que é kriyâshakti, o poder de fazer coisas; todo o trabalho é feito, na realidade, através do poder do pensamento. A palavra "divino" vem de *div,* brilhar, e refere-se à qualidade divina de sua própria vida, que brilha através de Manas. A mente inferior é simplesmente um refletor, não possuindo luz própria; é algo através do qual a luz vem, ou através do qual o som surge; é uma simples *persona,* máscara.

Entre os vedantinos, ou na escola de Shri Shankarâchârya, a palavra *antahkarana é* usada para indicar a mente em seu mais amplo sentido, significando o órgão interno inteiro, ou instrumento, entre o Ser mais íntimo e o mundo exterior, e é sempre descrito como tendo quatro partes:

1. Ahamkâra — O "Eu-Fazedor".

2. Buddhi — Percepção, Intuição, ou Razão pura.

3. Manas — Pensamento.

4. Chitta — Discriminação de objetos.

O que o homem ocidental costuma chamar mente, com seus poderes de pensamento concreto e abstrato, está representado nas duas últimas da classificação acima, isto é, Manas e Chitta.

O teósofo reconhece na divisão vedantina o seu próprio e familiar Âtmâ, Buddhi, Manas, e a mente inferior.

No simbolismo da Maçonaria, a mente inferior e o corpo mental são representados pelo P. D.

A tabela seguinte (p. 229) estabelece os princípios do homem, no sistema da Maçonaria.

Assim, a Tríada Superior, ou Trindade Espiritual, tanto em Deus como no homem, está representada na Maçonaria pelos três Dignitários Principais, enquanto o eu inferior, personalidade, ou quaternário, está representado pelos três Oficiais Secundários e pelo Cobridor.

Princípios do homem		*Dignitários*	*Cor dos espíritos-da—natureza associados e da essência elemental*
Sânscrito	*Português*		
Atmâ	Vontade	V. M.	Rosa, ouro, azul e verde
Buddhi	Intuição	P. V.	Predomina azul elétrico
Manas Superior	Mente Superior	S. V.	Predomina ouro
Manas Inferior	Mente Inferior	P. D.	Amarelo
Kâma	Desejo e Emoção	S. D.	Carmesim
Linga Sharira	Vitalidade (Duplo Etérico)	G.T.I.	Cinza-violeta
Sthtila Sharira	Corpo Físico Denso	G. T. E.	

No Cristianismo encontramos o seguinte simbolismo:

Elementos e Recipientes	*Princípios no Homem*
Hóstia	Mônada
Patena	Âtmâ-Buddhi-Manas
Vinho	Ego, ou individualidade
Cálice	Corpo Causal
Água	Personalidade

Também se comparou a tomada de uma personalidade pelo Ego com a projeção de uma faísca vinda da Chama da Mente. A chama acende a matéria sobre a qual caiu, e daí nova chama se erguerá, idêntica, em sua essência, àquela que a gerou, mas separada em propósitos e manifestações. Por isso se diz que podemos acender mil velas com uma só chama; a chama nunca diminui, embora mil chamas sejam visíveis onde apenas uma era visível antes.

O Pensador, a individualidade, é a que persiste, e o homem para o qual "a hora nunca soa", a juventude eterna que, como está no *Bhagavad Gitâ,* se reveste de corpos e os rejeita, como o homem que usa vestes novas e descarta as antigas. Cada personalidade é um novo papel para o Ator imortal, que pisa o palco da vida muitas e muitas vezes. No drama da vida, porém, cada personagem que ele assume é filho dos precedentes e pai dos que virão, de forma que a história da vida é contínua.

Os elementos dos quais a personalidade é composta, se reúnem pelos elos da memória, resultantes das impressões gravadas nos três veículos inferiores, e também pela auto-identificação do Pensador com seus veículos, que estabelece a consciência do "Eu" pessoal, conhecida como Ahamkâra; palavra essa derivada de *Aham,* que significa "Eu" e *kara,* que significa "fazer": assim, Ahamkkara significa "Eu-Fazedor".

Nos estágios inferiores da evolução, essa consciência do "Eu" está nos veículos físico e astral, e a maior atividade é a desses corpos. Mais tarde, ela passa para o corpo mental inferior que, então, assume a predominância.

A personalidade, com seus sentimentos, desejos, paixões, pensamentos, forma assim, uma entidade quase independente, porém todo o tempo haure suas energias do Pensador que ela envolve.

Ademais, como suas qualificações, que pertencem aos mundos inferiores, são muitas vezes diretamente antagônicas quanto aos interesses permanentes da individualidade, o "Morador do corpo", estabelece-se o conflito; a vitória inclina-se às vezes para o prazer temporário, às vezes para o ganho permanente.

Tratando da personalidade, o obstáculo a superar é *asmitâ,* a noção de que "eu sou isto", ou o que um Mestre chamou, certa vez, "autopersonalidade". A personalidade, como vimos, desenvolve-se através da vida como coisa bastante definida, com decidida forma física, astral, mental, e ocupação e hábitos. E não há objeção a isso, se for um bom exemplar. Se a vida, que nela é imanente, chegar, porém, a convencer-se de que é aquela personalidade, começará a servir aos seus interesses, ao invés de usá-la simplesmente como um instrumento para os seus propósitos espirituais. Em conseqüência desse erro é que encontramos pessoas em busca desregrada de riqueza, poder, fama, etc. "Autopersonalidade" é o maior obstáculo para o

uso da personalidade pelo Eu superior, e, conseqüentemente, para o progresso espiritual.

A vida de uma personalidade começa quando o Pensador forma um novo corpo mental, e dura até que esse corpo mental se desintegre ao término do período passado no devacan.

O objetivo do Ego é desenvolver seus poderes latentes, e faz isso assumindo sucessivas personalidades. Homens que não compreendem isso — e são, no presente, a grande maioria da humanidade — vêem a personalidade como o Eu real e, conseqüentemente, vivem apenas para ela, regulando suas vidas pelo que parece ser sua vantagem temporária.

Contudo, o homem que compreende, percebe que *a única coisa importante é a vida do Ego,* e que o progresso dele é o objetivo que leva a usar aquela personalidade temporária. Assim, quando tem que decidir entre dois tipos de ação, não considera, como faz a maioria dos homens, qual a que lhe dará maior prazer ou proveito como personalidade, mas a que levará maior progresso a ele, como Ego. A experiência depressa ensina que nada que não seja bom para todos é realmente bom para ele, ou para outros. Assim, aprende a esquecer-se de si próprio inteiramente, para considerar o que é melhor para toda a humanidade.

A intensificação da personalidade, às expensas do Ego, é um erro contra o qual o estudante deve estar sempre em guarda. Consideremos, por exemplo, o resultado provável do mais comum dos defeitos — o egoísmo. Isso é, antes de tudo, uma atitude *mental,* ou condição, de forma que o seu resultado deve ser visto no campo mental. Tratando-se de uma intensificação da personalidade, às expensas da individualidade, um dos resultados será, indubitavelmente, a acentuação da personalidade inferior, de forma que o egoísmo tende a reproduzir-se de forma agravada, e a se tornar cada vez mais forte. Isso, naturalmente, é parte dos trabalhos gerais da lei do carma, e enfatiza como é obstáculo fatal para o progresso a persistência no defeito do egoísmo, porque a penalidade mais severa da natureza é sempre a privação da oportunidade de progresso, tal como sua mais alta recompensa é o oferecimento dessa oportunidade.

Quando um homem se ergue a um nível de certa forma superior ao do homem comum, e sua atividade principal se torna mental, há o perigo de que ele se identifique com a mente. Deve, portanto, esforçar-se por se identificar com o Ego, e fazer dele o mais forte ponto de sua consciência, submergindo, assim, a personalidade na individualidade.

O estudante deveria empenhar-se para compreender que a mente não é o Conhecedor, mas o instrumento que o Conhecedor usa para obter conhecimento. Identificar a mente com o Conhecedor é como identificar o cinzel com o escultor que o maneja. A mente limita o Conhecedor que, à medida que a autoconsciência se desenvolve, encontra-se embaraçado por ela em todos os lados. Como um homem que calçasse luvas espessas verificaria que perdera grande parte da delicadeza do toque, assim o Conhecedor se sente quando se deixa envolver pela mente. A mão está dentro da luva, mas sua capacidade diminuiu sensivelmente. Da mesma forma o Conhecedor está presente na mente, mas seus poderes têm sua expressão limitada.

Como vimos num dos capítulos anteriores, o corpo mental possui a característica de realmente modelar uma porção de si mesmo à semelhança

do objeto que lhe apresentam. Quando ele assim se modifica, o homem diz que *conhece* o objeto. O que ele conhece, entretanto, não é o próprio objeto, mas a imagem produzida pelo objeto em seu corpo mental. Essa imagem, ademais, por motivos que já discutimos, não é uma reprodução perfeita do objeto, mas algo que tende a ser colorido e distorcido com as características da mente particular na qual ele se formou.

Essas considerações nos fazem lembrar que, em nossas mentes, ou corpos mentais, não conhecemos "as coisas em si mesmas", porém apenas as imagens delas que são produzidas na nossa consciência. Meditar sobre essas idéias ajudará o estudante a compreender, cada vez melhor, que ele próprio, a verdadeira individualidade, não é a personalidade que, como Ego, assumiu para aquela vida terrena.

A existência de uma má qualidade na personalidade implica falta de boa qualidade correspondente, no Ego ou individualidade. Um Ego pode ser imperfeito, mas não pode ser mau. Nem, em nenhuma circunstância extraordinária, pode o mal de qualquer espécie manifestar-se através do corpo causal.

O motivo mecânico para que isso se dê já foi anteriormente explicado. Más qualidades podem ser expressas apenas pelas quatro subdivisões inferiores da matéria astral. Elas refletem sua influência no plano mental apenas em suas quatro subdivisões inferiores; por isso, não podem, de forma alguma, afetar o corpo causal. As únicas emoções que podem aparecer nos três subplanos astrais superiores são as boas, tal como o amor, a simpatia e a devoção. Essas afetam o Ego no corpo causal, já que ele reside nos subplanos correspondentes do mundo mental.

O resultado mais patente, produzido no corpo causal por vidas longamente continuadas em baixo tipo, é uma espécie de incapacidade para receber as boas impressões opostas, durante um considerável período de tempo. Vem a ser uma espécie de entorpecimento ou paralisia da matéria causal, uma insconsciência que resiste a impressões do bem.

As qualidades que o Ego desenvolve não podem ser senão boas. Quando estão bem definidas, revelam-se em cada uma das suas numerosas personalidades, conseqüentemente, tais personalidades jamais podem ser culpadas de vícios opostos àquelas qualidades.

Quando há, porém, uma falha no Ego, nada que seja inerente à personalidade pode deter o crescimento do vício oposto, e desde que outros, no mundo que o rodeia, possuam tal vício, e desde que o homem é um animal imitativo, é bastante provável que o vício nele se manifeste rapidamente. O vício, contudo, como vimos, pertence aos veículos da personalidade, não ao homem que está dentro deles. Nesses veículos, sua repetição pode estabelecer um impulso difícil de dominar, mas se o Ego se apressar para criar a virtude oposta, então o vício é extirpado pelas raízes, e já não pode existir, nem nesta vida, nem em todas as vidas que virão. Em outras palavras, o princípio a ser aplicado na vida prática, para nos livrarmos de uma qualidade má, de forma que ela jamais possa reaparecer, é preencher a falha do Ego com o desenvolvimento da virtude oposta. Muitas escolas de psicologia e educação advogam agora esse método, ao invés do ataque à má qualidade de uma forma mais direta. "Fortaleçamo-nos com constantes afirmações" — disse Emerson, com grande percepção.

A personalidade é um simples fragmento do Ego, que projeta apenas uma porção mínima de si mesmo nos corpos físico, astral e mental. Esse minúsculo fragmento de consciência pode ser visto pelos clarividentes, movendo-se dentro do homem. Às vezes é visto como "o homem dourado do tamanho do polegar", que reside no coração. Outros o vêem como uma estrela luminosa.

O homem pode manter essa Estrela de Consciência onde desejar, isto é, em qualquer dos sete chakras do corpo. Qual desses chakras seria o mais natural depende muito do tipo, ou "Raio" do homem, e também, ao que parece, de sua raça e sub-raça. Assim, homens da quinta sub-raça da Quinta Raça-Raiz quase sempre mantêm essa consciência no cérebro, no chacra dependente do corpo pituitário. Há, contudo, homens de outras raças, que a mantêm, habitualmente, no coração, na garganta, ou no plexo solar.

A Estrela da Consciência é representativa do Ego nos planos inferiores. É o que, na verdade, conhecemos como personalidade. Embora, como vimos, essa personalidade seja parte do Ego, sua única vida e poder sendo do Ego, nem por isso ela deixa de esquecer com freqüência esses fatos e vem a considerar-se como entidade inteiramente separada, trabalhando para seus próprios fins. No caso de pessoas comuns, que jamais estudaram esses assuntos, a personalidade é o homem, para todos os propósitos e intenções, e o Ego se manifesta muito raramente, e muito parcialmente.

Há sempre uma linha de comunicação entre a personalidade e o Ego, e essa linha é chamada *antahkarana.* A maioria das pessoas não faz esforço algum para usar essa linha. Nos seus estágios iniciais a evolução consiste na abertura dessa linha de comunicação, de forma que o Ego possa afirmar-se cada vez mais através dela, e, finalmente, dominar a personalidade. Quando isso é obtido, a personalidade não tem pensamento separado, nem vontade separada, mas se torna (tal como deve ser) simples expressão do Ego nos planos inferiores.

O domínio do Ego sobre seus veículos inferiores é apenas parcial, e o antahkarana pode ser considerado como o braço estendido entre a pequena parte do Ego que está desperta e a mão voltada para baixo. Quando os dois estão perfeitamente reunidos, esse braço deixa de existir.

Em sânscrito, antahkarana significa o órgão interno, ou instrumento, e sua destruição significaria que o Ego não mais precisa de um instrumento, e vai dirigir diretamente a personalidade.

Assim, o antahkarana, sendo o elo entre o ser superior e o inferior, desaparece quando uma só vontade rege os dois.

Deve-se compreender, contudo, que o Ego, pertencendo, como pertence, a um plano de todo mais elevado, jamais pode expressar-se *inteiramente* nos planos inferiores. O máximo que se pode esperar é que a personalidade nada contenha que não esteja de acordo com o Ego, e que dele possa expressar tanto quanto pode ser expresso no mundo inferior.

O homem de todo não-evoluído, não tem, praticamente, comunicação com o Ego. O Iniciado tem comunicação integral. Entre esses dois extremos há, como é natural, homens em todos os estágios.

Devemos manter em mente, também, que o próprio Ego está em processo de evolução, e que temos de tratar com Egos em estágios muito diferentes de adiantamento. Seja como for, um Ego é, sob muitos aspectos, algo enormemente maior do que jamais a personalidade poderá ser.

Embora o próprio Ego não passe de um fragmento da Mônada, ainda assim é completo como Ego em seu corpo causal, mesmo quando seus poderes não estejam desenvolvidos; a personalidade entretanto é apenas um toque da vida do Ego.

É, obviamente, de grande importância que o estudante dedicado use de todo o seu poder para fazer e manter conexão ativa entre sua personalidade e seu Ego. À fim de obter isso deve dar atenção à vida, porque o dar atenção representa a descida do Ego, a fim de ver através de seus veículos. Muitos homens têm bons corpos mentais e bons cérebros, mas pouco uso fazem deles, porque não prestam atenção à vida. Assim, o Ego só pode trazer um pouco de si mesmo aos planos inferiores, e seus veículos podem desmandar-se de acordo com seus caprichos.

O remédio para isso, em exposição muito breve, é o seguinte: Ao Ego devem ser dadas as condições que deseja. Se isso for feito, ele depressa descerá mais plenamente e se aproveitará das condições oferecidas. Assim, se deseja desenvolver afetividade, a personalidade deve fornecer a oportunidade para o desenvolvimento da afetividade em sua mais ampla extensão, nos planos inferiores. Se deseja sabedoria, então a personalidade deve, pelo estudo, esforçar-se por se fazer sábia no plano físico.

Esforços devem ser feitos para descobrir o que o Ego deseja, e então, se as condições necessárias forem oferecidas, apreciará o esforço e responderá prazerosamente. A personalidade não terá razões de queixa quanto à resposta que lhe dará o Ego. Em outras palavras, se a personalidade prestar atenção ao Ego, este prestará atenção à personalidade.

O Ego lança uma personalidade quase como um pescador lança sua rede. Não espera que cada arremesso seja um sucesso, e não fica profundamente perturbado se uma delas se revela um fracasso. Cuidar da personalidade é apenas uma das suas atividades, de forma que ele pode muito bem consolar-se com os sucessos de suas outras linhas de atividade. Seja como for, o fracasso representa a perda de um dia, e ele pode ter a esperança de que tudo corra melhor no dia seguinte.

Com freqüência a personalidade gostaria de receber mais atenção do Ego, e pode estar certa de que a receberá, assim que a mereça, assim que o Ego considere que vale a pena conceder essa atenção.

Na Igreja Cristã, o sacramento da Confirmação tem por fim ampliar e fortalecer o elo entre o Ego e a personalidade. Depois do alargamento preliminar desse canal, o poder divino corre através do Ego do bispo para o Manas superior do candidato. Ao fazer o sinal da cruz ele sobe para o princípio búdico, e daí para o Âtmâ ou espírito. O efeito sobre o Âtmâ é refletido no duplo etérico, e o que se realiza no Buddhi é reproduzido no corpo astral, enquanto o do Manas superior é identicamente refletido na mente inferior. Esse resultado não é apenas temporário, já que a abertura das conexões forma um largo

canal através do qual um fluxo constante pode se movimentar. O efeito geral, como se diz, é tornar mais fácil para o Ego a ação através de seus veículos.

Os vários veículos do homem, vistos de baixo, dão a impressão de estarem um acima do outro, embora não estejam realmente separados no espaço, e também parecem estar reunidos por inumeráveis fios ou linhas sutis de fogo. Cada ação que trabalhe contra a evolução impõe tensão desigual sobre as linhas, torcendo-as e embaraçando-as. Quando um homem erra demasiadamente, seja como for, a fusão entre os corpos superiores e os inferiores é seriamente prejudicada. Ele já não é seu Eu real, e só o lado inferior de seu caráter pode manifestar-se completamente.

A Igreja Cristã oferece um método para ajudar o homem a reaver mais rapidamente a uniformidade, porque um dos poderes especialmente conferidos a um sacerdote, quando da ordenação, é o de endireitar aquela confusão da matéria superior. Essa é a verdade que está na "absolvição"; a cooperação do homem é obtida antes, mediante a "confissão".

Um rompimento na conexão entre o Ego e seus veículos resulta em insanidade. Se imaginarmos que cada partícula física do cérebro é ligada à correspondente partícula astral por um pequeno tubo, e cada partícula astral é ligada da mesma forma à sua correspondente partícula mental, e cada partícula mental o é com a sua correspondente partícula causal, então veremos que enquanto todos esses tubos estiverem em perfeito alinhamento, haverá comunicação clara entre o Ego e seu cérebro. Se qualquer dessa série de tubos, entretanto, curvar-se sem se fechar, ou for rompida parcialmente, é óbvio que a comunicação poderá ser de todo, ou em parte, interrompida.

Do ponto de vista do ocultismo, os insanos podem ser divididos em quatro classes principais, como se segue:

1. Os que são insanos em conseqüência de defeito em seu cérebro físico. O cérebro pode ser pequeno demais, ter sido lesado por algum acidente, estar sofrendo pressão de um tumor, ou o amolecimento de seus tecidos.

2. Aqueles cujo defeito está no cérebro etérico, de forma que as partículas etéricas não correspondam às partículas físicas mais densas.

3. Aqueles nos quais o corpo astral é defeituoso, estando os tubos fora de ordem, seja com as partículas etéricas, seja com as mentais.

4. Aqueles nos quais o corpo mental não está em ordem.

Aqueles cuja loucura pertence às classes 1 e 2, estão perfeitamente sãos quando fora do corpo, no sono, e, naturalmente, depois da morte. Os da classe 3 só recobram a sanidade quando chegam ao mundo celeste. Os da classe 4 precisam chegar ao corpo causal para recuperar a sanidade, porque para essa classe a encarnação foi um fracasso. Mais de noventa por cento dos loucos pertencem às classes 1 e 2.

A obsessão é causada pelo fato de o Ego ter sido desalojado por alguma outra entidade. Somente um Ego que domine muito pouco seus veículos pode permitir a obsessão.

Embora o domínio do Ego sobre seus veículos seja mais fraco durante a infância, ainda assim os adultos costumam ser mais inclinados à obsessão do que as crianças, porque um adulto está muito mais sujeito a ter qualidades que atraem entidades indesejáveis e tornam a obsessão fácil.

Em resumo, a melhor maneira de evitar a obsessão está no uso da vontade. Se o possuidor legal do corpo se afirma confiantemente e usa sua força de vontade, não pode haver obsessão.

Quando a obsessão ocorre é quase sempre porque a vítima, antes de mais nada, cedeu à influência invasora, e seu primeiro passo, então, é inverter o ato de submissão e determinar-se, fortemente, a reassumir o controle de sua propriedade.

O relacionamento entre a Personalidade e o Ego é tão importante que talvez nos perdoem uma pequena recapitulação, ou repetição. Um estudo dos veículos internos do homem deve, pelo menos, ajudar-nos a compreender que a *expressão superior é o homem real,* e não o agregado de matéria física que está nele, e a que os homens dão tanta importância. Ainda não podemos ver a divina trindade interior, mas podemos, ao menos, chegar a alguma idéia sobre o corpo causal, que talvez seja a concepção mais próxima do homem verdadeiro que a visão do nível mental superior nos pode dar.

Observando o homem a partir do nível mental inferior, só podemos ver, dele, aquilo que pode ser expresso em seu corpo mental. No nível astral, vemos que um véu adicional desceu, enquanto no plano físico ainda há outra barreira, de forma que o homem verdadeiro está escondido, e mais eficazmente do que nunca.

Tal conhecimento deveria levar-nos a formar uma opinião de certa forma mais elevada de nossos semelhantes, visto que compreendemos serem eles muito mais do que parecem ser aos olhos físicos. No fundo, está sempre a possibilidade superior, e muitas vezes, um apelo a essa natureza melhor a fará despertar de sua latência e atraí-la para manifestações que todos podem testemunhar.

Tendo estudado o homem tal como é, torna-se-nos mais fácil perceber, através do denso véu físico, a realidade que está por trás dele. O que está por trás de *todos* os homens é a natureza divina. Por isso, captando esse princípio, deveríamos poder modificar e reajustar nossa atitude, de forma a ajudar outros homens muito mais do que o poderíamos fazer sem esse conhecimento.

Já vimos, no Capítulo *Contemplação,* que a consciência do Ego pode ser alcançada mantendo-se a mente numa atitude de atenção, sem preocupar-nos com qualquer outra coisa. A mente inferior deve manter-se em quietude, a fim de que a consciência da mente superior possa ser sentida. Dessa maneira, idéias vindas do Ego descem para a mente inferior em chispas de grande luminosidade, que são a inspiração dos gênios. "Observa em toda manifestação de gênio, quando combinada com a virtude, a inegável presença do exilado celeste, o divino Ego, cujo carcereiro és tu, homem de matéria."

Gênio é, pois, a captação momentânea do cérebro pela consciência maior do Ego, que é o homem real. É o descer de uma consciência maior para um órgão capaz de vibrar em resposta às suas vibrações. Chispas de gênio são

a voz do Espírito vivo no homem. São a voz do Deus interior, falando no corpo do homem.

O fenômeno incluído na palavra "consciência" parece ser de dois tipos distintos. Consciência é usada, às vezes, para descrever a voz do Ego, e, outras vezes, refere-se à vontade no domínio da moralidade. Quando é a voz do Ego, deveria ser reconhecido que nem sempre é infalível e com freqüência toma decisões erradas, pois o Ego não pode falar com certeza de problemas que não lhe são familiares e que dependem de experiência antes de serem corretamente julgados.

A forma de consciência que vem da vontade, contudo, não nos diz *o que* fazer; antes, nos manda seguir aquilo que já conhecemos como o melhor, geralmente quando a mente está tentando inventar alguma desculpa para agir de maneira diferente. Ela fala com a autoridade da vontade espiritual, determinando nosso caminho pela vida.

Mas a *vontade,* que é, indubitavelmente, uma qualidade do Ego, não deve ser confundida com os *desejos* da personalidade nos veículos inferiores. Desejo é a energia do Pensador, dirigida para fora, determinada pela atração dos objetos externos. Vontade é a energia do Pensador, determinada pelas conclusões tiradas pela razão das experiências passadas, ou pela intuição direta do próprio Pensador. Em outras palavras: o desejo é guiado do exterior; a vontade é guiada do interior.

Nos primeiros estágios da evolução, o desejo é totalmente soberano, e leva o homem de cá para lá, já que está sendo regido pelo corpo astral. Nos estágios médios da evolução, há um conflito constante entre o desejo *e.* a vontade: o homem luta com Kâma-Manas. Nos estágios posteriores da evolução, o desejo morre; a vontade reina, sem oposição. O Ego está no comando.

Resumindo, podemos dizer que a voz do Ego, ou Eu superior, falando de Âtmâ, é verdadeira consciência; de Buddhi, é conhecimento intuitivo entre o que é certo e errado; falando do Manas superior, é inspiração; quando a inspiração é contínua bastante, para se fazer normal, é gênio.

Tal como foi brevemente mencionado no Capítulo VI, o gênio, que pertence ao Ego, *vê,* ao invés de argumentar. A verdadeira intuição é uma das suas faculdades, tal como a razão é o método da mente inferior. A intuição é simplesmente percepção, e pode ser descrita como o exercício dos olhos da inteligência, o reconhecimento infalível de uma verdade apresentada no plano mental. Ela vê com certeza, mas não se pode ter prova racional dessa certeza, porque isso está além e acima da razão. Antes, porém, que a voz do Ego — falando através da intuição — possa ser com certeza reconhecida, faz-se necessário cuidadoso e prolongado autotreinamento.

Ao que parece, contudo, a palavra intuição é usada com significações que de certa forma variam. Assim, já se disse que a obtenção da intuição digna de confiança, na vida diária, significa a abertura de um canal direto entre os corpos búdico e astral.

Incidentalmente, pode-se dizer que ela antes trabalha através do centro ou chacra do coração, mais do que da mente. A consagração de um bispo tem especial referência com esse centro e com o estímulo à intuição.

Distinguimos, assim, duas formas diferentes para a transmissão da "intuição", da consciência superior para a inferior. Uma vem do plano mental superior para o plano mental inferior, a outra vem diretamente do corpo búdico ao corpo astral.

A intuição do corpo causal foi descrita como a intuição que reconhece o externo; a que vem do búdico é a intuição que reconhece o interno. Com intuição búdica, vêem-se as coisas *por dentro.* Com intuição intelectual vê-se algo *fora* da própria pessoa.

Qual dessa linhas é a mais fácil dependerá do método de individualização. Os quê se individualizam, através de profunda compreensão recebem sua intuição como convicção, sem precisar raciocínio para estabelecer sua verdade, no presente, embora deva ter sido compreendida em vidas anteriores, ou fora do corpo, no plano mental inferior.

Os que chegam à individualização, através de forte devoção, receberão sua intuição vinda do plano búdico para o corpo astral.

Em ambos os casos, a condição de receptividade da intuição é a firmeza dos veículos inferiores.

Não podemos negar o fato de que o gênio, freqüentemente, está acompanhado de uma instabilidade psicológica. É o que se expressa quando se diz que "a loucura é parente do gênio". Segundo Lombroso e outros, muitos santos foram neuropatas.

Com muita freqüência os santos e os visionários podem ter sobrecarregado seus cérebros, de forma que o mecanismo físico se destorce e torna-se instável.

Ademais, às vezes é verdade isso de dizer-se que a instabilidade é a condição para a inspiração. Segundo disse o Professor William James, "Se houvesse inspiração vinda da região superior, bem poderia ser que o temperamento neurótico fornecesse a condição principal para a receptividade requerida." * Assim, os gênios podem ter um cérebro instável, porque a consciência superior o está pressionando com a intenção de testar seu mecanismo. Por isso, o cérebro é mantido em estado de tensão, e sob tais circunstâncias pode facilmente ir longe demais, até que a estrutura se rompa sob o esforço. Mas a anormalidade está do lado certo, e não do lado errado, já que está na própria vanguarda da evolução humana. É a instabilidade do crescimento, não é uma doença.

Uma tentativa para estimular o centro do coração também é feita pela Igreja Cristã quando da leitura do Evangelho. O sinal da cruz é feito com o polegar sobre o centro cardíaco, bem como entre as sobrancelhas e na garganta. Esse uso do polegar corresponde a um passe pugnai do mesmerismo, e parece ser empregado quando uma pequena, mas poderosa corrente de força é necessária, como para a abertura dos centros.

O Coração é o centro, no corpo, para a Tríada superior: Âtmâ-Buddhi-Manas. A cabeça é a sede do homem psíquico-intelectual; suas várias funções estão em sete cavidades, inclusive no corpo pituitário e na glândula pineal.

* *Varieties of Religious Experience,* p. 19.

O homem, que pode transferir sua consciência do cérebro para o coração, deveria poder unir Kama-Manas ao Manas superior, através do Manas inferior que, quando puro, é o Antahkarana. Estaria, então, em posição de captar algumas das sugestões da Tríada superior.

Nos métodos hindus de Ioga, providências são tomadas para evitar os perigos da histeria naqueles que estão chegando ao contacto com os planos superiores; insiste-se na disciplina e purificação do corpo, bem como no controle e treinamento da mente.

O Ego leva idéias à consciência inferior, freqüentemente, sob a forma de símbolos. Cada Ego tem seu próprio sistema de símbolos, embora algumas formas pareçam gerais nos sonhos. Assim, por exemplo, dizem que sonhar com água significa perturbação de algum tipo. Embora não exista relação alguma entre as perturbações e a água, o Ego pode conhecer alguma personalidade, que mantenha essa crença particular no que se refere à água, e é muito possível que resolva escolher essa forma de simbolismo para prevenir a personalidade quanto a algum infortúnio em perspectiva.

Em alguns casos, o Ego pode externar-se de uma forma curiosa exterior. Assim, por exemplo, a Dra. Annie Besant contou que quando estava dizendo uma frase, em certas conferências, via a frase seguinte praticamente materializada no ar, diante de seus olhos, em três formas diferentes, entre as quais ela, conscienciosamente, escolhia a que considerava melhor. Isso deve ser trabalho do Ego, embora seja um tanto difícil compreender por que toma ele esse método particular de comunicação, ao invés de imprimir suas idéias diretamente no cérebro físico.

O relacionamento entre a Personalidade e o Ego está descrito graficamente em *A Voz do Silêncio:* "Persevera como quem vai durar para sempre. Tuas sombras (isto é, personalidade) vivem e se desvanecem; aquele que em ti viverá eternamente, aquele que *sabe,* porque é conhecimento, não é uma vida fugaz, é o homem que era, que será, e para o qual a hora jamais soará."

Uma vívida descrição do Ego é dada também por H. P. Blavatsky, em *A Chave da Teosofia:* "Tenta imaginar uma 'Espírito', um ser celestial, seja qual for o nome pelo qual o chamemos, divino em sua natureza essencial; entretanto, não o bastante puro para ser uno com o TODO, e que, para consegui-lo, tenha de purificar sua natureza. Ele só pode fazer isso passando, *individual* e *pessoalmente,* isto é, espiritual e fisicamente, através de todas as experiências, e sentindo o que existe no universo múltiplo ou diferenciado. Ele tem, portanto. de passar por todas as experiências dos planos humanos, depois de ter

adquirido experiência nos reinos inferiores, e de ter subido cada vez mais por todos os degraus da escada do ser. Em sua verdadeira essência, ele é Pensamento, chamado, portanto, em sua pluralidade, *Mana-saputra,* os Filhos da Mente (universal). Esse Pensamento, *individualizado, é* o que os teósofos chamam o *verdadeiro* Ego humano, a entidade pensante, aprisionada numa caixa de carne e ossos. É, seguramente, uma entidade espiritual, não *matéria* (isto é, matéria tal como a conhecemos no universo objetivo), e tais entidades são Egos encarnantes, que animam o fardo de matéria animal chamado humanidade, e cujos nomes são *Manasa,* ou mentes."

O "Raio" dos Manas inferior está sempre procurando voltar à sua fonte e procedência, o Manas superior. Enquanto a dualidade persiste, entretanto,

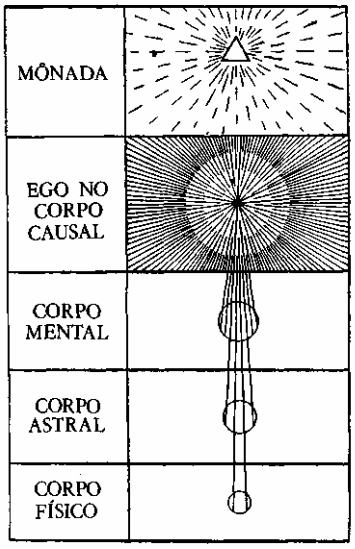
isto é, até que a consciência se tenha elevado ao nível causal, "unificando o superior e o inferior", conforme se diz, há uma aspiração constante, sentida pelas naturezas mais nobres e mais puras, como um dos fatos mais notáveis da vida interior. Essa aspiração é que se reveste de preces, de inspiração, de "procura de Deus", de ânsia pela união com o divino. "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" — exclama o sequioso cristão.

O ocultista reconhece nessa exclamação o inextinguível impulso do eu inferior para o Eu superior, do qual está separado, mas cuja atração sente vividamente. Que um homem faça suas orações a Buda, a Vishnu, a Cristo, à Virgem, ao Pai, pouco importa. Isso é uma questão de dialética, não de fato. Em cada oração, o Manas Superior, unido a Buddhi e Âtmâ, é o objetivo real, velado sob qualquer nome que o tempo ou a raça possam dar. É a humanidade ideal, o "Deus pessoal", o "Deus-Homem", encontrado em todas as religiões. É o "Deus encarnado", a "Palavra feita carne", o Cristo que deve "nascer em cada um", e com o qual o crente se deve unificar.

Expressando isso mais tecnicamente, o "Deus" individualizado em cada homem, "seu Pai que está no Céu", é à Mônada. O que o Ego é para a Mônada, a personalidade é para o Ego.

Contudo, talvez não esteja fora de propósito fazer aqui uma observação. No passado, expressões tais como "erguer os olhos para o Eu superior" e "ouvir as sugestões do Eu superior" foram usadas, e foi mesmo sugerido que o Eu superior deveria interessar-se mais pela infeliz personalidade que se debatia por ele nos planos inferiores. Aos poucos, o estudante chegará a compreender que a personalidade que vemos nos planos inferiores não passa de uma pequena parte do homem real, e que o Eu superior *é* o homem. Porque há apenas uma consciência, sendo a inferior imperfeita representação da superior, e de forma alguma, separada. Assim, ao invés de pensar em "nos" erguer, até que possamos nos unir ao glorioso Eu superior, devemos antes compreender que o superior é o verdadeiro Eu, e que unir o superior ao inferior realmente significa abrir o inferior de modo que o superior possa, mais livre e plenamente, agir nele e através dele.

O homem deve, assim, esforçar-se por se tornar certo, para além de qualquer possibilidade de dúvida, de que ele é o espírito, ou o Eu superior. Deve desenvolver sua confiança em seus próprios poderes como o Ego, e encorajar o uso desses poderes, livremente. Ao invés de olhar para o seu estado usual de consciência como natural e normal, e de erguer os olhos para o Ego como um ser elevado que deve ser alcançado através de contínuo e tremendo esforço, deve aprender a ver seu estado comum de consciência como anormal e não natural, e a vida de seu espírito como sua verdadeira vida, da qual, por esforço contínuo, se mantém afastado.



Expresso em termos de forma, quando os veículos inferiores estão em plena harmonia com o Ego, formam-se à semelhança do Augoeides. Então, mudam muito pouco de uma vida para outra.

Da mesma maneira, quando o Ego está se tornando um reflexo perfeito da Mônada, também se modifica, mas pouco, embora continue a crescer.

Aqueles que empreendem, deliberadamente, a tarefa de levar a consciência superior ao cérebro, podem fazer isso com treinamento cuidadoso da mente inferior e do caráter moral, com esforço seguro e bem dirigido.

O hábito da meditação e do estudo tranqüilo, constante e sucessivo, dirigido para assuntos não-mundanos, desenvolve o corpo mental e faz dele um instrumento melhor. O esforço para cultivar pensamentos abstratos é também útil, bem como o atrair para o corpo mental os materiais mais sutis dos níveis mentais inferiores.

O Diagrama I é uma tentativa para dar uma idéia do relacionamento entre o Ego e seus veículos inferiores. Dos poderes, faculdades e conhecimento do Ego em seu próprio plano, apenas uma pequena fração pode ser transmitida ao corpo mental. Deste, ainda menor proporção pode ser levada ao corpo astral, e, do corpo astral, apenas um fragmento alcança a consciência no corpo físico. Um dos objetivos do homem deveria ser, conforme vimos, alargar e fortalecer o elo entre o Ego e os corpos inferiores, de tal modo que cada vez maiores poderes do Ego pudessem encontrar expressão nos veículos inferiores da personalidade.

Acima e para além do Ego reside a Mônada, cujo relacionamento com o Ego é de certa forma similar ao que existe entre o Ego e a Personalidade.

CAPÍTULO XXXII

RENASCIMENTO

Vamos tratar agora da história do Ego e de seus veículos, no ponto em que, terminado o período de vida no plano mental, chega o momento para que uma nova encarnação tenha início.

Devemos recordar que quando o Ego se recolhe ao corpo causal, leva consigo seus átomos permanentes — físico e astral — e sua unidade ou molécula mental. Essas partículas de matéria, uma apenas de cada um dos três planos inferiores, permanecem com o Ego durante todas as suas encarnações humanas. Enquanto estão recolhidas no corpo causal, ficam em condição latente, de repouso.

Quando chega a época da reencarnação, o Ego volta a sua atenção para fora, onde uma vibração de vida nele originada desperta a unidade mental, e a tela vital começa a tecer-se. Essa tela de vida consiste em matéria búdica, e mostra-se como ouro tremulante de inconcebível finura e delicada beleza. É formada por um só fio, que é prolongamento do *Sutrâtmâ.* Não podemos entrar aqui em maiores detalhes sobre esses assuntos. O escritor espera tratar deles em um volume posterior.

A unidade mental reassume agora a sua atividade, porque o Ego está procurando expressar-se mais uma vez no plano mental inferior, tanto quanto permita a plasticidade da matéria.

Conseqüentemente, a unidade mental atua como um imã, atraindo «n torno de si matéria mental e essência mental elemental, com poderes vibratórios semelhantes, ou concordantes com os seus próprios, e assim apropriados para expressar suas qualidades mentais latentes. O processo é de certa forma automático, embora os devas do Segundo Reino Elemental ajudem no processo, trazendo material apropriado ao alcance da unidade mental.

A matéria é modelada, primeiro, como nuvem vaga em torno da unidade mental. Ainda não é um corpo mental, e sim apenas a matéria com a qual o novo corpo mental será formado.

Também as qualidades ainda não estão de forma alguma em ação. São simples germes de qualidades, e, na ocasião, sua única influência é assegurar para si próprias um possível campo de manifestação, fornecendo matéria apropriada para a sua expressão no veículo mental da criança.

Os germes, ou sementes, trazidas do passado, são conhecidos pelos budistas como Skandhas. Consistem em qualidades materiais, sensações, idéias abstraías, tendências da mente, poderes mentais. Como vimos no curso do nosso estudo, o aroma puro dessas qualidades passou com o Ego para o devacan. Tudo quanto era grosseiro, baixo e mau permaneceu no estado de animação suspensa de que falamos. São apanhadas pelo Ego quando este passa em direção da vida terrestre, e passam a fazer parte do novo "homem de carne", que o verdadeiro homem irá habitar.

As experiências do passado não existem, naturalmente, como imagens mentais, no novo corpo mental. Como imagens mentais elas pereceram de há muito, quando o velho corpo mental pereceu. Só sua essência, seus efeitos sobre a faculdade, permanecem.

A mesma coisa, precisamente, acontece quando o Ego volta a sua atenção para o átomo astral permanente, e põe nele a sua vontade. Assim, a unidade mental e o átomo astral permanente atraem para si material capaz de produzir um corpo mental e um corpo astral exata-mente do mesmo tipo que o homem possuía, no fim de suas últimas vidas mental e astral. Em outras palavras, o homem reassume sua vida nos mundos mental e astral, exatamente onde a deixou na última vez.

Os corpos astral e mental do homem, tomados para o seu novo período de vida, sendo o resultado direto do seu passado, formam a parte mais importante do seu carma "maduro", ou Prârabda.

A matéria mental é distribuída uniformemente, de início, pelo ovóide inteiro. Só quando a pequena forma física começa a existir, a matéria astral e a mental são atraídas para ela. Começam então a modelar-se à sua forma, e daí por diante vão crescendo com ela. Ao mesmo tempo, com esta modificação no arranjo, a matéria mental e a astral são chamadas à atividade; a emoção e o pensamento aparecem.

Deve notar-se que quanto mais rudes são os tipos de matéria mental aplicados ao corpo mental, mais íntima se torna a associação entre

a matéria mental e a astral, fortalecendo, assim, o elemento de Kâma-Manas (Ver Capítulo VI).

A criança não tem, portanto, um corpo mental definido nem um corpo astral definido, mas tem, em torno e dentro de si, a matéria com a qual aqueles corpos serão construídos.

A criança possui tendências de todo tipo, algumas boas, outras más. O desenvolvimento desses germes, mais uma vez na nova vida, com as mesmas tendências da última existência, vai depender, muito amplamente, do encorajamento, ou não, que a eles se der no ambiente da criança durante seus primeiros anos. Qualquer um desses germes, bons ou maus, pode ser prontamente estimulado para a atividade, ou, por outro lado, pode exaurir-se por falta de encorajamento.

Se estimulados, tornam-se um fator mais poderoso na vida atua! do homem do que o foi na existência anterior. Se exauridos, permanecem apenas como germes estéreis, que logo se atrofiam e morrem, não aparecendo de forma alguma na seguinte encarnação.

Durante seus primeiros anos, o Ego tem pouco domínio sobre seus veículos; vê em seus pais o auxílio para a obtenção de domínio mais firme, bem como para lhe fornecer condições apropriadas. Daí a enorme responsabilidade dos pais.

É impossível exagerar a plasticidade dos veículos não-formados da criança. Plásticos e facilmente impressionáveis como o corpo físico de uma criança, seus veículos astral e mental o são ainda mais. Vibram em resposta a cada vibração que os toca, e são animadamente receptivos a todas as influências, boas ou más, que emanam daqueles que os rodeiam. Como no caso do corpo físico, enquanto seus corpos astral e mental são suscetíveis de ser facilmente moldados, quando muito jovens, depressa se firmam e enrijecem, adquirindo hábitos definidos que, uma vez estabelecidos com firmeza, só podem ser alterados com grande dificuldade.

Em extensão muito maior do que pode ser compreendida mesmo pelos pais mais amorosos, o futuro da criança está sob seu controle.

Se pudermos imaginar nossos amigos com todas as suas boas qualidades imensamente aumentadas, e todos os seus aspectos menos desejáveis extirpados, então poderemos imaginar os resultados que os pais podem obter de seus filhos, se cumprirem inteiramente seus deveres para com eles.

A extraordinária sensitividade às influências circundantes começa logo que o Ego desce sobre o embrião, muito antes que o nascimento tenha lugar, e continua, na maioria dos casos, até quase o período da maturidade.

O corpo mental, ou antes, o material de que o corpo mental será feito torna-se envolvido com os veículos inferiores durante a vida pré-natal. A conexão se torna cada vez mais íntima, até que, mais ou menos ao fim do sétimo ano, os veículos inferiores estão em contacto íntimo com o Ego, tanto quanto o estágio da evolução o permitir. O Ego então, se for suficientemente adiantado, começa a controlar levemente seus veículos, como uma voz orientadora: é o que chamamos "consciência".

Durante o período pré-natal o Ego paira sobre a mãe humana na qual seu futuro corpo se está formando. Mas o Ego pouco pode afetar o embrião, a não ser através da fraca influência do átomo físico permanente. O embrião não pode responder; portanto, não compartilha dos pensamentos e emoções do Ego, expressos em seu corpo causal.

Os hindus tinham várias cerimônias, através das quais rodeavam de influências puras tanto a mãe como a criança, antes do nascimento. O objetivo era criar condições especiais que afastassem as influências inferiores e atraíssem as influências superiores. Tais cerimônias eram muito valiosas.

As "sementes" do mal que eram trazidas por uma criança em seus átomos permanentes, muitas vezes foram chamadas "pecado original", embora muito erroneamente relacionados com a lenda de Adão e Eva. Na Igreja cristã, o sacramento do batismo é dedicado especificamente a auxiliar a reduzir ao mínimo os efeitos das sementes do mal.

Para esse fim, emprega-se água magnetizada, ou "benta". Por meio dela o sacerdote põe em ativa vibração a matéria etérica do corpo da criança, a fim de estimular o corpo pituitário, e, através dele, afetar o corpo astral, que, por sua vez, afeta o corpo mental. A força empregada corre de baixo para cima,várias vezes, como se fosse água, até encontrar seu próprio nível.

O "exorcismo" realizado pelo sacerdote tem por objetivo neutralizar os germes do mal em sua condição presente, e evitar que sejam alimentados ou encorajados, seja de que forma for, até que, finalmente se atrofiem e se desprendam.

Além disso, na cerimônia, tal como a realiza a Igreja Católica Liberal pelo menos, o sacerdote, fazendo verticalmente o sinal da cruz em toda a extensão da frente e costas do corpo da criança, constrói uma forma-pensamento, ou elemental artificial (o que deu a idéia do anjo da guarda batismal) que está repleta da força divina, e que é também animada por um

tipo superior de espírito-da-natureza, conhecido como silfo. A forma-pensamento é uma espécie de couraça de luz branca, na frente e atrás da criança. Incidentalmente, através da associação com a forma-pensamento, que é imbuída da vida e. pensamento do próprio Cristo, o silfo se individualiza e torna-se um Serafim.

Mesmo que a criança morra imediatamente, o batismo pode ser de valor para ela, do outro lado da morte, porque seria muito possível que os germes do mal fossem estimulados para a atividade no mundo astral, e a forma-pensamento pode ajudar a evitar esse fato.

Assim, no batismo, não só certos centros ou chakras da criança se despertam e abrem para a influência espiritual, mas também os germes do mal são reprimidos até certo ponto, e a criança recebe nova e poderosa influência para o bem, o que é praticamente um anjo da guarda.

Podemos acrescentar que a cruz feita sobre a testa da criança com o óleo consagrado é visível no duplo etérico durante toda a vida da pessoa. É o sinal do cristão, precisamente como o ponto tilaka, ou marca da casta é, no caso do hindu, o sinal de Siva ou o tridente de Vishnu.

A aura da criança é muitas vezes um objeto dos mais belos, de um colorido puro e brilhante, livre das névoas da sensualidade, da avareza, da má vontade e do egoísmo que com tanta freqüência escurecem toda a vida do adulto. É patético perceber a modificação que quase invariavelmente sofre a aura da criança com a passagem dos anos; notar com que persistência as más tendências foram animadas e fortalecidas pelo seu ambiente e como as boas foram inteiramente negligenciadas. Com tais lições objetivas diante de nós, deixamos de nos surpreender com a extraordinária lentidão da evolução humana, e com o progresso quase imperceptível que a maioria dos Egos faz, vida após vida passadas neste mundo inferior.

O remédio está com os pais e professores, cujo caráter pessoal, comportamento e hábitos têm efeito quase incalculável sobre o desenvolvimento da criança. É desnecessário, a esta altura do nosso estudo, enfatizar novamente a grande importância dos pensamentos e emoções dos pais e professores sobre os que deles dependem. Este assunto é tratado com amplitude por Leadbeater em O *Lado Oculto das Coisas.*

Na civilização atlântida, a importância da função do professor era tão plenamente reconhecida que ninguém tinha permissão para exercê-la, a não ser um clarividente treinado que pudesse ver todas as qualidades e possibilidades latentes dos seus alunos, e pudesse, portanto, trabalhar com inteligência em relação a cada uma delas, de forma a desenvolver as boas e corrigir as más.

No futuro distante da Sexta Raça-Raiz esse princípio será aplicado ainda mais completamente.

Seja qual for o cuidado com que os pais rodeiem seus filhos, é praticamente inevitável que a criança encontre más influências no mundo, que tendem a estimular as que ela traz em si própria. Mas haverá uma vasta diferença se as boas ou más tendências forem estimuladas *antes.* Na maioria dos casos, o mal é despertado para a atividade antes que o Ego tenha o domínio de seus veículos, de modo que quando chega a se apoderar deles, descobre que terá de combater uma acentuada predisposição para o

mal. Quando os germes do bem despertam tardiamente, têm de lutar contra as más tendências já firmemente estabelecidas.

Por outro lado, se os pais, por excesso de cuidados antes do nascimento, e durante vários anos depois dele, excitaram somente boas tendências, então, quando o Ego obtém o controle, acha fácil expressar-se ao longo daquelas linhas, pois o hábito já está formado. Se, a essa altura, sobrevier uma excitação má, irá encontrar uma forte inclinação para o bem, que em vão tentará anular.

O Ego, a não ser que se trate de algum que tenha um adiantamento nada comum, pouco comando exerce sobre seus veículos, de início. Devemos recordar, porém, que sua vontade é sempre dirigida para o bem, porque deseja evoluir por intermédio de seus veículos, e o poder de que dispuser será permanentemente dirigido para o lado certo.

Durante a vida embrionária e infantil, o Ego vai levando sua própria vida, mais ampla e mais rica, e aos poucos se põe em maior contacto com o seu embrião.

Podemos notar aqui que a relação da Mônada com o universo, no qual sua consciência está evoluindo, é análoga à do Ego em relação ao corpo físico.

Já que o corpo mental é novo, não pode, naturalmente, conter a memória de nascimentos anteriores, nos quais não tomou parte. Essa memória pertence, claramente, ao Ego, no corpo causal, que, com seu átomo permanente, é o único que persiste de uma encarnação para outra. Por isso é que o homem, funcionando no corpo físico, não pode recordar vidas passadas, já que só o poderia fazer por intermédio de seu corpo mental.

No desenvolvimento do corpo humano, o período de gestação corresponde ao curso descendente para os reinos elementais. Do nascimento até os sete anos de idade a maioria dos educadores considera que é esse o período em que a natureza física da criança deve receber maior atenção. Até os catorze anos de idade o desenvolvimento das emoções precisa ser seguido com cuidados especiais, e até os vinte e um o professor deve dedicar-se especialmente ao desenvolvimento das faculdades mentais.

Essas últimas três idades podem ser tomadas como correspondentes, até certo ponto, aos reinos mineral, vegetal e animal. Na primeira, a consciência está no plano físico; na segunda, no plano emocional; na terceira, a mente inferior aos poucos vai ganhando o terreno, e leva ao estágio em que o homem se torna um verdadeiro pensador. O longo período da meia-idade é a verdadeira carreira humana. A época da velhice deve trazer sabedoria. Ê ainda imperfeita na maioria das pessoas, pois não passa de um esboço das alturas super-humanas das futuras realizações.

Ê necessário mencionar aqui uma curiosa eventualidade, que, em certos e raros casos, pode ocorrer quando de um renascimento. No Capítulo VI vimos como o homem, se levar uma vida degradada, identificando-se inteiramente com a natureza inferior, animal, e negligenciando a superior, pode levar essa natureza inferior a separar-se totalmente da superior, e a encarnação é perda completa para o Ego.

Sob tais condições, o Ego se torna tão descontente com seus veículos que, quando a morte o liberta do corpo físico, também se desfaz dos outros. Na

verdade, ele pode, mesmo durante a vida física, abandonar o templo profanado.

Depois da morte, esse Ego, não tendo corpos astral e mental, reencarnará rapidamente. Sendo assim, os velhos veículos astral e mental podem não se ter ainda desintegrado, e é possível, por afinidade natural, que sejam atraídos para novos corpos mental e astral. Tomam, então, a mais terrível forma daquilo que é chamado o "habitante do umbral".

CAPÍTULO XXXIII

DISCIPULADO

O controle, treinamento, e desenvolvimento do corpo mental (como, naturalmente, o do astral) são partes importantes do trabalho de quem objetiva tornar-se um discípulo, ou *cheia,* de um Mestre, e, mais tarde, um Iniciado da Grande Fraternidade Branca.

Segue-se uma tabela das quatro conhecidas "Qualificações" para o Caminho que leva à Iniciação. Como se verá, em praticamente todas elas há o elemento mental.

QUALIFICAÇÕES PARA O CAMINHO

N.°	*Sânscrito*	*Português*
1	Viveka	Discernimento entre o real e o irreal, também descrita como abertura das portas da mente.
2	Vairâgya	Indiferença para tom o irreal, o transitório, e para com os resultados da ação: desprendimento.
3	Shatsampatti:	Atributos mentais sêxtuplos:
	(1) Shaina . . .	Controle do pensamento
	(2) Dama. ..	Controle da ação
	(3) Uparati . . .	Tolerância
	(4) Titiksha...	Paciência
	(5) Shraddhâ...	Fé
	(6) Samâdhâna...	Equilíbrio
4	Mumuksha	Desejo de libertação

Volumes têm sido escritos sobre as Qualificações. Aqui o espaço permite apenas a mais breve das descrições. Não precisam ser perfeitas. mas devem pelo menos parcialmente, existir antes que a Iniciação seja possível.

Viveka. O aspirante deve aprender que a vida interior, a vida do Ego e para o Ego, *é* a vida real. Deve aprender, conforme sucintamente diz Leadbeater, que 'poucas coisas importam muito e a maioria das coisas nada importa". É inútil dizer que isso não significa que os deveres e responsabilidades mundanos, uma vez assumidos, possam ou devam ser negligenciados. Pelo contrário, devem ser realizados pelo ocultista ainda mais escrupulosa e cuidadosamente do que pelos outros homens. O que importa é o espírito com que são realizados, o reconhecimento dos seus aspectos importantes e dos seus aspectos não importantes.

Essa "abertura das portas da mente", ou "conversão", como tem sido chamada, é precisamente aquilo de que fala a Bíblia: "Põe teu afeto nas coisas de cima e não nas coisas da Terra. . . porque as coisas que são vistas são temporais, mas as coisas que não são vistas são eternas."

O discernimento é muito estimulado pelas circunstâncias rapidamente mutáveis, às quais o discípulo geralmente é atirado, com a intenção de impressioná-lo com a instabilidade das coisas externas. A vida de um discípulo é geralmente de lutas e fadigas, a fim de que as qualidades possam ser forçadas a crescer depressa e a chegar rapidamente à perfeição.

Vairâgya. A indiferença segue-se, naturalmente, ao reconhecimento da instabilidade e da não satisfatória natureza das coisas exteriores. O aspirante torna-se indiferente às coisas que vão e vêm, e cada vez mais fixa a sua atenção na imutável realidade que está sempre presente.

Skama. A necessidade do controle do pensamento já foi amplamente enfatizada no presente volume.

O discípulo deve reduzir o caos de suas emoções e pensamentos, procurando ordená-los. Deve eliminar a quantidade de interesses menores, e controlar pensamentos erradios. Enquanto ainda vive no mundo, a dificuldade, nessa tentativa, é multiplicada ao infinito pela pressão incessante de perturbadoras ondas de emoção e pensamento, que não lhe dão sossego nem oportunidade de reunir suas forças, a fim de fazer um esforço real.

Prática firme e diária de concentração e meditação é um método que muitos consideram adequado. O aspirante deve trabalhar com grande energia e perseverança para dominar o mental rebelde, impondo-lhe ordem e disciplina, pois sabe que o grande aumento de poder de pensamento, que acompanhará seu rápido crescimento, será um perigo para outros e para ele próprio, a não ser que a força esteja inteiramente sob seu controle. É melhor que se dê dinamite a uma criança, como brinquedo, do que colocar os poderes criativos do pensamento em mãos de egoístas e ambiciosos.

Dama. Ao controle interior deve ser acrescentado o controle das ações externas. Assim como a mente obedece à alma, a natureza inferior deve obedecer à mente. Toda falta de cuidado quanto à parte inferior da atividade humana deve ser eliminada.

Uparati. A sublime e transcendente virtude da tolerância significa a tranqüila aceitação de cada homem, de cada forma de existência, tais como são, sem exigir que sejam algo diferentes, modelados mais ao nosso gosto. Respeito pela individualidade alheia é uma das características do discípulo.

Titiksha. Paciência refere-se àquela atitude mental que animadamente tudo aceita e de nada se ressente, seguindo diretamente, sem desvios, para o objetivo. O aspirante sabe que nada pode lhe acontecer a não ser pela Lei, e que a Lei é boa. Deve compreender que, como está pagando, em algumas curtas vidas, as obrigações cármicas acumuladas durante o passado, o pagamento deve corresponder ao peso da dívida.

Shraddhâ. As próprias lutas, nas quais o aspirante é mergulhado, desenvolvem nele a fé em seu Mestre e, em si mesmo, uma •serena, forte e inabalável confiança.

Samâdhâna. O equilíbrio cresce até certo ponto sem esforço consciente, durante o empenho posto na aquisição das cinco qualificações anteriores. A alma desembaraça-se aos poucos dos laços que a ligam ao mundo dos sentidos, que depressa perdem o poder de perturbá-la. Também é necessário equilíbrio em meio às perturbações mentais; equilíbrio esse que se adquire graças às rápidas modificações mencionadas acima, através das quais sua vida é guiada pela cuidadosa e sempre presente vigilância de seu Mestre.

Mumuksba. O profundo e intenso anelo de libertação — a ânsia da alma pela união com o Divino — segue a aquisição de outras qualificações. Isso acrescenta o último toque à preparação para entrar no pleno discipulado. Desde que o anelo se afirmou definitivamente, a alma que o sentiu jamais poderá saciar sua sede em fontes terrenas.

A aquisição desse estágio deixa o homem preparado para a Iniciação, um Adhikari, pronto para "entrar na corrente" que o desliga para sempre dos interesses da vida terrena, a não ser no poder de, através deles, servir seu Mestre e ajudar a evolução da humanidade.

Esse anseio pelas coisas do espírito parecem estar representados na Maçonaria pela atitude interior do candidato, quando "solicita humildemente o ser admitido nos segredos e privilégios da Antiga Maçonaria". Nessa atitude, como bem o sabe todo Maçom, a ênfase está no impulso que deve vir de dentro do próprio candidato. Homem algum pode trilhar o caminho oculto sob a inspiração de outrem.

No sistema budista, os nomes dados aos estágios são de certa forma diferentes, embora as qualificações propriamente ditas sejam as mesmas em seus efeitos. Damos a seguir, a nomenclatura pâli:

1. *Manodvâravajjana.* A abertura das portas da mente, ou, talvez, o escapar pelas portas da mente. Convicção quanto à impermanência e inutilidade dos objetivos simplesmente terrenos.

2. *Parikamma.* Preparação para a ação. Agir corretamente por amor à correção, com indiferença absoluta pelo gozo dos resultados da ação.

3. *Upacháro.* Atenção ou conduta.

a) *Samo.* Quietude de pensamento que vem do controle da mente.

b) *Damo.* Subjugação: domínio sobre palavras e ações.

c) *Uparati.* Cessação da beatice ou da crença na necessidade das cerimónias. Daí, independência de pensamento e tolerância.

d) *Titikkabâ.* Paciência e indulgência, incluindo ausência completa de ressentimento.

e) *Samâdhâna.* Propósito, direção única, envolvendo a incapacidade de ser desviado pela tentação.

f) *Saddhâ.* Fé, confiança em seu Mestre e em si próprio.

4. *Anuloma.* Ordem direta, ou sucessão, significando que isso se segue, naturalmente, das outras três. Desejo intenso de libertação.

5. *Gotrabhü.* A condição de preparado para a Iniciação.

O estudante compreenderá, facilmente, que estas qualificações procedem, necessariamente, da consciência do Ego, porque se pudéssemos ver a vida a partir do mundo do Ego, iríamos vê-la em sua verdadeira perspectiva, isto é, com discernimento, e, estando o Ego desligado dos corpos inferiores, é inevitável a ausência de desejos. Ademais, desde que a conduta será a do próprio Ego, em lugar de ser dos corpos, *shatsampatti,* ou controle da conduta, irá seguir-se, necessariamente. E, como o mundo do Ego é o mundo da unidade, do amor em seu sentido mais amplo, a conscientização do Ego implica amor, palavra que às vezes é usada para designar — de um ângulo um tanto diferente — a última das quatro qualidades, *Mumuksba,* ou anseio de libertação.

Quando o homem parece estar razoavelmente próximo da posse das qualificações necessárias, um Mestre pode tomá-lo em estágio probatório. Isso significa que tal homem permanecerá durante um período, sob aguda observação. Durante o estágio probatório, o discípulo não estará, de forma alguma, em "comunicação direta com o Mestre, e dificilmente ouvirá ou verá alguma coisa referente a Ele. Também não haverá, como regra geral, provas ou dificuldades especiais em seu caminho. Ele é simplesmente observado, com cuidado, em suas atitudes com relação aos pequenos distúrbios da vida diária.

Para comodidade da observação, o Mestre faz o que é chamado "imagem viva" do discípulo em prova, isto é, a duplicata exata dos corpos etérico, astral, mental e causal do homem. Conserva essa imagem onde possa alcançá-la facilmente, e coloca-a em relacionamento magnético com o próprio discípulo, de forma que cada modificação de pensamento ou sentimento em seus veículos seja fielmente reproduzida * na imagem. »

Essas imagens são diariamente examinadas pelo Mestre, que dessa forma obtém, com um mínimo de esforço, um perfeito e exato registro dos pensamentos e sentimentos do Seu discípulo em perspectiva, e, com isso, fica preparado para decidir quando pode trazê-lo a um relacionamento mais íntimo, de discípulo aceito, relacionamento que descreveremos logo adiante.

Não há, geralmente, muito cerimonial nessa passagem. O Mestre, depois de algumas palavras de advertência, diz ao novo discípulo o que se espera dele; muitas vezes, por delicadeza, encontra alguma razão para felicitar o discípulo pelo trabalho que eventualmente já tenha realizado.

A imagem viva grava não só defeitos e perturbações, como reflete a condição da consciência do discípulo por inteiro. Deve ser recordado que o discípulo deve alcançar não só uma bondade passiva, mas também ativa, como pré-requisito para o seu progresso.

Se um discípulo em prova faz alguma coisa extraordinariamente boa, o Mestre irradia um pouco mais de atenção sobre ele, e pode enviar-lhe uma onda de encorajamento, ou dar-lhe algum trabalho, para ver de que forma ele o realiza. Geralmente, contudo, deixa essas coisas a cargo de algum de seus discípulos mais avançados.

Assim, o elo entre o discípulo e o Mestre é principalmente o de observação; talvez o utilize para algum trabalho. Não é costume dos Adeptos o emprego de testes especiais ou sensacionais. Deixam o

discípulo, quase sempre, seguir o curso normal de sua vida; a imagem viva mencionada fornece indicações quanto ao seu caráter e progresso.

O tempo médio para a prova dizem ser de sete anos, mas pode ser prolongado indefinidamente, ou, por outro lado, muitíssimo reduzido. Conhecem-se casos que duraram períodos de trinta anos, e também há os de períodos de algumas semanas apenas.

No caminho probatório, a consciência superior do homem trabalha no plano mental superior.

Quando um discípulo é "aceito", é levado à consciência de seu Mestre numa tão grande extensão, que tudo quanto ele vê ou ouve fica sendo do conhecimento do seu Mestre. Não que o Mestre veja ou ouça no mesmo momento, embora isso aconteça com freqüência, mas fica na memória do Mestre, exatamente como fica na memória do discípulo, de forma que pode recordá-lo a qualquer tempo que o deseje fazer. Tudo o que o discípulo pensa ou sente está nos corpos astral e mental de seu Mestre.

Dessa maneira, o Mestre mescla a aura do discípulo com a sua, de forma que suas forças possam estar em constante ação, sem especial atenção de sua parte, através do discípulo.

Não se deve pensar que se exige um simples canal inconsciente. Ao contrário, o discípulo deve tornar-se um cooperador vivamente inteligente.

Se, infelizmente, acontece que à mente do discípulo ocorra algum pensamento que não seja digno do Mestre, mal este o sente, imediatamente levanta uma barreira e fecha-se contra tais vibrações. Isso, naturalmente, distrai a atenção do Mestre por um momento, e exige certa quantidade de energia.

A união entre o discípulo e o Mestre, que começa na Aceitação, é permanente, de forma que os veículos superiores do discípulo estão sempre vibrando em comum com os do Mestre. Durante todo o tempo, o discípulo está em sintonia com o Mestre, progredindo dia a dia. Constantemente os pensamentos do discípulo estão amplamente preocupados com os pensamentos e a influência de seu Mestre, de forma que, enquanto se abre sensitivamente para Ele, vai sendo, em grande parte, fechado para influências inferiores.

Contudo, não se espera que o discípulo esteja pensando ativamente em seu Mestre e em nada mais; espera-se que a forma do Mestre esteja sempre no fundo de sua mente, sempre ao alcance, sempre ali, quando necessária nas vicissitudes da vida. Embora relaxamento razoável e mudança de pensamento sejam necessários para a saúde mental, o discípulo deverá ter um cuidado especial para não permitir, nem por um instante, um pensamento do qual se envergonharia frente a seu Mestre.

O processo de sintonização só pode ocorrer lentamente. É um ser vivo que está sendo moldado; é essencial, portanto, que o lento crescimento interno seja adaptado à influência externa, tal como o jardineiro dirige aos poucos a galharia de uma árvore.

Embora o Mestre esteja trabalhando com milhares de pessoas simultaneamente, bem como realizando muito trabalho superior, o efeito é

como se estivesse observando e orientando apenas aquele discípulo e mais ninguém, porque a atenção que Ele pode dar a um entre centenas é maior do que a nossa quando nos concentramos inteiramente em um só. O Mestre muitas vezes deixa a algum de seus antigos discípulos o trabalho de sintonizar os corpos inferiores, embora ele próprio permita um fluxo constante entre seus próprios veículos e os do discípulo. Ê dessa maneira que faz o máximo por seus discípulos, sem que eles saibam disso, necessariamente.

Assim, o discípulo aceito torna-se um posto avançado da consciência do Mestre, de forma que o que quer que seja feito em sua presença, é feito na presença do Mestre. Embora o Mestre possa estar inconsciente de tais acontecimentos, no momento em que acontecem, ainda assim, logo depois eles estarão na consciência do Mestre. As experiências do discípulo estão na mente do Mestre, que as recorda logo que dirija sua atenção para o assunto em referência.

Mesmo coisas puramente físicas, tal como um ligeiro choque, ou ruído, na consciência do discípulo, estão igualmente na consciência do Mestre. Portanto, um discípulo sensato trata de evitar qualquer espécie de choque e por esse motivo é, usualmente, uma pessoa tranqüila e gentil.

Um discípulo está sempre em conexão com seu Mestre por uma constante corrente de pensamento e influência, que se expressa no plano mental como um grande raio ou jorro de luz deslumbrante, de cores violeta, ouro e azul.

Quando, entretanto, o discípulo envia um pensamento de devoção a seu Mestre, o resultado é uma súbita intensificação das cores dessa corrente de luz, e um nítido fluxo de influência espiritual do Mestre *em direção ao discípulo.* Isso acontece porque o poder do Mestre está fluindo para o exterior, sempre e em todas as direções, como a luz do Sol. O toque do pensamento do discípulo vivifica essa conexão com o Mestre, e, simplesmente, fornece abertura maior, através da qual o grande oceano do amor do Mestre encontra sua saída. Tão íntima é a união entre a consciência do discípulo e seu Mestre que (tal como foi mencionado no Capítulo XI), o discípulo pode, a qualquer tempo, verificar qual é o pensamento de seu Mestre sobre determinado assunto, e isso com freqüência o livra de erros.

Esse privilégio não deve ter mau uso. É um poder que só deverá ser utilizado em questões de grande dificuldade. Não se pretende que o discípulo deixe de pensar ou decidir sobre assuntos para os quais tenha competência bastante.

Da mesma maneira, num nível superior, o Iniciado pode colocar seu pensamento ao lado do da Fraternidade e sintonizar-se com tão extraordinária consciência na medida que seja capaz. O Iniciado, da mesma maneira, deve esforçar-se para jamais introduzir alguma coisa discordante nessa poderosa consciência, que atua como um todo.

Podemos repetir aqui o que foi dito no Capítulo XI, isto é, que o Mestre pode, a qualquer momento, mandar um pensamento através do discípulo, em forma de sugestão ou mensagem, quando, por exemplo, este está escrevendo uma carta ou fazendo uma conferência. Em estágios iniciais, o discípulo quase sempre é inconsciente disso, mas depressa aprende a reconhecer o pensamento de seu Mestre. Na verdade, é inteiramente necessário que ele

aprenda a reconhecê-lo, porque há muitas outras entidades nos planos astral e mental, que podem fazer sugestões similares, e é bom que o discípulo aprenda a distinguir de onde elas vêm.

O uso que o Mestre faz do corpo do seu discípulo é inteiramente diferente daquilo que habitualmente se conhece como mediunidade. Disso já tratamos em O *Duplo Etérico* e em O *Corpo Astral,* quando explicamos o mecanismo da questão e as objeções que podem ser feitas. É evidente que não há objeções quanto ao uso que um Mestre faça do corpo de seu discípulo.

A influência do Mestre é tão potente que resplandece através de qualquer extensão, e uma pessoa sensitiva pode ser consciente da Sua presença até mesmo a ponto de ver Suas feições ou ouvir Sua voz. É improvável que ocorra qualquer mudança puramente física, embora isso aconteça com freqüência na mediunidade.

O relacionamento entre o Mestre e o discípulo não é de forma alguma o de coerção, ou um relacionamento no qual a individualidade do discípulo fique submersa no fluxo de poder do Mestre. Pelo contrário, a influência do Mestre não é uma força hipnótica exterior, mas uma inexprimível e maravilhosa iluminação interior, irresistível por ser tão profundamente sentida e em acordo perfeito com as mais elevadas aspirações do discípulo, e como auto-revelação de sua própria natureza espiritual. Sendo o Mestre, na mais ampla medida, um canal para a Vida Divina, aquilo que dele emana desperta para a atividade a semente de Divindade que está dentro do discípulo. O processo é de certa forma análogo ao da indução elétrica. Devido à *identidade* da natureza nos dois, é que a influência do Mestre estimula, em mais alto grau, as mais nobres e mais elevadas qualidades do discípulo. O amor do Mestre por um discípulo pode ser comparado à luz do Sol que faz abrir o botão do lótus à luz da manhã. Pode-se dizer, verdadeiramente, que um sorriso do Mestre fará surgir no discípulo uma explosão de afeto, que só poderia ser ganho através de meses de meditação escolástica sobre a virtude do amor.

Do que ficou dito acima, deduz-se, claramente, que qualquer perturbação nos corpos inferiores do discípulo afetará também os do Mestre. Ocorrendo essa perturbação, o Mestre desce um véu que o separa do discípulo, para que não haja interferência em seu próprio trabalho. Tão infeliz acontecimento não costuma durar muito tempo; não mais do que quarenta e oito horas, mas em casos raros, extremos, pode durar anos, ou mesmo pelo que restar daquela encarnação.

Todas as pessoas comuns voltam praticamente suas forças para dentro e assim se tornam massa confusa de forças autocentralizadas. Quem deseja tornar-se um discípulo deve aprender a voltar-se para fora, concentrando sua atenção e sua força sobre os outros, extravasando pensamentos de auxílio e bons desejos sobre seus semelhantes.

Assim, o discípulo, e mesmo o aspirante ao discipulado, é ensinado a dedicar todos os seus poderes inteiramente para o serviço do mundo. A participação da consciência inferior no conhecimento da consciência superior é determinada, principalmente, pelas necessidades do trabalho que está sendo feito. Embora seja necessário que o discípulo tenha inteiro uso de seus veículos nos planos superiores, a transmissão de um conhecimento desse trabalho ao corpo físico (que não está de forma alguma preocupado com isso) não tem, habitualmente, qualquer importância. A pressão sobre o corpo físico, quando a consciência superior o compele a

vibrar em resposta, é muito grande, no presente estágio de evolução, e a não ser que as circunstâncias externas sejam muito favoráveis, essa pressão talvez cause distúrbios nervosos e hiper-sensibilidade, com seus respectivos males. Por isso a maioria daqueles cujos veículos superiores são desenvolvidos, e cujo trabalho mais importante é feito fora do corpo físico, permanecem afastados da agitação dos homens, preservando, assim, o sensitivo corpo físico do clamoroso e rude uso imposto pela vida comum.

Ademais, assim que o discípulo mostra sinais de poderes psíquicos, instruções completas lhe são dadas quanto às limitações feitas ao seu uso.

Resumindo, essas restrições dizem que tais poderes não devem ser usados para satisfazer mera curiosidade, para propósitos egoístas, ou, a fim de exibir fenômenos. Isso quer dizer que as mesmas considerações que governam as ações de um homem de sentimentos corretos no plano físico devem ser aplicadas também nos planos astral e mental. O discípulo não deve, sob nenhuma circunstância, usar seus poderes adicionais para promover vantagens humanas em proveito próprio, ou em relação a qualquer ganho. Jamais deve fazer em círculos chamados espiritualistas qualquer "teste", isto é, qualquer prova de poderes anormais no plano físico.

Há sempre uma delicada irradiação da influência do Mestre fluindo ao redor do discípulo, mesmo que ele não seja consciente disso. Em certas ocasiões, o discípulo pode sentir um fluxo grandemente aumentado de força, embora não saiba para onde ela vai. Com um pouco de atenção descobrirá qual é essa direção; um pouco mais tarde poderá seguir o fluxo com a sua consciência e chegar até a pessoa afetada. O discípulo, entretanto, não pode dirigi-la, sendo, como é, um simples canal. Mais tarde, o Mestre pode dizer ao discípulo que procure determinada pessoa e lhe dê alguma força. Conforme o discípulo cresce em utilidade, cada vez mais trabalho lhe é colocado nas mãos, aliviando assim, mesmp; que seja em diminuta extensão, o trabalho do seu Mestre. Ocasionalmente, um discípulo pode mesmo receber mensagens definidas, para leVar a determinadas pessoas.

É possível obter contacto constante com o Mestre, de uma outra maneira. Tal como as imagens de pessoas, feitas por um homem que está no devacan, são enchidas de vida pelos Egos das pessoas em questão, o Mestre enche com sua presença real a forma-pensamento produzida pelo Seu discípulo. Através dessa forma, pode-se emitir verdadeira inspiração e, às vezes, até mesmo instrução. Um exemplo disso é o de um iogue hindu, na Presidência de Madras, que dizia ser discípulo do Mestre Morya. Tendo encontrado fisicamente seu Mestre e se tornado Seu discípulo, o iogue declarava que não perdera o Mestre depois que este se fora, porque tinha com freqüência a Sua presença, e recebia Suas instruções através de um centro dentro de si próprio.

Há, ainda, um terceiro estágio em que se faz uma união ainda mais íntima, quando o discípulo passa a ser o "filho" do Mestre. O elo é tal que não só a mente inferior senão também o Ego no corpo causal do discípulo ficam envolvidos nos do Mestre. Já então o Mestre não pode descer o véu para isolar-se do discípulo, para separar dele a consciência, nem mesmo por um momento.

Um discípulo aceito tem o direito, e o dever, de abençoar em nome do Mestre, e um esplêndido fluxo do poder do Mestre se seguirá, com certeza,

ao esforço que ele fizer para isso. O "filho" do Mestre pode dar a impressão da presença real do Mestre. Aquele que é "filho" do Mestre é, ou depressa será, um membro da Grande Fraternidade Branca. Isso, naturalmente, lhe confere o poder de abençoar em nome da Fraternidade.

Nos Mistérios Maiores, celebrados principalmente em Elêusis, os iniciados eram chamados *epoptai,* isto é, "aqueles cujos olhos estão abertos". Seu emblema era o tosão de ouro de Jasão, símbolo do corpo mental. Mostrava-se ao discípulo o efeito, no mundo celeste, de uma certa linha de vida, de estudo e aspiração sobre a Terra. Ensinavam-lhe, também, toda a história da evolução do mundo e do homem, em seu mais profundo aspecto.

Mais tarde o discípulo recebia não só os ensinamentos sobre as condições no plano mental, mas também instruções sobre o desenvolvimento do corpo mental como veículo.

Interessará aos Maçons saber que, em Elêusis, a espiga de trigo era mostrada ao aspirante como símbolo do supremo mistério, e que isso está provavelmente relacionado com o fato de, com freqüência, haver um feixe de trigo esculpido na cadeira do P.V. de uma Loja Maçônica.

Quando o homem é Iniciado, a influência com a qual ele se sintoniza nos planos superiores percorre cada parte de seu ser. Embora haja pouco efeito nos sólidos, líquidos e gases do plano físico, há uma grande quantidade de radiação vinda do duplo etérico, e dos corpos astral e mental, e isso é sentido tanto pelos reinos da natureza como por homens que estejam em condições de responder.

Uma expansão e desenvolvimento bem grandes do corpo mental se realizam, relacionados com a Segunda Iniciação, mas, habitualmente, alguns anos se passam antes que eles se revelem no cérebro físico. É inquestionável que isso representa uma grande tensão sobre o cérebro, que não pode afinar, de imediato, com o tom necessário.

O período após a Segunda Iniciação é, sob vários aspectos, o mais perigoso do Caminho, vindo o perigo, em quase todos os casos, do orgulho. Quando o homem obtém um vislumbre do que será seu intelecto no futuro, deve pôr-se em guarda e procurar extinguir o menor traço de orgulho, de egoísmo e de preconceito.

Esse ponto perigoso na vida do Iniciado é indicado na história do Evangelho pela tentação no deserto, após o batismo de Cristo por João Batista. Os quarenta dias no deserto simbolizam o período durante o qual se desenvolve a expansão do corpo mental no cérebro físico, embora para o candidato comum os quarenta dias possam representar uns quarenta anos necessários para tal realização.

Abamkâra, a faculdade do "Eu-Criador", geralmente descrita como Mana, orgulho, já que o orgulho é a mais sutil das manifestações do "eu" como distinto de outros, é a última barreira de separação que o *Arhat* destrói antes de receber a Quinta Iniciação, e torna-se um Mestre, um *Asekha. Ahamkara* nasceu com a alma, é a essência da individualidade, e persiste até que tudo quanto é valioso seja assimilado na Mônada. É abandonada, por fim, no limiar da liberação.

Nessa sobrevivência dos Mistérios Antigos, conhecida como Maçonaria, o Aprendiz corresponde à etapa do discípulo no estágio probatório, que deve

praticar as três qualidades de discernimento, ausência de desejo, e boa conduta ou autocontrole (*Viveka, Vairâgya,* e *Sbatsampatti).* Discernimento lhe dará poder mental; ausência de desejo trará poder emocional, e o autocontrole representará força de vontade.

O discernimento capacita o candidato a passar incólume pelas regiões inferiores do mundo astral, representada (na Co-maçonaria) pela Primeira Viagem Simbólica.

A ausência de desejo capacita-o a passar através das seduções do mundo astral superior, representada na Segunda Viagem Simbólica.

A boa conduta capacita-o a dominar a parte mais alta do mundo astral, mesmo na fronteira do mundo celeste, representada na Terceira Viagem Simbólica.

No Primeiro Grau da Maçonaria, o m... indica necessidade de dominar a natureza de desejo.

O efeito geral do Primeiro Grau é alargar de certa forma o canal de conexão entre o Ego e a personalidade do candidato.

A cor principal do Primeiro Grau é o carmesim. O Aprendiz da Maçonaria corresponde ao Subdiácono da Igreja cristã.

Entre o Primeiro e o Segundo Grau, o t... de p... indica a necessidade de dominar o enredamento peculiar da mente inferior nas malhas do desejo que conhecemos como Kâma-Manas.

No Segundo Grau, a idéia da iluminação é colocada diante do candidato; o objetivo especial é o desenvolvimento das faculdades intelectuais, artísticas e psíquicas, e o controle da mente inferior. O efeito do Grau é um alargamento mais decisivo do vínculo entre o Ego e a personalidade.

O t... do Segundo Grau indica a necessidade de completo controle da mente inferior.

A cor principal do Segundo Grau é o amarelo.

O Segundo Grau da Maçonaria corresponde à ordem do Diaconato na Igreja Cristã, porque assim como o Companheiro está se preparando para o trabalho do M.M., o Diácono está se preparando para o Sacerdócio.

Entre o Segundo e o Terceiro Graus o t... de p... a necessidade de ganhar algum domínio sobre aquele estranho espaço intermediário além da mente inferior, que, em certa escola de pensamento, é chamado consciência subliminal.

No Terceiro Grau, o trabalho se faz principalmente no plano mental superior. A cor predominante é de tonalidade azul. O M.M. corresponde ao Sacerdote na Igreja.

No Primeiro Grau, estimula-se *Ida,* ou aspecto feminino da força etérica, tornando assim mais fácil para o homem controlar a paixão e a emoção. *Ida* começa na base da espinha, do lado esquerdo no homem, do lado direito na mulher, e termina na medula oblonga. Ê carmesim.

No Segundo Grau, acentua-se *Pingalâ,* ou aspecto masculino da força, facilitando, assim, o controle da mente. *Pingalâ* começa na base da espinha, à direita no homem, à esquerda na mulher, terminando na medula oblonga. Sua cor é o amarelo.

No Terceiro Grau, desperta-se *Sushumnâ,* a própria energia central, abrindo, assim, o caminho para a influência do puro espírito que vem do alto. É de um tom azul profundo.

O aprendiz, como uma *personalidade,* deve organizar a vida física para uso mais elevado; como *Ego,* deve usar a vontade, isto é, o poder da Primeira Pessoa da Trindade; o poder de Siva (para usar a terminologia hindu), refletida pelo seu poder voltado para o exterior, ou *Sbakti, Devi, Girijâ* ou *Parvatí,* que dá autocontrole e abençoa o corpo físico, tornando sagrados os seus poderes.

O Companheiro, como uma *personalidade,* organiza sua vida emocional; como *Ego,* desenvolve amor intuitivo em seu corpo búdico. Isso ele faz com o poder da Segunda Pessoa da Trindade, o amor que vem de Vishnu, através de Lakshmi, que realiza os desejos e torna a vida rica e plena, santificando a prosperidade material e transmutando as paixões do corpo astral. '

O M.M., como uma *personalidade,* ordena sua vida mental; como *Ego,* fortalece sua vontade espiritual — Âtmâ. Para dominar a mente errática, ele deve usar o poder do pensamento, ou *Kriyâshakti,* a divina atividade da Terceira Pessoa da Trindade, Brahmâ, refletida por Saraswati, a patrona do saber e da sabedoria prática.

Ao mesmo tempo, o Aprendiz deve estar aprendendo a controlar suas emoções; o Companheiro deve estar dominando sua mente, e o M.M. deve estar desenvolvendo-se em planos superiores.

Para conveniência dos estudantes, a maioria dos fatos acima apresentados, e mais alguns, estão no seguinte quadro:

Item	*Aprendiz*	*Companheiro*	*M.M.*
Como personalidade	Organização da vida física e aprender a dominar suas emoções	Organização da vida emocional e aprender a dominar a mente.	Organização da vida mental e desenvolver-se nos planos superiores.
Como Ego	Desenvolvimento de inteligência ativa no corpo causal	Desenvolvimento do amor intuitivo no corpo búdico.	Desenvolvimento de Âtmâ, ou Vontade.
Sob influência da Trindade: Português: Sânscrito:	Primeira Pessoa Siva	Segunda Pessoa Vishnu	Terceira Pessoa Brahmâ

Item	*Aprendiz*	*Companheiro*	*M.M.*
Cujo poder exteriorizado, Shakti, ou Devi, é: Português: Sânscrito:	Vontade Girijâ ou Parvati, para dar o domínio próprio, abençoar o corpo físico	Amor Lakshmi, para dar prosperidade material	Atividade Saraswati, para conferir conhecimento
Ajudado por:	S. V.	P. V.	V. M.
Representados por:	Lua	Sol	Fogo
Centro utilizado:	Garganta	Coração	Umbigo
Força etérica ou Nadi estimulada:	Ida	Pingalâ	Sushumnâ
Aspecto:	Feminino	Masculino	Espírito puro
Posição: No homem: Na mulher:	Esquerda Direita	Direita Esquerda	Centro Centro
Cor:	Carmesim	Amarelo	Azul intenso
Caminho do:	Homem comum	Aspirante ocultista	Ascensão
Corresponde a:	Discípulo em estágio probatório	Discípulo no Caminho	Quarta Iniciação (Arhat)
Na Igreja Cristã:	Subdiácono	Diácono	Sacerdote
Renascimento:	Com intervalo	Com pouco ou nenhum intervalo	Só voluntário

Nos vários Graus da Maçonaria, não só o vínculo entre a personalidade e o Ego se alarga, mas também se estabelece um vínculo entre certos princípios do candidato e os veículos correspondentes do C.D.T.V.M. As modificações produzidas são de certa forma da mesma natureza das que ocorrem na Igreja cristã, como a seguir mencionaremos.

Um discípulo certa vez pediu ao Senhor Budha que resumisse todo o Seu ensinamento em versos. E Ele disse:

"Deixa de fazer o mal; Aprende a fazer o bem; Limpa teu coração. Esta é a religião de Buddha."

O estudante reconhecerá aqui a correspondência com o sistema maçónico, bem como, realmente, com outros sistemas. O ensinamento do Primeiro Grau é o da purificação. O Segundo Grau instrui para a aquisição do conhecimento. O Terceiro Grau ensina o homem a erguer-se a um nível superior e a não considerar apenas a ação externa, mas também a condição interna da qual toda a manifestação externa é a expressão.

Para referências e comparação, o estudante talvez aprecie o exame da tabela seguinte, que expõe os aspectos principais do sistema no Cristianismo, tal como o segue a Igreja Católica Liberal:

Ordens menores	*Símbolos*	*Aplicação dos símbolos*	*A atuação principal da cerimónia é no:*
Clérigo	Sobrepeliz	Domínio sobre o corpo físico	Duplo Etérico
Ostiário	Chave e campainha	Domínio sobre as emoções	Corpo Astral
Leitor	Livro	Domínio sobre a mente	Corpo Mental
Exorcista	Espada e livro	Desenvolvimento da vontade e maior domínio dos veículos pelo Ego	Corpo Causal
Acólito	Vela acesa e Galheteiro	Desenvolvimento da intuição	Corpo Búdico
Subdiácono	Amito Manipulo	Controle da palavra Amor ao serviço, diligência nas boas obras	O propósito geral é que o Ego possa manifestar-se mais amplamente por meio da personalidade.
	Alva	Espírito de alegria e contentamento	
	Cálice e Patena		
	Livro das Epístolas		

Ordens Maiores	*Símbolos*	*Efeitos da cerimónia de Ordenação*
Diácono	Dalmática; Estola bran ca (sobre o ombro esquerdo)	Amplia o vínculo entre o Ego e a personalidade (antakarana) espessando *e* endurecendo as paredes, a fim de mante-las com maior firmeza em sua nova forma.
	Livro dos Evangelhos	Leva o processo um pouco mais adiante para fortalecer Buddhi (intuição). Manas Superior está em conexão com o correspondente princípio do Cristo.
Sacerdote	Estola branca (sobre ambos os ombros) Casula	Vínculo aberto, entre Âtmâ-Buddhi-Manas, e grandemente alargado. Ego mais definidamente acordado de forma a poder agir sobre outros no nível causal, e a se expressar mais integralmente através de Buddhi.
	Cálice Vinho	Toda a aura se expande prodigiosamente. Limpa-se o caminho entre os princípios superiores e o cérebro físico.
	Agua	Cada átomo estremece conforme suas espiras são despertadas.
	Patena	Buddhi relaciona-se com o princípio correspondente do Cristo.
	Hóstia	Atmâ é estimulado por vibração simpática.
Bispo	Báculo Cruz Peitoral Anel Livro dos Evangelhos Mitra Luvas	Atmâ se liga ao princípio correspondente do Cristo.

CAPÍTULO XXXIV

CONCLUSÃO

Poucas são as palavras necessárias para fechar este estudo^ do corpo mental do homem e do plano mental inferior. Pode ser útil, entretanto, voltar os olhos para o terreno que percorremos e tentar obter uma visão perspectiva da importância e significação relativas do nosso assunto, na sua colocação entre a totalidade do nosso conhecimento da moderna Teosofia.

O estudante não pode deixar de se sentir impressionado pela grande diferença entre a "atmosfera" do mundo mental e a do mundo astral, para não se falar na do físico. Pela comparação com o mundo mental, o mundo astral é pesado, rude, túrgido, insatisfatório, mesmo em seus mais altos níveis. Por muito puro e refinado que seja o sentimento que ele possa despertar em nós, sentimos que ainda estamos longe do nosso verdadeiro lar. A dignidade da alma de um homem pede mais do que simples sentimento, por muito puro e destituído de egoísmo que seja.

O plano mental — mesmo seus quatro níveis inferiores — transmite a impressão de que estamos positivamente mais próximos do "lar". Ali há mais liberdade, sentimos que somos mais senhores de nossa própria consciência, menos servos de nossos veículos. O mundo mental parece um mundo mais claro, mais saudável, onde podemos modelar nosso destino segundo nossa vontade, mais do que nos parecia ser possível nos mundos que deixamos abaixo de nós. A consciência esta livre para se movimentar por onde quiser, muitíssimo menos restringida pelas limitações de espaço e tempo.

Sem embargo, o domínio mesmo do mundo mental inferior, da totalidade do pensamento concreto, deixa-nos ainda insatisfeitos, porque através disso e para além disso, podemos perceber, claramente, que ainda há novos e maiores mundos a conquistar.

Aquele mundo de pensamento concreto é o ponto extremo a que podemos chegar enquanto ainda pertencermos aos planos inferiores. Plantar os pés, com firmeza, nesse mundo do pensamento e movimentar-nos para cima, para as próprias abstrações do pensamento, nos levará, seguramente, ao limiar de um mundo mais elevado e mais puro, não só em *grau,* mas em *qualidade,* do que qualquer dos mundos inferiores. Através dessas abstrações iremos nos erguer para o mundo do Espírito, e aproximar-nos consideravelmente da Consciência Divina, da qual — sentimos e sabemos — estamos temporariamente exilados.

Mas não devemos minimizar a grande importância do mundo mental inferior, especialmente na presente conjuntura da história psicológica do homem. Recapitulemos, portanto, de forma muitíssimo breve, os principais aspectos que enfatizam a importância da mente e do mundo mental, para a evolução do homem.

No Esquema de sete Cadeias, ao qual pertencemos, cada Cadeia tem globos no plano mental inferior, enquanto seis das sete Cadeias também têm globos no plano mental superior. Do total de quarenta e nove globos, vinte e quatro, ou praticamente a metade, estão no plano mental. Seguindo-se o diagrama simples que apresentamos, vemos claramente esses

fatos; os globos mentais aparecem em pontos pretos, a fim de acentuar os pontos mencionados.

O *habitat* do Ego, o Pensador, aquele que perdura através de todas as reencarnações, está no plano mental superior.

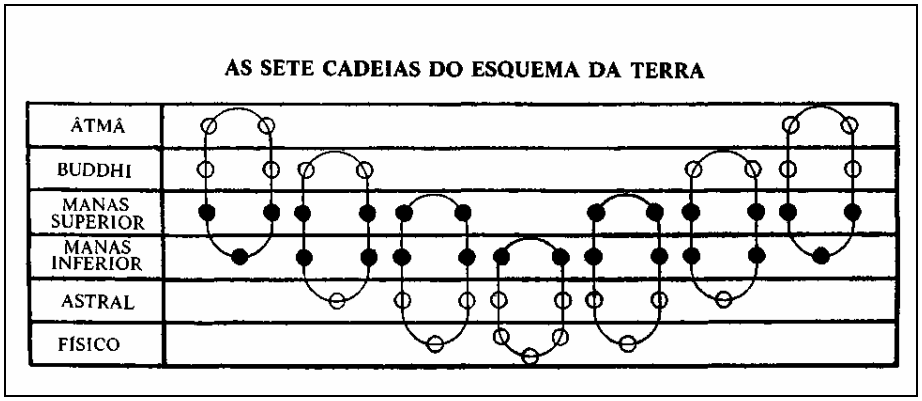
O plano mental é o terreno de encontro entre o Eu Superior e o eu inferior. O "Raio", que a parte superior ou divina do homem projeta sobre os mundos inferiores, a fim de levar adiante os propósitos da evolução, é um raio da mente inferior, emergindo da mente superior.

O campo de batalha da vida de hoje, para a maioria dos homens, é Kâma-Manas, isto é, a mescla da mente com o desejo.

A consciência da maioria dos homens de hoje está centralizada em seus sentimentos, no corpo astral. Por isso, o próximo passo para eles é aprender a dominar seus sentimentos, a controlar seu corpo astral. E isso, conforme vimos, pode ser conseguido apenas de um plano superior, isto é, da mente.

O passo seguinte será erguer o centro da consciência, levando-o do mundo astral para o mundo mental.

O próprio nome "homem" significa o pensador, o ser que possui mente.



Homem, em Ocultismo, foi definido como o ser no qual, estand no universo, em qualquer parte do universo em que esteja, o mais alto Espírito e a Matéria mais baixa estão reunidos pela *Inteligência.*

O desenvolvimento da mente, no homem, avançou uma Ronda inteira pela influência dos Senhores da Chama. Na próxima Ronda, a Quinta, o progresso a ser feito no desenvolvimento mental deve ser claramente prodigioso, e, para o presente e limitado desenvolvimento da nossa mente, será inconcebivelmente elevado na natureza das coisas.

Estas poucas considerações são o necessário e não exigem maiores comentários, já que fazem sentir o quanto a mente e o corpo mental são importantes para o homem em sua atual condição. Não exatamente como realização final, e sim como um pass.o adiante, necessário para aquele futuro que, segundo as palavras de um Mestre, *"é o futuro de uma coisa cujo crescimento e esplendor não têm limites".*

Contudo, embora enfatizando um aspecto do nosso trabalho, aspecto de inegável grande importância, é necessário que guardemos um cuidadoso senso de proporção e equilíbrio, dando a cada elemento seu peso devido, e nada mais.

Por isso, conforme escreveram a Dra. Besant e o Bispo Leadbeater, no que concerne à Sociedade Teosófica, seu grande objetivo não é tanto cuidar do desenvolvimento mental, como erguer os que estão prontos a responder às influências búdicas, a despertar novamente a sensibilidade de seus membros numa volta mais alta da espiral, e prepará-los para a nova raça, que agora inicia seu caminho no mundo.

A Sociedade "não deprecia o desenvolvimento mental — longe disso — mas prepara para o próximo estágio, quando o amor intuitivo produzirá harmonia e fraternidade, e empregará o intelecto desenvolvido para construir uma nova civilização, baseada em tais ideais".

FIM

cadppus@yahoo.com
pG9@gmx.net